LITTERATURA PORTUGUEZA CONTEMPORANEA

THEOPHILO BRAGA

E

A SUA OBRA

POR

TEIXEIRA BASTOS

THEOPHILO BRAGA

E

A SUA OBRA

THEOPHILO BRAGA

E

A SUA OBRA

POR

TEIXEIRA BASTOS

ESTUDO COMPLEMENTAR

DAS

MODERNAS IDEIAS NA LITTERATURA PORTUGUEZA

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
CASA EDITORA
LUGAN & GENELIOUX, Successores
1892

PROLOGO

Com as *Modernas Ideias na Litteratura portugueza* prolongou Theophilo Braga até á actualidade o vasto plano, quasi de todo realisado, da sua *Historia da Litteratura portugueza.* É o seguimento da *Historia do Romantismo em Portugal.* Mas o quadro das *Modernas Ideias na Litteratura portugueza* acha-se incompleto porque n'elle não se define a parte capital que cabe á actividade fecundissima de Theophilo Braga. Não quiz o eminente escriptor relatar o seu esforço de tantos annos consecutivos; decerto não se encontraria á vontade, fazendo-o. É a preencher essa lacuna que se destina, tanto quanto o permittem as nossas forças, este livro, a que demos o titulo de *Theophilo Braga e a sua Obra.*

Tendo nós acompanhado successivamente com apreciações criticas, em que resumiamos o conteúdo dos livros que Theophilo Braga publicava, a quasi totalidade da sua obra, era facil agrupar esses juizos espalhados pela imprensa jornalistica e dar-lhes uma certa unidade. N'este intuito accedêmos ao amavel convite dos dignos editores das *Modernas Ideias na Litteratura portugueza,* reunindo em volume todas essas criticas, escriptas e publicadas na sua maioria, por um sentimento de justiça e de protesto contra o silencio calculado com que durante muito tempo foram accolhidas as obras de Theophilo Braga.

Essas notas e resumos, que jaziam dispersos em revistas e jornaes, agora reunidos, emendados e completados adquirem um outro valor, resultante do conhecimento da obra integral do escriptor mais discutido da nossa litteratura.

Na ordem do agrupamento procuramos seguir o plano que Theophilo Braga projecta dar á sua vasta obra.

Em 1888 chegou a imprimir-se um prospecto para a edição definitiva das obras completas de Theophilo Braga, onde pela primeira vez appareceu o elenco da systematisação de todos os seus

trabalhos litterarios. É esse plano que nos serve para darmos uma coordenação seguramente fundamentada ao conjuncto dos nossos artigos e ensaios criticos. Basta-nos transcrever as palavras que acompanharam o elenco da projectada coordenação dos livros de Theophilo Braga:

«Desde 1858, em que Theophilo Braga deu ao prélo o seu primeiro livro, de lyrismo pessoal (*Folhas verdes*), até hoje, em que traz em circulação perto de cem volumes, acha-se a sua actividade mental diffundida em um periodo de trinta annos, onde se póde observar com clareza a evolução dos processos criticos, e o ponto de vista synthetico que o dirigiu sempre em todos esses trabalhos. As suas Obras dividem-se naturalmente em tres ordens de concepções, que psychologicamente se subordinam, e que mutuamente se completam: primeiramente as *estheticas,* em que se manifestou o artista, e em que a idealisação poetica provocou o desenvolvimento da meditação; seguiu-se uma phase *scientifica,* especialmente dedicada á investigação ethnographica, e á historia litteraria, juridica e politica, tendo exclusivamente em vista a Civilisação portugueza como um dos factores da grande Civilisação occidental (greco-romana e me-

dieval); por ultimo, a anterior idealisação da Epopêa humana e o estabelecimento da solidariedade dos povos romanicos determinada pela Historia, cooperaram para os trabalhos de especulação *philosophica,* que se concentram fundamentalmente em uma systematisação da Sociologia.

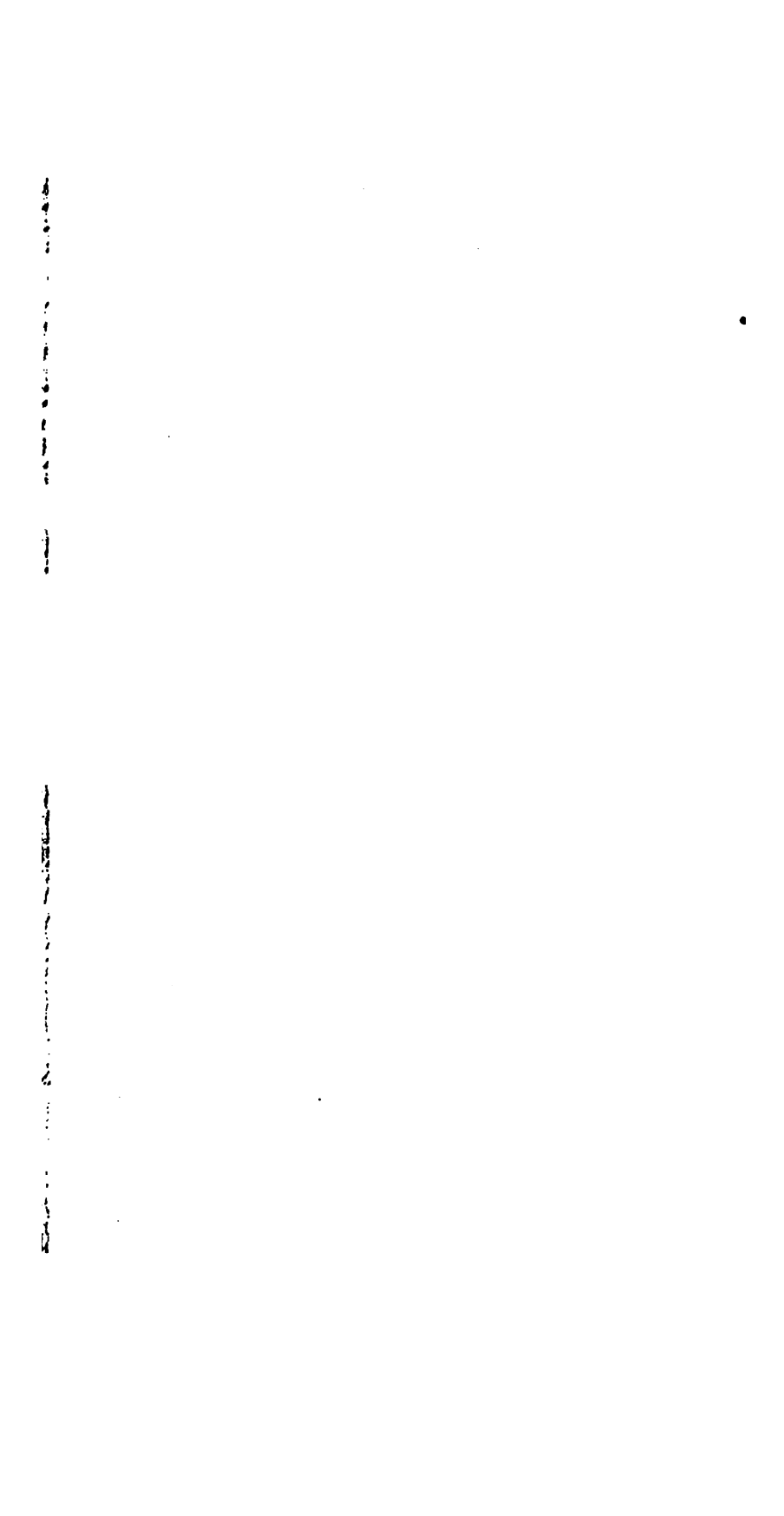
«A par d'este contorno geral de um labor de trinta annos, póde-se tambem accentuar as diversas correntes doutrinarias a que o seu espirito obedeceu procurando a orientação normal, começando pela influencia de Vico (de que lhe ficou a predilecção pelos factos da Ethnogenia), recebendo de Hegel a comprehensão dos phenomenos estheticos (e essa exagerada importancia que ligou por algum tempo ao *germanismo*), e assimilando em uma crise de renovação mental a synthese positiva de Augusto Comte, onde foi encontrar bem definidas as relações theoricas d'estes tres eminentes pensadores.

«A Obra de Theophilo Braga apresenta todas as vacillações de um espirito que busca fixar um methodo, e tem as desegualdades de exposição de um escriptor que se desenvolveu á vista do publico. Apesar de derivarem de um plano fundamental, os seus livros acham-se desmembrados, conforme

os accidentes da publicação; desconhecido o nexo que os liga entre si, tem o publico aceitado estas contribuições pelo simples valor concreto das amplas informações que encerram sobre a Patria portugueza. Por este motivo são esses livros constantemente pedidos da Inglaterra, Allemanha, Italia, França, Hespanha e Brazil, onde apparecem discutidos e citados como auctoridade».

Adoptando este plano de coordenação, procuramos deixar bem clara a unidade fundamental de toda a obra.

THEOPHILO BRAGA

E

A SUA OBRA

I

Dados biographicos

A phrase profunda de Vico — *O homem é obra de si mesmo* — sáe-nos espontaneamente dos bicos da penna ao encetarmos estes traços biographicos. Theophilo Braga, o caracter mais energico, a individualidade mais extraordinaria que conhecemos em Portugal, é obra de si mesmo. A sua vida é um notavel exemplo do que póde a força de vontade, quando dirigida por uma consciencia recta e orientada por um ideal superior.

Todos os obstaculos, todas as difficuldades, não são mais do que incentivos para novos esforços; o meio adverso em que surgiu, em vez de o esmagar, em vez de o submetter, como a tantos outros, sente-se de dia para dia modificado, vencido, transformado, pela acção vigorosa que Theophilo exerce ao redor de si pelos seus escriptos, pela sua palavra e pela sua conducta. É elle

o ponto central d'onde irradia todo esse movimento reorganisador, que tende a substituir os preconceitos catholicos pelas convicções scientificas, a corrupção monarchica pela moralidade social, a devassidão dos costumes pela dignidade domestica, que tende emfim a levantar a nação do estado de abatimento e de lethargia em que a precipitaram largos annos de regimen monarchico e de educação jesuitica. Grande e bem notavel é o papel que lhe cabe no seio da nossa sociedade, porque elle é o representante mais completo e mais verdadeiro das aspirações modernas. O talento, a erudição, o bom senso, e antes de tudo a forte disciplina mental que dirige o seu temperamento de ferro, deram-lhe o primeiro logar entre os contemporaneos [1]. A sua vida é a historia da lucta gigantesca que sustentou para alcançar esse logar que hoje ninguem lhe contesta.

Joaquim Theophilo Braga é natural dos Açores, d'essas ilhas onde se conserva ainda tão viva a tradição popular e o sentimento nacional de um heroico e aventureiro povo de navegadores destemidos. Nasceu em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, a 24 de fevereiro de 1843. Seu pae, fallecido em 1871, chamava-se Joaquim Manoel Fernandes Braga e era um bravo militar; offi-

---

[1] D. Raphael de Labra, na *Tribuna*, n.º 4, de 1882, fallando da Democracia portugueza, ao referir-se a Theophilo Braga, diz: «el sabio pensador positivista, illustre professor en el Curso superior de Lettras de Lisboa, y quizá *el mas eminente de cuantas notabilidades encierra el Portugal de nuestros dias*...»

cial de artilheria, servira com lealdade a causa de D. Miguel no commando do forte dos Mosteiros, não se rendendo antes de saber da convenção de Evora Monte; homem de convicções sinceras e inabalaveis, ao vêr triumphantes os partidarios de D. Pedro, deixou as armas e dedicou-se ao ensino, abrindo uma aula de nautica e mathematicas, e sendo mais tarde despachado por concurso professor da cadeira de logica e geometria no lyceu de Ponta Delgada; o seu amor pela instrucção e a sua dedicação pela humanidade era tão sublime que não só ensinava com verdadeiro interesse os seus conterraneos, como tambem accolhia os estudantes mais pobres em sua casa e repartia com elles o pouco que tinha [1]. Chefe de numerosa familia, enviuvou, passando ao fim de um anno a segundas nupcias. Theophilo, sendo o mais novo dos filhos do primeiro matrimonio, começou muito cedo a experimentar os rigores de uma vida difficil e espinhosa. Perdendo a mãe em tenra edade, aos tres annos, não conheceu os carinhos que a solicitude feminina dispensa á infancia; em vez do disvelo materno encontrou a animadversão inflexivel da madrasta.

---

[1] Na *Resposta á consulta do governo de 22 de Fevereiro de 1892 sobre os serviços dos lyceus* por Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro, professor e reitor do lyceu nacional de Ponta Delgada, lêem-se a pag. 41 estas palavras: «Antigamente no nosso lyceu existiu um curso livre de pilotagem professado pelo fallecido snr. Joaquim Manoel Fernandes Braga. Era muito concorrido, e prestou relevantissimos serviços a muitos moços que ainda hoje o reconhecem cheios de gratidão para com aquelle respeitavel professor».

Aos quatorze annos, quando a imaginação, exaltada pela dureza da sorte, o transportava aos mundos aérios da inspiração, viu-se obrigado a entrar n'uma typographia para adquirir, como compositor, os meios de resistencia para saír da ilha de S. Miguel; das regiões dos sonhos caíu assim bruscamente na realidade, sombria e triste, mas purificadora.

Era no trabalho rude e activo, no conflicto constante, que se devia formar essa organisação excepcional de luctador; e da criança sentimentalista havia de saír o homem rijo e persistente. Como Michelet, começava a lucta pela existencia na officina typographica, e como elle, era nas horas vagas que estudava os classicos, que lia as velhas chronicas, que meditava, que escrevia emfim os seus primeiros versos, bellas promessas de esplendido futuro.

Sob o titulo de *Folhas verdes,* sahiram á luz, em 1859, esses ensaios poeticos dos quinze annos, repassados de melancholia e de esperança; são estrophes romanticas, mas realmente sentidas [1].

---

[1] A proposito d'este livro escrevia Francisco Maria Supico, nas palavras que servem de apresentação ás *Folhas verdes:* «os que ainda as acharem extemporaneas e continuarem a aconselhar-te o estudo, saibam que te não negas a elle; que anceias o saber como o naufrago a praia salvadora; mas saibam egualmente que a maior parte das vezes nem penna, nem tinta, nem papel tens para dares fórma a esses pensamentos mais ou menos sazonados em cuja concepção gastas o tempo que podias vadiar; e que qualquer dia, se quizeres comer, terás de ir ganhal-o n'algum armazem de mercearia vendendo arrateis de bacalháo».

Seduziam-no horisontes mais latos; a pequena ilha em que nascera não lhe podia saciar a sêde de saber que o dominava; a mente do joven poeta tinha necessidade de se desenvolver, de progredir, de augmentar a somma de conhecimentos, precisava de um meio mais extenso para dirigir livremente os vôos da sua imaginação ao ideal que concebera. Coimbra era o ponto do continente que attrahia o seu desejo incansavel de instrucção. Tinha dezoito annos quando em 1861 abandonou a terra natal na prôa de um navio, em demanda da Europa. Trazia para o continente apenas uma tenacidade, uma energia pouco vulgar, que era a sua herança paterna, e uma lucidez de espirito admiravel, que o havia de levar a descobrir o verdadeiro norte no meio anarchico em que se decompunha o corpo social.

Tendo feito exame de todas as disciplinas no lyceu de Ponta Delgada, Theophilo Braga foi repetir em Coimbra os preparatorios e matricular-se no curso de direito; ao mesmo tempo que estudava, tinha de ganhar a vida pelo trabalho. O illustre açoriano era de uma actividade assombrosa; compunha, escrevia *dissertações* e leccionava *pontos* para exames; acompanhava as lições nas aulas, seguia com interesse o movimento litterario contemporaneo, e ainda lhe ficava tempo para consagrar alguns momentos á poesia.

A academia estava n'uma das suas épocas mais brilhantes de effervescencia litteraria e critica: Byron, Musset, Victor Hugo, Quinet, Michelet, Proudhon, Hegel, Kant, Vico, tantos e tantos prosadores e philosophos, eram lidos, discutidos, imitados; a metaphysica revolu-

cionaria, o naturalismo pantheista, as utopias societarias embriagavam todos os cerebros; as ideias generosas e scintillantes dos grandes propagandistas do novo credo achavam ecco nos corações dos moços academicos; muitos talentos eram victoriados e tornavam-se o alvo de geraes admirações, como João de Deus, Anthero de Quental, e tantos outros, que depois se inutilisaram na bohemia litteraria, na indolencia mystica, no isolamento da provincia ou no parasitismo official.

Theophilo Braga, com a rigidez do seu caracter, a sua honestidade e o seu bello talento, surgiu entre os mais avançados.

A *Visão dos Tempos,* publicada em 1864, causou uma sensação indescriptivel. Bravos e applausos espontaneos rebentaram de todos os lados. A litteratura official curvou-se diante do fogoso poeta. Os salões da burguezia opulenta abriram-se-lhe como por encanto. Foi um triumpho.

Estabelecendo a transição das *Folhas verdes* para a *Visão dos Tempos,* escrevia Camillo Castello Branco: «Porém, que profundo e complicado lavor se operou no espirito do snr. Braga, ao correr de cinco annos!

«Que horisontes se lhe desdobraram! De que pontos culminantes da região ideal os olhos da aguia, esvoaçada do baixo terreno do lyrismo vulgar, aprofundou do alto a vista penetrante aos grandes cyclos da intelligencia humana, ás litteraturas esculpturaes, aos poetas heroicos, aos factos titanicos da vida espiritual da humanidade! É para assombro esta rapida adolescencia, esta validez de espirito, que veste de roupagens tangiveis todas as ab-

stracções, incorpora todo o vago espiritual, ata com subtil engenho as correlações das cousas materiaes, e tenta com sublime desvairamento abrir em marmore o que apenas se concebia ou mal deixava apprehender nas concepções puramente intellectivas.

«Quem anteviu nas *Folhas verdes* o poeta da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades sonoras?*» [1]

Theophilo não se deixou envolver nas nuvens de fumo que lhe levantavam em volta; não o seduziram as bajulações e os incensos. Proseguiu no trabalho. Á *Visão dos Tempos* succedeu-se um novo livro — *Tempestades sonoras.* Era a continuação de um vasto plano, a que ainda pertencem a *Ondina do Lago* (1866), *Torrentes* (1869) e *Miragens seculares* (1884).

É uma epopêa da humanidade composta de uma série de mythos conscientes, concebidos pelo poeta como a representação synthetica de todas as épocas da evolução historica. «O seculo actual, escreveu Comte, será principalmente caracterisado pela preponderancia irrevogavel da Historia em philosophia, em politica e mesmo em poesia» [2]. E n'outro logar disse: «A arte nova vêr-se-ha chamada a fazer reviver dignamente todas as edades anteriores, das quaes algumas sómente estão já bastante idealisadas, sobretudo por Homero e Corneille. Esta série quasi inexgotavel de novas creações épicas ou dramati-

---

1 *Esboços de Apreciações litterarias.*
2 *Système de Politique positive,* tom. III.

cas, ligar-se-ha profundamente de uma parte ao conjuncto da educação positiva e de outra ao culto systematico da humanidade, para facilitar a apreciação e secundar a glorificação de todas as phases sociaes»[1]. Theophilo Braga tenta a realisação d'esta concepção positiva da Poesia; começada ainda sob a influencia da metaphysica hegeliana, foi comprehendida com mais clareza desde que conheceu a doutrina philosophica de Comte. A *Visão dos Tempos* é, portanto, um esboço da epopêa cyclica da Historia, dividindo-se em tres cyclos — da *fatalidade,* da *lucta* e da *liberdade,* nos quaes se revela a consciencia humana através da sua evolução. A Historia, como a definiu Michelet — a lucta da liberdade contra a fatalidade — é o elemento d'esta grandiosa trilogia.

As ideias são sempre originaes e de uma inspiração exuberante; as estrophes sonoras, cadentes, enchem o leitor de enthusiasmo. Estes poemas e as *Odes modernas* de Anthero de Quental proclamaram a revolução na litteratura; Castilho, que no primeiro momento applaudira o arrojo dos poetas novos, comprehendeu em breve que a eschola de Coimbra vinha destruir o seu pedestal, e no prologo ao *Poema da Mocidade,* de Pinheiro Chagas, levantou o grito de alarme contra a ousadia dos rapazes que não se submettiam ao seu pontificado. Eis a origem da famosa *Questão coimbrã,* na qual tomou parte Theophilo Braga, com o vigoroso pamphleto — *Theocra-*

---

[1] *Système de Politique positive,* tom. I, pag. 305.

cias litterarias, rompendo de uma vez para sempre com a pedantocracia official. Castilho e os seus adeptos faziam-lhe uma guerra desapiedada e desleal; não se contentando com os ataques pela imprensa, moviam-lhe perseguição surda e miseravel, cerceavam-lhe os meios de vida fechando-lhe as portas do *Jornal do Commercio,* onde o illustre escriptor publicava os seus excellentes *Contos phantasticos,* reunidos depois em volume, e os primeiros estudos da Poesia popular portugueza.

Envôlto na sua batina amarellecida e velha, sem protecções, vivendo n'um pequeno quarto pago com o ensino, traduzindo Chateaubriand para se alimentar, passando mesmo algum tempo com sessenta reis diarios, Theophilo Braga concluia o curso de direito e em 1868 defendia theses e tomava capello, a convite da propria faculdade, que tinha por elle a mais justa admiração. Mas tres annos depois, esquecendo formaes compromissos e desprezando o verdadeiro merito, a faculdade preteriu-o por nullidades que deviam a formatura ao trabalho e á protecção do distincto escriptor [1]. Já a este

[1] Passados annos já se increpava á Universidade a sua rejeição: «Em conclusão, se o *Correio da Noite* quer que a Universidade tenha perstigio, e nós tambem queremos isso, diga aos lentes que sejam serios, justos e estudiosos, e que escolham nos concursos para seus collegas não os mais bajuladores, mas os mais intelligentes. A Universidade que poz fóra homens como Julio de Vilhena, Theophilo Braga e outros, para admittir muitos que lá estão, não tem querido seguir o melhor caminho para manter o seu antigo esplendor». Transcripto de um jornal regenerador no *Seculo,* n.º 606 (1882).

*

tempo havia constituido familia, casando no Porto no mesmo anno do seu doutoramento, com uma senhora de intelligencia superior e de apreciaveis virtudes, e encontrára no lar a felicidade que lhe retemperava o caracter, multiplicando-lhe a energia dispendida na lucta pela existencia.

Ao mesmo tempo que realisava a sua elevada concepção poetica e ainda durante a frequencia das aulas, ia estudando e colligindo as tradições populares e dava a lume os resultados dos seus trabalhos na *Poesia do Direito* (1864), no estudo sobre os *Foraes* (1868) e nos cinco volumes do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (1867-69). Esta obra importantissima foi a origem de um grande monumento litterario, que planeou desde logo e que começou com fervoroso impeto, dando nos primeiros annos dez volumes, e continuando-o com algumas interrupções consagradas a outros trabalhos.

Referimo-nos á *Historia da Litteratura portugueza* (1870-92), quasi concluida, e que é incontestavelmente uma obra gigante de critica e de historia, segundo os processos modernos, encerrando uma copiosa série de factos, colligidos com extrema difficuldade e analysados á luz de um criterio superior.

Estava já publicada uma boa parte da *Historia da Litteratura portugueza* quando foi a concurso a cadeira de Litteraturas modernas do Curso superior de Lettras. Apresentaram-se tres candidatos: Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro e Theophilo Braga. O primeiro tinha todas as probabilidades de triumpho, porque pertencia ao mundo official, como protegido do paço, deputado do go-

verno, academico e litterato elogiado por Castilho desde a *Questão de Coimbra*, director do orgão do ministro do reino; e a grande maioria do jury compunha-se de monarchicos ferrenhos e academicos enfatuados. As provas publicas, effectuadas na presença de um auditorio illustrado, deram a supremacia a Theophilo Braga, que com alevantada erudição, criterio firme e argumentação arrojada arrebatou a assembleia e os proprios membros do jury.

Ao recolher-se este para deliberar, Castilho, o rancoroso inimigo de Theophilo, ainda pretendeu entrar no gabinete e exercer pressão no animo dos jurados, mas Augusto Soromenho oppoz-se energica e dignamente ás suas ousadas intenções e obrigou-o a retirar-se. A decisão do jury, acclamando Theophilo Braga professor, foi lida no meio dos maiores applausos e do mais delirante enthusiasmo. Era a primeira consagração solemne da sua tenacidade no trabalho.

Entrando para o Curso superior de Lettras, em 1872, abriu uma nova época na sua carreira. O *Curso de Philosophia positiva* de Augusto Comte, para o qual lhe chamára a attenção o professor de mathematica Joaquim Duarte Moreira de Sousa, foi o incentivo da sua renovação mental. A espantosa somma de factos, accumulados, por uma fórma mais ou menos metaphysica e descoordenada, no cerebro do profundo escriptor, recebeu em cheio a luz do methodo positivo e encontrou a sua ordem natural e hierarchica. Deu-se uma transformação notavel. Theophilo Braga com a sua tenacidade incomparavel submetteu-se a uma longa e penosa tarefa intellectual,

estudando successivamente, em tratados especiaes, as sciencias abstractas que entram na constituição da philosophia positiva. Subordinados a este ponto de vista, os novos trabalhos do erudito professor adquiriram maior clareza e precisão, e tornaram-se de dia para dia mais valiosos e importantes. Theophilo continuou a sua *Historia da Litteratura portugueza,* dando á luz os volumes sobre *Camões e a sua Eschola* (1873-75), o estudo interessantissimo sobre a *Vida e a época de Bocage* (1876), e no anno de 1880 a excellente *Historia do Romantismo.* Á proporção que escrevia um novo volume d'este monumento os horisontes alargavam-se, os factos augmentavam de importancia, as conclusões tornavam-se mais solidas, as syntheses eram mais atrevidas.

Publicava ao mesmo tempo, com destino ás escholas, uma *Grammatica elementar* segundo os processos modernos da philologia, um *Manual de Historia da Litteratura portugueza* (1875) transformado fundamentalmente no *Curso de Historia da Litteratura portuza* (1885), a *Antologia portugueza* (1876) e o *Parnazo portuguez moderno* (1877); e dava diversas edições criticas das obras de Camões e de Bocage, do *Cancioneiro da Vaticana,* etc. Esta ultima obra é um trabalho extraordinario de interpretação critica, que difficilmente póde ser avaliado.

O distincto professor dispendia ainda por outras fórmas a sua actividade a favor da instrucção nacional. Nomeado para o Jury dos exames secundarios, enviava ao governo notaveis relatorios, em que descrevia o lamentavel estado da instrucção publica; e desejando o

desenvolvimento do ensino superior, promovia a fundação das cadeiras de *Sanskrito* e de *Philologia comparada,* e acabava com a rivalidade de Pinheiro Chagas lembrando o convite formal para a vaga da cadeira de Litteraturas classicas.

Em 1877 encetou Theophilo Braga uma nova ordem de estudos com a publicação dos *Traços geraes de Philosophia positiva,* arrojadissima comprovação da doutrina philosophica de Augusto Comte. A este livro seguiu-se o primeiro volume da *Historia universal* (1879), principio de um tratado monumental de Sociologia concreta, que o distincto professor tem em via de execução. Nos tomos publicados occupa-se por uma fórma realmente notavel das velhas civilisações dos Egypcios, Chaldeos, Assyrios e Babylonios, e faz a historia da Judêa, da Phenicia e da Arabia. Seguir-se-hão as civilisações indo-européas, desde os Aryas e Persas até aos tempos modernos.

Os *Traços geraes de Philosophia positiva* e a *Historia universal* são os livros mais notaveis que no campo da philosophia e da sociologia têm sido escriptos em lingua portugueza, e marcam um periodo luminoso no desenvolvimento intellectual do nosso paiz. Conduziram-no á elaboração do *Systema de Sociologia* (1884).

O nome de Theophilo Braga achando-se ligado á introducção dos estudos criticos e ao advento da Philosophia positiva, em Portugal, está tambem unido ao movimento politico de reorganisação que se vem dando entre nós. Desde o começo da sua carreira, Theophilo mostrou-se inimigo irreconciliavel das instituições monarchicas; em

todos os seus trabalhos affirmava ousadamente as suas ideias, e mesmo nas provas publicas do concurso para a cadeira de litteratura declarou com franqueza as suas convicções democraticas.

Mais tarde quando appareceu em Lisboa o *Rebate*, escreveu alguns artigos de fundo para este semanario federalista, e em 1875, ao fundar-se o *Centro republicano democratico* filiou-se n'elle. As dissidencias levantadas no seio d'este grupo politico pelos elementos monarchicos enfraqueceram o novel partido; os republicanos sinceros e convictos foram expulsos, ou, desgostados pelas intrigas de regeneradores e reformistas, retiraram esperando melhores tempos. Foi d'este numero Theophilo Braga que se conservou afastado das lides politicas, até que, em 1878, os dissidentes d'aquelle centro, juntamente com elementos novos, quasi todos federalistas, se agruparam e lhe offereceram a candidatura a deputado pelo circulo 94. O sabio professor iniciou então a fórmula politica do *Mandato imperativo,* garantia moralisadora do suffragio. N'este documento assignado pelo candidato e pelas commissões eleitoraes do circulo, consignaram-se as ideias e aspirações do partido republicano federal: *Liberdade de consciencia, liberdade de ensino, liberdade de imprensa, liberdade de cultos, liberdade de reunião, direito de propriedade, liberdade de industria, liberdade de trafico* e *liberdade de contracto.* O candidato comprometia-se a manter independencia absoluta dos partidos monarchicos, a discutir as medidas legislativas segundo o criterio republicano, a apresentar projectos de lei subordinando-os a um exame prévio das com-

missões eleitoraes e a dar uma conta retrospectiva aos eleitores no fim de cada época da legislatura. Theophilo Braga sustentou e desenvolveu este programma politico em successivos comicios nas differentes freguezias do circulo, e desde então ainda não abandonou um só instante a brécha. É sempre o primeiro na lucta. Com a sua firmeza de caracter, as suas convicções scientificas, a austeridade incorruptivel do verdadeiro apostolo, não hesita no caminho que tem de seguir, não vacilla diante das probabilidades do triumpho obtido com as allianças hybridas, não transige com os adversarios, não se curva a imposições de especie alguma.

Os principios acima de tudo. Os homens passam, cáem, morrem; e as ideias, sempre puras, sempre immaculadas, ficam, espalham-se e vencem.

O partido republicano encontrou em Theophilo Braga o seu chefe natural; é o primeiro entre os primeiros dos correligionarios. Poucos o egualam na sinceridade de convicções, raros no desinteresse e na abnegação, nenhum na capacidade intellectual; mas tem sido sempre guerreado pelos elementos transigentes e accommodaticios.

Filiando-se no *Centro republicano federal,* de que foi presidente, não deixou um só momento de combater a monarchia e o catholicismo, esses dois alliados, inimigos irreconciliaveis das sociedades modernas. As *Origens poeticas do Christianismo* (1880), a que se seguiram as *Lendas christãs* (1892), a *Dissolução do Systema monarchico constitucional* (1880) e tantos outros livros são armas de combate. Com a penna e com a palavra, como o pedreiro com a picareta e o camartello, derroca, esmi-

galha, aniquila os altares dos deuses e os solios dourados dos reis. Nos comicios populares, nas reuniões politicas, nas conferencias doutrinarias, nos jornaes republicanos, em uma infinidade de volumes, nos actos de registo civil, por toda a parte emfim, tem deixado bem accentuada a sua passagem na sociedade contemporanea, como o raio que ao entrar n'uma habitação funde os metaes, estraga os moveis, parte os vidros e assombra os moradores.

A vasta collecção dos seus artigos politicos, publicada em volumes sob o titulo geral de *Soluções positivas da Politica portugueza,* é uma obra magistral. N'ella estuda o nosso meio sob o ponto de vista scientifico, como o medico disseca um cadaver nas mesas dos hospitaes; vê, observa e descreve as verdades núas e crúas com a coragem e o valor que lhe dá a consciencia de que tem pelo seu lado a justiça. São realmente os livros mais revolucionarios que têm vindo á luz em Portugal; n'elles dizem-se as cousas pelo seu verdadeiro nome, sem hesitações, nem reticencias; a verdade brilha como a luz do sol n'estas paginas vibrantes; ha, por vezes, a indignação salutar do homem, ha sempre o raciocinar frio e lucido do sabio.

E ao terminar um d'esses artigos, que saíram primeiramente na *Emancipação,* (1879) na *Vanguarda,* (1880-1881) no *Seculo,* etc., ou ao findar uma prelecção politica, depunha a penna ou recolhia a casa, com a consciencia tranquilla, satisfeito por ter cumprido um dever, arremessando á sociedade que se esphacela, mais uma barrica de polvora ou uma bomba de dynamite; e então

era realmente sublime vêl-o ao lado da esposa, entreter-se, nas funcções de carpinteiro ou serralheiro, a fabricar brinquedos para os filhos, duas interessantes crianças, muito intelligentes, que receberam uma educação toda moderna, sem preconceitos religiosos.

Theophilo Braga, n'este momento da sua existencia, podia considerar-se um homem realmente feliz. Tendo effectuado um grande numero das suas aspirações, vendo-se admirado, applaudido e respeitado no seio da sociedade patria, recebendo dia a dia enthusiasticas homenagens de consideração de sabios estrangeiros, assistia jubiloso, no interior do lar domestico, ao desenvolvimento intellectual, excessivamente precoce, de seus filhos, a formosa Maria da Graça e Theophilo, o esperançoso herdeiro do glorioso nome paterno. Tudo o convidava a dar verdadeira importancia ao *sonho da vida.*

Ackermann, a notavel poetisa, deixou-nos o seguinte pensamento: «O que o homem tinha a fazer de melhor, seria tomar ao pé da lettra esta metaphora vulgar: *A vida é um sonho.* Dar importancia a este sonho, é querer que elle degenere em pesadelo».

E o sonho, em que vivia Theophilo Braga, degenerou um dia em pesadelo, e no mais terrivel dos pesadelos. A felicidade sossobrou n'um assombroso e fulminante desastre domestico.

Primeiro adoeceu a encantadora Maria da Graça, a gentilissima criança que deixava perplexo e embaraçado quem pela primeira vez a escutava no seu discretear, onde a ingenuidade infantil velava apenas uma lucidez surprehendente. Mal convalescia ainda n'uma illusoria

esperança, quando seu irmão enfermou, o intelligente Theophilo, fallecendo depois de alguns mezes de doloroso soffrimento na edade de treze annos. A 7 de dezembro de 1886 passou Theophilo Braga por este afflictivo transe, em breve seguido de outro, se é possivel ainda mais cruciante, porque representava o brutal aniquilamento de toda a felicidade domestica. A idolatrada Maria da Graça succumbia tambem, tres mezes depois do irmão, em 18 de março de 1887, com dezeseis annos de edade.

Dois golpes successivos no curto espaço de tres mezes! A morte feriu-o no mais intimo do seu sêr levando-lhe os dois filhos que eram, na expressão do desolado pae, a razão da sua existencia. Assim experimentou o grande escriptor a *maior dôr humana.*

A terrivel calamidade, que alquebrou os tristes paes, foi sentida por todas as almas compassivas e affectuosas, encontrou um ecco de sympathia no espirito de todos os que sentem e amam, emocionou profundamente a maioria dos poetas da geração actual.

Uma consolação, se porventura alguma podesse haver depois de tão fundo golpe, encontrariam os acabrunhados paes na sentidissima homenagem, que por iniciativa do grande poeta João de Deus tributou ás duas crianças a poesia portugueza e brazileira, n'essa piedosa *corôa de saudades,* formada de elegias commoventes e dada á estampa em 1889 sob o expressivo titulo de *A maior dôr humana,* pela amizade de Anselmo de Moraes, o primeiro editor da *Historia da Litteratura portugueza.*

A esmagadora catastrophe, impressionando fortemente os animos mais varonis, apagou n'elles antagonismos e fez esquecer antigas divergencias. Perante a grandeza da desgraça, curvou-se até o maior dos adversarios de Theophilo Braga, o grande romancista Camillo Castello Branco, traduzindo n'um formoso soneto as *immensas agonias* da *maior dôr humana.*

As duas encantadoras crianças falleceram; mas João de Deus, entretecendo com a côadjuvação dos poetas da geração actual aquella grinalda lyrica, «veiu dar-lhes», como escreve o pae amantissimo, «a immortalidade subjectiva, vivificando-as pela poesia, nas emoções eternas da obra da Arte».

Theophilo Braga, essa poderosa individualidade da nossa litteratura, ficou por longos mezes atordoado pela imprevista calamidade que lhe roubou todas as seducções do lar com tanto amor construido. Concentrou-se na propria dôr e por fim d'ella tirou novas forças para continuar a sua carreira gloriosa, para ir completando pouco a pouco a sua vasta Obra litteraria.

Quando Theophilo Braga, depois da horrivel catastrophe domestica, firmando-se na grandeza da propria dôr, conseguiu voltar de novo á regularidade das meditações de philosopho e dos trabalhos de publicista, dedicou-se especialmente á réalisação de uma obra promettida desde os bancos da Universidade, e agora concebida com um amplo ponto de vista e redigida com assombrosa proficiencia. Referimo-nos á monumental *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrucção publica portugueza,* (1892) publicada por ordem e

a expensas da Academia das Sciencias. Esta obra, consagrada pelo auctor á commemoração do sexto centenario da fundação da nossa Universidade, encerra o brilhante quadro da nossa vida intellectual, da acção da intelligencia portugueza na civilisação europêa. Theophilo Braga historía em periodos cheios de interesse e de sentimento a importante parte que Portugal tomou na Revolução occidental, iniciada ao terminar da Edade-média e caracterisada mentalmente pela dissolução do Poder espiritual da synthese theologica, tendendo a ser substituida por uma outra fórma, ora critica, ora scientifica.

A actividade de Theophilo Braga não se confinou, porém, na *Historia da Universidade;* apesar de trazer entre mãos um assumpto de tal magnitude, editava ao mesmo tempo, o *Camões e o Sentimento nacional* (1891), por onde mais tarde ha de ser corrigida a sua *Vida de Luiz de Camões;* as *Lendas christãs* (1892), continuação das *Origens poeticas do Christianismo;* e as *Modernas Ideias na Litteratura portugueza,* (1892) natural seguimento da *Historia do Romantismo em Portugal.*

Faltava ha muito a Theophilo Braga uma consagração que naturalmente lhe era devida. O poeta da *Visão dos Tempos,* o historiador critico da litteratura portugueza, o publicista mais fecundo do nosso meio litterario tinha direito incontestavel a entrar na Academia das Sciencias. Esta dever-lhe-ia abrir de par em par as suas portas, logo que Theophilo Braga se apresentasse. Não succedeu, porém, assim. Em 1881, dando-se uma vaga de socio effectivo na classe das sciencias moraes e politicas,

concorreu o notavel escriptor, offerecendo á Academia como titulo de candidatura o *Cancioneiro da Vaticana*, trabalho extraordinario de interpretação, onde se revelam ao mesmo tempo o erudito, o critico e o poeta. Durante longos annos jazeu propositadamente no esquecimento o processo academico para a sua admissão, não por hostilidade ou animadversão de antagonismos litterarios, como durante muito tempo se suppoz, mas esperando que se dessem outras vagas afim de poderem ser admittidos simultaneamente dois vultos proeminentes da litteratura official.

Como Diderot, em França, no seculo passado, era a alma dos encyclopedistas, tambem Theophilo Braga, na nossa sociedade contemporanea, espalha os germens de todo o desenvolvimento intellectual. Quando passa nas ruas da cidade, um tanto curvado, modesto, quasi desapercebido, perdendo-se na multidão, fallando cordealmente aos que se approximam d'elle, apertando a mão callosa do operario com a mesma franqueza com que aperta a do aristocrata, conversando sobre particularidades de qualquer arte ou officio, como se o exercesse; ninguem dirá que aquelle organismo encerra o cerebro mais potente, mais forte, melhor orientado, que está alli o maior poder espiritual da nacionalidade portugueza. E no emtanto é esta a verdade.

Eis uma prova: — O tricentenario de Camões.

A commemoração grandiosa do grande épico é a obra mais extraordinaria e colossal de Theophilo Braga. Foi, com effeito, elle o unico auctor das festas civicas de 1880, festas, que se repercutiram em todo o mundo,

onde chegou um dia o nome de Portugal. O illustre professor desde 1873, começára a propagar a ideia sympathica da glorificação do poeta dos *Lusiadas;* em cartas para o estrangeiro, nas lições do Curso superior de Lettras, em conversas particulares, foi lançando a semente que se desenvolveu pouco a pouco, até que em 10 de junho de 1880 se colheram os fructos soberbos e opimos nas ruidosas festas e nas innumeras publicações do tricentenario. Era a consequencia da sua disciplina philosophica [1]. A acção de Theophilo Braga foi bem evidente [2], mas elle metteu-se na sombra, occultou-se modestamente detraz da Commissão da Imprensa, e d'ahi, furtando-se ao agradecimento publico, gosou como simples comparsa o effeito sumptuoso da sua obra. Era, na verdade, feliz por vêr a força de uma ideia.

D'esta gloriosa commemoração derivou ainda outra

---

[1] «Esta aptidão poetica dos novos philosophos não se manifestará, de ordinario, senão pela sua disposição permanente para sentir dignamente e para fazer apreciar bem os diversos modos de idealisação. A funcção esthetica não se tornará habitualmente activa n'elles senão pela *composição das festas publicas*». (Comte, *Système de Politique positive,* tom. I, pag. 311).

[2] Escrevia o illustre insulano dr. João Teixeira Soares, em carta de 14 de junho de 1880, ao snr. dr. Ernesto do Canto:

«A ideia do *Centenario de Camões* (*de que o dr. Theophilo Braga ha já quatro annos me fallou*) vingou de um modo estrondoso e superior, decerto, á espectativa d'elle proprio». (Publicada posthumamente no *Archivo dos Açores,* tom. IV, pag. 21. Ponta Delgada, 1882). Confirmam-no todos os jornaes de 1880.

ideia que não deveria ser menos fecunda em resultados apreciaveis para o desenvolvimento nacional. Foi o *Congresso das Associações portuguezas,* que se reunia annualmente no dia 10 de junho, e cuja iniciativa pertenceu tambem a Theophilo Braga [1].

E como estas, hão de triumphar todas as ideias do eminente cidadão, porque as sociedades humanas transformam-se incessantemente e os homens não podem ser um obstaculo permanente á marcha do progresso.

Theophilo Braga na sociedade moderna é a revolução na arte, na historia, na critica, na philosophia, nos costumes e nas fórmulas sociaes, *le plus grand remueur d'idées du Portugal, en ce dernier quart de siècle,* como o proclamaram em um banquete presidido por Salmeron [2].

---

[1] «Resta-nos do movimento emergente da celebração do jubileu camoniano o *Congresso das Associações,* confederadas.

«Para julgarmos do estado das ideias que vão ser debatidas n'esse parlamento, cuja realisação cumpre confessar que se deve principalmente á iniciativa e á tenacidade de um unico homem, o snr. Theophilo Braga, para apreciarmos d'antemão a orientação mental e a systematisação de principios que as differentes classes sociaes terão de revelar na reunião da dieta cooperativa a que nos referiamos, a festa do Centenario do Marquez de Pombal, ultimamente celebrada, figura-se-nos ser um symptoma culminante e preciosissimo». (Ramalho Ortigão, *As Farpas,* IV série, n.º 1, pag. 46).

[2] *Matinées espagnoles,* 1890.

II

Actividade artistica

Estamos atravessando uma época de transição, cujos effeitos se notam em todos os phenomenos sociaes: — religiosos, politicos, economicos, litterarios, etc.

O celebre grito de Galileo — *E pur si muove* — veiu abalar os alicerces das velhas crenças; e de então para cá ruíram uma a uma as pedras d'esses gigantescos edificios chamados Religiões, e arrastaram na sua queda as instituições politicas e as artes da Meia Edade.

Á proporção que a theologia se desmoronava, conquistava a sciencia vastos terrenos e augmentava o dominio do cognoscivel, emquanto na sociedade o militarismo cedia o campo á industria. A litteratura acompanhou a evolução social em todas as phases da transição, como já a acompanhára nas phases anteriores.

Hoje que estamos talvez na ultima phase de trans-

ição, e que vae quasi terminada a lucta entre o mundo que desapparece e o mundo que começa, deve a litteratura, ou antes a arte, trazer-nos elementos organisadores, e apresentar-nos um novo ideal, em vez de se limitar a destruir as velhas fórmas e instituições. O trabalho de demolição já foi largamente executado: necessita-se agora de reorganisadores, que, estudando o passado e o meio physico e organico da sociedade, nos mostrem o caminho que ella leva na sua evolução secular, e preparem os espiritos para a nova fórma de cousas.

No seculo XVI, dando-se na Europa a decadencia theologica, deu-se egualmente a decadencia politica, produzindo o absolutismo; e, como sempre, a litteratura acompanhou a decadencia dos outros phenomenos sociaes.

Em Portugal deu-se este facto no seculo XVII; e só no presente seculo, quando a sociedade portugueza viu os primeiros alvores da liberdade, é que a litteratura se levantou pelas tradições e pela historia, devido aos dois athletas do *romantismo*, — Garrett e Herculano. Este movimento, mal comprehendido, deu em resultado o sentimentalismo ultra-romantico, qu[illegible] males produziu e ainda produz na nossa so[illegible] ideias generosas de Michelet, Quinet, etc., [illegible] litteratura de marasmo desolador em [illegible] romancistas e dramaturg[illegible]

D[illegible]

servindo-se da penna como de ariete, arrasou as áras e os thronos, e expulsou os deuses e os reis, creando assim a poesia demolidora (*Odes modernas*); o outro fez a revisão, ou antes o inventario das tradições da humanidade em geral (*Visão dos Tempos*), e da patria em particular (*Historia da Litteratura portugueza*).

Os trabalhos de Anthero de Quental e Theophilo Braga iniciaram uma nova éra na poesia e na critica portugueza. Este movimento, porém, só dez ou doze annos depois se fez sentir no romance; e foi Eça de Queiroz o primeiro que apresentou em Portugal o romance *realista*, publicando a sua esplendida creação — *O crime do padre Amaro.*

Devemos notar, ainda que de passagem, que ás transformações litterarias, bem como á arte em geral, se póde applicar a theoria de Malthus sobre a População ou *a lucta pela existencia,* que Darwin já applicou aos sêres organisados (*Origem das especies,* pag. 4, da trad. franc.) e Theophilo Braga á sociologia (*Traços geraes de Philosophia positiva,* cap. v). Com esta theoria explicam-se todas as transformações que tem soffrido a arte através dos seculos. Não nos sendo possivel desenvolver aqui esta ideia, apenas diremos que, assim como só tem probabilidades de sobreviver o individuo que variar de uma maneira vantajosa para arrostar com a acção complexa do meio, tambem na litteratura só é vantajosa e duradoura a transformação que se fizer no sentido do progresso. Ora o movimento, a que nos vimos referindo, foi progressivo, tanto na ideia, como na fórma.

No estudo sobre *Os Sonetos* de Anthero já tentá-

mos determinar assim o alcance e a significação da revolta litteraria de Coimbra:

«As *Odes modernas,* inaugurando este periodo, iniciam tambem a regeneração da litteratura portugueza. Theophilo Braga com a *Visão dos Tempos* e as *Tempestades sonoras* toma uma parte egual n'este movimento. Surge a denominada *Eschola coimbrã* e a famosa lucta dos novos contra a litteratura official e a chefatura litteraria de Castilho. O prologo d'este ao *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas provoca os energicos protestos de Anthero de Quental e de Theophilo Braga — *Bom senso e bom gosto* e *As theocracias litterarias.* Já anteriormente o insensato prologo de Castilho ao *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro tivera um justo correctivo na Carta de João de Deus; o eminente lyrico, sendo o precursor da poesia moderna, foi tambem o primeiro a vibrar um golpe n'essa realeza litteraria.

«Esta revolução intellectual, que transformou a mentalidade portugueza e deu principio ao movimento litterario contemporaneo, é geralmente mal comprehendida. Não foi uma revolta contra a escóla romantica, na accepção verdadeira d'esta designação, mas sim a do proprio romantismo, que seguia a sua evolução natural, contra o romantismo falso, pretencioso e amaneirado dos mediocres companheiros e successores do grande Almeida Garrett. O lyrismo nacional sob a influencia do romantismo ostentou-se brilhante nas *Folhas cahidas* e na *Harpa do Crente.* João de Deus é o verdadeiro successor de Garrett e Herculano. Anthero de Quental e Theophilo Braga acceitam o lyrismo d'aquelle adaptando-o ás no-

vas necessidades da concepção poetica. Estes dois poetas, quando se deu a *questão coimbrã,* eram tão romanticos, como todos os poetas do seu tempo. Em vez de cahirem, porém, n'um sentimentalismo convencional e postiço, seguiram a corrente natural e progressiva, que pouco a pouco transformou o romantismo no profundo movimento naturalista de nossos dias».

As Epopêas da Humanidade na Poesia portugueza contemporanea

A arte nas suas manifestações particulares acompanha os progressos da humanidade, idealisando o que cada época tem de superior e caracteristico. Á poesia especialmente coube sempre a missão sublime de traduzir as emoções mais elevadas da intelligencia humana nos gráos successivos da civilisação. Só quem desconhece a historia da evolução esthetica, poderá negar a intima relação, que se constata entre todos os povos, da inspiração poetica com o desenvolvimento social, nomeadamente com a mentalidade de cada época, como uma reacção da vida especulativa sobre a vida affectiva das sociedades. Estão n'este caso os que affirmam ter passado a edade da poesia, e acharmo-nos em plena edade de prosa, como se os sentimentos se não modificassem e transformassem á proporção que se modificam e transformam as ideias. Semelhante affirmação não representa, porém, um facto isolado e de minima importancia; pelo contrario, tornou-se desde alguns annos opinião corrente, sobretudo desde que cahiu completamente em descredito

a eschola romantica ao sôpro vivificador do naturalismo, e que surgiram para a propalar e dar-lhe auctoridade vultos eminentes no proprio campo da poesia. Resulta uma tal aberração da ignorancia das leis sociologicas e do estado de indisciplina metaphysica em que ainda hoje se encontram muitos, diremos mesmo a maioria dos nossos litteratos e jornalistas.

O observador consciencioso dos phenomenos sociaes, o frio analysta dos factos historicos, o investigador das mutuas relações das cousas humanas, longe de sanccionar esse absurdo, verá que a poesia anda intimamente ligada ao desenvolvimento da intelligencia humana, dependendo da ordem superior das ideias, isto é, das que se referem á concepção do universo. Por detraz dos poemas épicos *Isdubar* (*Nanrutu*) e *Mahabaratha*, dos grandes monumentos hellenicos de Homero e Hesiodo, dos poemas classicos de Virgilio e Lucrecio, da *Divina Comedia* do Dante, do *D. João* de Byron ou do *Fausto* de Goëthe, como de muitos outros monumentos litterarios, descobre-se sempre um corpo de doutrina, uma philosophia, uma synthese cosmogonica, theologica ou metaphysica. Se percorrermos os annaes litterarios de todos os povos não depararemos com alguma obra poetica de cunho que não dependa mais ou menos directamente de qualquer systema de philosophia. Esta verdade é de tão facil constatação que não perderemos tempo em demonstral-a.

O nosso seculo que se distingue pelo fervor na investigação das verdades e nos esforços para a construcção de uma synthese positiva dos conhecimentos humanos,

arrastou a litteratura e a arte em geral para o naturalismo. A poesia tinha de seguir essa corrente, e como a revolução intellectual por que passa a humanidade é tão profunda que só se póde equiparar á grande transformação espiritual que precedêu o apparecimento da *Divina Comedia* de Dante, ella ha de erguer-se á altura de imprimir n'uma obra de arte sublime o vôo attingido pelo cerebro humano. Se a evolução philosophica negativista ou a duvida que resultou dos conflictos entre a religião e a sciencia encontrou a sua idealisação n'uma obra-prima como o *Fausto*, porque não ha de alcançar uma identica crystallisação esthetica o movimento intellectual do nosso tempo?

Augusto Comte, e como elle outros espiritos dos mais lucidos do seculo XIX, comprehendendo as relações da poesia com o desenvolvimento intellectual, previram a realisação de uma Epopêa da humanidade, annunciando-a, como o grande philosopho, ou tentando mesmo effectual-a, como Victor Hugo na admiravel *Légende des Siècles* e Edgar Quinet na sua brilhante trilogia.

Foram prematuras estas tentativas por não se ter realisado ainda a inevitavel evolução artistica do romantismo para o naturalismo. Porém tocaram de perto o ámago do problema. «O verdadeiro momento do drama, para os povos como para os individuos, escreve Edgar Quinet, é aquelle em que elles, discutindo pela primeira vez as suas crenças, se debatem no seio do Deus de seus paes entre a fé e a duvida. O homem não se torna um personagem tragico senão acceitando esta lucta com o eterno». N'outro ponto diz o mesmo auctor: «O ho-

mem não é senhor nem escravo da natureza; é o seu interprete e a sua palavra viva». D'estas palavras, em que intuitivamente Edgar Quinet lançou os germens da moderna phase poetica, facil é deduzir os caracteres fundamentaes de uma epopêa naturalista da humanidade. Eis a mesma ideia já expressa conscienciosamente em phrases positivas por um critico eminente: «O realismo moderno, escreve Pierre-Petroz, não consiste unicamente em reproduzir as fórmas, em representar os espectaculos que nos offerece a natureza, como muitos o suppõem, mesmo entre os espiritos cultos. Esta traducção exacta e *formal,* apesar de sua importancia não é senão o lado exterior e de algum modo technico. *Mas o que o caracterisa essencialmente,* o que lhe dá o seu verdadeiro valor e lhe marca um logar consideravel na historia da arte, *é que repelle de uma maneira absoluta, irrevogavel, toda a sugestão theologica ou metaphysica.* Afastadas as causas de erros ou de perturbações intellectuaes, ficam o mundo e a humanidade, fonte de poesia como de verdade» [1].

A epopêa que deve ser a obra artistica capital da civilisação contemporanea tem de ser necessariamente scientifica, philosophica, naturalista, como synthese suprema do desenvolvimento mental reflectindo-se no desenvolvimento affectivo da sociedade. Deve, portanto, abranger no seu conjuncto os resultados de todos os progressos e descobertas, tanto no campo das sciencias physico-

---

[1] *La Philos. pos.,* revue, vol. xx, pag. 245.

naturaes, como no das historico-sociaes. Taine, defendendo a alliança da sciencia com a arte, escreve: «O parentesco que liga a arte á sciencia é uma honra para ambas; é uma gloria para uma fornecer á belleza as suas principaes bases; é uma gloria para a outra o apoiar as suas mais altas construcções sobre a verdade» [1]. Absurda e disparatada é sem duvida alguma a apregoada incompatibilidade da arte com a sciencia. Porém a melhor demonstração de que é erronea uma tal affirmação, acha-se no facto, impossivel de contestar, de que a realisação da Epopêa da humanidade é o problema cuja solução mais preoccupa na actualidade os cerebros dos poetas mais eminentes da Europa, principalmente dos paizes occidentaes.

Todos sabem que os *Lusiadas* não foram uma manifestação esporadica da mentalidade portugueza, n'aquella época, mas o resultado de uma preoccupação artistica que germinava ao mesmo tempo em muitos cerebros e da qual a nossa litteratura possue não poucos documentos. Abrira-se espontaneamente um concurso entre os espiritos mais brilhantes d'aquelle seculo para a realisação do grande poema das navegações e descobertas maritimas. Egualmente na actualidade vêmos disputarem entre si os melhores poetas a corôa de gloria da composição da Epopêa da humanidade, com a differença que a liça outr'ora aberta apenas no seio da nação portugueza, se estende hoje a todos os povos, nomeadamente aos do

[1] *De l'ideal dans l'art*, pag. 26.

Occidente da Europa. Augusto Comte diz que o grande poema moderno partirá dos povos meridionaes, mas com preferencia da fecunda Italia, da patria de Ariosto, Tasso e Dante. Não sabemos se o futuro se encarregará de realisar a previsão, demasiadamente minuciosa, do immortal philosopho. O que estamos vendo é que o nosso paiz, cujo concurso para os progressos intellectuaes de nossos dias tem sido ephemero, mesmo nullo, se mostra fertil em concorrentes para a execução da epopêa da humanidade. Caber-lhe-ha essa gloria?...

Tres epopêas conhecemos nós em via de acabamento, a *Visão dos Tempos* de Theophilo Braga, grandioso monumento litterario quasi concluido, a trilogia de Guerra Junqueiro, de que está publicada a primeira parte *A morte de D. João,* e emfim *O Anti-Christo* de Gomes Leal, cujo primeiro volume só veiu á luz.

Dois processos se offerecem a quem tenta a arrojada empreza da Epopêa da humanidade: Synthetisar n'um só personagem toda a acção social através dos seculos e das civilisações, prendendo no mesmo plano as successivas phases da evolução, quer inorganica, quer organica e historica, ou synthetisar isoladamente cada época dos factos humanos, ligando-as entre si mais pelo encadeamento chronologico do que pela unidade de concepção. D'estes dois processos diz Theophilo Braga na nota que acompanha as *Miragens seculares:* «O primeiro consistia em tomar a Humanidade como uma entidade ideal e celebrar a continuidade da sua evolução encadeando em volta d'ella, como em uma biographia individual, todos os actos em que se tem conquistado e affirmado o

progresso humano. Este processo exige uma immensa abstracção synthetica...

«O segundo processo consiste em tomar as grandes situações da Historia pelo que ellas têm de dramatico, dando-lhes relêvo de modo que o sentido racional seja evidente como ideal que universalisa o facto, e como verdade que o torna bello. A idealisação por esta fórma é uma synthese em que a abstracção desapparece pela expressão concreta de um mytho consciente» [1].

Este ultimo processo, adoptado por Victor Hugo na *Légende des Siècles,* foi tambem o escolhido por Theophilo Braga para a sua epopêa. O outro processo, porém, tem a seu favor os exemplos da historia litteraria de todos os povos e o prender-se mais intimamente á tradição popular, o que o torna muito mais apto a influir no espirito publico. E esta mesma conclusão tira-se dos trabalhos criticos da historia da litteratura portugueza do grande escriptor, que affirma com inteira razão que tanto mais vital será uma obra poetica quanto mais fundas raizes tiver na alma popular. Os nossos estudos sobre os livros de critica litteraria de Theophilo Braga deram-nos a convicção da superioridade do primeiro processo sobre o segundo, apesar da nossa grande e justa admiração pelo plano extraordinariamente bello da *Visão dos Tempos.*

Este titulo, com que Theophilo Braga baptisou o pri-

---

[1] *Ob. cit.,* pag. 232.

meiro tentamen da sua epopêa cyclica da Humanidade, estendeu-o mais tarde á toda a obra como o definitivo. Foi em 1864 que veiu á luz esse primeiro volume, e no mesmo anno appareceram ainda as *Tempestades sonoras*, seguidas pela *Ondina do Lago* em 1865, e pelas *Torrentes* em 1869. O quinto volume, *Miragens seculares*, traz a data de 1884, e apesar do auctor dizer em nota que com elle fica realisado o pensamento de uma epopêa cyclica da Humanidade, sabemos que ha inedita materia para outros volumes, a qual provavelmente só virá a publico na edição integral, onde os poemas publicados e os ineditos serão coordenados de modo conveniente segundo a evolução *psychologica*, e de accordo com a série das civilisações humanas.

Coube á *Visão dos Tempos*, assim como ás *Odes modernas* de Anthero de Quental, a gloriosa missão de iniciarem a revolução na litteratura portugueza, que se estiolava vergonhosamente no romantismo falso ou degenerado dos pedantocratas thuribularios do poeta Castilho com a producção de poemas como o *D. Jayme* ou o *Poema da Mocidade*. O apparecimento do livro de Theophilo Braga, sendo a revelação de um talento superior, apanhou de surpreza a tribu do *elogio mutuo*, que no primeiro momento confessou espontaneamente a sua admiração pelo joven poeta; mas em breve a sympathia converteu-se em animadversão e aos applausos succedeu-se a guerra desapiedada, logo que perceberam que o novo escriptor em vez de pagar com reclames empolados o louvor incondicional, conservava a sua independencia em face de todos e de tudo. O escriptor, distincto desde

a sua entrada na arena das lettras, ergueu-se pelo estudo e pelo trabalho. Os seus detractores, pelo contrario, diminuiram de proporções, tornaram-se pequenos e humildes. Entretanto a mentalidade portugueza transformava-se.

A *Visão dos Tempos* deu-nos a conhecer o auctor; da sua leitura data o nosso enthusiasmo pelo poeta. Agora que já decorreram tantos annos e que a esse enthusiasmo se veiu juntar a admiração pelo critico, pelo historiador e pelo philosopho e a estima pessoal pelo professor e amigo, voltamos a consideral-o como poeta, mas inteiramente disposto pela frieza do raciocinio e pelo rigor dos methodos scientificos a julgar com independencia do merito real da sua obra e da razão de ser d'aquelle nosso enthusiasmo.

Estudaremos a epopêa no seu desenvolvimento, no seu plano e na sua execução poetica.

I. Theoria da epopêa cyclica da humanidade. — Para se comprehender a theoria da epopêa da Humanidade, que Theophilo Braga vem realisando desde a publicação do primeiro volume da *Visão dos Tempos*, e acompanhal-a no seu desenvolvimento desde a ideia fundamental até á concepção definitiva, convém lêr os prologos syntheticos com que abrem os volumes publicados entre 1864 e 1869, e a nota final das *Miragens seculares*. É nos prologos e na nota que se encontram os germens da theoria e os seus desdobramentos posteriores. A historia da epopêa será ao mesmo tempo a historia intellectual de Theophilo Braga, porque, nascendo no periodo metaphysico da juventude, completa-se no pe-

riodo positivo correspondente á edade viril. A influencia de Hegel dá origem á epopêa, fornece-lhe a ideia primordial do encadeamento cyclo das civilisações historicas [1]; a influencia de Vico ensina-lhe os processos de idealisação das edades passadas; e emfim a influencia de Comte, alargando-lhe e completando-lhe a ideia da epopêa humana, define-lhe o ideal da Humanidade. Assim a theoria, originariamente metaphysica, fortaleceu-se e integrou-se ao contacto da doutrina positivista.

Eis como Theophilo Braga comprehendia a poesia moderna, na *Generalisação da Historia da Poesia,* que serve de prologo á segunda edição da *Visão dos Tempos* (1869): «Desde Goëthe a poesia vae occupando a parte synthetica de reconstrucção, sobre o immenso trabalho analytico de todas as sciencias; é a poesia que nos póde fazer sentir viva a historia retalhada pelos annalistas, que nos póde fazer communicar com a natureza acanhada no laboratorio, que nos póde dar a fórma communicativa e universal das verdades e conclusões mais abstractas. A alliança da poesia com a philosophia, tal é o ponto de partida da ultima phase da Arte, encetada

---

[1] «Apartando-se do lyrismo vulgar exclusivamente inspirado pelo sentir e crêr da actualidade, o escriptor põe ao serviço de uma philosophia generalisadora a sua lingua poetica e os seus processos artisticos; foge á poesia individual e egoista, que parece haver produzido os seus melhores fructos, e pede á historia da civilisação universal as suas grandes recordações litterarias, baseando, aí, como em alicerce seguro, todo o edificio das suas concepções». *Leonel de Sampaio* (Pseudonymo de Vicente de Faria).

pelo seculo XIX — o *periodo metaphysico*»[1]. O espirito do poeta achava-se em plena phase metaphysica e assim considerava que o metaphysismo caracterisava a ultima phase da Arte, quando de facto a synthese de reconstrucção que se dava na philosophia e que devia necessariamente reflectir-se sobre a poesia era positiva ou naturalista. A alliança da poesia com a philosophia não era tambem, na sua accepção mais lata, um phenomeno caracteristico da phase artistica iniciada pelo seculo XIX, porquanto em todos os tempos a concepção do universo influiu e dirigiu a inspiração artistica, podendo mesmo avançar-se que por detraz de cada obra poetica se destaca um systema cosmogonico ou philosophico, desde Hesiodo até Leopardi, desde Homero até Victor Hugo. Se através dos versos de Leopardi se divisa o pessimismo de Schopenhauer, como através das poesias de Victor Hugo deparamos com o ecclectismo de Maine de Biran e de Victor Cousin; a ultima phase da Arte, inaugurada na segunda metade d'este seculo, será representada pela alliança da poesia com a philosophia, mas com a philosophia contemporanea, positivista, naturalista, evolucionista. Na moderna poesia portugueza, a philosophia de Hartmann deu um eminente lyrico em Anthero de Quental (*Sonetos*) e um notavel épico em Gomes Leal (*Anti-Christo*), e a philosophia da Historia de Hegel e Vico, reforçada e completada com a philosophia de Comte, produziu a grande epopêa cyclica de que es-

---

[1] *Ob. cit.*, pag. XI.

tamos fallando. Se Theophilo Braga errava na denominação da ultima phase da Arte, não se enganava emquanto aos seus principaes caracteristicos. Era isto devido á influencia salutar de Hegel e Vico, porque estes dous espiritos de eleição, aquelle na *Esthetica* e este na *Scienza Nuova,* foram na realidade precursores da systematisação das leis da historia effectuada mais tarde por Comte com a fundação da Sociologia. Assim se explica tambem a facil transição da phase metaphysica para a phase positiva, que poucos annos depois veiu a dar-se no cerebro do distincto escriptor. O poeta aproximava-se d'este modo das novas tendencias philosophicas e estheticas trazidas pelo desenvolvimento das sciencias. «O livro da *Visão dos Tempos,* escrevia elle, é um passo dado n'esta via: é uma recomposição animada e sentida dos argumentos frios e geometricos, a que chegaram os modernos iniciadores da sciencia da historia, é uma palingenesia, a reproducção do ideal que a humanidade tem formado pelo sentimento da natureza» [1].

O primeiro tentame, brilhante pela execução, foi muito restricto [2]. O poeta não tomou mais do que tres

---

[1] *Loc. cit.,* pag. XI.

[2] Anthero de Quental em uma correspondencia para o *Seculo XIX,* de Penafiel (n.º 11, 1864) esboça n'estas eloquentes linhas a impressão que lhe deixou o livro: «O auctor da *Visão dos Tempos* teve em vista apresentar-nos a historia da humanidade, resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano através das edades. Se o conseguiu absolutamente não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraisos, que a alma do

phases da evolução humana para as idealisar na sua poesia; formavam essas phases a «tricotomia mais caracteristica da poesia da humanidade», mas viriam a ser apenas tres élos da grande epopêa, porque com effeito não synthetisavam toda a marcha historica do homem através dos tempos e das civilisações. Representavam: «a poesia grega ou a fórma, o objectivo, o visivel» (*Bacchante*); a «poesia hebraica ou a adoração do absoluto, o invisivel» (*Harpa de Israel*); e a «poesia do

---

homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genesis, não é trabalho de um livro, nem de um poeta. Victor Hugo não o chegou a fazer na sua *Legenda dos Seculos*.

«Mas, que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade de um ou alguns d'elles. As edades que o poeta tocou com a sua vara magica erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveriam ser, verdadeiras, sentidas, levantam-se e apparecem brilhantes de realidade, movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade é facil; interpretal-a póde fazel-o a meditação; sentil-a, só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se aí tão serena, tão pura, tão alumiada pelo céo azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publíca alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos n'algum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deuses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos da Attica porticos, altares, estatuas, columnas, todas as fórmas se combinam n'uma só e unica ideia artistica».

christianismo ou a transubstanciação, a passagem do visivel para o invisivel, do real para o ideal subjectivo» (*Rosa Mystica*) [1].

Nas *Tempestades sonoras* alarga-se o quadro da epopêa, graças á influencia de Michelet (*Histoire de la République romaine* e *Origines du Droit français*). Se na primeira série da *Visão dos Tempos*, as manifestações poeticas da alma humana, nas suas principaes fórmas de voluptuosidade, de graça divina e de aspiração mystica dirigiram o éstro do poeta, na segunda série orienta-o a poesia do direito, como transluz do interessante estudo, que a acompanha, *Sobre a evolução da Poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a fórma*. As ideias contidas n'este prologo resume-as o illustre poeta n'este summario:

---

[1] Pinheiro Chagas, nos *Ensaios criticos*, descreve o effeito geral d'esta tentativa de epopêa humana:

«A ideia que presidiu á concepção da *Visão dos Tempos* é uma ideia tão audaz, que é já grande gloria para o poeta tentar a sua realisação, ainda que a não podesse levar ao cabo. Isso era impossivel. Parece-me que não cabe nas forças de um só poeta.

«Reproduzir na tela de um poema as differentes scenas do quadro cambiante da historia da humanidade, mas reproduzil-as como observador e não como actor, descrevendo-as, e não fazendo-as reviver em si proprio, pintando a sua differente physionomia, e não caracterisando-se a si mesmo com as feições de cada uma das épocas, debruçando-se elle, poeta do seculo XIX, sobre o abysmo das edades, mostrando-nos quaes eram as paixões, os sentimentos d'esses phantasmas que tumultuavam, revoluteando em turbilhão, no fundo do precipicio vertiginoso, e não pondo sobre o rosto, como successivas mascaras, os semblantes das figuras que nos mostra, tal

«1.º Harmonia do sentimento com a fórma, de modo que mutuamente se completam — *Arte classica*.

«2.º Desaccordo entre o sentimento e a fórma, que só o revela pela antithese — *Arte symbolica*.

«3.º O sentimento não podendo ser contido, ultrapassando a fórma contingente — *Arte romantica*». (Pag. xxx).

Essas ideias levam-no a idealisar o orbe romano (*As Ceias de Nero*), o mundo oriental (*A Peròla de Ophir, O Mastodonte* e a *Odalisca*) e a edade das aventuras maritimas (*O Rosario* e *A dôr do leite*). Com a *Ondina do Lago* entra na plena phase medieval, a época dos cyclos cavalheirescos, do culto da força e do amor. No prologo d'este livro estuda a *Poesia da historia nos cyclos cavalheirescos,* obedecendo á mesma or-

---

foi a ideia já immensamente arrojada, de Victor Hugo, quando traçou a epopêa colossal, a que deu o nome de *Lenda dos Seculos*. Elle mesmo confessou, comtudo, que a obra ficára incompleta, e que esses dous admiraveis volumes não eram senão o peristylo do edificio que elle ha de findar um dia.

«Mas a ideia do snr. Theophilo Braga foi mil vezes mais ousada. Admittindo que a poesia tem tido tres phases principaes, a poesia *grega,* a poesia *hebraica,* e a poesia *christã,* o poeta açoriano quiz-nos fazer palpar cada uma d'estas tres grandiosas manifestações. Quiz fazer vibrar successivamente as cordas da lyra de Anacreonte, as da harpa de Jeremias e as do alahude de Lamartine. Quiz sentar-se coroado de rosas no banquete pagão; quiz, escondido por detraz dos hombros dos juizes tremulos de voluptuosidade, contemplar a lasciva attitude, as fórmas provocadoras, a esplendida formosura da impudica Phryne; quiz ouvir, debaixo dos pampanos

dem de ideias, ás mesmas influencias doutrinarias. O volume das *Torrentes* termina a série de poesias do periodo metaphysico. O auctor diz que são «os ultimos versos» e explica: «não que desapparecesse a veia occulta que os produziu, mas porque elles vem fechar o cyclo poetico da *Visão dos Tempos*». As *Torrentes* não desenvolvem o plano anteriormente traçado, apenas trazem novas pedras para o edificio, dando-lhe para remate a *Vertigem do Infinito*, reminiscencias da vida de Goëthe. Assim em 1869 dava o poeta por terminada a epopêa cyclica da historia.

Mas a philosophia positiva, disciplinando o espirito do escriptor e fornecendo-lhe elementos para o seu talento desabrochar e mostrar-se em todo o vigor, levou

---

de Chio, as sublimes canções do velho cantor da *Illiada;* quiz provar o leite e o mel da hospitalidade antiga, e esquecido da actualidade, entoar tambem um canto em louvor dos deuses do Olympo. E logo depois, apenas tivesse vibrado a ultima nota do hymno mythologico, quiz revestir a tunica do propheta, empunhar a harpa das tristezas, debruçar-se sobre os rios de Babylonia, ou sentar-se ao lado do Evangelista, no rochedo escalvado de Pathmos. E, sem repousar na sua peregrinação, quiz percorrer triste e solitario as ruinas dos mosteiros, aspirar a sublime melancholia do claustro abandonado; quiz evocar na imaginação as sombras dos ascetas, conhecer o mysterio dos seus extasis, a poesia das suas vigilias, e perguntar á brisa que geme na solidão dos corredores lageados, o segredo das visões de Savonarola e dos arrobamentos de Thereza de Jesus! Quiz ser um, e ser tres. Quiz ser o lascivo cantor da Grecia, o austero propheta hebraico, o meigo poeta christão! Ideia mais arrojada não ha decerto, talento mais talhado para a realisar seria difficil encontral-o entre nós».

Theophilo Braga a revêr o plano primitivo da *Visão dos Tempos,* a alargal-o e a conformal-o com as indicações da nova doutrina, tanto em quanto ao ideal da Humanidade, como relativamente a uma melhor concepção da epopêa humana. A epopêa cyclica da historia converteu-se portanto n'uma epopêa da Humanidade ao sôpro creador da philosophia de Comte. Eis o destino da Poesia segundo o grande philosopho, no *Systema de Politica positiva:* «Ella cantará consecutivamente o poder material da Humanidade, o seu aperfeiçoamento physico, o seu progresso intellectual e sobretudo a sua perfeição moral. Antipathica a toda a analyse, a Arte nos explicará a natureza e a condição da Humanidade, representando-nos o seu verdadeiro destino, a sua lucta continua com uma dolorosa fatalidade, convertida em fonte de felicidade e de gloria, sua lenta evolução preliminar e suas altas esperanças vindouras». Para se conformar com a theoria positiva, Theophilo Braga não necessitou mais do que alargar os quadros do plano primitivo da *Visão dos Tempos,* dando-lhe uma nova coordenação, introduzindo novos élos nas séries publicadas e produzindo séries novas, afim de preencher o vasto plano de uma epopêa da Humanidade.

II. Plano da epopêa. — Acabamos de assistir á evolução do pensamento de uma epopêa, desde a primeira série da *Visão dos Tempos* até ás *Miragens seculares,* que são a quinta série. É occasião agora de considerarmos o plano definitivo.

A epopêa da Humanidade, como nós a comprehende-

mos, deve ser a synthese das grandes emoções humanas na nossa época, abrangendo de um lado a interpretação artistica de cada uma das phases que nos precederam e do outro a idealisação das aspirações que nos afagam a mente e que desejamos vêr realisadas n'um futuro proximo. Theophilo Braga viu a necessidade de conter a epopêa moderna todos esses elementos, mas synthetisando em particular cada um dos cyclos ou das feições predominantes da civilisação humana, desde as suas origens tradicionaes até ao estado normal da Humanidade. Em vez de reunir todos os elementos n'um só poema, ligou-os dogmaticamente por um encadeamento philosophico, sendo cada um representado por um poemeto distincto.

«A simples comprehensão da Historia, escreve Theophilo Braga no *Proloquio* das *Miragens seculares*, é o thema fundamental de uma vasta epopêa; a Historia — *a lucta da liberdade contra a fatalidade* — dá logar á seguinte trilogia:

«A Fatalidade, ou o conjuncto das forças naturaes que o homem teve de vencer: os instinctos e as instituições staticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e os odios nacionaes.

«A Lucta, ou o conjuncto dos esforços empregados para alcançar os progressos successivos na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilisação.

«A Liberdade, ou o momento em que o sentimento

e a razão, accordando-se no mesmo fim scientifico, tendem pela disciplina positiva a reunir o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição social as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica e metaphysica». (Pag. IX-X).

Nas *Miragens seculares* traçou Theophilo Braga o encadeamento dogmatico dos poemetos, dividindo a epopêa em tres cyclos — da fatalidade, da lucta e da liberdade — cada um dos quaes é precedido por um hymno — á Tradição, á Historia e á Philosophia [1]. O *Cyclo da Fatalidade* é representado por um poema intitulado *Os Seculos mudos*, comprehendendo cinco cantos: *Prima Deorum Tellus, Os Trogloditas, A Tetrápole, A ira de Deus* e a *Migração das Raças*. É a idealisação das épocas prehistoricas. O *Cyclo da Lucta* divide-se em duas partes — *Dilúculo oriental* e *A Aurora do Occidente,* subdivi-

[1] D'este livro escrevia Guilherme Moniz Barreto: «Superior aos outros volumes da série na concepção philosophica, esta collecção é em si um trabalho completo, e contém em resumo não só as ideias que inspiraram toda esta longa obra poetica, mas ainda o espirito geral da philosophia do auctor. Porque é condão da obra de arte exprimir com uma nitidez e concisão soberanas a verdade despedaçada pela laboriosa analyse scientifica ou penosamente organisada pela lenta generalisação philosophica. Se eu tivesse de escrever um estudo psychologico sobre Theophilo Braga, escolhia este livro entre todos os seus numerosos volumes, como o mais precioso documento de um tal espirito». (Na *Rev. de Estudos livres,* t. III, pag. 200).

«Este livro é a Epopêa da Humanidade; escrevendo-o, Theophilo Braga não saíu do campo das suas investigações da Historia; nin-

dindo-se a primeira em duas secções — *A Linguagem dos Mythos* e *Harpa de Israel*, e a segunda em quatro —*Antiguidade homerica, Orbe romano, Rosa mystica* e *Os Paladins do Amor*. Cada secção abrange varios numeros. Os poemetos publicados entre 1864 e 1869, isto é, nas quatro primeiras séries da *Visão dos Tempos*, entram n'este cyclo, á excepção da *Vertigem do Infinito* que pertence ao *Cyclo da Liberdade*, e dos dramas: *Auto por desaffronta* e *Poeta por desgraça*, publicados nas *Torrentes* e que o auctor excluiu do plano definitivo.

O *Cyclo da Lucta* é a idealisação das civilisações historicas que vêm desde o antigo Oriente até á edade moderna; faltam-lhe ainda alguns numeros que o illustre poeta tenciona incluir n'uma futura edição. Egualmente concluirá então o *Cyclo da Fatalidade* com o

---

guem mais bem preparado do que elle pela sua immensa erudição e pelas suas aptidões generalisadoras para esse trabalho.

«Desde o dia em que compoz o primeiro volume da *Visão dos Tempos* até hoje, elle não cessou de augmentar ou renovar o seu peculio intellectual, e esta obra é a corôa do vasto trabalho encyclopedico anterior». (Idem).

E concluindo sobre a indole do livro cujas partes estão subordinadas á solidariedade humana: «Mas essa larga sympathia que o inspirou na sua concepção do Futuro e no seu ideal da Vida, o habilitou a exprimir os sentimentos das épocas mais diversas, e fez comprehender ao seu espirito moderno e positivo as dolencias do mysticismo medieval. Possa a Poesia entrar no caminho aberto por um dos seus primeiros representantes e um dos seus mais vigorosos pensadores». (Idem).

augmento de alguns cantos. Entre os poemetos ineditos lembramo-nos dos seguintes: *A expulsão do Eden,* exprimindo o fim das concepções fetichistas, *Nectar e Necros* ou a morte de Abel, interpretada como acto de sacrificio religioso, e *O primeiro amigo* ou a domesticidade do cão.

O *Cyclo da Liberdade* é formado pelo *Banquete dos livres,* idealisação do negativismo do seculo XVIII, pela *Vertigem do Infinito,* a que já nos referimos, e pelos *Grandes gritos,* poemetos que são o protesto da consciencia humana contra as reacções do militarismo napoleonico no começo do corrente seculo. Para completar este cyclo faltam ainda dous ou tres poemetos, de que o eminente poeta possue os elementos, se porventura lhes não deu já a redacção definitiva, um relativo ao renascimento das nacionalidades occidentaes e á viagem de Byron pelas nações da Europa e á sua morte na Grecia, e outro ao desenvolvimento industrial da civilisação moderna. A este referia-se já Theophilo Braga na nota ás *Miragens seculares,* quando escrevia que o *Cyclo da Liberdade* «só poderá tornar-se completo tomando por thema a *actividade industrial* que caracterisa a edade moderna» [1]. A epopêa, segundo o pensamento do auctor, ha de terminar por um hymno á *Humanidade,* onde serão devidamente idealisadas as aspirações do cerebro humano para uma phase superior de civilisação, para o estado normal, que Comte denominou *Sociocracia.*

---

1 *Ob. cit.,* pag. 237.

Tal é o plano da epopêa cyclica da Humanidade, um monumento grandioso, que se acha quasi realisado, e cuja parte effectuada passamos a analysar seguindo a ordem definitiva dos poemetos que fica delineada.

III. ANALYSE CRITICA DA EPOPÊA. — O *Cyclo da Fatalidade,* primeira parte da *Visão dos Tempos,* abre com um hymno á *Tradição,* escripto em verso solto, o nosso antigo endecasyllabo cuidadosa e admiravelmente trabalhado, mas onde, apesar d'isso, o philosopho supplanta o poeta. Já não diremos o mesmo, no seu conjuncto, dos *Seculos mudos,* bello poemeto em alexandrinos, rimando dous a dous, onde se, n'alguns trechos, a erudição abafa a emoção poetica, em muitos outros o poeta eguala o homem de sciencia pelo sentimento da natureza, como no primeiro canto, *Prima Deorum Tellus,* notavel evocação á Terra, quando exclama:

O Tempo! o Tempo, o Tempo, o Tempo nunca exhausto,
É este o demiurgo, o Prometheu, o Fausto,
Que vagaroso fez o tellurico berço
D'onde o homem surgiu, no animal immerso.

(*Miragens,* pag. 25).

Ou mais adiante:

Varre a face da terra um vento aspero e fresco,
As aguas sécca, agita, e do horisonte afasta
Os nimbos que o vapor no horisonte empasta;
Varre o vento do alto os vastos continentes,
Arrebata em tropel folhagens e sementes,

O primeiro signal da migração dos sêres!
A vida se desdobra em festivaes prazeres;
Sobre a putrefacção para ninguem immunda,
O germen se organisa e o germen se fecunda;
A morte a produzir mysteriosa a vida!

(*Ibidem*, pag. 27).

Nos cantos seguintes — *Os Troglodítas, A Tetrápole* e *A ira de Deus* — Theophilo Braga poetisa de uma fórma surprehendente as épocas prehistoricas, insufflando vida nova ás tradições genealogicas da humanidade e interpretando os Mythos, quer dando-lhes o sentido natural, quer idealisando-os pela aproximação da sua expressão real. Assim Nuah (o *Noé* da Biblia) é o que dirige a barca da colonia errante, a Torre de Babel é o symbolo da alliança das Cidades, a Ira de Deus é o começo das luctas religiosas. A descripção do banquete cannibalesco que precede a eleição do novo chefe e o suicidio usual do velho Troglos, assim como a da fuga das raças diante dos degêlos, são trechos de poesia realmente scintillantes. O canto da *Migração das Raças,* epilogo dos *Seculos mudos,* escripto em quadras de alexandrinos, liga, por assim dizer, os tempos prehistoricos com os tempos modernos, estabelecendo a continuidade da civilisação humana:

Cada povo vibrou o grito de anciedade,
Esse grito de Ajax, dos Deuses contra a ira!
Na vastidão do tempo a Historia o repetira,
O ecco hoje se torna a voz da Humanidade.

(*Ibidem*, pag. 75).

Eis como elle termina. A alliança da poesia com a sciencia ficaria n'este poemeto solidamente firmada, se o não estivesse já ha muito, pelo menos desde Lucrecio.

A Historia, hymno que serve de introducção ao *Cyclo da Lucta*, segunda parte da trilogia de Theophilo Braga, está como *A Tradição*, escripta em verso solto, mas aqui o poeta e o philosopho unem-se mais intimamente pela belleza das imagens com que adorna a ideia philosophica, por exemplo:

E como a abelha que fecunda as flôres
Levando em si no incerto vôo o pólen,
Diffundiram os Arabes a Sciencia
Nos thesouros da Grecia recolhida.

(*Ibidem*, pag. 85).

A Linguagem dos Mythos, primeira secção do *Diluculo Oriental*, comprehende sete poesias. *Quando as pedras fallavam* (*Miragens*, pag. 87) é uma bella poesia em que o auctor se refere aos tijolos cobertos de caracteres cuneiformes da Chaldêa, e notavel sobretudo pela repetição typica em todas as estrophes do segundo verso:

Amolda o homem por sua mão o barro.

O Mastodonte (*Tempestades*, pag. 173), dialogo philosophico no deserto do Egypto entre a Pyramide e a ossada do Mastodonte, e *O pesadêlo dos tumulos* (*Miragens*, pag. 89), lamentos da Mumia contra a inercia em que a deixaram:

> ... fóra do cyclo da existencia,
> Muda como os mysterios de hierophantes,
> Immovel mais que a fixidez dos dogmas,

representam na grande epopêa a civilisação egypcia e são duas prosopopêas brilhantissimas [1]. *Primus in orbe fecit Deus timor* (*M. S.*, pag. 88), soneto aqui deslocado por idealisar a tatuagem, uso selvagem e portanto de época anteriòr a toda a historia, ficaria melhor encastoado em poesia de maior folego, como estão tantos outros do illustre poeta. Com *A Muralha* (*M. S.*, pag. 98) leva-nos o auctor á civilisação chineza, poetisando n'um episodio palaciano a causa do seu estacionamento.

A leitura da *Perola de Ophir* transporta-nos a um mundo inteiramente diverso; sahimos das trevas para a luz, do sepulchro para a vida, para o amor. A poesia severa e triste das cousas mortas, — da mumia e do esqueleto, da pyramide e da grande muralha — cede o passo á poesia da natureza luxuriante do Hindustão. Esta transição brusca, inesperada, é, devemos confessal-o, desfavoravel para as poesias de que anteriormente fallamos. Theophilo Braga deve, na edição definitiva, abrir para ella uma nova secção entre a *Harpa de Israel* e a

1 «O *Pesadêlo dos Tumulos* exprime essa extranha doença que affectou uma das primeiras civilisações antigas e feriu de morte tudo quanto os dons naturaes e os esforços proprios tinham accumulado nas margens do Nilo. A preoccupação da morte, que foi o traço dominante d'esse povo, está largamente exposta n'esse poemeto, que termina por um protesto contra os funebres dogmas do repouso e da immobilidade absoluta». (Moniz Barreto).

Antiguidade homerica. Idealisando a civilisação que nos seus primordios produziu os hymnos magestosos dos *Vedas* e no apogeo o maravilhoso drama *Sacuntala,* cabe perfeitamente ahi, como cyclo de transição para a poesia epica da Grecia.

A Perola de Ophir (*T. S.,* pag. 129) esplende como um brilhante do mais fino quilate; é um drama de amor nas margens do Cabul ligado ao symbolismo do annel esponsalicio. Que mimo e que paixão a d'este dialogo:

VAMADHEVA

Dá-me a conta das estrellas,
Dar-te-hei outros tantos beijos.

MAGHAVAN

Bella! as estrellas são tantas
Como eu sinto de desejos.

VAMADHEVA

Conta as areias dos mares,
Dou-te outros tantos abraços!

MAGHAVAN

Ai! as areias são tantas
Como a ti me prendem laços.

VAMADHEVA

Ganhaste a aposta tão cêdo!

MAGHAVAN

Porque não ris, e só córas?

VAMADHEVA

Teus abraços dilaceram,
Nos teus beijos me devoras!
(Pag. 151).

Têm a simplicidade ingenua da alma popular, mas tambem que sentimento e que grandeza! [1]

Vamadheva, encantadora filha de Virupa, o velho eremita que accolheu Maghavan ferido e desthronado, apaixona-se por elle e recebe secretamente o annel de esposa, mas violando o segredo promettido, pressente graves infelicidades. Tendo reconquistado o throno, Ma-

[1] « *Sémida* e a *Perola de Ophir* são duas glorias para o artista; mas a ideia religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entremostra n'essa pastoral e n'esse drama. — Theophilo Braga, no seu prologo, mostra perceber perfeitamente a poesia do Ganges, a intima ligação da natureza com todos os actos da vida, esse pantheismo tão differente do pantheismo grego, que em vez de personalisar os objectos inanimados, como o fazia a poesia hellenica, os conserva taes quaes são, e nem por isso deixa de lhes dar voz e alma ». (Pinheiro Chagas, *Ensaios criticos*).

ghavan envia uma embaixada a buscar a esposa, porém, quando Vamadheva chega, sabe-se que o rei não volta do campo da batalha, e julgando-o morto, ella apresta-se para se lançar á fogueira. O rei, no emtanto, volta no corcel a toda brida e chega ainda a tempo de a sustêr:

> Oh Vamadheva! oásis na existencia!
> Desce a meus braços! chama-te a agonia
> De vêr-te assim da sepultura á borda!
> Vem abrazar-te n'esta chamma ardente
> Do amor em que os teus olhos me inflammaram.
>
> (*Loc. cit.*, pag. 171).

Que esplendidos versos estes, com que fecha o poemeto!

A *Odalisca* (*T. S.*, pag. 179) é uma linda canção de amor insaciavel no gyneceu entre o eunucho e a grega captiva, que, como o poemeto antecedente, não se liga pela ordem de ideias com as demais poesias da *Linguagem dos Mythos.*

Á segunda secção, *Harpa de Israel,* pertencem outo poesias, sendo a primeira a *Stella matutina* (*V. dos T.,* 2.ª ed., pag. 125), na qual o poeta transforma o mytho para exprimir uma outra comprehensão do sentimento. A emoção poetica é bastante profunda. Cantam os córos suspensos nas alturas:

> Se o anjo mais puro e lindo
> Que esmalta o solio de Deus,
> Fica demonio — caíndo
> Lá dos céos:

Mulher! perdida nas trévas,
Chorando tua quéda assim,
Abre-se o empyreo e te elevas
Seraphim!

(*Ibidem*, pag. 128).

Na *Stella matutina,* como nos poemetos que a seguem, Theophilo Braga tenta imitar a poesia dos prophetas e dos sacerdotes da Judéa na sua abstracção religiosa e sublime. «Na poesia hebraica, escreve o auctor, ha o luxo de imagens como em toda a poesia do Oriente; mas só apparecem onde a palavra e o pensamento não podem seguir a abstracção». (*Ibidem,* Int., pag. XXVIII). N'alguns trechos d'esta idealisação semita o eminente poeta attinge a sublimidade que nos encanta no *Cantico dos Canticos* [1]. Assim na curta poesia intitulada *Na*

[1] Sobre este poemeto, escreve Pinheiro Chagas: «se Theophilo Braga se restringisse á imitação dos modelos hebraicos, não encontraria o segredo da delicadissima ideia da poesia a que deu o titulo de *Stella matutina.* Na poesia *Ave, Stella!* escripta no estylo imaginoso do Apocalypse, sente-se comtudo o sôpro da inspiração moderna, e são ideias de um poeta da actualidade as que se envolvem no manto riquissimo da phantasia hebraica». (*Ensaios criticos*).

Da *Stella matutina* escreveu Camillo Castello Branco: «É uma donosa e encantadora phantasia. A lagrima falla com Jehovah em termos tão ameigadores, que, por isso fica radiante estrella, engastada no empyreo. Quem, tendo céos á sua disposição, os não daria a uma lagrima que fallava assim:

Eu sou como o aljofre,
Vim de um profundo mar!
A angustia de quem soffre
Ao céo me fez voar.

torrente do Cédron (*T. S.*, pag. 125); assim principalmente no esplendido poemeto *A sombra do Propheta* (*Torr.*, pag. 1). Falla Cyro, o potente monarcha de Babylonia, á virgem de Sião:

«Jahel! Jahel, inclina-te em meus braços,
Como se deixa ao sol caír o bago
Das vinhas de Engadi na sésta ardente.
Vem! das formosas foste a escolhida!
No fulgor d'esse olhar abre-me a aurora.
É rico o ouro em pó que em teus cabellos
Espalharam aqui; rico o arminho
Com que quero elevar-te á realeza,
Mas é mais bello ainda o que me escondes!»

(*Ibidem*, pag. 8).

Eu sou a gota de agua
Do calice da flôr!
Caí! para tal mágoa
Venho pedir amor.

Eu sou a nivea opála
Que o sol já derreteu;
Venho servir de falla
Á dôr que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante,
Perdida na amplidão!
Subi, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha de Eva
Gerada em outro amor!
Caíndo, a dôr me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

«O fragmento é brilhante...»

No retrato da virgem de Sião ainda o poeta mais se eleva:

Como Jahel coroada estava linda,
Viva, dengue, engraçada, pequenina,
Quasi á altura de um beijo! os olhos negros
Incendiando a paixão, nadando vagos
Na humida pupilla adormecida!
Leve, flexivel como uma vergontea,
Era um pômo doirado pelas calmas
Do céo oriental; falta colhel-o:
Só não sabia o que era esse desejo,
Que deixa sempre uma anciedade n'alma.

(*Ibidem*, pag. 9).

Jahel canta os bellos threnos de *Samyaza ou o Amor dos anjos,* poesia do soffrimento, do mysterioso laço do Amor e Morte, onde o auctor se inspira na historia dos anjos que se esqueceram do céo pelo amor das filhas dos homens, a que se refere o capitulo VI do *Genesis.* O thema já servira anteriormente a Lamartine e a Thomaz Moore, mas Theophilo Braga dá-lhe uma outra interpretação, a nosso modo de vêr mais bella [1].

A Estrella dos Magos (*V. dos T.,* 2.ª ed., pag. 135), onde a lenda recebe o espirito novo; *Sémida* (*T. S.,* pag. 101), graciosa pastoral biblica em que o poeta idealisa a resurreição do filho da Viuva de Naím; *Ave Stella!* (*V. dos T.,* 2.ª ed., pag. 149), onde a inspiração apo-

---

[1] Este poema foi magistralmente traduzido em castelhano pelo illustre poeta Curros Enriquez.

calyptica de Pathmos é idealisada sob o ponto de vista da liberdade humana [1], e o *Fim de Satan* (*Ibidem*, pag. 169), nova concepção do Mal, são os poemas que Theophilo Braga põe a seguir á *Sombra do Propheta*, continuando com elles a caracterisar a poesia hebraica e o espirito de um povo que tanto veiu a influir depois nos destinos da humanidade. O *Deserto de Deus* (*M. S.*, pag. 95), ultimo numero da *Harpa de Israel*, synthetisa a vida historica dos judeus; o monotheismo egoista e solitario do povo eleito, condemnou-o á vagabundagem no meio das nações [2].

A *Antiguidade homerica*, primeira secção da *Aurora do Occidente*, abre um novo mundo poetico, onde em vez da abstracção religiosa, ha o culto da fórma, o goso pleno da vida, a mocidade eterna de que falla João Paulo Richter. A objectividade substitue a abstracção. Eis *A Bacchante* (*V. dos T.*, pag. 1), o poema admiravel, que deu a Theophilo Braga o justo renome de poeta distincto nos proprios arraiaes do romantismo. Como é grandiosa a evocação á Grecia com que abre o poema!

---

[1] Do poemeto *Ave Stella*, escreveu Camillo Castello Branco: «A mesma pompa de peregrinas fórmas, versos admiraveis, raptos esplendidos». (*Esboços de Apreciações*).

[2] «No *Deserto de Deus* está synthetisada a vida d'esse povo singular, que permaneceu n'um isolamento voluntario, e cujo genio tem a monotonia e a aspereza do deserto natal. Absorto na invenção do credo monotheista, e esgotando a sua seiva na actividade religiosa, elle não concorre ao immenso trabalho collectivo e harmonico que funda as sciencias, formúla as artes, as industrias, as formações sociaes». (Moniz Barreto).

Oh Hellade! irmã gemea da harmonia,
Lindo sonho do amor, virgineo seio,
Alva concha do mar, deusa engraçada,
Tens por nymphas as Cycladas dispersas,
É teu docel esplendido um céo puro,
Quando te ergues risonha e deslumbrante
Do azul da vaga ionia!
Oh Musa antiga,
São teus soltos cabellos, ondulando,
Sonoras cordas de maviosa lyra,
Tua falla é gemido de harpa eólia,
Tua alma o riso, a infancia, Anacreonte,
O beijo da poesia. És aureo cinto
Que em mimoso tropel confunde as graças!

Oh lirio sobre a lápide nascido
Dos seculos preteritos! floresce,
Abre o calice ás lagrimas da aurora,
Deixa aspirar-te o matinal effluvio,
Grecia, lirio singelo, immarcessivel.

O poema é o amor de Clytia e de Naïs. O pensamento que o auctor desenvolve encontramol-o n'estas palavras da introducção: «O *amor* é como a chlamyde de Djanira, que incendeia e devora o corpo de quem a veste; foi o *amor* que venceu a validez de Hercules, e a chamma que ao abrazal-o lhe fez sentir que se ia tornando um deus». (Pag. XIX). A perfeição inexcedivel da execução rivalisa com a dos melhores poemetos de Theophile Gautier, Theodore de Banville, Leconte de Lisle e dos parnasianos francezes. Vae, porém, além d'elles na emoção profunda que os anima. Confronte-se, por exemplo, a Grecia cantada por Theophilo Braga com a Gre-

cia dos poemetos de Leconte de Lisle, aquella luxuriante e transbordando de vida, esta de uma impassibilidade de morte, — uma Grecia fria e archeologica. O nosso poeta sentiu melhor a alma d'aquelle grande povo; sentiu-a talvez tanto senão mais do que Chenier [1]. Como brilhantes, engastados em joia do mais alto preço, ha n'este poema a *Nayade* (pag. 14), a *Hospitalidade antiga* (pag. 51), o *Cyclope* (pag. 81), poemetos em alexandrinos primorosos, e canções delicadissimas e inimitaveis como a *do marinheiro grego:*

> Já lancei ferro em Coryntho;
> Terra assim de gregas bellas
> Nunca vi!
> Por divas e por donzellas
> D'amor por todas, não minto,
> Me perdi.
>
> (*Ibidem*, pag. 19).

---

[1] Eis a opinião de Pinheiro Chagas sobre o poemeto a *Bacchante:* «É perfeitamente um poeta grego, e será difficil impregnar-se melhor do tom d'aquella litteratura, conhecel-a tanto a fundo, e possuir-se tão perfeitamente do assumpto que tratou.

«Amphinomo, o gentil cantor, que nas meigas horas da noite desferia na prôa da nave grega as doces canções cuja melodia tinha por suave acompanhamento o marulhar das leves ondasinhas azues do mar Egeu, é um typo perfeitamente hellenico, é uma d'aquellas graciosas physionomias de adolescente, de formosas e correctas feições, de longos cabellos ondeados, que tantas vezes nos apparecem nas pequeninas Odes de Anacreonte. Euryalo, o antiste, é uma nobre figura de ancião d'aquellas éras, tendo não sei que longes de simi-

e *á sésta:*

Estavas distrahida
No banho á tarde respirando aromas;
Ah, vi-te! hora de vida,
Eu vi-te; n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pomas
O corpo fluctuante.
(*Ibidem*, pag. 103).

Que rythmo voluptuoso o d'esta canção, cujas estrophes caprichosas terminam sempre pelo gentil retornello:

n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pomas
O corpo fluctuante!

---

lhança com a veneravel figura do pae da Cymodacêa dos *Martyres*, tão perfeitamente traçada pelo immortal Chateaubriand.

«Em todo aquelle delicioso poemeto, respira-se o puro ár da graciosa Hellade, da Hellade gentil, que o poeta evoca no principio com um enthusiasmo que bem prova que as predilecções do escriptor pertencem todas a essa terra bem fadada, a essa deusa tão formosa que surge, como elle proprio o diz, risonha e deslumbrante

Do azul da vaga ionia.

«Os episodios accumulam-se na *Bacchante*, e Theophilo Braga, tratando assumptos conhecidos, não teme competir com os maiores mestres da antiguidade. Assumptos mythologicos, que nas *Metamorphoses* de Ovidio estão tratados com a proficiencia, com a delicadeza, com o gosto do cantor sulmonense, trata-os de novo Theophilo Bra-

Esta canção, por si só, colloca Theophilo Braga, como lyrico, a par de Garrett, o sublime poeta das *Folhas cahidas*. As bellas poesias *Cascaes* e *Os cinco sentidos* emocionam tanto, e não mais, do que as canções *do marinheiro grego* e *Á sesta.* A corda do sentimento não póde ser vibrada com mais delicadeza [1].

A Velhice de Homero (*T. S.*, pag. 91) [2] e a *Infancia de Homero* (*Torr.*, pag. 39) poetisam as ideias de Vico ácerca do grande épico grego. Homero não existiu, diz o philosopho italiano, mas a Grecia toda falla d'elle, porque na *Iliada* e na *Odyssea* está o caracter da sua nacionalidade. Theophilo Braga mythifica as ideias consignadas por Vico na *Scienza nuova.* O canto de Naïs, na *Infancia de Homero,* mostra os rios, as cigarras, as brisas, as ondas, e as ilhas testemunhando a sua existencia:

Tudo fallava do sublime Aédo!

---

ga com o arrojo, a que não succede a queda vergonhosa que se devera esperar. O episodio de Semele, por exemplo, lê-se com gosto na *Bacchante,* mesmo depois de se admirarem os inimitaveis versos que Ovidio consagra a este assumpto».

[1] O critico brazileiro Belfort Duarte, transcrevendo todo este episodio do Banho, acompanha-o das seguintes palavras: « Que nitidez de inspiração! que ardencia de phrases! Que infinito de prazeres nos não acorda no espirito essa palavra arrebatada, desfallecida e sensual, que se abre a todos os encantos, como sorri aos toques avelludados do orvalho o calix a meio cerrado das flôres ».

[2] Camillo Castello Branco apreciava em extremo este poemeto: «Entre os restantes poemas das *Tempestades sonoras* ha um

mas o Vesuvio, symbolisando a voz do philosopho napolitano, vem perturbar o silencio:

> Não existiu Homero, foi um mytho,

elle clama; prosegue no emtanto o «placido concerto»:

> Nós o vimos! nós todos o sentimos,
> Disputâmol-o ainda em doce briga;
> Nós lhe démos o ser, dentro em nós canta,
> ALMA PARENS de toda a Grecia antiga! [1]
> (*Torr.*, pag. 50).

Com a *Fuga de Eschylo* (*M. S.*, pag. 104) termina o cyclico da poesia homerica. N'este poemeto aproveita Theophilo Braga um facto historico para a vulgarisação de novas noções moraes. É grande a ideia que traduz esta bella imagem:

> Nós ficamos o humus fecundante!

A segunda secção, *Orbe romano*, comprehende *As Ceias de Nero*, *O sepulchro de Virgilio* e *O Gladiador*.

---

que me parece o mais avantajado e digno de camaradagem por egual illustre. É a *Velhice de Homero*. Figura-se-me que estou lendo um dos mais insinuantes e magestosos episodios das *Legendas dos Seculos*. Um livro assim composto de peças d'este acume e primor, seria dignissimo do titulo de *Visões dos Tempos*».

[1] Este poemeto tambem foi traduzido em castelhano, pelo distincto poeta Curros Enriquez.

As Ceias de Nero (*T. S.*, pag. 1) representam a devassidão do imperio no seu maior auge. É esse um dos melhores poemetos da epopêa [1]. Celia, apaixonada por Licinio, que a despreza por amor de uma christã, Eurydêa, entrega-se ao sensual imperador afim de se vingar do seu amante, fazendo esta perecer no circo. O verso

---

[1] Do poemeto as *Ceias de Nero,* escreve Pinheiro Chagas: «As *Ceias de Nero!* Ahi temos nós a perola do livro. Que profusão de lyrismo! Como o poeta se compenetrou bem do espirito da época! como estudou Petronio, o cortezão devasso e satyrico, esse elegante Rabelais de uma época, em que o ridiculo é côr de sangue, e em que o látego, que a fustiga, toma por isso não sei que lugubre reflexo!

«As *Ceias de Nero!* que admiravel e que bem aproveitado assumpto! Que soberbo contraste o dos dous festins, o festim eucharistico do Agape christão, o festim dissoluto do palacio dos Cesares!

«Sim, é esse, devia de ser esse um dos banquetes, que inspiraram a Petronio o sublime e pungente quadro do *Festim de Trimalcião.* Devia de ser essa a agonia de Roma. Entre o vinho espumoso, as mulheres pallidas de lascivia, as rosas desfolhadas, os manjares requintados, sente Nero o cansaço, a fadiga! ...... Nero, imagem e flagello da Roma pagã, recosta-se cheio de tedio á meza do banquete. Nada mais póde inventar para erguer esse peso enorme de aborrecimento que o esmaga! Nada mais? Uns frouxos clarões começam a alumiar a um tempo os quatro cantos da cidade, depois vão estendendo a pouco e pouco os seus braços de fogo, afinal, soltando um rugido, apertam a si os edificios ingentes da Cidade eterna, e envolvem o Forum em um manto de chammas. E Nero, que vê, sorrindo-se, o marmore das torres e das estatuas tingir-se de reflexos escarlates, brada: Faço-te de novo rainha, oh Roma. Eis a tua purpura.

solto, sempre de uma correcção impeccavel, encant
vezes, como pintando Celia:

Para o banho se despe! Alvas roupagens,
Como a pétala avara se desdobra
E mostra a flôr setinea, luxuriante,
Deixam vêr perfeitissimos contornos,
Tumido seio, alvissimo de neve!

(*Ibidem*, pag. 22).

«Sigamos n'este ponto a magnifica descripção do snr.
philo Braga:

Pelas sombras
Da procellosa noite, luz brilhante
A vista absorta cega! As labaredas
Já famintas, no ár rubras fluctuam;
Era o incendio de Roma!...

«N'este poemeto ha uma vehemencia de lyrismo, um tã
feito tom da éra, que nos espanta. Desde o aposento de Celi
arêna do Circo, Theophilo Braga nem um instante só sente
xar-lhe a imaginação.

«Não desmentiria talvez Ovidio a descripção do apose
dama romana e da sua voluptuosa *toilette*. Intercalaria ufan
teaubriand nos seus *Martyres* o canto que se intitula as *Ho*
Agape, e Eudoro não desdenharia cantar a Cymodocêa, dep
seus combates contra os armoricanos, os combates dos he
Theophilo Braga contra os lusitanos do monte Herminio.
effectivamente um dos mais bellos episodios do poemeto...

«O *Festim de Trimalcião* produz no leitor o effeito do
dio do livro de Petronio, que dá nome ao canto de Theophilo
misturado com a impressão voluptuosa de alguma das eleg
lirantes dos *Amores* de Ovidio. É aquella verdadeiramente a
agonisante». (*Ensaios criticos*).

Camillo Castello Branco fez uma magnifica descrip
que elle chama «o brilhante poema das *Ceias de Nero*»: «Os

Intercalados no poema ha trechos lyricos de primeira ordem, como *O Pardalzinho de Lesbia*, o *Cantò nocturno do bairro de Suburra*, a parabola *Jesus peregrino* [1], o *Canto de Petroniò*, o de Licinio e acima de todos o *Brinde a Celia*, que não resistimos á tentação de transcrever:

Celia! na vida o thalamo,
Na vida — atro deserto,
É paraiso aberto,
Seio feliz de mãe!
Rosal todo aromatico,
Onde és vergontea airosa;
É luz, tu mariposa
Que n'ella caír vem!

---

dios da corrupção bracejam magnificos d'este enredo simples. O morrer do sybarita Petronio, á ordem de Nero, cioso de Celia, é bellamente expressivo do desprezo de uma vida repleta de gosos. A descripção do *Agape*, presidido pelo Bispo Fidus, é magestosa de religiosa uncção. O terror do Circo incutem-o versos de pungente energia. — Bem que poucas as linhas physionomicas de Nero são felizmente traçadas. — Celia é a romana da familia das Lesbias, sem nodoa de inverosimilhança. Está pintada a primor. A virgem Eurydêa, convertida ao culto de Jesus, respira o ascetismo christão e fervor do martyrio commum ás devotas martyres mais ou menos imitadas da Cymodoce de Chateaubriand. E o poema do snr. Braga esperta muitas lembranças dos *Martyres*, mórmente na catastrophe derradeira: similhança que por nenhum motivo desluz o merecimento da engenhosa urdidura do poema portuguez ». (*Esboços de Apreciações*).

[1] Da Parabola, á meza do Agape, escreve Leonel de Sampaio (Vicente de Faria): « Das lendas, onde na austeridade das fórmas e

Rôla engraçada e timida,
Vem ser puro holocausto!
Deixa teu peito exhausto
Pender no altar de amor!
Entremos! noite esplendida!
Oh, vem de olhos enxutos,
Troca por doces fructos
A pudibunda flôr!

São deliciosamente bellos!

O *Sepulchro de Virgilio* (*M. S.*, pag. 111) é a adaptação da lenda á expressão da synthese historica, a antinomia entre a Justiça e a Graça. Paulo, o apostolo, vin-

---

pureza dos sentimentos reverbera o espirito christão, a *Parabola* que o Bispo recita á meza do Agape tem evidentemente o cunho da Edade-média baixa, e a alguem ouvimos já censurar o poeta por introduzir nas Catacumbas de Roma uma narrativa de data relativamente moderna. É um agradavel anachronismo, que a nosso vêr se deve escusar, porque o respeito da exacção historica não é sem duvida rigor para o poeta, e eu não sei em que bocca ficaria melhor a relação d'essa perfumada narrativa do que na do primitivo prelado christão.

«O que sobretudo distingue a execução do nosso poeta é o mimoso e reluzente colorido que sabe dar aos seus poemas. — Admirador legitimo da *Divina Comedia,* talvez fosse aí que o auctor aprendeu tambem a dar ás suas melhores tiradas um laconismo fugitivo; e deprehende-se á mais ligeira leitura que a sua musa debaixo de um manto severo esconde as azas sempre dispostas a imitarem as da borboleta. Veremos se mais tarde irá aggregar-se á familia dos grandes poetas, que, mais felizes do que o Dante, tinham a servir-se de uma lingua feita, e podiam dar ás suas concepções um desenvolvimento e uma fixidade esplendida».

do a Roma prégar o Verbo novo, senta-se extenuado sobre o tumulo de Virgilio e chora por chegar tarde para conquistar

O melhor coração da antiguidade.

Mas uma voz responde-lhe:

Não vieste tarde! E vê se poderias
Ao maximo pontifice do *Justo*
Leval-o a crêr na *Graça* do Messias?

Não pudera esquecer a todo o custo
Essa harmonia eterna das vontades,
Pelo dogma de um privilegio augusto.

O ideal christão da *Graça* só poderia triumphar quando o grande ideal da *Justiça,* do Direito, ficasse de todo abafado sob a gangrena do imperio. Foi o que succedeu; o christianismo tornou-se romano quando a devassidão aniquilou todas as virtudes civicas, desenvolveu-se nas ruinas; transformou-se em catholicismo [1].

---

[1] «O *Sepulchro de Virgilio* é uma deliciosa poesia em que são postos frente a frente o principio romano da Justiça e o principio christão da Graça. O fundo tradicional do poema é uma lenda medieval, em que S. Paulo chora por ter vindo já tarde para salval-o. — Toda esta poesia tem por objecto a antithese d'estes dous factos. — Estes versos são singularmente bellos, o que se explica porque são a expressão de uma das convicções mais vivas do poeta». (Moniz Barreto).

«O estylo... torna-se de uma grande facilidade e energia, e chega mesmo ás vezes, como na poesia intitulada *O Sepulchro de Virgilio,* a achar a suavidade e a força dos mais bellos trechos das *Torrentes*». (Idem).

O *Gladiador* (*M. S.*, pag. 118), poesia em que Theophilo Braga synthetisa o reinado de Marco Aurelio e no vaticinio do Cimbro a invasão do imperio pelas raças do Norte, fecha o cyclo romano.

A terceira secção da *Aurora do Occidente* intitula-se *Rosa mystica* e representa a feição religiosa da Edade-média. Contém outo poesias. *A Vinha do Senhor* (*M. S.*, pag. 124), mythificação da influencia do christianismo sobre a civilisação occidental, distingue-se pela verdade philosophica que encerra. Com effeito a religião christã paralysou a vida intellectual e expansiva da Grecia e de Roma, foi como que uma embriaguez de vinho que a todos mergulhou na profunda lethargia da penitencia. O *Baptismo de fogo* (*T. S.*, pag. 189), filho da mesma ordem de ideias, é um poemeto finamente lavrado, no qual o distincto escriptor synthetisa a aberração moral do celibato, consequencia logica da doutrina christã, sem as declamações impertinentes dos reformadores do christianismo. Na *Alma mystica* (*M. S.*, pag. 131), delicadissima allegoria, concretisa o auctor a emoção dolorida da aspiração irrealisavel do amor [1]. Estaremos em erro interpretando-a como a queixa sentida da clausura, essa monstruosidade moral? *Dilexit multum* (*M. S.*, pag. 133), admiravel poesia em latim no genero dos hymnos christãos da Edade-média, quando a quantidade das syl-

---

[1] Foi traduzida em verso italiano por Marco Antonio Canini no *Libro dell Amore*.

labas foi substituida pelo accento e pela rima [1]. O thema é a negação da sepultura em sagrado aos suicidas pelas leis canonicas. Eis o terceto final:

Corpus, non fano sepultum,
Tenet palmam cor inultum,
Heu! quoniam dilexit multum.

O poemeto *Arabesco de uma janella gothica* (*Torr.*, pag. 51) foi inspirado por uma leitura do *Inferno*, con-

---

1 «Uma serie de poesias entre as quaes avulta a formosa composição latina *Dilexit multum*, pinta a dominação do Christianismo, e a conquista gradual dos espiritos pela enervante acção do mysticismo. A agil e fecunda intelligencia da Grecia, a austera alma de Roma, são successivamente attrahidas e vencidas até que finalmente a Europa não é mais que um vasto ataúde onde dorme esperando o despertar da Renascença o cadaver da nossa raça. Apesar de profundamente adverso ao espirito medieval, Theophilo Braga tem a felicidade de achar a linguagem propria para exprimir esses estranhos e doentios estados psychologicos, que foram os normaes durante os seculos que mediaram da queda do Imperio romano ao começo da edade moderna. —Algumas d'essas composições como a *Vinha do Senhor*, a *Alma mystica* formulam perfeitamente os pensamentos e as emoções do individuo humano em presa ao vago torpor e ás indistinctas aspirações do mysticismo». (Moniz Barreto).

Na *Revue indépendante, politique, littéraire et artistique*, n.º 6, apreciando-se as *Miragens seculares*, lê-se: «Especialisemos no coração do livro, no Cyclo da Lucta, *Dilexit multum*, poesia latina, que relembra o byzantino maravilhoso e que é escripta em tercetos de rimas triplicadas, como aquella que Baudelaire dedicou a uma modista erudita e devota».

forme nos conta o auctor (*Ibidem,* pag. VII). Dante, para salvar uma criança que se afogava no baptisterio de S. João de Florença, quebrou a grade, pelo que foi accusado de sacrilegio por seus inimigos. O baptismo, fonte de vida, segundo a crença, é innumeras vezes origem da morte, senão natural, pelo menos moral e intellectual. No poemeto uma pobre mãe vae confiadamente entregar ao sacerdote seu filho para receber a vida pelo baptismo, mas a criança escorregando das mãos do padre morre na piscina baptismal. Ás justas imprecações da mãe, no auge da dôr, responde a multidão, bestialisada pelo fanatismo, arrastando-a á fogueira. A poesia *Spasimo* (*V. dos T.,* 2.ª ed., pag. 179) reproduz-nos os extasis amorosos do monge artista na cella do mosteiro. A Virgem é o ideal dos poetas e dos pintores:

> Desce á terra, a meus braços docemente,
> Bella, como a sonhei no alto empyreo,
> Bella, como inda a tenho aqui na mente.
>
> É do celeste val candido lirio;
> Vem dar-me a respirar a essencia pura,
> Nardo santo das chagas do martyrio.

Suave recordação dos arrôbos amorosos de S. Francisco de Assis, de Santa Thereza, de Frei Luiz de Leon e de San Juan de la Cruz! *Savonarola ou o extasis do propheta* (*Ibidem,* pag. 187) synthetisa a Reforma. O Apostolo, no extasis prophetico que precede o seu supplicio, antevê o novo dia e tem esperança no futuro. Com o *Dithyrambo dos mortos* (*Ibidem,* pag. 209) ter-

mina a *Rosa mystica* [1]. N'este poemeto dramatisa o auctor as tristezas e os dissabores da clausura, onde tudo fallava de morte e penitencia quando o fogo da mocidade só pedia amor. As virgens do mosteiro antigo e abandonado levantam-se do tumulo por altas horas da noite, como no *Roberto o Diabo,*

> E em bandos vagam a pedir castigo
> Contra quem as arroja ao eterno somno,
> Revoltas folhas do gelado outomno.
>
> (*Ibidem*, pag. 212).

Os Paladins do Amor é o titulo da secção quarta, e representa o cyclo cavalheiresco e o das grandes navegações. São em numero de outo os poemas e poesias de que se compõe. A *Ondina do Lago,* poema n'um volume, abre a secção e idealisa o periodo medieval do heroismo e do amor [2]. É linda a *Invocação:*

---

[1] Escreve o critico Belfort Duarte, ácerca do sentimento da *Rosa mystica:* «ninguem comprehendeu e traduziu ainda em mais harmonioso lyrismo a essencialidade singela e meiga da musa christã. O sepulchro illuminou-se com a auréola radiosa da immortalidade, e cada homem resignou-se a abandonar o fardo das suas chimeras ephemeras ante os porticos eburneos da eterna vida. O cantico christão de Theophilo Braga ressôa-nos ao ouvido repassado dos sonhos e da embriaguez moral de uma alma que paira no imperio das harmonias; e a estrophe, tranquilla e funda, como que nos segreda o poema dos anjos». (*Correio Paulistano,* 1864).

[2] Ácerca da *Ondina do Lago,* escreveu Oliveira Martins, no n.º 2 da *Revista critica de Litteratura moderna,* pag. 7: «Ideia vasta, e póde dizer-se complementar dos dous primeiros livros, não

Oh languidas virgens dos sonhos da infancia,
Deixae essas valsas de magico ardor;
Que passa a guitarra gemendo com ancia...
Abri as janellas,
Eu canto de amor!

Seguem-se duas estrophes com o mesmo retornello: *Eu canto d'amor!* e a ultima com a variante: *Que eu morro d'amor!* O poema, escripto em verso solto, é a cada pagina cortado de trechos lyricos, principalmente

---

compromettia decerto a faculdade generalisadora do poeta; a *Visão* e as *Tempestades* eram as origens da civilisação moderna até ao estabelecimento do christianismo; a *Ondina* tomava ahi o mundo e conduzia-o através da Edade-média e da Renascença até aos dias de hoje. Os tres livros formavam uma epopêa».

Maxime Formont, no seu estudo *Le mouvement poétique contemporain en Portugal,* condensa em poucas palavras o effeito geral da *Ondina do Lago:* «La poésie chevaleresque se trouve concentré dans l'*Ondine du Lac,* l'histoire du jeune comte qui s'étant perdu à la chasse, s'endort de fatigue au pied d'un arbre, et entend dans ses rêves la plainte lointaine d'une fée, dont il devient amoureux. Après les vieilles salles d'armes, les tournois, les spectres voilés apparaissant au milieu d'un festin de noces, les jeunes filles changés en vampires, les châteaux enchantés où languit une vierge prisionière, la fôret de Brocéliande, où Merlin repose, la fôret des Ardennes, que l'Arioste et Shakespeare ont peuplée de leurs enchantements, nous voyons se lever, à travers les brumes d'or de la légende, l'Orient, voluptueux, terre des palmiers et des Fatimes, des brunes princesses que délivrent par amour les chevaliers captifs, oublieux de leurs femmes et ravis d'échanger pour quelque temps Alix ou Brunissende contre Leilah et Haydée. En verité, c'est un pêle-mêle très pittoresque: l'ermite ingénu rêve et prie dans sa grotte; Eghinard oublie aux pieds d'Emma de compter les heures de la nuit, si longues pour le docteur Faust dans sa chambre gothique; Charlemagne et

sonetos de um subjectivismo apaixonado [1]. Poema de aventuras no gosto medieval, tem descripções primorosas, como o cahir da noite, o torneio, o espectro, a peste negra, a Roma dos papas e a noite final do millenario, etc., e referencias ás lendas das feiticeiras e do Sabbat, do Judeu errante, do doutor Fausto, de D. Juan, de Merlin, do Dragão, dos Vampiros, etc. No *Satyro da Renascença,* notavel poemeto intercalado na primeira parte da *Ondina do Lago,* symbolisa Theophilo Braga de um modo pittoresco o choque da civilisação grega com a civilisação catholica, do ideal de vida e de gosos com o ideal de morte e de soffrimentos. É o advento de uma época de tolerancia pela influencia moral do paganismo. O Satyro, descollando-se da pintura da cathe-

Turpin s'entretiennent en se promenant au milieu des vergers fleuris; Ahasverus, là bas, passe avec sa grande robe et sa barbe farouche; Don Juan Tenorio fait rire et pleurer sa guitarre sous un balcon, où conduit, en chantant ses barcarolles, une jouvencelle qui s'est confiée à sa barque perfide et suivra jusqu'au bout le traître sur le fleuve du tendre». (*Revue mensuelle du Monde latin,* t. XXI, 8e année, pag. 42).

[1] Leonel de Sampaio, na sua critica perspicaz tinha já caracterisado esta feição lyrica: «Theophilo Braga, apesar da direcção dos seus dous primeiros livros publicados n'este paiz, é primeiro que tudo um poeta lyrico. Os seus estudos de philosophia podem chamal-o para o campo das abstracções, a historia da civilisação e das litteraturas passadas podem absorver as suas horas de trabalho, — más quem não vê que o seu genio lucta e bate as azas debaixo do peso d'essas graves meditações, preferindo á historia, á critica, á philosophia o vôo audacioso e liberrimo pelos espaços indefinidos da poesia lyrica?»

dral deserta, vae de noite ao clarão dos relampagos, correr a egreja e visitar os altares. Pára diante da capella de uma santa e, contemplando a imagem linda, exclama ébrio de amor:

Oh Numes,
Deuses da Grecia antiga, já não tendes
Culto d'amor e risos de alegria!
Como é que assim deixastes,
Sem ouvir os queixumes,
Roubar a casta nympha,
A mais bella, que viram vossos rios?

(*Ibidem*, pag. 61).

Visíta outras capellas, saúda de passagem o *irmão diabo* e vae ao altar-mór debruçar-se para dentro do tumulo de Jesus:

Oh! como póde
Chamar-se um Deus, o que não tem as fórmas
Da perfeição suprema?

(*Ibidem*, pag. 67).

Jesus, embrulhado no sudario, sáe pela chuva, pelo vento, a bater ás portas dos sacerdotes, mas no meio da orgia ninguem o ouve, ninguem o attende, e elle «compassivo, resignado, em silencio», volta de novo para o feretro. O Satyro então

De novo espreita, e ri com rir convulso:
«Ao menos sabes ser já tolerante!»

(*Ibidem*, pag. 69).

Na segunda parte da *Ondina do Lago* intercalou o auctor a engraçada historia de um Anachoreta tentado pelo Diabo, o qual lhe propõe o seguinte caso:

— Attende! eu quero que a razão me digas
Porque é que se não vê nos Santos Padres
Citado o espirro, que soltou a Virgem
Quando *Dominus tecum* disse o Anjo?

(*Ibidem*, pag. 149).

A canção do ecco (pag. 7), a relação do naufragio (pag. 74), o canto de Fatima (pag. 83), Bertha accalentando o filho (pag. 86), o conto da feiticeira: *Anninhas, Anninhas! vem cá, minha filha* (pag. 96), a barcarolla do remador (pag. 122), vozes de uma harpa eólia (pag. 126), a lagrima de Eva (pag. 130), a ballada do peregrino (pag. 180) e ao clarão da lampada (pag. 191) são peças lyricas de um lavor esmerado. Dos vinte e nove sonetos mettidos no poema, todos elles de uma correcção impeccavel e de um sentimento espontaneo, não sabemos a quaes dar a preferencia, desde os primeiros: *Porque te amo? Não sei, visão celeste* (pag. 9), *Dás-me a vida no olhar teu distrahido* (pag. 12), *A ostia santa occulta-se na urna* (pag. 13), *Não sei teu nome! como hei de eu chamar-te* (pag. 15), até aos ultimos: *Se não sabes amar, se amar não queres* (pag. 156), *Levo horas a mirar tua janella* [1] (pag. 161), *Se brincamos, amor, logo o receio* (pag. 169), *Sinto em mim a harmonia de um concerto* (pag. 170). Transcreveremos um ao acaso:

---

[1] Este soneto foi traduzido em allemão pelo dr. Wilhelm Storck na sua Collecção de poesias portuguezas e brazileiras (1250-1890) a pag. 205; traz o titulo *Vor ihrem Fenster*.

O que o psalterio diz! Dedos de fada
Percorrendo nas cordas levemente...
Cada som que suspira é confidente
Do amor que me desperta essa toada.

Vêr-te nos áres, languida, levada
Fóra do mundo, aérea! a pobre mente
Tresvaira, ouvindo a nota vehemente
Na vertigem do enlevo transportada.

Mal sabes que harmonias vás tirando,
Vibras cá dentro vozes interiores,
Que deliram por ti de quando em quando.

Vozes que se emmudecem pois são dôres,
Desvarios... não ouças! vae tocando,
Quero sonhar, sentir, morrer d'amores.

(*Ibidem*, pag. 93).

O lyrismo amoroso d'estes sonetos faz-nos recordar frequentes vezes o dos mais insignes poetas, taes como Petrarcha ou Camões.

O *Bravo de Uiraçába* (*Torr.*, pag. 57) é o poema das navegações portuguezas, esse segundo cyclo cavalheiresco do fim da Edade-média. Theophilo Braga ligou n'elle todos os elementos que caracterisam o apogeo d'essa época gloriosa, não esquecendo o veneno que a corróe e que em breve trará a decadencia — a influencia dos jesuitas. O lyrismo de alguns sonetos de amor e de outras poesias como *A Salve dos Mareantes*, a *Ave Maria*, e varias no genero dos romances populares não desmerece do juizo feito a proposito de outros poemetos. A *Phrase de Miguel Angelo* (*M. S.*, pag. 135), dous pri-

morosos sonetos em que se estabelece o contraste do amor ideal do artista por Vittoria Colonna com o amor febril de Paulo e Francesca descripto pelo Dante[1]; o *Poema de Camões* (*M. S.*, pag. 137), bella interpretação moral da restauração de Portugal pela tradição de Camões, idealisada no vaticinio de Philippe II; o *Riso de Cervantes* (*M. S.*, pag. 143), dramatisação philosophica da contradicção entre a doutrina de Jesus e a pratica da Egreja de Pedro pelo confronto com os devaneios de D. Quixote e o senso commum de Sancho; e emfim *A Confissão de Calderon* (*M. S.*, pag. 147), interpretação moral dramatisada da missão da Arte, continuam a idealisação do cyclo de transição do mundo antigo para o mundo moderno. Com as poesias *O Rosario* (*T. S.*, pag. 187) e *A dôr do leite* (*T. S.*, pag. 183) que cantam o soffrimento moral das mães, cujos filhos andam nas aguas ou são arrebatados para a escravidão, scenas de uma época de navegação e de conquista, termina Theophilo Braga a secção dos *Paladins do Amor* e fecha o *Cyclo da Lucta.*

O hymno *A Philosophia* (*M. S.*, pag. 151), que serve de introducção ao *Cyclo da Liberdade,* escripto como *A Tradição, A Historia* e muitos outros poemetos de Theophilo Braga em verso solto, é uma notavel allegoria em que nos pinta a Humanidade

[1] Estes dous sonetos acham-se traduzidos em allemão pelo dr. Wilhelm Storck, na collecção supracitada, n.os 192 e 193, a pag. 206 e 207, conservando toda a belleza do pensamento.

Na grande caravana da existencia,
Sem saber para onde, vae levada
Na corrente vital, por entre dôres,
Miserias, decepções, luctas e morte.

O endecasyllabo, sempre correcto, perde, comtudo, n'esta poesia muito do seu vigor poetico, quer por encerrar grande numero de phrases curtas, quer por coincidir frequentes vezes o fim da oração com o fim do verso, o que não é de bom effeito no verso solto. Theophilo Braga, inexcedivel geralmente na factura do verso branco, conhecendo melhor do que ninguem os segredos do seu rythmo, sacrificou n'esta poesia a fórma á ideia, como já fizera no hymno á *Tradição,* e como ainda o faz em parte no *Banquete dos livres.*

N'este poemeto — *O Banquete dos livres* (*M. S.*, pag. 157), soberbo pela somma de ideias que contém, synthetisa o illustre poeta e philosopho o negativismo do seculo XVIII e a aurora da Revolução. O banquete symbolico da communhão das novas ideias, da lucta contra

Reis e Padres! satanica alliança,

realisa-se nos salões do barão d'Holbach, no parque de Grand-val, tendo por thema

O Amor, o immenso amor da Humanidade.

Ao redor da mesa estão Diderot, Galiani, D'Alembert, Helvetius, Raynal, Buffon, Rousseau. Na palestra philosophica do canto primeiro distinguem-se como trechos poeticos — *O sonho do Oriente* (pag. 163), dramatisação

do advento dos prazeres moraes, *O prisioneiro* (pag. 169), expressão do sentimento de liberdade pelo desdobramento da imagem, e a *Parabola da semente* (pag. 176), mythificação do desenvolvimento das ideias novas. O canto segundo abre com a entrada de Voltaire no salão. O philosopho vem

> Pela tristeza immensa quebrantado

e annuncia que um grande terremoto subverteu Lisboa. É o prenuncio da Revolução:

> ... o enorme abalo
> Na alma moderna repercutiu, lançando
> Ao vacuo as ficções vans do theologismo,
> E as ôcas subjectivas entidades.
>
> (*Ibidem*, pag. 183).

Diderot saúda a éra nova. D'Alembert vê que é chegada a grande hora da lucta decisiva. Voltaire,

> ... o athleta da ironia,
> Que vem da segurança do bom senso,

vaticina a emancipação moral e religiosa. *A Barca de Pedro* (pag. 185) symbolisa esse facto. Diderot vê melhor; a emancipação politica ha de acompanhar a religiosa. Mas,

> O banquete de Holbach era o reflexo
> D'este banquete fraternal dos livres,

que se estendia á Inglaterra, á Allemanha. No canto terceiro, Kant, abysmado em funda e estranha meditação, traça a elaboração cosmica no esplendido poemeto

— *O Firmamento* (pag. 191), pelo desdobramento da imagem da lucta entre o Cosmos e o Cahos:

Como se abarcam dous athletas fortes,
Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,
Ambos eguaes no embate, como cohortes
Que se esmagam no espaço que as retêm,
Trocando os fundos córtes:
Cahos e Cosmos, soltos degladeiam,
Assim como os irmãos quando se odeiam,
Como no mytho lucta o Mal e o Bem!

(*Ibidem*, pag. 192).

A integração e a dissociação, os processos universaes de Herbert Spencer, são os idealisados n'esta lucta. Esta poesia, o melhor trecho, emquanto a nós, do *Banquete dos livres* [1], lembra-nos as seguintes palavras de Empedocles, onde de facto se encontra já resumida a doutrina evolucionista: «A vida terrestre está suspensa inteiramente das alternativas que conduzem o Universo esphérico, pela força do *Odio*, a uma dissolução crescente, ou pela força do *Amor* a uma formação organica, cada vez mais completa e mais perfeita». Theophilo Braga, attribuindo ainda a Kant a synthese suprema da unificação do cosmos e da consciencia, empresta-lhe no poema *A Fabula moderna* (pag. 202) da cigarra e a formiga, d'onde tira a expressão critica da Revolução franceza. O

[1] «... do meio d'estes cantos insurreccionaes e destruidores (do *Banquete dos livres*) destaca-se um hymno de uma serenidade e amplidão extra-humana: é a poesia intitulada *Firmamento*». (Moniz Barreto).

Banquete dos livres termina com o *Cantico das crianças* (pag. 210), saudação a Pestalozzi e a Frœbel, que se eleva das montanhas da Suissa como o annuncio do novo sêr moral.

A *Vertigem do Infinito* (*Torr.*, pag. 289), episodio da vida de Goëthe, idealisa o culto da arte moderna, a sêde insaciavel do ideal que supplanta e abafa todos os outros sentimentos [1].

Os *Grandes gritos* (*M. S.*, pag. 212) cantam a regressão do homem livre ao bruto sanguinario, isto é, ao militarismo canibalesco de Napoleão. Comprehende: *A sepultura do Heroe* (pag. 212), *Napoleão moribundo* (pag. 216) e *Os semeadores da Peste*, todos os tres cantos com a fórma estrophica dos *Lusiadas* e cuidadosamente trabalhados. No primeiro, Napoleão escolhe para tumulo o leito da civilisação que tenta desviar do seu curso regular. No segundo, elle, acordando de um somno largo e pesado, quasi na agonia da morte, conta a Las

---

[1] «Em todo este poema, onde a meiguice do lyrismo vem casar-se com o sarcasmo das gargalhadas mephistophelicas, respira-se não sei que perfume de poesia vaga, que faz lembrar as paginas do *Fausto*, e de que tanto se resentem os escriptos do snr. Theophilo Braga...»

«Se ha cousa, onde devéras deva comprazer-se a alma do snr. Theophilo Braga, é decerto n'aquelles devaneios vagos do mundo phantastico de Goöthe, n'aquella lucta incessante entre a cabeça e o coração, entre o espirito e a materia, entre a razão e o absurdo, entre o fervoroso da crença e da vertigem diabolica da ambição, entre Fausto e Mephistopheles». (Olympio de Freitas, na *Gazeta de Portugal*).

Casas o sonho terrivel que acaba de ter e no qual a sua missão destruidora e reaccionaria se symbolisa n'um bloco enorme, que cahindo interrompe o trabalho dos mineiros do progresso. No terceiro e ultimo canto, como os miasmas infectos de cadaver, a lenda militar, propagada inconscientemente, traz o segundo imperio — e os dias nefandos de *Dous de Dezembro* e de *Sédan*. Com estes poemetos — *Os grandes gritos* — termina a parte publicada da *Visão dos Tempos* [1].

---

[1] Gomes Leal, pretendendo arrogantemente empunhar o labaro da poesia naturalista, é injustissimo com os que entre nós o precederam no caminho da arte moderna. Se é de todo sensata a sua severidade de critico para com os nossos pseudo-parnasianos, cuja mediocridade de espirito eguala a insignificancia das producções, é, pelo contrario, censuravel quando envolve n'um silencio desdenhoso poesias de merito real como as que formam a epopêa da humanidade de Theophilo Braga. O illustre poeta não tem razão, portanto, quando affirma que: «As velhas noções que a Poesia tem sobre o Cosmos, sobre as forças physicas, sobre as leis naturaes, não têm sido renovadas desde Delille, e cheiram algum tanto ao musgo das ruinas, onde se estendem para a lua religiosa dos descampados os braços verdes das hervas». (Pag. 354). A revolução por que vem passando a poesia portugueza desde 1868 não permitte que se avente semelhante proposição, sobretudo desde que o Romantismo cahiu em completo descredito, tendo tido os ultimos vates do lyrismo, a que podemos chamar official, o bom senso de calar as suas emoções de um convencionalismo chôcho. A poesia actual, *a poesia da moda*, seja-nos permittida esta expressão — com excepção de raros mestres — é desgraçadamente outra cousa; as noções que tem ácerca do Cosmos, das leis naturaes ou das forças physicas, não são as de Delille, nem as de qualquer eschola philosophica antiga ou moderna; simplesmente, não tem ideias. Gomes Leal, no seguinte paragrapho,

Quando virá o hymno da *Humanidade* pôr o remate indispensavel a este monumento grandioso? No meio da sua elaboração scientifica e philosophica, nunca abandonou o plano da Epopêa humana [1]. Comprehende-se.

---

constata esta verdade: «Tendo uma esmagadora ausencia de ideias, é certo, mas uma paciente correcção geometrica, tem proclamado a Sciencia como um obstaculo á inspiração». (Pag. 354).

Contra esta idolatria da musica da palavra, ou da arte pela arte, insurgiram-se os poetas para quem a Poesia não é simplesmente um passatempo honesto e para os quaes ella tem um grande destino social. A phrase de Montaigne que o auctor do *Anti-Christo* toma agora por divisa, foi para elles um preceito: *Si j'étais du métier je naturaliserais l'art, comme ils artialisent la Nature.* Gomes Leal segue o caminho aberto já por M.me Ackermann (cujos versos admiraveis injustamente condemna como insipidos n'um artigo que ha pouco tempo nos cahiu sob a vista), por Joaquim Maria Bartrina, por Sully-Prudhomme, por Manoel Acuña, por Theophilo Braga, por muitos outros, quando reconhece que «a consciencia artistica requer hoje mais alguma cousa do que a plasticidade de linguagem: — mais exigente, quer a analyse: mais observadora, quer a naturalidade. E, depois da naturalidade, vem como consequencia philosophica, o naturalismo».

[1] Oliveira Martins caracterisa assim a execução da epopêa humana de Theophilo Braga: «Mas o quadro é immenso, e para representar em vultos e em scenas que são symbolos as evoluções do facto e da ideia, carece-se de uma percepção agudissima das minimas caracteristicas, de um conhecimento exacto de todas as circumstancias, porque é d'esse conjuncto de feições que ha de surgir o ideal. Esculpia a estatuaria grega um Jupiter: não era o retrato de um homem perfeito, era a perfeição concretisada. No symbolo historico é o mesmo, mas a difficuldade é maior: retratar especificadamente os caracteres é amalgamar; estudal-os e sobre elles crear a personificação é fazer o Jupiter. Além da difficuldade da synthese, maior,

N'elle realisa o poeta o pensamento de Comte: « *l'ensemble du positivisme n'ayant désormais besoin que de l'essor poétique* ».

---

por mais complexa, accresce a da execução. Nas artes plasticas de um mesmo jacto o artista creou e compoz; na poesia cumpre que o symbolo retrate preeminentemente a ideia, sob pena d'ella apparecer um amphiguri, uma charada... — A poesia collectiva é a verdadeiramente moderna; o prefacio da epopêa do seculo XIX é a philosophia da historia... só baseado sobre o conhecimento exacto da collectividade póde o poeta conceber o ideal. — Carece de uma força de imaginação que, recebendo todos os factos, seus caracteres e feições, a todos synthetise e personifique, reproduzindo depois com a penna, com o pincel ou com o escôpro, o ideal supremo. O que assim fizer será o verdadeiro artista.

« Não é dizer com isto — seria absurdo — que o artista tem de possuir uma erudição encyclopedica; não é assim. Mas sciencia exacta do passado e mais ainda do presente, comprehensão firme da critica collectiva actual, sobre o dia de hontem e sobre o dia de ámanhã, conhecimento da tradição que nos anima e da aspiração que nos guia, ha de forçosamente tel-os.

« Isto comprehendeu Theophilo Braga, e é por isso que os seus poemas são verdadeiras obras de arte ». (*Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro,* pag 7 e 10).

Em um estudo de Maxime Formont, intitulado *Le mouvement poétique contemporain en Portugal,* publicado na *Revue mensuelle du Monde Latin* (1.º de maio de 1890) aprecia-se assim o effeito geral da epopêa humana: « On trouve dans ces volumes une grande fraicheur d'imagination, unie à une facilité remarquable à comprendre et à réflóter en vers enthusiastes l'âme des différentes civilisations. Dans son impétueuse avidité, le jeune poète, affamé d'idéal historique et romanesque, s'empare à la fois de toutes les traditions, de toutes les légendes, de tous les symboles, éternels éléments de fantaisie et de rêve que nous offre le passé. Par là se justifie ce titre encyclopédique: *Vision des Temps* ». (Tome XXI, 8ᵉ année, pag. 42).

III

Actividade scientifica

A mentalidade humana, quer se considere no individuo, quer na collectividade, segue no seu desdobramento uma lei uniforme: primeiro, o espirito é solicitado pelo lado exterior, concreto, apparente das cousas, e desenvolve-se n'uma actividade esthetica; depois, dirigido pela observação analytica, abstracta e real dos phenomenos, dispersa-se n'uma actividade scientifica; e por ultimo, elevando-se ao methodo synthetico, exercita-se n'uma actividade philosophica.

Com Theophilo Braga deu-se esta evolução. Ella nos explica a vasta e complexa obra do poeta, do publicista e do pensador; e ao mesmo tempo nos offerece a base para a coordenação dos seus trabalhos sob um plano geral.

«Attrahidos ainda na adolescencia para esse lyrismo pessoal pervertido pelo Romantismo, escreve o illustre

homem de lettras no proemio ao *Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições,* viemos a conhecer que existia uma poesia mais profunda do que as emoções do momento, revelada nos conflictos da humanidade que accentuam a sua evolução na historia. Entrando n'esta via, em que traçámos o esboço de uma Epopêa humana na *Visão dos Tempos,* a idealisação do passado fez-nos comprehender os documentos persistentes da sua poesia, as tradições transmittidas na voz do povo. Immediatamente começámos a accumular os materiaes do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* aproveitando o contacto com toda a mocidade portugueza na frequencia da Universidade de Coimbra. Obedecendo a esta seducção, escolhemos para a nossa these de doutoramento em direito, os *Foraes,* documentos tradicionaes do direito local e consuetudinario; o estudo da jurisprudencia foraleira fez-nos encontrar numerosos vestigios de costumes na vida actual do povo, e abundantes symbolos juridicos nas cantigas e romances oraes. Por esta fórma achamos o lado vivo das instituições locaes, e ao mesmo tempo a importancia historica contida nos factos apparentemente insignificantes alludidos nos cantos do povo portuguez. Estava achado o nosso criterio, e portanto o interesse artistico convertido em seriedade scientifica».

Eis como Theophilo Braga nos explica a passagem da actividade esthetica para a actividade scientifica. Como elle, anteriormente, tambem o grande poeta Almeida Garrett foi impellido pelas suas elevadas aptidões estheticas a sentir particular predilecção pelas reliquias

oraes da antiga poesia popular, d'onde extrahiu uma tempera finissima para o seu lyrismo pessoal. Mas não se ergueu acima da attracção artistica; desconheceu inteiramente o criterio scientifico e por isso deixou-se facilmente arrastar á contrafacção do romancinho a *Adozinda*.

A concorrencia dos estudos litterarios, para que o chamava a sua aptidão, com o regular seguimento do curso de direito, provocou em Theophilo Braga o interesse pelas manifestações da alma popular na symbolica do direito consuetudinario, cuja intima relação com a arte e com a religião começou a determinar na *Poesia do Direito* e pouco depois na *Historia do Direito portuguez*, que tomou por thema da sua dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas.

Diz o illustre auctor no proemio citado: «A relação entre os Foraes do seculo XIII e os romances populares actuaes estabeleceu-se no nosso espirito, pelo encontro frequente de numerosissimas referencias dos principaes romances nas obras dos escriptores quinhentistas Gil Vicente, Prestes, Sá de Miranda, Jorge Ferreira e Camões. Avançando constantemente, e sentindo, comprehendendo a expressão do nosso genio nacional, organisámos então a *Historia da Litteratura portugueza*, onde cada escriptor seria julgado segundo a intuição que teve das fontes tradicionaes de que mais ou menos conscientemente se aproximou. Assim pelo estudo dos cantos do povo é que comprehendemos o que havia de caracteristicamente nosso nos Cancioneiros provençaes portuguezes, considerados por Wolf como imitações sem caracter nacional;

pelo estudo das superstições é que conhecemos as origens de alguns Autos de Gil Vicente, onde este homem de genio dramatisou costumes populares, como no *Triumpho do Inverno*. Pertence tambem a esta ordem de estudos a observação da persistencia ethnica das raças peninsulares, base do nosso esboço sobre os *Elementos da Nacionalidade portugueza* e da *Historia de Portugal* em que trabalhamos».

A actividade scientifica do eminente escriptor, principiando a exercitar-se no estudo das tradições nacionaes e da poesia popular, desdobrou-se successivamente na consideração dos varios elementos da revolução occidental, analysando e acompanhando a sua evolução, sob cada um dos aspectos, na historia da Civilisação portugueza. Á medida que avançava, nas suas investigações historicas, ia alargando e aperfeiçoando o plano dos seus trabalhos, cuja systematisação só se completou depois de abandonar de todo a orientação metaphysica da cultura universitaria pelo conhecimento da synthese philosophica de Augusto Comte.

A Philosophia positiva deu a Theophilo Braga uma força extraordinaria, adaptando-se admiravelmente ás tendencias systematisadoras da sua intelligencia; «se alguma cousa nos incita ao trabalho, diz o illustre escriptor no fecho do seu preliminar á *Historia da Universidade de Coimbra,* é o que ordinariamente se despreza, — é o espirito de systema, que Voltaire exige como convergencia de toda a actividade». Ora a synthese doutrinaria de Comte satisfaz cabalmente a esta necessidade intellectual.

Acceitando a orientação do Positivismo não teve Theophilo Braga de mudar de rumo; apenas reorganisou e harmonisou as suas concepções do periodo metaphysico, porque desde os seus primeiros passos na litteratura fôra sempre dirigido pelo criterio historico de Vico e de Hegel, verdadeiros precursores do fundador da Sociologia. Um e outro annunciaram e prepararam o advento do estudo scientifico da humanidade, — Vico com os seus brilhantes pontos de vista systematicos, em que já se manifesta o sentimento intimo das leis sociologicas, e Hegel com o primeiro systema completo de uma philosophia da arte.

Portanto a influencia de Augusto Comte veiu ratificar o criterio historico e dar-lhe o valor de processo scientifico. D'ahi o superior alcance que tomou a obra litteraria de Theophilo Braga.

A sua actividade scientifica, sob a direcção salutar da Philosophia positiva, dispendeu-se na accumulação de *Materiaes para a Historia da Civilisação portugueza*. Este vasto estudo tem sido feito por Theophilo Braga sob varios aspectos, mas sempre relacionado com as transformações que caracterisam a historia moderna. A influencia e a acção de Portugal no conjuncto da civilisação, apesar da sua exiguidade territorial no continente, só assim se podiam definir. A historia moderna, ou o periodo que vem desde o fim da Edade-média até á Revolução franceza, é abrangida pela decomposição dos dois Poderes e sua recomposição empirica e incompleta. Estes grandes problemas, escreve Theophilo Braga, «acham-se implicitos nos factos do desenvolvimento in-

tellectual e scientifico, emquanto á parte *espiritual,* e nos factos do estabelecimento da ordem politica e economica, emquanto á parte *temporal*». (*Historia da Universidade,* preliminar, pag. VII). A dissolução do Poder espiritual da synthese theologica e a queda do militarismo ou do regimen feudal têm-se effectuado simultaneamente, tendendo aquelle a ser substituido por outra fórma, quer critica, quer scientifica, e este pelo predominio da actividade industrial, começado com a dictadura monarchica e com o advento do proletariado á vida civil.

«Esta revolução, que ainda não está terminada, escreve Theophilo Braga (*Ibidem,* pag. XIII), caracterisa-se principalmente como *intellectual* e *social;* e por certo uma das causas que até hoje tem embaraçado o seu advento á edade normal, póde attribuir-se ao abandono ou subalternidade em que junto a esses factores especulativo e activo ficou o elemento *affectivo,* cuja presidencia fizera da Edade-média uma época fecunda de reorganisação».

Na Civilisação portugueza tem Theophilo Braga estudado os tres elementos, o *affectivo,* o *intellectual* e o *social,* correspondendo cada um d'elles a uma importante série de materiaes critico-historicos.

O elemento *affectivo,* «que provocava a elaboração dos themas tradicionaes das Litteraturas modernas, supplantado pelo prurido da imitação classica da idealisação polytheica» (*Ibidem,* pag. XV), acha-se tratado nos numerosos volumes que formam a *Historia da Litteratura portugueza.* O elemento *intellectual* da Revolução occidental, representado de uma maneira assombrosa

pela «intelligencia portugueza cooperando na actividade dos espiritos no fim da Edade-média» (pag. XIII), e dando ao mundo os principaes humanistas da Renascença a par dos audazes navegadores e dominadores de vastos continentes, encontra-se admiravelmente estudado na *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrucção publica portugueza.*

Emfim o elemento *social* da grande crise européa, que em Portugal se revela principalmente no facto de que «uma pequena nacionalidade retoma a importancia capital nos destinos da humanidade, como impulsora da sua marcha definitiva e pacifica, quando na Europa acabavam as guerras privadas», está sendo analysado na *Historia de Portugal* que Theophilo Braga traz em elaboração e foi já em parte determinado nos *Elementos da Nacionalidade portugueza,* relativamente ás origens, e nas *Soluções positivas da Politica portugueza,* pelo que respeita ao actual momento historico.

Partindo do estudo das tradições nacionaes e da poesia popular, o espirito do grande escriptor disciplinado pela Philosophia positiva, elevou-se á comprehensão da enorme importancia da Civilisação portugueza, coordenando em tres corpos litterarios os factos mais complicados da categoria affectiva, intellectual e social.

Mas ao mesmo tempo, os trabalhos ethnologicos, conduziram pela *Poesia do Direito* e pelos *Foraes* ou *Historia do Direito portuguez* para os estudos da Sociologia, onde se exercitou a actividade philosophica de Theophilo Braga. Filiam-se n'esta transição os seus livros *Origens poeticas do Christianismo* e *Lendas*

christãs, onde applica o methodo historico comparativo á Religião, estudando-a nas suas relações com a alma popular, como um facto humano, sujeito a todas as modificações do ambiente social [1].

Traçada assim a genesis da vasta obra do eminente escriptor e coordenados sob um plano geral os *Materiaes para a Historia da Civilisação portugueza,* pas-

---

[1] Em um juizo critico sobre os *Estudos da Edade-média*, o snr. Oliveira Martins accentuou nitidamente, em 1870, a acção litteraria de Theophilo Braga: «Os seus estudos apparecem como uma grande teia nebulosa, incoherente, muitas vezes indecifravel... mas revela-se alli um trabalhador notavel, um talento verdadeiro, reconhece-se o vulto mais original da geração litteraria que vae succedendo aos homens do romantismo.

«Essa, a geração de Garrett e de Herculano, de Camillo e de Rebello, de Mendes Leal e Soares de Passos, e dos companheiros e continuadores de todos, disse já a sua ultima palavra, da mesma fórma que na Europa inteira a proferiu tambem.

«É necessario que comprehendamos a revolução.

«1830, isto é, o subjectivismo na Arte, o parlamentarismo na politica, Victor Hugo e Benjamin Constant são já da historia. As sociedades caminham sempre na grande planicie de tempo... Cada doutrina responderá a seu modo; nenhuma se atreverá porém a negar a força que nos impelle, a corrente que nos leva. Negar a revolução seria negar a luz.

«1830 acabou já; é da historia. Oh! mas quando nós comparamos a pleiada immensa, brilhante e cheia de vida, dos homens que nos precederam, com os poucos de si fracos, acanhados, dispersos, que sobre si têm a herança de gigantes... devemos estremecer.

«Que identidade profunda se encontra em todas as realisações collectivas! Ao mesmo tempo e o mesmo movimento produz a mani-

samos a considerar isoladamente cada um dos seus differentes corpos de doutrina.

1. As Tradições nacionaes e a Poesia popular portugueza

Dous illustres sabios, os irmãos Grimm, cujo nome constitue uma das mais brilhantes glorias da Allemanha, começaram, no principio d'este seculo, a colligir

---

festação das nacionalidades litterarias e politicas. Tambem estas como as primeiras tinham sido esmagadas pela tradição antiga, primeiro imperial (Carlos Magno), depois monarchica (Luiz XIV), depois republicana (Robespierre). Surgem ao mesmo tempo a poesia popular e as tradições municipaes. Grimm, Wolf, Duran de um lado, do outro Thierry, Herculano e tantos e tão grandes!

«Mostram-nos os primeiros a alma do povo, mina fecundissima de regeneração litteraria; ensinam-nos os segundos a lei que dirige a sociedade, a sua estructura fiel; e emquanto estes elementos se reunem, a alma humana sente-se livre, rasgou-se a *arte poetica*, sente-se e grita, blasphema e geme, canta e chora: é Byron, é Victor Hugo, é Schiller, é Lamartine, é Espronceda, é Musset; e o povo tambem livre, caíu o *despota*, sente-se forte e soberano, irrompe em furia, e sublime sem consciencia, e louco, erra sem ser criminoso, é 1848.

«No movimento europeu de 1830, é pelos criticos e pelos historiadores que a grande cadeia do progresso se une. É na alma do povo revelada pelos trabalhos litterarios e historicos, pela descoberta da poesia popular e da vida communal, que o espirito moderno tem de ir retemperar-se. O transitorio, a impressão de momento, os poetas e os politicos, constitucionaes de 30, republicanos de 48, Hugo, Guizot e Mazzini, são esses os que para nós, os homens de hoje, representam já a historia.

«Na litteratura portugueza, não obstante os enormissimos de-

da tradição oral do povo os contos, as poesias, as superstições, todos os elementos que mais tarde haviam de entrar na formação de uma nova sciencia — a ethnographia. Era com uma especie de piedade, quasi religiosa, que Jacob e Guilherme Grimm iniciavam a creação d'este archivo de documentos humanos, destinado a conservar perpetuamente o *saber do povo.*

«Podemos affirmar, dizia o primeiro d'esses infatiga-

---

feitos de escriptor do snr. Theophilo Braga, é elle o iniciador d'este moderno cyclo, como poeta e como critico». (No *Jornal do Commercio,* 1870).

Tambem no seu *Livro de Critica* (1869, pag. 208), Luciano Cordeiro descreve esta iniciação de uma nova época litteraria: «Em Portugal principalmente, passada a primeira agitação romantica, e falha de força plastica para por si propria se desenvolver e expandir-se, a litteratura nacional descamba para este marasmo actual, e queda-se a poetar lamurias vazias e serodias, a traduzir, a plagiar, a imitar, a panegyricar, a madracear e a reproduzir, marasmo que poucas cabeças valentes não consegue afogar e que mal começa a estremecer á voz da gente moça, estudiosa e audaciosa, que ha de revolucional-o, ou caír extenuada e descrente n'elle. — Em geral, porém, o lyrismo individualista decáe ante a lenta construcção do *cosmos* esthetico pela sciencia.

«Um homem tenta recentemente em Portugal affirmar a revolução artistica que vae lá fóra adiantada e que traz absorvidos os maiores poetas.

«Este homem que vale tanto, ou mais do que Garrett para a critica desapaixonada da nossa arte, chama-se Theophilo Braga. De redor d'elle brotam grandes vontades e fenecem generosas tentativas». Não transcrevemos a descripção da *Questão coimbrã,* que Luciano Cordeiro liga exclusivamente ao apparecimento d'esta nova iniciação litteraria.

veis investigadores das riquezas populares, que nas tradições e cantos do povo ainda não encontramos uma unica mentira; o povo respeita-os bastante para os conservar como elles são, e taes como os sabe». A verdade, que com effeito se encontra nas tradições e cantos do povo, é o fundo commum de todas as civilisações, a explicação ingenua e fetichista de toda a natureza, os restos inconscientes dos primitivos costumes, usos e habitos, a concepção rudimentar e maravilhosa do mundo.

Os dados ethnographicos, que os irmãos Grimm começaram a colligir, são portanto os valiosos elementos de uma das muitas sciencias subsidiarias da Sociologia. Foram elles que abriram o caminho aos *folkloristas,* que pouco a pouco levaram a exploração a todos os paizes.

Em Portugal coube a iniciativa a Garrett, o mais formoso espirito do Romantismo entre nós. Durante a emigração, afastado involuntariamente das absorventes luctas politicas e arrancado á força de um meio banal e esterilisado pela educação jesuitica, achou-se em contacto com a vida intellectual da Europa moderna, em Paris e em Londres, os principaes centros scientificos do mundo. Já então a obra dos irmãos Grimm encontrára continuadores, como Juan Müller, Rodd, Depping, D. Agustin Duran e Raynouard, cujos trabalhos, de maior ou menor valor scientifico, influiram no animo do grande poeta. «Quizera, escrevia elle (*Romanceiro,* vol. II, pag. VIII), poder fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço igual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes». Com a sua privilegiada organisação de artista, comprehendeu o que havia de sublime no *saber*

popular, mas, faltando-lhe o criterio scientifico, parecia-lhe que a poesia do povo vinha «informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou» (*Romanceiro*, vol. I, pag. 16). D'ahi a exploração dos thesouros poeticos do povo apenas com o interesse esthetico; em vez de respeitar as versões como as recebia ou como as escutava da voz das «*amas-sêccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional,—galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o *pullus gallinaceus* de Phedro», como espirituosamente diz Garrett (*Ibidem*, pag. 16); dava-se ao trabalho irreverente de combinar, sergir, ligar diversas lições, e de retocar, completar, modificar e emendar os versos mais fracos ou menos litterarios. Engalanava assim artisticamente as modestas e graciosas versões populares.

A orientação errada de Garrett na colheita das tradições nacionaes foi seguida entre nós até ao apparecimento de Theophilo Braga. Os novos collectores, falseando a alma popular, iam formando insipidas reconstrucções e imitações desprovidas de valor artistico, d'entre as quaes citaremos, para exemplo, o *Romanceiro do Algarve* do illustre archeologo, ha pouco fallecido, Estacio da Veiga.

Foi Theophilo Braga o primeiro que em Portugal colligiu a poesia popular com o respeito que Jacob Grimm votava aos documentos ethnographicos dispersos na tradição oral. Colleccionou-os tambem com amor de artista, mas guiado por um verdadeiro criterio scientifico, inaugurando este ramo de estudos sociaes em 1867

com a publicação do seu valioso *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* [1].

A iniciativa do eminente escriptor nas explorações ethnographicas foi acompanhada com dedicação e enthusiasmo pelo dr. João Teixeira Soares, já anteriormente collaborador de Garrett, na investigação da poesia popular dos Açores; pelo snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, que em 1880 editou no Funchal o *Romanceiro do Archipelago da Madeira,* livro interessantissimo que se demorára no prélo durante seis ou sete annos; pelo notavel escriptor brazileiro Sylvio Romero nas tradições oraes da nossa antiga colonia americana; pelo nosso bom amigo Reis Damaso nos materiaes folkloricos do Algarve; e por muitos outros prestimosos auxiliares.

A exploração ethnographica não se limitou á poesia

[1] Dos trabalhos de investigação das tradições portuguezas, escreve D. Carolina Michaëlis: «O Romanceiro de Almeida Garrett não representa fielmente a tradição; está muito emendado, retocado e aperfeiçoado. *Os Romanceiros de Theophilo Braga são os melhores que Portugal possue até hoje;* mas ainda assim estão longe de serem completos e definitivos». (*Revista Lusitana,* vol. II, pag. 161, nota).

Escrevia A. Coelho em 1873: «Aos trabalhos por que o snr. Theophilo Braga se recommenda mais ao publico sabio pertencem algumas edições e a sua excellente collecção do *Cancioneiro e Romanceiro geral,* que tão apreciado tem sido no estrangeiro por quem reconhece o valor das perolas da poesia popular alli contidas, quanto não comprehendidas no nosso paiz». (*Bibliographia critica,* pag. 38).

Oliveira Martins, no seu opusculo *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (pag. 24) caracterisa assim este trabalho: «Porém Theophilo Braga, olhando ao verdadeiro ponto

popular portugueza. Theophilo Braga, ao passo que archivava os elementos poeticos colligidos no *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, ia accumulando materiaes para um *Novellario e Adagiario nacional*, que em 1871, nas *Epopêas mosarabes* (pag. 96), promettia publicar sob o titulo de *Lendas, Tradições e Contos portuguezes do seculo XII a XIX*. Já no anno antecedente déra á luz nos *Estudos da Edade-média*, os contos das *Tres Cidras do Amor* e *Cacheirinha*. Porém a promettida collecção dos contos populares reünidos por Theophilo Braga só veiu a lume em 1883.

O snr. Adolpho Coelho, em 1879, publicára o seu importante volume de *Contos populares portuguezes*, e os snrs. Consiglieri Pedroso e Leite de Vasconcellos, em

---

de mira, pretendeu codificar, genuinas, sem arrebiques, as cantigas do povo; quiz fazer a obra erudita para os philologos e antiquarios».

Nos estudos de *Mythographia portugueza* (*Positivismo*, pag. 439, vol. I) fallando da necessidade de explorar de um modo scientifico as tradições populares como elemento indispensavel para a regeneração da nossa vida litteraria nacional, accrescenta Consiglieri Pedroso: «Convém, é de justiça accrescentar a estes diversos motivos determinantes (Cf. *A constituição da familia primitiva*, pag. 12, nota) o estimulo fecundo exercido pelos trabalhos do nosso amigo e collega Theophilo Braga, sobre o *Romanceiro e Cancioneiro popular portuguez*».

E nas *Considerações sobre a Philosophia da Historia litteraria* (pag. 20) escrevia tambem Anthero de Quental: «Ninguem, melhor do que o snr. Theophilo Braga, comprehendeu a alta significação da nossa Poesia popular, que estudou com verdadeiro amor e respeito religioso: e este sentimento do *primitivo* e do *espontaneo*, deve-o ao seu ponto de vista ethnologico».

1880 tinham começado a inserir em revistas e periodicos, nacionaes e estrangeiros, valiosos dados ethnographicos reunidos por um paciente inquerito da tradição oral. Em 1882 appareceram em Londres, sob o titulo de *Portuguese Folk-Tales,* alguns contos colligidos pelo snr. Consiglieri Pedroso e traduzidos pela snr.ª D. Henriqueta Monteiro, e no Porto as *Tradições populares de Portugal,* colligidas e annotadas pelo snr. Leite de Vasconcellos. No anno seguinte sahia ainda á luz um novo livro do snr. Adolpho Coelho, intitulado *Contos nacionaes para creanças.*

Assim, no campo das investigações ethnographicas, appareceram depois de Theophilo Braga outros obreiros, animados tambem de boa vontade e dirigidos egualmente pelo criterio scientifico, e após esses outros vieram ainda que andam pacientemente explorando as nossas provincias. É cada vez mais importante a cópia de materiaes ethnographicos reunidos pelos *folkloristas* portuguezes em livros, revistas e periodicos.

No meio d'esta alluvião de documentos tradicionaes, o archivo formado por Theophilo Braga occupa incontestavelmente o primeiro logar, quer pela sua extensão e pela variedade dos elementos, quer pelo ponto de vista que presidiu á sua coordenação.

Em 1867 ao apparecer o *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* já em toda a Europa se tinham generalisado extraordinariamente os trabalhos iniciados na Allemanha pelos irmãos Grimm. Tommaseo e Tigri na Toscana, Vigo na Sicilia, Nigra no Piemonte, Cottreau em Napoles, Boullier na Sardenha, Dal Medico em Ve-

neza, Visconti em Roma, Fée na Corsega, Marcoaldi no Lacio, na Liguria, na Ombria, Paulin Paris, Villemarqué, Champfleury, Beaurepaire, Philibert le Duc, Francisque Michel e Charles Nizard em França, Fauriel e o Conde de Marcellus na Grecia, D. Agustin Duran e D. Emilio Lafuente y Alcantara em Hespanha, e muitos outros tinham já publicado ricas collecções da poesia popular recolhida da tradição oral. A área das investigações *folklоricas* era immensa; a par das xácaras, dos romances, das cantigas foram-se colligindo e estudando as adivinhas, os ensalmos, as orações, as lendas, os proverbios, os contos, os mythos, as superstições, os usos, os costumes, os jogos infantis, as musicas, as festas, as tradições locaes, todas essas cousas por longo tempo desprezadas pela gente culta, e que constituem hoje preciosos elementos de uma sciencia nova, subsidiaria da Sociologia.

A obra de Theophilo Braga abrange quasi todos esses materiaes e consta dos seguintes volumes:

a) *Historia da Poesia popular portugueza* (1 vol. Porto, 1867).

b) *Cancioneiro popular colligido da tradição* (1 vol. Coimbra, 1867). Com um pequeno prologo e notas.

c) *Romanceiro geral colligido da tradição* (1 vol. Coimbra, 1867). Com um pequeno prologo e notas.

(Estes tres volumes foram publicados juntos e subordinados ao titulo geral de *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*).

d) *Floresta de varios Romances* (1 vol. Porto, 1868). Comprehende este tomo os *Romances com fór-*

ma litteraria, do seculo XVI e XVII, extrahidos das obras de varios escriptores portuguezes, e os *Romances da Historia de Portugal, tirados das collecções hespanholas,* e são precedidos de um estudo sobre as *Transformações do Romance popular.*

e) Cantos populares do Archipelago açoriano (1 vol. Porto, 1869). Com uma introducção e notas.

f) Contos tradicionaes do Povo portuguez com um estudo sobre a Novellistica geral e notas comparativas (2 vol. Porto, sem data, mas editados em 1883). O 1.º volume contém *Contos de Fadas, Casos e Facecias,* e abre com uma advertencia preliminar, seguida de uma introducção *Da Novellistica popular; sua origem, persistencia e transmissão.* O 2.º volume encerra as *Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria,* começa por uma introducção intitulada *Litteratura dos Contos populares em Portugal* e fecha com as notas comparativas.

g) O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições (2 vol. Lisboa, 1886). O volume I comprehende *Costumes e vida domestica,* com um breve proemio e uma introducção sobre as *Bases da critica ethnologica.* O volume II é consagrado ás *Crenças e Festas publicas,* e ás *Tradições e saber popular.*

-A estes livros addicionam-se ainda os seguintes, enriquecidos com introducções e notas comparativas pelo sabio professor do Curso superior de Lettras e intimamente relacionados com as *Fontes tradicionaes da Litteratura portugueza:*

h) Cantos populares do Brazil colligidos pelo dr.

Sylvio Roméro, professor do Collegio Pedro II, e acompanhados de introducção e notas comparativas por Theophilo Braga. (2 vol. Lisboa, 1883). A introducção é um estudo *Sobre a Poesia popular do Brazil.*

i) *Contos populares do Brazil colligidos pelo dr. Sylvio Roméro, professor do Collegio Pedro II, com um estudo preliminar e notas comparativas por Theophilo Braga* (1 vol. Lisboa, 1885). O estudo do illustre escriptor portuguez é *Sobre a Novellistica brazileira.*

j) *Cancionero popular gallego y en particular de la Provincia de la Coruña, por José Pérez Ballesteros, com un prologo del ilustre mitógrapho portugués Theóphilo Braga* (3 vol. Madrid, 1885-1886). Formam os tomos VII, IX e XI da *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas,* de que é director o distincto folklorista, o snr. D. Antonio Machado y Alvarez. O prologo de Theophilo Braga é *Sobre a Poesia popular da Galliza.*

A ligação dos materiaes ethnographicos do Brazil e da Galliza com a litteratura portugueza tem plena justificação. No estudo *Sobre a Poesia popular do Brazil,* escreve Theophilo Braga: «Os *Cantos populares do Brazil* são o deposito augusto conservado da vida moral transmittido pela mãe patria: sob este aspecto, vem elles completar a tradição portugueza, tão apagada já no continente, e tão vigorosa nas colonias distantes, como se vê pelos opulentos thesouros dos *Cantos populares do Archipelago açoriano,* e pelo *Romanceiro do Archipelago da Madeira.* Este facto é uma lei da historia que se confirma com a poesia de outras nações; é nas colonias

distantes que se dá a persistencia tradicional, que vem a reagir no renascimento moral da metropole». (Pag. xi).

Na introducção *Sobre a Novellistica brazileira* diz ainda o illustre escriptor: «Os colonisadores portuguezes do seculo xvi, conservando o conjuncto dos seus antecedentes, transplantaram comsigo um grande numero de tradições européas e persistencias consuetudinarias, algumas actualmente obliteradas no velho mundo». (Pag. ix). E, exemplificando, accrescenta: «A parlenda infantil «Estava *a moura* em seu logar», ainda se conserva na sua fórma antiga na tradição oral da Galliza, por onde se vê como foi modificada por um equivoco na versão brazileira:

Estaba a amôra en seu lugar,
e ven a mosca pra a picar.

«A mosca n'amôra, a amôra n'a silva, a silva n'o chan,

Chan, chan,
ten man.

Estaba a mosca no seu lugar,
e ven o galo pra a pillar...

«Como se vê, a fórma gallega, que é muito extensa, conserva ainda o caracter de um jogo popular; e na brazileira, a *amora* converteu-se em *moura*, vestigio da sua proveniencia e processo de adaptação». (Pag. x).

Este confronto já nos mostra tambem a intimidade dos elementos tradicionaes da Galliza com os de Portugal e serve para justificar a inclusão do *Cancionero po-*

pular gallego entre as fontes populares da nossa litteratura. Diz Theophilo Braga no prologo á riquissima collecção do snr. D. José Pérez Ballesteros: «Tendo-se estudado as tradições portuguezas nos seus centros provinciaes, Beira-Baixa, Algarve e Minho, Alemtejo e Traz-os-Montes, e nas suas expansões coloniaes dos Açores, Madeira e Brazil, este estudo não seria completo sem o conhecimento das fontes primordiaes ou archaicas conservadas pela Galliza, como fóco da antiga unidade gallecio-portugueza». (Pag. x).

Determinadas assim as relações dos materiaes ethnographicos do Brazil e da Galliza com as fontes da litteratura nacional, estudemos rapidamente este corpo das obras de Theophilo Braga nas suas principaes divisões: *a) a Poesia popular; b) os Contos tradicionaes; c) os Costumes, crenças e tradições.*

a) A POESIA POPULAR PORTUGUEZA.—A poesia do povo distingue-se das composições litterarias pela ingenuidade ingenita, pela graça natural, pela profunda verdade que a caracterisa. É a manifestação espontanea da sua alma, sempre cheia de frescura e de novidade, sempre juvenil e encantadora. O povo é sempre o grande artista anonymo, como tambem foi, apesar da sua ignorancia, o creador da linguagem, das religiões, da familia, da propriedade, do direito, de todas as instituições sociaes, que modifica, transforma e revivifica através dos seculos e das civilisações.

Ha na poesia popular duas ordens de elementos: a poesia que brota espontaneamente da alma do povo, que

se renova todos os dias, que corre perpetuamente de uma fonte inesgotavel, como são as *Cantigas* de um lyrismo delicioso e por vezes sublime; e a poesia que se inspirou originariamente n'um thema litterario ou n'um acontecimento historico, e que se desdobra e transmitte de geração em geração, como são os *Romances* dos cyclos cavalheirescos, as *Xacaras* e os Romances maritimos. Estes dous elementos contribuem para o conhecimento do povo estudado nas suas origens e nas suas relações de filiação ou de affinidade com os outros povos.

«É um trabalho santo o respigar estas estrophes soltas que o povo espalha na sua passagem, escreveu Theophilo Braga no proemio do *Cancioneiro popular*. O povo canta como harpa eólia que não sabe d'onde sopra a viração que a vem desferir. É o rhapsodo de todas as alegrias e tristezas do poema da vida, cego e pobre Homero, abençoando a hospitalidade, animando o passado com as maravilhas que lhe povoam a mente no seu abandono. A poesia para elle é o rythmo do esforço no trabalho, o esquecimento da miseria, a expressão dos desejos, o thesouro da sua moral e das tradições antigas, a linguagem do amor, o gemido, emfim, a verdade simples da sua alma».

Theophilo Braga colligiu no *Cancioneiro popular* abundante cópia de *Cantigas soltas*, que constituem só por si um thesouro inexhaurivel, sempre borbotando como os olhos de agua de uma nascente, — e sabem-o bem todos os que têm assistido no Minho ás grandes romarias ou aos folguedos que acompanham os trabalhos do campo —; mas, além d'essas numerosas Canti-

gas, reuniu as reliquias da poesia portugueza dos seculos XII a XVI, taes como a celebre canção do Figueiral e a tonadilha, a seguidilha e outros cantos consagrados pelo povo de Lisboa ao Condestavel; e juntou-lhe ainda varios fados e canções da rua, alguns fastos do anno e orações, prophecias nacionaes e aphorismos poeticos da lavoura.

No *Romanceiro geral* enfeixou os romances anonymos do cyclo carlingiano e da Tavola Redonda, que andam na tradição portugueza, os romances mouriscos e contos de captivos, — evidentes vestigios do dominio arabe na peninsula, — algumas lendas piedosas, xácaras, e coplas de burlas.

O volume dos *Cantos populares do Archipelago açoriano* abrange o cancioneiro e o romanceiro das ilhas, cujas numerosas versões são estudadas pelo illustre annotador em confronto com as lições colligidas no continente e com as que andam na tradição de outros povos da Europa. Como já dissemos, grande parte d'esta collecção foi devida aos esforços do snr. dr. João Teixeira Soares, da ilha de S. Jorge, que os colheu da tradição oral para auxiliar Garrett na tentativa para a formação do Romanceiro, mas que não chegaram a ser utilisados pelo poeta da *Dona Branca.* Caracterisando as duas partes em que divide os *Cantos populares do Archipelago açoriano,* define Theophilo Braga ao mesmo tempo os dous elementos da poesia popular, ou antes as duas especies de poesia: «uma actual, movel, continuamente em elaboração, porque é um ecco da vida, uma linguagem das paixões e dos sentimentos de hoje; a ou-

tra é tradicional, historica, em desharmonia com os costumes presentes, mas repetida ainda religiosamente como lembrança de costumes e successos que já passaram. O cancioneiro é a parte lyrica; o romanceiro a parte épica, e a de mais importancia». Ao romanceiro açoriano poz Theophilo Braga a designação de *Romanceiro de Aravias,* comprehendendo os Romances novellescos, os maritimos, os mouriscos, os historicos, os sacros e os entretenidos ou xácaras. *Aravias* é o nome que o povo da ilha de S. Jorge applica a todos os romances e xácaras e tem o valor de uma revelação historica. Era a lingua do genuino typo nacional peninsular, produzido pelo cruzamento de classes que se seguiu á invasão dos Arabes, o elemento hispano-godo, a que se deu o nome de *Mosarabes.*

Na *Floresta de varios Romances* colligiu o dr. Theophilo Braga as trovas, romances, cantigas que têm mais ou menos um caracter de reacção contra a poetica estrangeira, ou que manifestam uma influencia da alma popular. Alvaro de Brito, Garcia de Rezende, Francisco de Sousa, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Sá de Miranda, Jorge de Monte-Mór, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Luiz de Camões, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco de Portugal, Balthazar Dias, D. Francisco Manoel de Mello, Quintana de Vasconcellos e Francisco Lopes são os contribuintes. Ha tambem uma parte extrahida das collecções hespanholas e que se refere a assumptos da nossa historia.

No estudo que serve de Introducção ao *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* publicado sob o titulo

de *Historia da Poesia popular portugueza,* occupa-se o auctor das origens da poesia popular, das suas fórmas, das influencias que a dominam, dos varios cyclos poeticos e da unidade dos romances populares no meio dia da Europa. Na introducção á *Floresta de varios Romances,* completa aquelle estudo com a investigação das transformações por que passou o romance popular do seculo XVI ao XVIII. Mas estes trabalhos critico-historicos, como todos os primeiros escriptos de Theophilo Braga, resentem-se ainda do estado de metaphysismo em que vagueava o seu espirito e de uma excessiva predilecção pelo germanismo, porque ia na corrente a que obedeciam então as intelligencias mais bem formadas e mais cultas do nosso paiz.

Os erros de doutrina ou de critica contidos n'estes estudos corrigem-se facilmente pela leitura dos posteriores trabalhos do eminente escriptor, e em especial do *Curso de Historia da Litteratura portugueza,* e das magnificas introducções sobre a poesia popular do Brazil e da Galliza nas respectivas collecções.

Deve-se a Theophilo Braga a publicação da valiosa collecção dos *Cantos populares do Brazil* pela casa editora lisbonense, Nova Livraria Internacional, hoje extincta. Esta collecção fôra «repellida pelos livreiros e editores brazileiros com o mesmo horror com que se foge da peste», segundo a expressiva phrase de Sylvio Romero na *advertencia* com que abre o primeiro volume. Esse horror dos livreiros e editores do Brazil pelos trabalhos *folkloricos* é um symptoma de que a mentalidade brazileira não está superior á portugueza, máo grado os

generosos esforços de algumas intelligencias superiores e ás pretenções ridiculas de varios *chauvinistas* pedantes. Emquanto a sciencia não fôr considerada pelo vulgo como benefica, e não como peste, Portugal e o Brazil continuarão a debater-se n'esta crise de decomposição organica que os consomme e aniquila.

Felizmente Sylvio Romero encontrou entre nós quem da melhor vontade se prestasse a salvar do esquecimento esta collecção, dando á sciencia uma cópia de documentos importantes, colhidos da tradição viva do povo, e que representam uma somma extraordinaria de diligencias improbas, a maior parte das vezes improficuas, como só póde avaliar aquelle que tem ensaiado similhantes trabalhos. Todos os *folkloristas* relatam as difficuldades com que luctam ao realisar uma colheita de elementos tradicionaes. Essas difficuldades, enormes no nosso paiz e em toda a Europa, augmentam ainda no Brazil, tanto pela extensão das suas provincias, como pela classe de pessoas, que é geralmente a mais fiel depositaria d'essas riquezas da alma popular. Umas, pela rapidez com que dizem ou cantam as xácaras e os romances, não podendo parar ou demorar a narração, sem ter de recomeçar, outras supersticiosas e desconfiadas, recusando-se a referir qualquer tradição desde que percebem que a querem passar ao papel, difficultam immensamente o trabalho do folklorista. Uma senhora brazileira que, a nosso pedido, colheu no Ceará algumas tradições, queixa-se d'esses embaraços, que não lhe permittiram effectuar uma mais ampla colheita.

Este facto nos explica, como a collecção brazileira,

aliás valiosissima, não é tão rica como era de esperar da nossa antiga colonia, attendendo aos abundantes e bellos materiaes que já forneceram para o *Cancioneiro e Romanceiro geral* portuguez as nossas ilhas dos Açores e da Madeira. No emtanto os *Cantos populares do Brazil* completam o opulentissimo thesouro da tradição portugueza, fundado por Garrett e formado pelo *Romanceiro e Cancioneiro portuguez*, do dr. Theophilo Braga, pelos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, colligidos pelo dr. Teixeira Soares, e pelo *Romanceiro do Archipelago da Madeira* do dr. Rodrigues de Azevedo, além de muitas outras contribuições de menor vulto dispersas por jornaes e revistas.

Na introducção *Sobre a Poesia popular do Brazil*, escripta por Theophilo Braga, estuda este erudito escriptor a collecção de cantos do dr. Sylvio Romero, relacionando-a com o estado da nacionalidade brazileira, formada por condições fataes ethnologicas e mesologicas. Escreve elle: «A nacionalidade brazileira está n'este periodo de transição; os vestigios tradicionaes dos seus elementos constitutivos acham-se em contacto, penetram-se, confundem-se entre si para virem a formar a poesia de um povo joven e o thema fecundo de bellas creações litterarias e artisticas de uma civilisação original. É n'este momento, unico na historia da formação de uma nacionalidade, que os *Cantos populares do Brazil* foram colligidos, adquirindo por isso o valor de um documento importantissimo, que viria a obliterar-se com certeza; n'esses cantos ha ainda as suturas distinctas dos seus elementos primordiaes, e ha já a feição definida

ue começa a caracterisar o genio brazileiro na litteraıra e na arte. Á parte o interesse que se liga a este ocumento ethnologico, os *Cantos populares do Brazil* presentam um duplo valor, porque trazem os themas radicionaes sobre que a nova litteratura brazileira tem e assentar as suas bases organicas, e porque são a iradiação remota dos vestigios tradicionaes deixados pelo ovo portuguez na época da sua grande actividade e exansão colonisadora».

N'estas palavras fica bem definida a alta importania ethnologica, litteraria e tradicional d'estes documenos da vida moral e intellectual de um povo, que são para a historia do espirito humano o mesmo que para a historia da humanidade os restos paleontologicos e archeologicos das primitivas civilisações. O valor d'esses elementos tradicionaes e as suas intimas relações com o romanceiro e o cancioneiro do occidente da Europa acham-se estudados e mencionados na introducção e nas notas com que Theophilo Braga enriqueceu a preciosa collecção de cantos populares de Sylvio Romero. Porém, a par dos vestigios communs á tradição popular da Europa, encontram-se outros de evidente origem indigena e não poucos devidos ao cruzamento e ao contacto constante com os representantes da raça negra transplantados para alli pela odiosa instituição da escravaura.

A maior parte mesmo d'esse rico thesouro da alma opular é um resultado da juxtaposição e progressivo usionamento dos tres elementos ethnicos, constitutivos a nacionalidade brazileira: o branco (na sua maio-

ria portuguez), o preto e o crioulo; é um producto litterario do mestiço, a improvisação individual popularisada.

A parte tradicional que se liga intimamente á tradição popular da Europa, em particular á de Portugal, é riquissima na poesia lyrica, encontrando-se innumeras quadras dos nossos cancioneiros, com a mesma perfeição e belleza subjectiva, e outras com boas modificações introduzidas pela vida colonial.

A importancia da collecção formada por D. José Pérez Ballesteros não é menor do que a brazileira, considerada particularmente nas suas intimas relações com a litteratura portugueza. «A Galliza em toda a sua poesia tradicional é a que apresenta os typos mais archaicos», diz Theophilo Braga no seu prologo sobre a poesia popular galliziana (pag. XLII), e isto, tanto no lyrismo, como no Romanceiro.

b) OS CONTOS TRADICIONAES. — Os *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, desde muito esperados, vieram á luz em 1883, quando o estudo d'este importante ramo do *saber do povo* já se achava feito em grande parte com admiravel lucidez pelos continuadores dos irmãos Grimm, os Afanasieff, os Gubernatis, os Benfey, os Köhler, os Pittré, os Ralston, os Comparetti, os Prato, os Gaston Paris, os Liebrecht, os Cosquin, os Max Muller, os Lenormant, e tantos outros de reconhecido merito. A demora da publicação foi, portanto, vantajosa, como confessa Theophilo Braga; não só lhe permittiu ampliar a collecção com as valiosas contribuições do Al-

garve e dos Açores, devidas a Reis Damaso, ao dr. Ernesto do Canto e ao fallecido dr. João Teixeira Soares, como principalmente lhe deu occasião a tomar conhecimento do grande valor scientifico que a Novellistica popular alcançou na Europa.

Uma das difficuldades da colleccionação de contos, que contribuiu para a demora, foi o trabalho de redacção sobre a prosa fallada dos recitadores, cujos effeitos espontaneos e pittorescos não se podem nem se devem conservar. «Para conservar-lhes o caracter de *documento humano*, como diria Zola — escreve o eminente collector, — é preciso vêr n'estas narrativas mais do que um texto para estudo de dialectologia popular, e fugir dos retoques artisticos; esse termo médio só se poderá achar visando a fixar o estado dos themas tradicionaes». (Vol. I, pag. VI). O processo usado por Theophilo Braga para «obter a fórma definitiva, simultaneamente ethnica e artistica do conto», foi «fazel-os redigir por crianças, verdadeiro ponto de transição entre a alma popular e a intelligencia culta». Assim, depois de cortar d'essa redacção infantil as repetições vulgares, «explicadas pela conhecida locução — *Quem conta um conto accrescenta um ponto* —», pôde fixar «uma redacção pura, sem a incongruencia do improvisador momentaneo, nem o artificio do litterato». (Pag. VIII). Este engenhoso processo dá a esta collecção de contos um sabor ingenuo, que se casa perfeitamente com a alma popular, como ella se revela nas cantigas de elaboração permanente.

Nas narrativas populares descobriu o illustre escriptor tres typos novellescos caracteristicos, corresponden-

tes á feição maravilhosa, moral ou anecdotica. Separou, seguindo esta orientação, os contos de origem *mythica*, das *facecias, patranhas* e *ditos* que são evidentemente anecdoticos, e dos *exemplos* em que predomina o intuito moral. Aproximando os contos portuguezes dos seus paradigmas das opulentissimas collecções estrangeiras, faz Theophilo Braga realçar a importancia d'estes materiaes ethnographicos, por meio dos quaes a humanidade exprimiu as suas concepções dos phenomenos cosmicos e moraes.

No estudo sobre a *Novellistica popular* occupa-se eruditamente da origem, persistencia e transmissão dos contos populares, começando por recordar os primeiros trabalhos de Jacob Grimm e seu irmão, em 1812 e 1814, e de Frederico Schmidt, que os seguiu immediatamente em 1817.

Os problemas levantados pelo estudo da Novellistica são reduzidos pelo sabio professor a tres questões:

1.ª Qual a origem dos Contos, communs a quasi todos os povos?

2.ª Qual a fórma da sua transmissão de raça para raça ou de civilisação para civilisação?

3.ª Qual o gráo de persistencia nas sociedades modernas?

«A estas differentes questões, diz Theophilo Braga, tem-se respondido com mais ou menos intuição, mas sem a segurança de um methodo scientifico. É certo que os contos têm relações com mythos primitivos, de que são a ultima transformação; porém, esses mythos não estão sufficientemente esclarecidos, d'onde resulta que a

interpretação novellistica cada vez mais se confunde». (Pag. xviii). Os tres problemas devem ser estudados simultaneamente, e com o auxilio da concepção de Augusto Comte ácerca da successão das phases religiosas por que passou a humanidade, começando pelo fetichismo, elevando-se ao polytheismo, e por fim ao monotheismo. Esta evolução espiritual do concreto para o abstracto permitte descobrir o nexo entre as creações ideaes e subjectivas dos contos.

Nos Contos populares encontram-se vestigios de varias civilisações; ha uma verdadeira sobreposição de elementos accumulados, como na terra as camadas geologicas. N'estas, descendo da época actual, para os terrenos das épocas quaternaria e terciaria, acham-se documentos da existencia do homem primitivo; tambem nos Contos das nações mais civilisadas se conservam ainda imaginosos elementos do criterio e da phantasia das tribus selvagens. Diz Theophilo Braga: «É frequente nos contos populares a anthropophagia; e os poderes magicos de pedras, de plantas e de animaes representam um estado mental a que corresponde na religião o periodo *fetichista*. É este o verdadeiro ponto de partida para a investigação da origem dos Contos; os mythos sideraes ou solares correspondem já a um elevado estado mental em que predominam as concepções *polytheistas*, em que as forças da natureza se anthropomorphisam, e por isso os Contos não podem ser exclusivamente interpretados por um systema de concepções mais adiantadas do que muitas das situações que encerram. Nos Contos ha o conflicto de sêres malevolos, elemento preponderante na

credulidade fetichista, e os poderes magicos são um caracteristico de cultos decahidos e de raças escravisadas, que já se não encontram nas epopêas polytheistas». (Pag. xx).

A applicação do criterio positivista ao estudo dos Contos tradicionaes lança uma luz intensissima sobre os problemas da Novellistica. Theophilo Braga, no brilhante prologo da sua collecção, prestou este grande serviço á sciencia, deu-lhe o verdadeiro methodo de coordenação. O eminente escriptor, armado com a lucida concepção de Augusto Comte, procura a solução dos tres problemas propostos pelo estudo dos Contos nas suas relações intimas com os successivos gráos de civilisação e com as migrações e encontros das diversas raças humanas, e classifica scientificamente a Novellistica popular em concepções fetichistas, polytheistas e monotheistas. As primeiras, peculiares aos povos selvagens e persistentes nas civilisações kuschitas e mongoloides, correspondem ás fabulas, apologos e anexins. As segundas, proprias das sociedades rudimentares, apparecem desenvolvidas nas civilisações semiticas e áricas, e são os Contos e a Epopêa. Emfim as ultimas, caracteristicas das sociedades superiores em que preponderam as ideias abstractas, dão os casos, as novellas e lendas, os exemplos e as parabolas.

O estudo da Novellistica popular, desenvolvido na erudita introducção, a que nos temos referido, completa-se com as paginas da *Litteratura dos Contos populares em Portugal,* publicadas á frente do segundo volume, e com o ensaio *Sobre a Novellistica brazileira,* que

serve de prologo á collecção dos *Contos populares do Brazil*, reunidos pelo dr. Sylvio Romero [1].

c) Costumes, crenças e tradições. — Como complemento do grande trabalho de investigação ethnographica, cujos resultados vieram a lume no *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* e nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, publicou Theophilo Braga, em 1886, mais um corpo de documentos humanos sob o titulo de *O Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*.

Ha n'esta obra uma somma incalculavel de vestigios de outras edades, que ficaram na alma popular, quer com a significação perdida, quer com differente applicação, — usos sem relação com os costumes e costumes sem relação com as opiniões. As persistencias consuetudinarias, as recorrencias ou regressões aos costumes atra-

[1] O celebre folklorista Pitré, no *Archivio per le Tradizioni popolari*, vol. IV, pag. 307, falla d'este livro expondo o methodo ethnographico com que foi coordenado: «La divisione come si vede, è intieramente etnographica, qualcunque siano gli elementi estetici delle singele narrazioni; e ad avviso del Braga, giova á determinare l'intensità di ciascun elemento etnico, e facilita l'analisi degli elementi che constituiscono la sintesi affettiva d'ella nazionalità brasiliana. Lo studio del prof. Braga si aggira su quest'ultimo argomento, e intende a dimostrare il grado e la condizione di superioritá delle razze selvagge del Brasile tenendo presenti le loro relazioni antropologiche con la grande razza tupi. La meschianza con questo elemento indigeno diede alla nazionalità brasiliana popoli attivi, e individui dotati d'un grande sentimento artistico».

zados por uma raça superior, e emfim as sobrevivencias das impressões primitivas adaptadas ou transformadas são os elementos colligidos e que interessam tanto ao psychologo, como ao sociologista.

Na introducção a esta parte das suas collecções folkloricas, assenta Theophilo Braga as bases da critica ethnologica. A importancia do estudo dos antecedentes sociaes de um povo, conservados tradicionalmente, está na determinação dos seus caracteres nacionaes, «por isso que os costumes domesticos, as tradições, as fórmas da actividade, tudo isso é um elemento indistincto d'onde se vão destacando a Poesia, a Litteratura, a Arte, a Industria, e a acção historica de um povo na civilisação». (Pag. 4). É este o ponto de vista que preside á coordenação dos materiaes ethnographicos contidos no *Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições.*

Os phenomenos sociaes estudados pela ethnographia classificam-se, segundo o eminente escriptor, em tres ca-

---

Depois de publicados os *Contos populares do Brazil,* o dr. Sylvio Romero publicou um opusculo intitulado *Uma esperteza,* que mandou distribuir por todos os ethnologos da Europa, queixando-se de Theophilo Braga lhe ter posto um prologo e notas ao seu livro contra sua vontade! Em carta ao editor dos Contos, de 8 de abril de 1884, que possuimos, escrevia o dr. Sylvio Romero: «Ora, eu lhe mandei uns setenta ou setenta e tantos contos (antes fossem contos de reis!...) e ainda o amigo acha pouco!! *Bote-lhe ahi o Braga um pequeno prologo e um punhado de notas, e está a cousa feita».* Cumprindo amavelmente este desejo, Theophilo Braga tornou-se o alvo das mais desorientadas malsinações, a que se conservou indifferente.

tegorias: as *persistencias,* as *recorrencias* e as *sobrevivencias.*

As *persistencias* ou a tenacidade de conservação dos modos de actividade ou costumes que já não condizem com o estado moral, ou mesmo com as ideias dominantes de uma época, explicam-se pelo estudo physiologico da nossa natureza, que mostra «por que motivo um certo numero de actos são realisados sem estimulo funccional, ou *especificamente;* e porque é que ao mesmo tempo uma grande variedade de actos voluntarios se tornam inconscientes ou *automaticos,* como condição indispensavel da maior perfectibilidade do seu desempenho». (Pag. 9).

O mesmo determinismo organico esclarece o phenomeno das *recorrencias* ou regressões a costumes de caracter inferior, explicando-o não como uma degradação da especie, mas simplesmente como «uma consequencia do contacto com qualquer ramo do mesmo tronco anthropologico», (pag. 14) que ainda não chegou a identico gráo de adiantamento.

Por ultimo o phenomeno ethnico das *sobrevivencias,* «pelo qual se explicam as creações da arte e da litteratura», (pag. 20) deriva da lei da evolução que regula manifestamente todos os phenomenos cosmicos, biologicos e sociaes. Este principio geral da *evolução,* diz Comte [1] citado por Theophilo Braga, «é plenamente confirmado pelo conjuncto da apreciação historica, que descobre sempre as raizes de cada mutação effectuada até in-

---

1 *Système de Politique positive,* vol. I, pag. 106.

dicar o mais grosseiro estado primitivo como o esboço rudimentar de todos os aperfeiçoamentos ulteriores».

Theophilo Braga propõe o nome de *Demotica* para designar o conjuncto dos phenomenos relativos ao homem considerado nas manifestações do seu sêr — actividade, sentimento e racionalidade — em substituição das designações incompletas de *Demopsychologia* e de *Folklore;* e divide-a em tres partes: Ethnologia e Demographia, Demopsychologia e Hierologia, e Nacionalitteratura e Ethologia.

No *Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições* Theophilo Braga dá por base fundamental de classificação aos phenomenos colligidos e estudados a synthese positivista, «que toma necessariamente com a realisação do progresso a fórma *activa, affectiva* ou *especulativa*», correspondendo ás tres manifestações do sêr humano — a actividade, o sentimento e a racionalidade.

D'aqui resulta o agrupamento dos elementos fragmentarios da tradição em tres classes ou livros intitulados: *Costumes e Vida domestica,* onde se estabelece a persistencia historica dos typos anthropologicos; *Crenças e Festas publicas,* onde se avalia a importancia ethnica e historica das superstições populares; e as *Tradições e Saber popular,* onde se examinam as concepções vagas do povo expressas sempre por tropos, «ou a equivalencia aproximada e comparativa da linguagem figurada». (Pag. 334, do vol. II).

O primeiro livro abrange os rudimentos da actividade espontanea, como os costumes da caça e da pesca e as fórmas naturaes da guerra defensiva e das hostilidades

nacionaes, locaes e individuaes; as aggregações primitivas, as comidas e as industrias locaes e domesticas; os ritos funerarios, as cerimonias do casamento, os costumes e symbolos juridicos; a linguagem emocional, as parlendas; os jogos infantis e populares, as modas, trajos e fórmas cerimoniaes, as dansas e instrumentos musicos, etc.

O segundo livro é consagrado ás superstições e ás festas do calendario popular, e contém a classificação dos agouros, as superstições derivadas de uma religião chtoniana ou da prostituição sagrada, as superstições provenientes de um culto phalico ou lunar, as superstições sobreviventes de um polytheismo sideral ou solar, as entidades magicas e malevolas, o pessoal magico popular, os restos do calendario romano no catholicismo, romarias, procissões e festejos religiosos.

O terceiro e ultimo livro encerra o estudo dos modismos, anexins e adivinhas nas suas relações, quer com a concepção e expressão mythica primitiva, quer com a litteratura portugueza; das cantigas, romances e comedias populares e dos contos, lendas, livros populares e historia de Portugal na voz do povo.

Theophilo Braga termina este seu valioso e riquissimo trabalho de investigação e estudo ethnographico [1]

---

[1] O celebre folklorista Paul Sébillot, fallando d'este livro *O Povo portuguez*, na *Revue des Traditions populaires* (2e année, n.º 1, pag. 62), expoz minuciosamente a estructura da obra, e conclue: «Le cadre, ainsi qu'on le voit, est bien tracé; il est aussi bien

referindo-se á actual decadencia do povo portuguez. Diz elle: «O povo está mudo e por isso não se lê no futuro; pelo conhecimento do seu passado vê-se que tinha uma forte individualidade ethnica, com que resistiu á incorporação dos Estados peninsulares, e fortificando-se pela expansão colonial, assignalou-se na historia pela circumducção do globo». (Vol. II, pag. 517).

A vulgarisação dos trabalhos de Theophilo Braga sobre as tradições nacionaes e a poesia popular deve contribuir efficazmente para levantar Portugal do desolador marasmo em que caíu. As suas collecções ethnographicas representam uma obra de alto merecimento scientifico, mas são tambem uma acção de verdadeiro patriotismo. Em uma edição definitiva formarão o vasto livro intitulado *A Patria portugueza.*

---

rempli; Mr. Braga a fouillé avec soin l'époque moyen-âge de son pays, et il y a trouvé matière à de nombreux et très curieux rapprochements. Après avoir lu son livre, on a une idée générale assez nette de l'état demologique, si l'on veut me permettre cette expression, des Portugais aux diverses époques de leur histoire, et surtout à l'époque actuelle: c'est un document ethnographique et folklorique indispensable à tous ceux qui voudront s'occuper de travaux d'ensemble sur le Folk-Lore. Bien que cette ouvrage soit très nourri de documents, les recherches y sont aisées à faire, et un index détaillé, mis à la fin du second volume, permet au lecteur, en renvoyant à la page où se trouvent les principales matières, de retrouver tout de suite le sujet dont il a besoin». É este intuito de systematisação, iniciado nos estudos ethnographicos, e para o qual Sébillot chama a attenção da critica europêa, que accentua o valor d'este livro.

2. A Historia da Litteratura portugueza, e a Renascença litteraria no seculo XIX, em Portugal

No meio do espantoso desenvolvimento scientifico que se deu na Europa com a dissolução do Romantismo pela critica philosophica e pelos trabalhos historicos, Portugal conservou-se completamente isolado, n'um desolador marasmo intellectual, alheio ao grande movimento do seculo e absolutamente entregue ás pequeninas ambições da politica pessoal e dos interesses individuaes do constitucionalismo. Já todos os povos europeus haviam saído da phase romantica e entrado n'uma ordem mais elevada de estudos criticos, scientificos e philosophicos, e ainda em Portugal esgotavam-se todas as intelligencias n'uma litteratura artificiosa e convencional, sem originalidade e sem ideal. A culpa d'este estado da mentalidade portugueza deve attribuir-se ao meio deprimente e estiolador do regimen constitucional, que absorvia e annullava todos os espiritos um tanto superiores que se revelavam nas lettras ou na arte, e á falta de uma orientação séria que dirigisse a auctoridade moral das maiores capacidades da época. Assim apossou-se da direcção intellectual da nossa sociedade uma theocracia litteraria official sem consciencia da evolução historica e sem a verdadeira comprehensão da arte, que se impoz á admiração das turbas por um phraseado ôcco e banal, em que se occultava a falta de ideias e de conhecimentos scientificos com uma rhetorica palavrosa e com um estylo affectado ou archaico. Foi como um protesto contra o

dominio da banalidade na litteratura que se levantou a *Eschola de Coimbra* com as esplendidas poesias das *Odes Modernas* e *Visão dos Tempos*, começando por esta fórma no campo da arte a renovação mental da sociedade portugueza. Anthero de Quental e Theophilo Braga, proclamando a revolução contra o atrophiamento artistico e litterario, iniciaram entre nós a dissolução do Romantismo, já muito avançada nos outros paizes da Europa; e este movimento estendeu-se bem depressa da poesia á litteratura em geral, á critica e á historia, provocando o desenvolvimento scientifico e philosophico que se nota cada vez mais intenso desde alguns annos [1]. De todos os obreiros d'esta transformação mental, um dos mais incansaveis e porventura o que mais tem contribuido para o levantamento da actual geração é Theophilo Braga, que, sendo um dos fundadores da poesia

---

[1] Descrevendo o movimento de reacção critica contra o Ultra-Romantismo, personificada na eschola de Coimbra, Alexandre da Conceição accentua principalmente a necessidade do trabalho de renovação: «O velho ideal romantico, estava morto nas consciencias, mas qual era o ideal da nova eschola? Theophilo Braga, com a sua espantosa e inquieta actividade intellectual, impregnado de metaphysica allemã, lançava o seu espirito como um feixe de raios em todas as direcções, e depois de nos dar em alguns excellentes poemas uns formosos quadros da vida grega homerica e classica, entregava-se com verdadeiro impeto aos estudos da nossa historia litteraria e dava-nos n'este ramo uma admiravel collecção de livros, cheios de talento, de erudição e de documentos esquecidos ou ignorados, apesar dos defeitos da febre de producção que consomme este trabalhador extraordinario». (*Carteira de um Positivista*).

moderna, foi tambem um dos que primeiro empregou em Portugal os novos processos criticos e sociologicos, na sua importante *Historia da Litteratura portugueza*, obra vastissima da qual já estão publicados uns vinte volumes, faltando apenas dois ou tres para ficar completa, isto é, para abranger todos os periodos da nossa historia litteraria. No espaço de vinte e dois annos tem Theophilo Braga erguido este monumento á litteratura portugueza; escusado será dizer que em muitos d'estes volumes, principalmente nos que primeiro vieram á luz da publicidade, ha grandes lacunas e errados pontos de vista, que o distincto professor tem procurado corrigir e emendar, quando se offerece occasião, nos volumes que se lhes tem seguido; n'uma segunda edição geral a *Historia da Litteratura portugueza* receberá a unidade de concepção e de execução, impossivel de se dar n'uma obra d'esta grandeza e d'esta importancia, publicada por volumes no largo espaço de vinte e dois annos e quando todos os documentos estavam ainda por colligir e muitos eram inteiramente ignorados. Emquanto se não realisa a segunda edição, encontra-se a ideia geral d'essa obra, o pensamento que liga entre si aquelles volumes, na *Theoria da Historia da Litteratura portugueza*, que é na realidade a synthese dos innumeros estudos e trabalhos do dr. Theophilo Braga sobre a nossa litteratura desde o seculo XII até ao presente. Na primeira edição d'este livro, escripto como dissertação para o concurso da 3.ª cadeira do Curso superior de Lettras, o distincto escriptor demonsta a seguinte these: «Na lucta entre as tradições latinas e o genio das litteraturas da Edade-média, a

Litteratura portugueza foi a que mais sacrificou o caracter nacional ao classicismo e a que mais perdeu da sua originalidade» [1]. Na 3.ª edição a these é a mesma, mas o ponto de vista é mais lato, os processos são mais modernos e os elementos sobre que se funda são mais extensos e numerosos, porque o espirito do auctor recebeu a orientação solida da Philosophia positiva e augmentou os seus conhecimentos com a descoberta de novos factos e com o estudo cuidadoso de novos documentos, alguns dos quaes importantissimos para a historia da nossa litteratura, como o Cancioneiro da Vaticana, o de Collocci-Brancuti, etc. Por isso diz Theophilo Braga que «a *Theoria da Historia da Litteratura portugueza* foi pensada de novo e reescripta, como ensaio do processo a que vamos submettendo a obra capital de que é remate». (Pag. VII, da nova ed.).

A litteratura, segundo o erudito professor, é objecto de uma sciencia concreta, sujeita ás leis geraes da sociologia, como todas as outras sciencias sociaes descriptivas; deve portanto ser considerada como um producto fatal do meio, ou como um documento comprovativo do desenvolvimento intellectual de um povo durante a sua vida historica ou durante um certo e determinado periodo. O estudo scientifico da litteratura consiste em considerar e estabelecer a relação entre as concepções individuaes e a tradição, a raça e a nacionalidade, ou entre os phenomenos dynamicos e os phenomenos estaticos da

[1] *Ob. cit.*, pag. 5; edição de 1872.

mentalidade humana. Deve-se, pois, conhecer em primeiro logar os phenomenos estaticos das raças, das tradições e das nacionalidades, para se poder comprehender e avaliar a obra de arte individual. Assim «a verdadeira Historia da Litteratura portugueza consiste em descobrir pelas realisações que ella nos apresenta, a vitalidade da raça, a consciencia da nacionalidade, e até que ponto estas duas forças naturaes estiveram em harmonia ou antinomia com a civilisação». (Pag. 3). É isto o que Theophilo Braga tem procurado nos seus vastos estudos sobre a litteratura portugueza e que tão lucidamente resume no volume de que vimos fallando n'estas paginas [1].

---

[1] Sobre a originalidade d'estes trabalhos, escrevia Anthero de Quental, nas *Considerações sobre a Philosophia da Historia litteraria* (pag. 11): «Na historia litteraria, os primeiros passos n'este caminho foram dados corajosamente por um trabalhador dotado de energia e perseverança singulares, o snr. Theophilo Braga. Podem disputar-lhe qualquer outra especie de gloria, menos esta, já não pequena, de iniciador. A consideração do que ha de viril e quasi heroico na attitude dos exploradores, faz-nos vêr na sua obra mais ainda o valor de uma acção pessoal de que o das conclusões scientificas, e dá-lhe um merecimento independente das muitas imperfeições e lacunas, que seria pueril pretender dissimular».

E fallando dos processos criticos empregados na *Historia da Litteratura portugueza,* accrescenta: «N'estes, que constituem a parte mais séria e fecunda da sua obra, encontramos os processos da sciencia, como os têm comprehendido os mestres d'este seculo, applicados geralmente com discernimento, com uma grave despreoccupação de tudo o que não é a logica e a verdade, e dando resultados positivos, muitos dos quaes se devem julgar definitivos. Dis-

Começando por estudar os elementos constitutivos da raça «que tem hoje a importancia de um determinismo historico», apresenta-nos o *mosarabe* como a regressão ao primitivo elemento turaniano do antigo ibero, pelo cruzamento d'este com o typo mauresco, produzido pela fusão dos sangues berber e arabe; a este elemento juntava-se o godo *lite,* caído da antiga condição de homem livre na de colono; assim o *mosarabe* comprehende como typos sociaes: o *aldius* ou trabalhador dos campos; o *mesteiral* ou official mechanico; o *burguez* ou habitante das cidades; o *servo* que se empregava nos serviços domesticos; o *cavalleiro villão* ou antigo homem livre, agora com deveres determinados; e o *clerigo,* adscripto á egreja como o *aldius* era adscripto á terra. O

---

tinguem-se por estas qualidades, entre os volumes da sua grande historia da litteratura portugueza já publicados, os estudos sobre Sá de Miranda e a sua Eschola, sobre os Poetas Palacianos do seculo XV, e sobre o Theatro portuguez nos seculos XVII e XVIII. Ha novidade e ao mesmo tempo segurança em muitas partes d'aquelles estudos, entrevêem-se as revoluções litterarias, no que ellas têm de mais intimo, isto é, nas suas relações com os costumes e as opiniões que se transformam; assiste-se ao nascimento e á decadencia das escholas; vêem-se as razões do progresso de certos generos, do estacionamento ou esterilidade de certos outros. Ha ali verdadeiras descobertas biographicas e chronologicas, e mais de uma approximação feliz que lança uma luz nova sobre os assumptos».

E relacionando a Historia da Litteratura com os estudos da Poesia popular, conclue: «Por este sentimento pôde com muito tacto discriminar a parte da imitação e de convencional nas obras da poesia culta, embora a meu vêr concluisse mal do facto d'essa imitação. Por elle pôde caracterisar certas physiognomias originaes, até

mosarabe dintingue-se como imitador do Arabe e pela feição e caracter especial que imprime a todas as suas manifestações; em religião, humanisa Jesus, emprega a lingua vulgar nos officios religiosos, elege os bispos, desconhece o celibato ecclesiastico e outros usos e fórmulas do catholicismo; no direito, reconhece a independencia individual na fórma escripta dos Foraes e na adopção de symbolos juridicos da tradição germanica; na arte, cria uma originalidade architectonica pela modificação do estylo bysantino e vivifica as tradições poeticas nas *Aravias* e *Serranilhas;* por ultimo, na politica, fortalece-se pela união em irmandades e na fixação por escripto das suas garantias e direitos. Observa-se em todas as manifestações do genio *mosarabe* a imitação apenas ex-

---

aqui mal comprehendidas, Gil Vicente, por exemplo. Em tudo isto a sua critica é excellente».

Escrevendo na *Bibliographia critica* (pag. 129 a 215) sobre a *Historia da Litteratura portugueza,* o snr. Adolpho Coelho chega ás mesmas conclusões formuladas por Anthero de Quental: «a maior parte das paginas d'esses livros são provas inabalaveis da perseverança do auctor no trabalho, da sua larga erudição e fina penetração. O auctor manifesta n'elles os dotes necessarios a um bom historiador litterario. Busca sempre os pontos de vista elevados, trata de examinar os phenomenos litterarios sob o ponto de vista genetico, comparativo, historico e physiologico, isto é, trata as questões no mais largo campo a que a sciencia do nosso tempo as levou, campo inteiramente desconhecido até elle em Portugal, onde os que escreviam sobre litteratura estavam ainda abaixo de Marmontel e Laharpe.

«Póde-se dizer que o estudo da historia da nossa litteratura foi elle quem o fundou entre nós».

terior dos costumes e nomes arabes, e sob estas fórmas a livre expansão da raça em todo o seu vigor e força creadora.

Com estes elementos constituiu-se a nacionalidade portugueza, cuja formação «é um facto resultante d'esse movimento de *unificação* e de *desmembração,* que constitue a trama historica dos Estados peninsulares», (pag. 16) e que se acha admiravelmente estudado no magnifico livro de Pi y Margall *As Nacionalidades.* A situação de Portugal no extremo da peninsula, entre o continente europeu e o mar, explica a persistencia da sua independencia e o seu desenvolvimento, atrophiado em grande parte pelo dominio catholico monarchico, que desviou do seu curso natural o genio popular da multidão, impondo-lhe a religião catholica, o direito romano, a admiração classica latina e o centralismo cesarista. Esta lucta, entre o realismo e o clericalismo de uma parte e a tradição e a liberdade de outra, reflecte-se em todos os documentos da nossa historia litteraria. É portanto a comprovação moral e intellectual das transformações sociaes por que tem passado a nacionalidade portugueza.

Pelo estudo immediato das obras litterarias vê-se que quanto mais o escriptor se afasta do povo, tanto menos é o seu merito real, pois que a base de toda a litteratura é a tradição [1], do mesmo modo que no orga-

---

[1] O sabio professor da Universidade central de Madrid, D. José Carracido, em um estudo ácerca de Theophilo Braga, publicado no *Imparcial* (1 de fevereiro de 1890), estabelece assim a relação dos

nismo social quanto menores são as relações entre o governo e as massas populares, tanto maior é a decadencia da nação, porque a origem de todos os poderes é a soberania nacional. Theophilo Braga na sua *Theoria da Historia da Litteratura portugueza* prova-nos esta verdade, considerando successivamente as tres fórmas litterarias em que se dividem todas as litteraturas antigas e modernas: *Epopêa, Lyrismo* e *Drama.* «Estas fórmas

---

trabalhos sobre as tradições populares portuguezas e a Historia da Litteratura nacional: «Como o geologo que estuda nos fundos abysmos do planeta os mais rudimentares esboços da vida organica, e d'elles parte para seguir o seu desenvolvimento progressivo até attingir as fórmas mais complexas, o investigador do genio da nacionalidade portugueza esquadrinhou as massas populares para surprehender nos seus estribilhos e canções as primordiaes fórmas litterarias, explorou minuciosamente o archipelago dos Açores para colleccionar o seu Romanceiro e escolheu d'entre elle as fórmas litterarias sobreviventes n'esta colonia portugueza, que já pereceram na metropole; e por fim, percorreu todas as phases da litteratura culta, dissecando n'ella as influencias estranhas que contribuiram para a modelar, e as circumstancias historicas que determinaram a sua grandeza e decadencia.

«Cancioneiros, romanceiros, antologias, edições criticas dos principaes poetas portuguezes, que constituem a base que pelo proprio trabalho de investigação Theophilo Braga accrescentou para cimentar solidamente a sua grandiosa *Historia da Litteratura portugueza*, desenvolvida em numerosos volumes, que se á primeira vista parecem um conjuncto insystematico, estudados detidamente n'elles se conhece a connexão organica que os inspira e o immenso amor patrio que palpita em todas as suas paginas, ora eruditas, ora eloquentes». (A traducção d'este estudo foi publicada na *Actualidade*, n.º 31, do XVII anno).

litterarias, segundo diz Theophilo Braga, têm uma origem commum, n'esse poder mental de personificar em *mythos*, e de exprimir o sentimento pela *imagem*, segundo a intuição das analogias». (Pag. 30). Da degeneração popular dos mythos nasceram as *Epopêas* antigas; a expressão do sentimento pela analogia das imagens deu origem ao *Lyrismo*; emfim o *Drama* sahiu da transformação de certas tradições ritualistas.

Na nossa tradição popular existem vastissimos elementos para a formação de uma epopêa cyclica nacional, que nunca se chegou a elaborar; ficaram sob a fórma oral de pequenos cantos até ao principio d'este seculo, quando foram estudados e colligidos em Romanceiro pela primeira vez. N'estes cantos, a que os eruditos chamaram *romances*, encontram-se elementos de diversas proveniencias, sobrepostos, na opinião de Theophilo Braga, «um fundo ethnico tradicional anterior ao desenvolvimento da raça árica na Europa, que é preciso investigar procurando restabelecel-o pelo processo comparativo com a civilisação protohistorica do Peru, sem comtudo pretendermos reduzir os resultados a uma unidade ethnica turaniana». (Pag. 35). Esta ideia apresentada pela primeira vez no *Parnaso portuguez moderno* é sustentada aqui com argumentos novos, e a sua revivescencia explicada pelo contacto com o elemento *mauresco* da civilisação arabe. Ao elemento ibero fundamental junta-se o elemento germanico com os seus symbolos, superstições e costumes populares. No seculo xv passou o desenvolvimento dos cantos heroicos peninsulares, abafados pela erudição latina e pela extincção das liberdades

locaes; mas os romances populares continuaram a ser repetidos na tradição oral até nossos dias. Muitas das epopêas medievaes, que foram conhecidas em toda a Europa, tambem chegaram a Portugal e andam na tradição do nosso povo, como os Gestas francezes e os poemas gallo-bretões da Tavola Redonda. No seculo XIV começou a dar-se a degeneração das canções de Gesta, que no seculo XV receberam entre nós a fórma de prosa nas *Novellas de Cavalleria*, sendo a primeira que soffreu esta transformação a de *Amadas et Ydoine*, d'onde saíu a novella do *Amadis de Gaula*. A erudição da Renascença provocou a decadencia da phase novellesca na actividade rhetorica e banal do grande cyclo dos *Palmeirins*, e depois de esquecido o ideal cavalheiresco, a queda no convencionalismo allegorico e pastoral, que os jesuitas souberam aproveitar para interesse da Companhia.

No seculo XVII as Novellas de Cavalleria foram abreviadas pelos livreiros e caíram nas mãos do povo, como a *Historia de Carlos Magno*, o *Roberto do Diabo*, etc. O conto da Edade-média soffreu uma abreviação natural e conservou-se na tradição; ou completamente obliterado só deixou na memoria popular uns residuos de que se fizeram anexins. Assim, como diz Theophilo Braga, «a creação litteraria desenvolvida por um trabalho individual sobre elementos da tradição, á medida que esquece a sua relação com o meio social, degenera e extingue-se, e aquella que se retempera no gosto popular abrevia-se até perder-se outra vez no automatismo espontaneo da transmissão oral». (Pag. 84).

O *Lyrismo* entre nós começou por imitar a poesia

provençal em rasão da persistencia ethnica commum aos diversos pontos da Europa onde primeiro se manifestou ou propagou o movimento poetico trobadoresco. Esta persistencia das mesmas fórmas poeticas na Provença, Italia, Galliza e Portugal é approximada por Theophilo Braga dos cantos accadicos, estudados nos ultimos tempos. É a este fundo commum tradicional que elle attribue com bastante rasão a rapida propagação da poesia provençal no meio dia da Europa [1]. As Cruzadas foram o agente accidental d'esta diffusão poetica, não só no occidente mas ainda ao norte, na Inglaterra e Allemanha. Em Portugal foi introduzido o lyrismo trobadoresco ainda antes da separação da Galliza, mas só teve o seu completo desenvolvimento depois do regresso dos emigrados portuguezes que acompanharam em França D. Affonso III desde 1238 até 1246. Na côrte d'este monarcha teve um grande incremento a poesia provençal, cujo subjectivismo tocou o exagero, nas poesias de seu filho D. Diniz [2].

---

[1] «Lo cierto es que hay en los *Grandes Cancioneiros galaico-portugueses, cuyo descobrimiento y estudio ha sido uno de los mas gloriosos triumphos de la erudicion moderna,* algo y aun mucho que no es provenzal, ni cortesano, sino popular é indigena; algo que nos interesa meramente como arqueologico, sinó que como verdadera poesía nos commueve y llega al alma. Tal sucede, por ejemplo, con las que pudiéramos titular *barcarolas,* con las que pudiéramos apellidar cantos de romeria, con las llamadas *Canciones de amigo,* y con otras delicadas y suavisimas inspiraciones, primeira manifestacion genuina del lirismo peninsular; etc.» (Menendez Pelayo, *Antologia de Poetas lyricos castellanos,* t. I, pag. LXXXV).

[2] O Marquez de Valmar, na monumental edição das *Cantigas*

No seculo xv fez-se sentir em Portugal a influencia da poesia hespanhola, que tivera um grande desenvolvimento até se ostentar deslumbrante em João de Mena. Entre nós chegou-se então a preferir a lingua castelhana para ser empregada na poesia. Á influencia de João de Mena veiu oppôr-se a influencia da poesia italiana e a esplendida transformação da Renascença, no seculo xvi; contra esta innovação reagiram alguns poetas, mas prin-

---

de Santa Maria, do rei Affonso o Sabio, servindo-se dos trabalhos feitos sobre a eschola provençal portugueza, diz: «En estes pormenores, seguimos á Theophilo Braga, que con más acierto que otro alguno ha descrito y analizado el Cancioneiro da Ajuda». (Ed. da Acad. de Hist, tomo i, pag. 9, nota 2). Referindo-se ao estudo de restauração litteraria do texto da edição diplomatica do Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano publicado por Monaci, diz: «Pero no menos señalado y provechoso triunfo de la perseveranza, de la erudicion y de la perspicacia historica y filologica ha alcanzado el professor de literatura portuguesa Theophilo Braga con su edicion critica del *Cancioneiro portuguez da Vaticana.*

«La edicion de Monaci era rigorosamente diplomatica, casi un fac-símile, con todos los yerros materiales, linguisticos, métricos y ortográficos del copista italiano del siglo xvi. Para obviar á estos graves defectos y facilitar la comprension del texto, Monaci arrostró, con el arrojo y la constancia del benedictino, la ardua tarea de formar una reseña de las equivocaciones y errores systematicos del Códice, y un indice de las rectificaciones indispensables para la inteligencia de aquel primitivo lenguaje. Así y todo, era harto embarazosa y desabrida la lectura del Cancionero. Faltaba todavia un trabajo fundamental para su cabal inteligencia: una restauracion cientifica del idioma arcaico, una restitucion crítica del texto auténtico, viciado y corrompido.

«Este trabajo, penoso y altamente meritorio, ha sido llevado á

cipalmente pela fórma; a lucta que se travou no campo litterario foi de metro e não de ideal; uns preferiam o verso octosyllabo, da velha arte nacional, outros adoptavam o endecasyllabo, importado da Italia por Sá de Miranda. Entre aquelles, os poetas allegoricos, fascinados pelos idyllios de Theocrito, levantaram-se a grande altura, porque inconscientemente approximaram-se da tradição. Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão são dos

---

cabo de la manera mas gallarda y esmerada por el ilustre escritor portugués. Merced á su saber y á sus desvelos, ya pueden leerse claramente, sin fatigas de interpretacion, los mil doscientos cinco cantares que componen este monumento filologico, historico y tradicional de las literaturas portuguesa y gallega de los siglos XIII y XIV » [1]. E referindo-se ao processo critico de Theophilo Braga, escreve o Marquez de Valmar: « Acaso le lleva demasiado lèjos en las conjeturas y hipótesis que forma, su viva y escrutadora imaginacion; pero como quiera que sea, sus raciocinios y los datos eruditos, fundadas analogías y reciprocas conexiones en que les apoya, denotan un espiritu analizador y perspicaz, que sabe derramar verdadera luz crítica en esta dificultosa materia » [2].

Sobre as conclusões ácerca do elemento tradicional-popular nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes, escreve o Marquez de Valmar: « Añadiendo á esta influencia francesa la que ejercian los trovadores de Aquitania con sus fervorosas exhortaciones para llevar gente á las cruzadas, y con sus frecuentes romerias á Santiago, fácilmente se comprende que se formase en Galicia un centro de unificacion poética, como le llama Theophilo Braga, y una escuela de lirismo nacional, en idioma galaico-portugués; en la cual, á vueltas del elemento etnico, siempre muy poderoso, se reflejan las influencias francesa y provenzal. Esta escuela pasó á Leon y á Castilla,

[1] *Cantigas de Santa Maria*, tom. I, pag. 13.
[2] *Ibid.*, pag. 14; 30; 144, nota 1.

primeiros poetas d'este genero. Entre os da eschola italiana, conhecidos pelo nome de *Quinhentistas,* sobresaíu além de Sá de Miranda, o immortal Luiz de Camões que tão bem soube aproveitar os elementos tradicionaes na sua sublime epopêa nacional, e mesmo nas suas lyricas. É isto que dá a verdadeira superioridade ao auctor dos *Lusiadas.* Camões fundou eschola, mas os seus discipulos limitaram-se a imital-o de longe sem irem re-

---

resplandeció en la corte de Alfonso x, y cundió de tal manera, que hasta el pueblo comprendia aquel dialecto septentrional que tan maravillosamente se adaptaba al canto. Todo aparece ahora claro á nuestros ojos porque lo vemos demostrado en los importantes Cancioneros de la Biblioteca Vaticana y de Angelo Colocci. Antes de su descobrimiento, los historiadores criticos perdian el tino al querer explicar la razon que hubo de mover á Alfonso el Sabio (como á otros trovadores castellanos) á preferir la lengua galaico-portuguesa para unos cantos populares destinados á las iglesias de Castilla.

«Ahora habrian podido comprender Sánchez, Ticknor y el mismo Sarmiento, lo que antes no acertaban á explicarse, a saber: la exactitud de aquellas tan comentadas palabras de la famosa Carta del Marqués de Santillana al Condestable de Portugal: «Non es de dubdar, que en los reynos de Gallicia é Portugal el exerçiçio destas sçiençias (la metrica) mas que en ningunas otras regiones é provinçias de España se acostumbró; en tanto grado, que no ha mucho tiempo qualesquier deçidores é trovadores destas partes, agora fuesen *castellanos, andaluces* ó de la *Extremadura,* todas sus obras componian en lengua gallega ó portuguesa» [1].

Foi Theophilo Braga quem primeiro estudou este centro de unificação poetica, e determinou as fórmas tradicionaes do lyrismo galaico-portuguez, ás quaes allude Menendez Pelayo.

[1] *Cantigas de Santa Maria,* tom. I, pag. 173.

temperar a inspiração ás fontes populares da tradição; e a poesia caíu no *Culteranismo*, na affectação e no artificio que no seculo XVII atrophiaram todos os espiritos, ainda os mais intelligentes. O excesso da erudição classica e a perniciosa educação jesuitica contribuiram muito para esta decadencia. Foi a época das Academias litterarias, fundadas sem nenhum intuito superior, e apenas por imitação inconsciente do que succedia nos mais paizes europeus. Entretanto afastam-se da banalidade dominante Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Mello, porque não desconheceram a tradição popular.

No seculo XVIII desceu a litteratura á ultima degradação; a poesia era empregada na bajulação mais torpe e indigna; o poeta pedia esmola em verso. A satyra foi a unica fórma poetica superior, n'esta época do Cesarismo, e pela qual brilharam Tolentino e Diniz. Bocage conservou-se em communicação com o povo e por isso é o unico lembrado, mas a sua intelligencia estiolou-se no meio esteril e fatuo.

Para se saír d'este estado litterario foi preciso que viesse a emigração e que as maiores aptidões fossem ao estrangeiro orientar-se no sentido da nova corrente de ideias que produziu uma revolução em todas as litteraturas; referimo-nos ao Romantismo, que Almeida Garrett e Alexandre Herculano implantaram em Portugal depois de regressarem da emigração. As tradições nacionaes rehabilitaram-se e renovaram a nossa litteratura; Garrett inspirou-se da alma popular; mas como este movimento foi insciente e só intuitivo, a litteratura per-

deu-se no convencionalismo artificioso da imitação irracional, até que a eschola de Coimbra lhe veiu dar um novo impulso e que a Philosophia positiva a revivificou.

O theatro teve uma origem popular, que Theophilo Braga encontrou no *Arremedilho* e nas dansas mouriscas ou bailho vilão da Edade-média. Gil Vicente, no seculo XVI, levou para os serões do paço os costumes do povo, escrevendo os Autos, com os quaes lançou as primeiras bases do theatro portuguez. «O grande artista, diz o auctor do livro que vimos analysando, teve uma ideia superior nos seus Autos, e isto os faz dignos de estudo, além de serem a fórma evolutiva do theatro nacional; o lavrante da rainha luctava pela independencia da sociedade civil contra o fanatismo religioso e contra o parasitismo aristocratico que vivia de capitanias, alcaidarias e commendas» (pag. 163). Gil Vicente teve seguidores n'esta sua obra, como Chiado, Antonio Prestes e Camões. Sá de Miranda e Antonio Ferreira tentam introduzir a comedia e a tragedia classica, mas não acham continuadores. Os *Pateos* levavam á scena de preferencia os Autos que estavam no gosto da multidão; os jesuitas, porém, combatiam estas representações e contrapunham-lhe as suas longas e insipidas tragicomedias. Assim esterilisou-se o theatro nacional, e nas aldeias o povo conserva só a tradição das peças de Balthasar Dias e Affonso Alvares. Almeida Garrett procurou dar nova vida ao theatro portuguez e para isso escreveu alguns dramas primorosos, tendo a vaga comprehensão do valor das tradições populares que soube utilisar admiravelmente. Como na poesia, Garrett não teve continuadores

no drama. O theatro caíu na exaggeração ultra-romantica, na imitação absurda e insensata das peças estrangeiras e na traducção mercantil de dramas de fancaria.

Ao terminar o seu profundo trabalho diz Theophilo Braga: «A sciencia estudando o grupo das linguas novo-latinas, e comparando a evolução das litteraturas romanicas ou do meio dia da Europa, concluiu pela unidade ethnica e moral dos estados do Occidente; emquanto a democracia não funda em bases juridicas de federação esta solidariedade historica da França, Italia, Hespanha e Portugal, é preciso que a conclusão scientifica se generalise na fórma de um sentimento». (Pag. 180). Deve ser este, actualmente, o fim de todas as manifestações litterarias e artisticas [1].

O livro que acabamos de analysar rapidamente ter-

[1] Esta solidariedade da Civilisação occidental revelada nas Litteraturas foi notada pelos criticos hespanhoes, francezes e italianos na analyse da *Historia da Litteratura portugueza*. Escreve D. José Carracido: «Dado o caracter eminentemente nacional da obra d'este escriptor, é de suppôr que n'ella se manifeste certa hostilidade á Hespanha para se desligar de todos os liâmes e exibir livremente a propria e una personalidade do organismo que se apresenta com caracteres bastantes para constituir uma especie social independente; mas não é assim, porque a recta consciencia do profundo e austero investigador supplanta o apaixonado sentimento do patriota, confirmando mais uma vez que nenhum culto póde competir com o das ideias, nem aspiração alguma comparar-se com a de alcançar a verdade pelo interesse scientifico, para que os intuitos generosos impulsem a consciencia encaminhando-a para a justiça, desprezadora de mesquinhos egoismos.

«Se é certo que o infatigavel reivindicador das glorias littera-

mina com um *Appendice* em que Theophilo Braga trata *Da tradição poetica provençal na Litteratura portugueza*, baseando-se em documentos adquiridos ultimamente pela sciencia [1].

Passemos agora a considerar, n'um rapido golpe de vista, a vasta collecção de volumes subordinados ao titulo geral de *Historia da Litteratura portugueza*, e particularmente a *Historia do Romantismo em Portugal.*

---

rias de Portugal nos contesta algumas vezes o direito de prioridade de algumas obras, nunca nos abandona, truncando a communidade de origens e interrompendo as mutuas connexões, etc.»

No mesmo espirito escrevia Léo Quesnel: «Nada mais interessante do que seguir os desenvolvimentos philosophicos com que Theophilo Braga acompanha em cada pagina, o desenvolvimento natural da historia.

«Nada mais agradavel para um francez do que vêr a parte que nos cabe n'esta evolução litteraria. — A Academia de Lisboa poderia tambem pôr a concurso: *Da influencia da Litteratura franceza sobre a Litteratura portugueza.* O livro do snr. Theophilo Braga forneceria ao concorrente a materia». (*Revue littéraire et politique*).

Morselli, na *Revista di Filosofia scientifica*, tambem accentua a mesma ideia: «Notevolissima è sempre stata l'influenza della civiltà italiana sulla portoghese, perchè, se fino al secolo XIV i primi poeti e prosatori del Portogallo mostrarono vincolo troppo stretti colle rozze e primitive manifestazioni letterarie del genio francese, il secolo XV invece segna il principio d'una influenza generale del pensiero italiano che si é mentenuto dall' umanismo del Risorgimento fino all'Arcadia del settecento».

[1] Dando conta d'este livro na *Revue critique d'Histoire et de Littérature* (n.° 47, 1872) escreve Mr. Gaston Paris: «l'ensemble

Uma litteratura é o aggregado de todas as obras que exprimem o caracter, os sentimentos e o estado da mentalidade de um povo, de uma nação; por isso, uma litteratura é o producto intellectual e collectivo de um grupo humano, sujeito como qualquer outro producto sociologico a modificações e a transformações regidas por leis certas e fataes, cujo estudo e conhecimento é do dominio da Sociologia. As condições e os elementos de uma litteratura são muito variados; os principaes são:

---

de la theorie de Mr. Braga nous parait juste: il explique bien pour quoi la nationalité portugaise s'est détachée sur la côte occidentale de la Péninsule, quelles ont été les causes de la splendeur momentanée, quelles sont celles de son déclin (cette dernière partie, pour des raisons qu'on peut comprendre, est indiquée plutôt que traitée); il traite la Littérature comme une simple forme de la vie nationale, ce qui donne à tous ses jugements une base solide, bien que parfois un peu étroite. — Si les vues d'ensemble tiennent la plus large place dans ce petit livre, elles n'en excluent pas les faits intéressants et nombreux ».

Sobre este livro escrevia Adolpho Coelho: « A *Theoria* é a meu vêr o trabalho historico mais profundo que tem sido escripto em portuguez. Só se podia chegar a traçar um quadro de traços tão firmes e accentuados dirigido por um verdadeiro espirito philosophico, á altura das grandes questões historicas e com um conhecimento perfeito do objecto especial. Com um espirito brilhante apenas, produzir-se-hia só rhetorica e *aperçus* superficiaes com apparencia de mais ou menos profundeza; só com o segundo chegar-se-hia apenas á erudição com a apparéncia de um estofo mais ou menos mal urdido. Salvo alguma parte particular e insignificante, a *Theoria* ha de ficar na sciencia, e a these que desenvolve, adquirida como um facto demonstrado, evidente». (*A proposito da Historia da Litteratura portugueza*, carta ao auctor, pag. 5).

1.° O caracter ethnico e geral do povo a que pertence, isto é, o caracter particular e o genio peculiar da *raça*, mais ou menos modificado pelos diversos elementos que entram na sua composição e pelas condições geologicas e climatologicas do *meio*, em que se desenvolve, etc.

2.° As *tradições* conservadas no espirito publico, como os restos das velhas fórmas religiosas decadentes, os factos historicos tornados lendas pelo syncretismo popular, os costumes cuja origem se perde na noite dos tempos, etc.

3.° Os conhecimentos geraes do povo, a interpretação dos phenomenos naturaes, a concepção do universo, o estado religioso, politico e social, as relações com os outros povos, os progressos scientificos e industriaes, etc.

4.° A *lingua*, o instrumento que serve para exprimir e traduzir por escripto ou vocalmente as creações litterarias de um povo, ou de uma nação.

É com estes elementos que o escriptor faz uma obra litteraria; o fundo é commum, collectivo e humano; a fórma, o modo de exprimir, o *plano* de execução é individual; o fundo, o assumpto pertence á humanidade; a fórma, o modo de idealisação pertence ao artista. O escriptor, considerando os phenomenos naturaes e sociaes, idealisa-os, dá-lhes uma fórma original, e transmitte-os sob um ponto de vista proprio, sob um modo de vêr pessoal. É por este motivo que vêmos um mesmo assumpto tratado de diversos modos, por differentes escriptores.

A litteratura portugueza comprehende todas as obras litterarias escriptas em lingua portugueza, desde o se-

culo XII, quando se constituiu a nacionalidade, até aos nossos dias. A litteratura portugueza da renascença no seculo actual é o complexo de todos os trabalhos litterarios produzidos desde que o romantismo começou a influir no espirito dos escriptores portuguezes, ou desde que Herculano e Garrett receberam no exilio uma nova orientação esthetica.

Antes de entrarmos no estudo do renascimento litterario, cumpre-nos dizer algumas palavras da lingua e da nacionalidade portuguezas, e traçar o itinerario seguido pela litteratura nacional na sua evolução secular desde a fundação da monarchia até ás luctas da liberdade no corrente seculo.

Será este o ponto de partida d'este nosso trabalho.

A raça mais antiga de que se encontram vestigios no sul da Europa, e em particular na peninsula hispanica, é a raça celtica, emigrada da Asia em tempos anteriores a toda a historia. Não entraremos aqui na discussão dos elementos ethnicos primordiaes da Peninsula, cujos restos têm sido estudados pelos paleontologistas e craneologistas modernos, nem tão pouco nos occuparemos dos dois ramos distinctos da raça celtica, os Celtas e os Iberos; e das successivas invasões e colonias dos Phenicios, Gregos e Carthaginezes.

Os Romanos, quando conquistaram a peninsula, depois de longos combates e da forte resistencia de Sertorio e Viriato, foram pouco a pouco dominando os povos vencidos pela administração, e substituindo pela sua lingua culta e urbana as linguas ou os dialectos rusticos das populações submettidas. As leis e os documentos

officiaes, os soldados e os colonos mandados para as provincias, os magistrados nomeados pela metropole e que vinham acompanhados de suas familias e clientes, tudo concorreu, na opinião unanime dos philologos, para que os vencidos se familiarisassem com a lingua latina; mas á proporção que estes a recebiam, iam-na modificando, e crearam assim um *latim vulgar,* por meio do qual se communicavam com os vencedores. Podemos comprehender este facto com facilidade, se repararmos nas modificações que *soffre a nossa propria lingua,* quando fallada por um estrangeiro.

O longo dominio dos Romanos, exercendo uma influencia civilisadora sobre os povos vencidos, fez com que o latim vulgar supplantasse definitivamente os dialectos particulares em que estava dividida a lingua *euskariana* na Peninsula, bem como os dialectos gaulezes e italiotas, e mais tarde os germanicos.

As invasões dos barbaros, quebrando a unidade do imperio romano, e trazendo os germens de uma transformação social, apressaram a divisão dialectal do latim vulgar. Os invasores adoptaram os costumes romanos e procuraram imitar a civilisação do imperio; acceitaram por isso a legislação e a lingua dos vencidos. A influencia dos Frankos, dos Lombardos, dos Burguinhões, dos Ostrogodos e dos Visigodos sobre a lingua vulgar limitou-se á introducção de um grande numero de idiotismos e vocabulos, e a favorecer a evolução da linguagem na sua divisão e degeneração do latim.

Os arabes, durante o seu dominio, apenas augmentaram consideravelmente o vocabulario, sem exercerem de

modo algum a minima influencia sobre a grammatica das novas linguas, apesar de Seromenho dizer na *Origem da lingua portugueza* (pag. 10) que «os hespanhoes identificaram-se a tal ponto com os arabes, que, um seculo depois da conquista, tinham esquecido até a lingua propria». Este facto, devido á grande tolerancia dos conquistadores, foi parcial, e a lingua arabica nada contribuiu para a grammatica, nem mesmo o consonantismo do hespanhol, como o provaram Frederico Diez, Delius e o snr. Adolpho Coelho, que os cita, na *Lingua portugueza* (pag. 25).

Uma das maiores descobertas do seculo actual, tão fecundo na realidade em verdadeiras descobertas scientificas de grande alcance e applicação, é sem duvida a da formação das linguas romanicas. Schlegel, no principio do seculo, viu a connexão que existe entre o sanskrito e algumas linguas da Europa, como o grego e as linguas teutonicas; annos depois, empregando o mesmo processo comparativo, é que Frederico Diez mostrou á evidencia, na *Grammatica das Linguas romanicas* (1836 a 1844), que as linguas modernas do meio dia encontram a sua origem no latim. Desde então o estudo da glottica tem feito um progresso immenso; innumeros linguistas têm-se dedicado ao estudo comparativo das linguas novo-latinas e procurado as leis que regem a degeneração phonetica.

Tres leis geraes e fecundas dominam esta evolução:

1.ª Persistencia do accento tonico;

2.ª Suppressão das vogaes breves que precedem a syllaba accentuada;

3.ª Queda de certas consoantes mediaes [1].

As linguas que mais soffreram esta transformação na sua derivação do latim, foram: a franceza, a provençal e a catalã; as que menos soffreram: a portugueza e a italiana.

Esta opinião, corrente entre os especialistas, que as linguas romanicas derivam do latim vulgar ou popular levado ás provincias do imperio pelos legionarios e pelos colonos, o qual se transformou pouco a pouco e originou o francez, o hespanhol, o catalão, o portuguez, etc., opinião que Hovelacque [2] declara demonstrada, irrefutavel, impossivel de pôr em duvida, não passa de uma hypothese, muito plausivel, muito brilhante, muito seductora, é certo, mas á qual se podem fazer algumas objecções. Basta lembrarmo-nos, por exemplo, que os Romanos quando conquistaram a Peninsula iberica, encontraram aqui muitos povos, uns isolados, outros confederados n'um estado de civilisação bastante notavel e que não é crivel que estes povos abandonassem inteiramente as suas linguas para adoptarem a dos vencedores. Festo Avieno, Strabão, Plinio, Varrão, Polybio, Cesar, etc., descrevem-nos a Peninsula como muito povoada. Por outro lado, temos assistido n'este seculo á resurreição litteraria de muitas linguas e dia-

---

[1] Vid. Littré, *Histoire de la Langue française*, I, pag. 242; Brachet, *Grammaire hist. de la lang. fr.*; Hovelacque, *La Linguistique*, pag. 259; Th. Braga, *Manual da Hist. da Litt. port.*, pag. 6 e 7, etc.

[2] *La Linguistique*, pag. 258 (1876).

lectos que a imposição de uma lingua official durante seculos não fez esquecer, embora tivesse a favorecel-a a sua vulgarisação pela imprensa, o que não succedia na antiguidade. Está n'este caso o catalão. Além d'isso os philologos têm recentemente aproximado as fórmas populares das linguas chamadas novo-latinas dos textos mais archaicos do latim, como o canto dos Arvales, as Taboas Eugubinas, as inscripções e epitaphios. Tudo nos leva a crêr que as modernas linguas peninsulares representam a transformação de duas linguas falladas na Peninsula antes da invasão romana, e irmãs do latim, do grego e do sanskrito, talvez mesmo mais antigas do que a primeira. Assim as semelhanças e analogias da lingua latina com as linguas hespanhola e portugueza encontrar-se-hiam n'uma communidade de origem mais afastada. Modernamente vêmos dar-se um movimento n'este sentido [1]. Ora na lingua catalã achamos innumeras palavras e varias fórmas syntaxicas que têm mais affinidade com o portuguez do que com o castelhano, notando-se n'aquellas a queda das vogaes finaes, ás vezes da ultima syllaba como indicio de maior uso por falta de fixação litteraria. Este facto, já de si importante, adquire maior força ao constatarmos a existencia de termos semelhantes aos portuguezes em dialectos de

[1] Cf. Th. Braga, *Elementos da Nacionalidade portugueza* no 1.° vol. da *Revista de Estudos livres* e o plano da *Historia da Lusitania e da Iberia* do snr. João Bonança, desenvolvido nos seus artigos publicados no *Commercio de Portugal* n.° 1:350 a 1:362 (30 de dezembro de 1883 a 15 de janeiro de 1884).

certas localidades, ao passo que não se encontram nos principaes centros da região ou da provincia. Parece isto indicar uma origem commum. Vêmos, por exemplo, em Castanesa, nos Pyrineus, dizerem: *almoyna,* esmola; *abadia,* expressão usada nas nossas provincias em vez de freguezia ou parochia; *mangala,* bengala; *candil,* palavra conservada no romance popular do *Bernal Francez,* por çandeia; *casera,* caseira; *mossos* e *mossas,* moços e moças na accepção de creados, etc. Em Bagnères de Luchon: *turbamulta,* turbamulta; *auberges,* albergues. Em Ansó: *mangas,* mangas; *trenzado,* trançado; *basquiña,* vasquinha; *delantal,* avental.

Portugal entrou na vida historica no seculo XII, quando Affonso Henriques proclamou a independencia do pequeno condado que herdára de seu pae, arrogando-se o titulo de rei. Foi esta na Edade-média a ultima nação do meio dia da Europa, que se constituiu; a sua lingua, porém, tomou «muito cedo um ascendente litterario, servindo de vehiculo para a imitação da poesia provençal na Peninsula; mas este desenvolvimento prematuro submetteu-a ao pedantismo grammatical, desnaturando-a» [1].

Quando Affonso VI, de Leão, encarregou do governo da Galliza a Raymundo, primo de Henrique, que sob a sua dependencia tinha o condado portuguez, em todo este vasto territorio, em que predominava o elemento suevo, fallava-se um dialecto commum — o galleziano.

[1] Th. Braga, *Manual da Hist. da Litt. port.,* pag. 10.

Com a vinda do conde de Borgonha e dos cavalleiros e homens de armas que o acompanhavam, e com o seu estabelecimento no territorio portuguez, começou pouco a pouco a differenciar-se a lingua portugueza da galleziana; e com a independencia de Portugal e o desenvolvimento poetico, foi o portuguez formando-se gradualmente, ao passo que o gallego ficava estacionario, isto é, um dialecto archaico d'aquelle.

A lingua portugueza só começa a apparecer escripta sob a fórma litteraria no reinado de Affonso III nas poesias de imitação provençal.

Na composição do vocabulario portuguez tambem entrou um certo numero de palavras francezas, cuja origem é facil de suppôr, sabendo-se que D. Henrique, os cavalleiros que o rodeavam e alguns bispos e arcebispos de Portugal eram francezes de nacionalidade, que no principio da monarchia se estabeleceram no nosso territorio algumas colonias francezas, e que se refugiaram em França muitos fidalgos portuguezes no reinado de Sancho II, os quaes, depois da sua deposição, voltaram a Portugal em companhia de Affonso III.

Parece-nos sufficiente o que deixamos dito sobre os elementos constituidores da lingua e da nacionalidade portuguezas; passemos portanto á evolução litteraria.

A litteratura portugueza, desde o seculo XII, época em que Portugal conquistou a sua autonomia, até ao actual em que, com as ideias liberaes, recebeu os germens de uma vida nova, passou por diversas phases na sua evolução atravez das gerações successivas, phases cujo numero podemos fixar em cinco: 1.ª Eschola proven-

çal (seculo XII a XIV); 2.ª Eschola hespanhola (seculo XV); 3.ª Eschola quinhentista (seculo XVI); 4.ª Eschola seiscentista (seculo XVII); 5.ª Eschola arcádica (seculo XVIII).

Estas diversas phases da litteratura portugueza foram estudadas minuciosamente pelo mais infatigavel e mais erudito dos escriptores portuguezes, o distincto professor do Curso superior de Lettras, dr. Theophilo Braga, em quinze volumes publicados da *Historia da Litteratura portugueza* (1870-1877) e no resumo d'este immenso trabalho *Manual da Historia da Litteratura portugueza* (1875), completamente refundido no *Curso de Historia da Litteratura portugueza;* nós aqui só traçaremos uns lineamentos muito superficiaes da nossa evolução litteraria, baseando-nos nos importantes estudos de Theophilo Braga.

A litteratura portugueza não soube aproveitar e desenvolver os elementos tradicionaes da nacionalidade, os verdadeiros elementos populares, filhos do genio proprio da raça e do caracter particular, que distingue o povo portuguez dos outros povos irmãos, dos povos que d'elle se approximam pelo sangue, pela lingua e pelas tradições. A litteratura portugueza foi sempre uma litteratura de imitação, adoptando as fórmas e as correntes poeticas que recebia do estrangeiro; começando por imitar as epopêas da lingua d'Oil e as canções provençalescas, seguiu successivamente os poetas hespanhoes, os italianos, Gongora e por fim o gosto academico da França. Por isso a litteratura portugueza nunca foi popular; entre o escriptor e o povo houve sempre um abysmo raras vezes transposto; poucos foram os poetas que bebe-

*

ram a inspiração na grande veia popular, e esses mesmos não comprehenderam bem as suas tradições. Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões pertencem a esse pequeno numero, e é este o motivo da sua superioridade.

No XI seculo da nossa éra principia o desenvolvimento litterario das linguas romanicas. A primeira, em que nos apparecem escriptos monumentos poeticos, é a lingua d'Oc que se fallava no sul da França, na Aquitania, Tolosa e Provença, n'esse territorio, onde predominava o elemento gaulez mais puro da influencia gothica. Foi ahi, onde se conservavam as tradições gaulezas, e onde os velhos costumes nacionaes eram condemnados pela Egreja, que começou a desenvolver-se a poesia subjectiva, artificiosa e satyrica, que se propagou pouco a pouco a todas as côrtes, tendo o seu apogeu na época das cruzadas, entre 1095 e 1268. Esta poesia alliou-se á causa da liberdade communal em França e ao primeiro protesto contra o catholicismo, á seita dos Albigenses.

A imitação da poesia provençal fórma o primeiro periodo da litteratura portugueza; a Provença influiu em Portugal por intervenção da Galliza, primeiro fóco d'esta poesia na Peninsula, e pelas relações com a Italia em tempo de Affonso Henriques e directamente com a Provença pelo casamento de Sancho I com D. Dulce, filha do conde Raymundo de Beranger.

Durante os seculos XII, XIII e XIV foi esta a poesia que dominou em Portugal, poesia sentimental de um lyrismo requintado e affectadissimo, de que nos restam exemplos nos *Cancioneiros do Collegio dos Nobres* e *da Vaticana;* mas a par d'estas composições insipidas e

impertinentes, acham-se outras delicadas e graciosas que revelam um elemento popular, certamente os cantos prohibidos pelo primeiro concilio bracarense. Entre os cantos de ledino, os cantares de amigo, os dizeres, os cantares guayados, etc., encontram-se alguns formosissimos.

A influencia do norte da França (retornellos, sirventes, tenções, etc.) tambem se fez sentir em Portugal, como se vê pelos cancioneiros, nas canções de D. Diniz e de outros trovadores do seu tempo. Esta influencia veiu pelas relações com a França durante a emigração das principaes familias portuguezas no reinado de Sancho II. As ficções bretãs tambem se espalharam na Peninsula, trazidas pelos soldados que vieram defender a legitimidade de Pedro o Cruel á Hespanha; mas anteriormente já alguns poemas bretões eram conhecidos em Portugal. Foi aqui que a canção de gesta do *Amadis de Gaula* recebeu a fórma de novella, attribuida com bastante fundamento a Vasco da Lobeira [1].

Muitos são os trovadores portuguezes d'estes tres seculos, cujas composições foram colligidas nos cancioneiros; entre elles contam-se D. Diniz e seus filhos o conde de Barcellos e Affonso Sanches, etc.

No seculo XV a litteratura portugueza tomou outro modelo e a lingua soffreu uma modificação erudita. A sociedade passava por uma transformação importante, decaía o poder da aristocracia, abria-se um novo campo

---

[1] Vid. Theophilo Braga, *O Amadis de Gaula,* 1 vol., e *O Positivismo.*

ao espirito conquistador e aventureiro das classes nobres, a burguezia conquistava passo a passo o logar principal ao lado do monarcha, a jurisprudencia equilibrava a espada. Esta transformação tambem se deu na litteratura; as traducções do latim concorreram muito para esse effeito; foi então que a lingua recebeu um grande numero de palavras tiradas directamente do latim sem passarem pela modificação popular. Mas ao passo que a transformação social elevava o povo, e o approximava das outras classes sob o nome de terceiro estado, a transformação litteraria separava cada vez mais o povo dos eruditos.

N'este seculo tambem a redondilha menor dos cantos populares é substituida pelo verso de sete syllabas; os romances deixam de ser cantados para ser rezados ou recitados; esses cantos foram prohibidos na liturgia, e ao mesmo tempo que eram condemnados pela Egreja, eram-no tambem pelos eruditos que os achavam despreziveis. *Aravias* era o titulo que se dava a estes romances inteiramente populares, onde se encontram mythos da tradição indo-germanica e certos symbolos identicos aos dos Foraes, o que revela pertencerem á mesma classe que redigiu os costumes e os fóros locaes, isto é, o direito consuetudinario.

Entretanto na côrte, os fidalgos, separados do povo e desprezando a sua poesia, começaram, desde o infante D. Pedro, a imitarem a poesia castelhana, e substituiram o nome de trovador pelo de poeta; esta poesia era artificial e satyrica como a da eschola provençal, mas inferior a esta por desprezar completamente a tradição popular,

e adoptar o uso da velha mythologia. Encontramos as poesias palacianas d'esta eschola no *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende. As composições colleccionadas n'este cancioneiro são de varios generos: Glosas, voltas, esparsas, coplas, trovas, chacotas, etc.; algumas composições têm a fórma narrativa, porém a maior parte são satyricas e anecdoticas, tocando por vezes na obscenidade. Os poetas d'este periodo são innumeros, entre elles contam-se o infante D. Pedro, o Condestavel de Portugal, D. Philippa, o conde de Vimioso, Garcia de Rezende, etc.

É o seculo dos grandes chronistas; Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara e Ruy de Pina, dignos, na verdade, do nome de historiadores, accumularam materiaes, separando-os das lendas poeticas, e dotados de bom senso e de dignidade escreveram as chronicas portuguezas, verdadeiros monumentos historicos. Muitos outros livros em prosa se escreveram n'este seculo; mencionaremos apenas o *Leal Conselheiro* de el-rei D. Duarte.

Chegamos á época mais brilhante da litteratura portugueza, o seculo XVI, época em que se dá a influencia da poesia italiana e em que viveram os nossos primeiros poetas.

Estava descoberta a imprensa e funccionava em Portugal desde 1480, segundo Theophilo Braga, sob a protecção de D. Leonor, mulher de el-rei D. João II. O paiz elevára-se pouco a pouco, e engrandecera-se pelas conquistas e pelas descobertas. Bartholomeu Dias dobrára o celebre Cabo das Tormentas, chamado

depois cabo da Boa Esperança; Vasco da Gama descobrira as Indias e traçára através do Oceano o caminho do Oriente; Pedro Alvares Cabral, afastando-se um pouco d'esse caminho, encontrára o grande continente de Colombo. Formava-se nas Indias o vasto imperio portuguez; estabeleciam-se no Brazil as primeiras colonias, os germens do actual imperio brazileiro, onde segundo Littré está o futuro da nossa lingua e da nossa nacionalidade.

O seculo XVI é o periodo da maior grandeza de Portugal; á sua grandeza politica correspondeu a sua grandeza artistica e litteraria. Na arte teve bellos trabalhos de ourivesaria, como a custodia de Belem attribuida a Gil Vicente, e monumentos architectonicos, como o edificio dos Jeronymos; na litteratura Gil Vicente, Sá de Miranda e Luiz de Camões; na historia João de Barros e Damião de Goes.

N'esta época fixou-se a lingua portugueza pela constituição das leis grammaticaes; em 1536 publicou Fernão d'Oliveira a primeira grammatica portugueza; a segunda, escripta por João de Barros, que ignorava a existencia da outra, saíu em 1539. Os poetas contribuiram muito para a constituição das leis e para o desenvolvimento da lingua escripta.

No seculo XVI continúa a dar-se a separação entre o escriptor e o povo; desconhecem-se mutuamente; o povo continúa a ter a sua litteratura oral e tradicional, os romances populares; os escriptores, seguindo a corrente de imitação estrangeira, ignoram o elemento nacional; raros são os que conhecem os cantos tradicionaes,

mas esses raros são os que mais revelaram a sua superioridade. A poesia provençalesca do seculo XIV, que nos *cantares de amigo* imitava as serranilhas populares, um tanto ou quanto pastoris, deu origem no principio do seculo XVI ao bucolismo, ao genero pastoral de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda. Este ultimo, porém, imita a poesia italiana, onde, pelo mesmo tempo, tomára grande desenvolvimento o genero pastoril. A influencia da Italia veiu por intervenção da aristocracia portugueza que ali ia receber á educação erudita da época. Sá de Miranda introduziu os endecasyllabos em substituição do metro de redondilha, mas esta innovação não se fez sem grande lucta e sem reacção da parte dos poetas chamados da *medida velha.*

A Renascença da antiguidade, que começou na Italia, reflectiu-se em todas as litteraturas romanicas e fez-se sentir em Portugal desde 1526, anno em que Sá de Miranda regressou da sua viagem áquelle paiz.

No principio da época dos quinhentistas fundou Gil Vicente o theatro portuguez, com os seus *Autos,* começando por imitar os costumes populares da noite do Natal e por resuscitar o velho costume dos *Momos;* Gil Vicente durante toda a vida proclamou as ideias da Reforma e defendeu a liberdade de consciencia; era como lhe chama o dr. Theophilo Braga «o protesto do bom senso» contra o partido clerical e contra os eruditos.

Devemos fazer n'uns ligeiros traços a historia da nossa litteratura dramatica, desde as suas origens até ao romantismo. Os quatro volumes da *Historia da Litte-*

ratura portugueza de Theophilo Braga, relativos ao theatro, fornecem-nos os elementos para este esboço.

Qual foi a origem do theatro portuguez? Certamente não devemos ir procurar os germens do nosso theatro ao mundo antigo, a Euripides ou a Aristophanes, nem pretender ligar a nossa evolução dramatica aos escriptores romanos. A sua origem é mais modesta. A Edade-média, época de transição entre a civilisação greco-romana e a moderna civilisação occidental, foi para toda a Europa um periodo de profunda elaboração intellectual, moral e social. Levantavam-se e desenvolviam-se os elementos organicos das novas sociedades; o poder temporal e o poder espiritual, separados pela primeira vez, estendiam as suas raizes, esperando firmar-se para todo o sempre; ao mesmo tempo formavam-se as novas linguas, creavam-se as grandes epopêas medievicas, surgia o lyrismo provençal, appareciam emfim as fontes do theatro moderno, como appareceram as do theatro classico, entre as primitivas populações hellenicas. Portugal acompanhou as outras nações novo-latinas na sua evolução commum.

Os bobos, os farçantes, os histriões encontram-se nos paços portuguezes desde a fundação da monarchia; os jogos scenicos, as danças figuradas, os arremedilhos ou farças mimicas são um divertimento indispensavel de todas as solemnidades publicas, de todas as festas reaes. Nas egrejas representavam-se as scenas da paixão, cujos vestigios ainda existem por algumas aldeias, apesar da rigorosa repressão ecclesiastica e das successivas condemnações da Egreja. O Natal e a festa dos Reis da-

vam occasião a scenas pastoris com um caracter religioso, que sobrevivendo a todas as prepotencias clericaes, renasceram no Brazil, para onde foram levadas talvez pelos primeiros colonos. «O povo, affirma Theophilo Braga, cantava as suas *prosas* e hymnos *farsis* na liturgia christã, até que a pressão do catholicismo lhe impoz silencio». Os mômos ou entremezes usados na côrte de D. João II e a intervenção popular nas festas religiosas, influiram no genio extraordinario de Gil Vicente, que fundou o theatro nacional. Nos seus bellos Autos traduz os costumes da burguezia e corrige pelo riso e pela ironia os vicios do clero e os defeitos dos poderosos. Gil Vicente é um poeta humoristico que divertia a côrte nas festas da realeza e nos momentos de desalento e de susto; não escreve para o povo, mas sim para o rei e para os grandes. Algumas vezes os Autos foram representados nas egrejas; talvez só então fosse dado ao povo assistir aos triumphos do notavel poeta, que presentia a Reforma, e que se erguia em face dos poderosos. A alma popular animava os versos de Gil Vicente. Chiado, Camões, Antonio Prestes, Balthazar Dias continuaram durante o seculo XVI, a brilhante tradição que elle deixou na nossa historia.

A Renascença veiu mudar a orientação do theatro portuguez, como transformou a litteratura de todos os paizes; os poetas nacionaes imitaram a eschola italiana, a comedia classica. A decadencia do nosso theatro era, por essa época, preparada de uma maneira insistente pelo catholicismo, que começava a fortificar-se na peninsula hispanica. Os indices expurgatorios do Santo Officio

e as tragi-comedias dos jesuitas foram as armas empregadas contra os progressos dramaticos. Sá de Miranda, Jorge Ferreira e o dr. Antonio Ferreira procuram em vão sustentar a eschola italiana. O theatro portuguez decaía rapidamente á proporção que se afastava da tradição popular. A propria linguagem perdia a sua simplicidade primitiva e tornava-se pretenciosa e affectada, como se vê nas obras dos seiscentistas. As comedias de capa e espada foram importadas do theatro hespanhol de Lope de Vega e Calderon. Emfim D. João IV, introduzindo em Portugal a *opera ballet*, e um seculo mais tarde o marquez de Pombal, protegendo officialmente o theatro lyrico, deram o ultimo golpe na arte dramatica nacional. O derradeiro vestigio d'elle no seculo XVII é o *Fidalgo aprendiz* de D. Francisco Manoel de Mello. Este eminente escriptor «foi um genio annullado pelo meio em que viveu», diz com razão o auctor da *Historia da Litteratura portugueza*. É na verdade triste encontrar D. Francisco Manoel na côrte de D. João IV a escrever a lettra para os *tonos* e *operetas*, imitados do gosto francez pelos maestros que rodeavam o monarcha. No seculo XVII o genio hespanhol domina o nosso theatro, afogando completamente todo e qualquer vestigio de legitima expansão nacional.

No emtanto, era tão forte a tradição portugueza e tão impetuoso o veio riquissimo das fontes originaes, que, por baixo de todas as correntes extranhas, se conservou, mesmo no seio do povo, um theatro verdadeiramente nacional — a baixa comedia, que se representava nos *Pateos*. Contam-se por centenas as producções ano-

nymas que fizeram as delicias das classes populares durante o seculo XVIII e que se conhecem pela designação vulgar de comedias de cordel. Ha, em todas, typos inteiramente nacionaes, e uma graça sarcastica e «equivoca até quasi á obscenidade». Esta litteratura do povo representa o estado decadente, a atonia moral, o esquecimento da dignidade humana que caracterisava a sociedade portugueza no seculo passado. Foi n'este meio que se desenvolveu a veia comica de Antonio José, o celebre doutor judeu, victima da Inquisição; o espirito de revolta transparece nas suas comedias que decerto incommodavam pela sua gargalhada franca os ouvidos dos sorumbaticos servidores do despotismo. O Index expurgatorio declarou guerra de morte ao theatro popular, que Antonio José procurava resuscitar. Manoel de Figueiredo, Nicolau Luiz, Xavier Botelho e outros continuaram o trabalho do doutor judeu. Estes, como diz Theophilo Braga, «descobriram os grandes lavores, o plano, a eurythmia da obra, mas faltou-lhes uma faculdade — o senso philosophico». D'ahi a mediocridade e a inutilidade de tantos esforços. Os escriptores portuguezes, que por instantes foram ao povo beber a inspiração, caíram outra vez na imitação servil do theatro estrangeiro, tomando para modelo dos seus ensaios dramaticos as tragedias francezas. O insensato despotismo da casa de Bragança, perseguindo e difficultando o nosso desenvolvimento intellectual, no momento em que a Encyclopedia e a Revolução franceza proclamavam a emancipação humana, annullou as tentativas de renascimento litterario. O theatro veiu a caír na insipidez e na monoto-

nia estupida dos *Elogios dramaticos*, que se recitavam no palco nos principios do seculo actual.

Deixando para depois a restauração do theatro nacional, devida á brilhante iniciativa de Garrett, retomemos a evolução da nossa litteratura geral na época dos quinhentistas.

Luiz de Camões, tendo o sentimento da nossa nacionalidade, escreveu a grande epopêa portugueza, o maior monumento dos feitos e das tradições historicas de um povo — *Os Lusiadas,* elaborados durante a sua vida aventurosa nos carceres, no desterro, na miseria, desde Lisboa a Moçambique, a Goa e a Macau. Este poema foi filho da mesma corrente épica da Renascença que produziu Ariosto e Tasso na Italia, e em Portugal, além do grande épico, outros de menores dimensões, como Jeronymo Côrte Real, Vasco Mousinho de Quevedo, etc.

Outros poetas dignos de menção brilharam n'este seculo; e entre elles Christovão Falcão, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, André Falcão, etc.

Tambem os tres grandes chronistas do seculo XV tiveram innumeraveis continuadores, dignos como elles de nomeada pela vastissima série de observações e de factos que colheram e nos transmittiram; taes são: Castanheda, Antonio Galvão, João de Barros, Diogo do Couto, Jeronymo Osorio, Magalhães Gandavo, Garcia de Rezende, Francisco de Andrade, Castanhoso e o distincto critico e encyclopedico Damião de Goes.

O seculo XVII é uma época de decadencia para a litteratura portugueza, assim como para a sociedade; Portugal, que em 1580 caíra enfraquecido nos braços

da Hespanha, devendo em grande parte a sua quéda á acção combinada dos Jesuitas e da Inquisição, esteve subjugado por sessenta annos. Em 1640 uma revolta aristocratica restituiu-lhe a independencia, aproveitando a fraqueza da Hespanha, então a braços com a Catalunha revoltada e com a França que sustentava este heroico povo na defeza das suas liberdades e autonomia. Portugal, recobrando a sua independencia, continuou escravo do cesarismo e do clero, ficando completamente extranho ao movimento scientifico que agitava os outros povos. Como elles tivemos Academias, mas sem sciencia e sem seriedade. Predominou então o lyrismo culteranesco, a imitação do estylo de Marini e Gongora, sem elevação nem criterio. Muitos escriptores portuguezes preferiram escrever em hespanhol a escrever na sua lingua.

Na poesia d'esta época ha uma abundancia demasiada de epithetos e de imagens que tornam o estylo guindado e enfadonho, caíndo muitas vezes no picaresco. D'entre os poetas d'este seculo poucos são os que deixaram obras dignas de se mencionarem. A separação entre os escriptores e o povo accentua-se mais do que nunca. Porém, no lyrismo de Francisco Rodrigues Lobo encontra-se ainda um vestigio da poesia tradicional, devido ao estudo de Camões; D. Francisco Manoel de Mello inspirou-se tambem nas fontes tradicionaes, por isso é o maior lyrico da época. Na poesia mystico-amorosa, composta em certamens academicos e que celebrava a vida e os milagres dos santos, as festas religiosas, etc., e na poesia heroica, que cantava as fabulas sobre as

origens de Portugal e rimava as chronicas, consummiram-se insulsamente as forças intellectuaes dos nossos poetas. Além dos dous já mencionados, citaremos apenas Francisco Lopes, Gonçalves d'Andrade, Soror Violante do Céo e Gabriel Pereira de Castro.

A historia, como a poesia, tornou-se n'este seculo rhetorica, palavrosa, banal, como em Frei Luiz de Sousa e Jacintho Freire de Andrade. D. Francisco Manoel de Mello, que é o maior poeta d'este seculo, é tambem o unico historiador que tem uma concepção elevada na sua magnifica *Historia das Guerras da Catalunha,* escripta em castelhano.

O principal producto da intelligencia portugueza n'este seculo, producto cheio de sentimento e de belleza, são as Cartas de uma religiosa, reclusa em um convento de Beja, e dirigidas ao conde de Saint Leger, as quaes só existem na traducção franceza.

O seculo XVIII continuou a litteratura culteranesca do seculo anterior, mas sob a protecção official da realeza, que ainda mais pervertia a instituição e o fim das Academias. Em Portugal, sob a protecção de D. João V, fundou-se a Academia de Historia, que publicou uma grande quantidade de volumes de uma erudição bajulatoria e pedante. Luiz Antonio Verney, mostrando-se superior a este *meio* corrompido, criticou com severidade nas suas cartas sobre o *Verdadeiro methodo de estudar* os vicios do ensino scientifico entre nós e apresentou um plano de reforma.

A poesia foi sempre decaíndo por falta de ideal e pela depravação geral do gosto, até que se fundou a *Ar-*

cadia Ulyssiponense (1756) com o fim de levantar o espirito poetico do estado lamentavel a que descera, o que não conseguiu, apesar dos esforços de alguns de seus membros. Os principaes foram: Corrêa Garção, Diniz, Reis Quita e Manoel de Figueiredo. N'esta época floresceram alguns poetas extranhos á Arcadia, como Francisco Manoel do Nascimento e Nicolau Tolentino de Almeida. O poeta, n'este periodo, é um mendigo que bajula os grandes pedindo esmola. Em 1790 Caldas Barbosa funda *A Nova Arcadia,* que não é mais feliz que a anterior, mas tem uma vida tempestuosa, devida aos seus socios José Agostinho de Macedo e Barbosa du Bocage. Este é o poeta mais conhecido depois de Camões; escreveu bellos sonetos e poesias, mas sem ideal; foi um grande talento atrophiado pelo meio em que viveu.

Pòr este tempo já Goëthe havia escripto a melhor parte do *Fausto,* e tanto esta como outras obras do mesmo auctor e as de Schiller circulavam nos centros litterarios da Europa; entretanto Portugal conservou-se n'este estado desolador até que Almeida Garrett e Alexandre Herculano, refugiados na Inglaterra, iniciaram a nossa transformação.

Passemos agora á época da renascença litteraria, começada pela introducção do romantismo e que é o ponto principal do nosso trabalho.

HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL. — «Embora vos accusem, vos condemnem, vos prendam e vos enforquem, publicae sempre os vossos pensamentos. O fazel-o não é um direito, é antes dever; obrigação restricta é

para todos os que têm ideias, o communical-as aos outros para o bem commum. A verdade inteira pertence a todos: o que entenderdes que é util, podeis sem receio publical-o». Estas palavras de Paulo Luiz Courier, citadas em uma nota do livro que vamos analysar, como um resumo da disciplina moral do auctor, explicam-nos a sinceridade e o arrojo com que Theophilo Braga expõe as suas opiniões, ideias e principios, sem hesitar, sem temer um só instante as criticas capciosas e offensivas que lhe fazem aquelles, que por condescendencias pessoaes, por despeitos, por idiotismo ou ignorancia, não sabem respeitar o trabalho honrado. Quando, ha annos, assistimos ao espectaculo repugnante de meia duzia de homens sem consciencia e sem probidade deturparem e falsearem em criticas ignobeis uma das obras mais importantes do illustre professor — a *Historia universal*, não nos admiramos que este livro chame sobre si as furias biliosas e as injurias acerbas dos mesmos e de outros membros da litteratura official.

Theophilo Braga, condemnando-os ao desprezo, responde-lhes nobremente continuando a trabalhar e dando ao publico livros após livros, em que ha muita luz, muitas ideias e muitas verdades. O livro de que vamos fallar trouxe decerto muitos odios ao auctor, porque a época e os individuos de que se occupa são quasi nossos contemporaneos, mas elle respondeu a todos antecipadamente com aquellas palavras conscienciosas e bellas de Paulo Luiz Courier.

O assumpto d'este volume encerra-se no segundo titulo da obra — *Ideia geral do Romantismo: Garrett,*

Herculano, Castilho. São estes tres nomes os corypheus litterarios das gerações que nos precederam, são aquelles que justa ou injustamente foram considerados os primeiros, os mestres, os mais distinctos dos contemporaneos, e que foram elevados a idolos. Todos tres morreram já e deixaram uma reputação tradicional de superioridade e de gloria. Os amigos, os admiradores, os thuribularios d'estes idolos impozeram-os á admiração e ao respeito das novas gerações sem nos explicarem a sua obra, sem nos demonstrarem o valor dos seus trabalhos, e as novas gerações acceitaram esse culto litterario sem investigarem primeiro a razão de ser dos tres deuses. Tambem nós durante alguns annos tributámos aos dous primeiros uma veneração incondicional.

Era já tempo de se fazer justiça aos tres escriptores que representam a época constitucional na litteratura portugueza; era necessario analysar, criticar e avaliar a influencia do romantismo em Portugal; era indispensavel procurar-se e differençar-se o que havia de bom e de máo nas obras de Garrett, Herculano e Castilho; era conveniente estudar a acção d'estas tres individualidades sobre o seu meio, sobre o seu tempo, sobre as gerações que se lhes seguiram. Eis o que entendeu Theophilo Braga e o que realisou na sua *Historia do Romantismo em Portugal,* que é ao mesmo tempo a historia do meio e das revoluções politicas no periodo que se estende de 1820 até nossos dias.

Vamos proceder á analyse d'este volume seguindo rapidamente o fio da exposição, e começando pela introducção ou *Ideia geral do Romantismo.*

*

O que significa *Romantismo?*

Esta palavra, estabelecida nas discussões criticas de Goëthe com Schiller, tem tido uma falsa interpretação, ou pelo menos têm-lhe dado uma significação muito restricta. *Romantismo,* na verdadeira definição restabelecida por Theophilo Braga, exprime a rehabilitação da Edade-média, ou o triumpho do individualismo na litteratura; assim como a Renascença fôra a rehabilitação do mundo antigo, ou o triumpho da imitação da litteratura classica sobre as litteraturas espontaneas das nacionalidades mediévicas. A Renascença precedeu e acompanhou a transformação politica e social em que a monarchia, depois de supplantar a aristocracia feudal com a ajuda das communas, venceu estas e tornou-se absoluta e prepotente; do mesmo modo o Romantismo precedeu e acompanhou a profunda evolução em que as liberdades modernas venceram e supplantaram o despotismo monarchico; faltou-lhe porém unidade de pensamento. «Na sua oscillação doutrinaria, o Romantismo reflectiu todos os movimentos reaccionarios e liberaes da oscillação politica» (pag. 9). Assim o Romantismo passou por quatro phases bem distinctas na sua evolução desde o seculo passado. A primeira, ou *Proto-Romantismo,* foi iniciada por Montesquieu, Rousseau e Diderot com o sentimentalismo e admiração da natureza e com a preferencia dada á ideia sobre a fórma; a segunda, *Romantismo religioso* ou *emanuelico,* tem por representantes principaes Chateaubriand e Lamartine com a exaltação e idealisação do christianismo e da Edade-média; a terceira, *Romantismo liberal,* comprehende o amor da independencia na-

cional traduzido por Moore e Mickievicz, o protesto contra a ignorancia e reacção monarchica levantado por Byron e o desalento dos incomprehendidos, como Espronceda e Heine; n'esta phase teve origem o *Ultra-romantismo,* ou *Satanismo,* e o *Realismo* ou a substituição do idealismo transcendente pelo conflicto da ordem real nas litteraturas. É a phase da *Dissolução* do romantismo, em que se desenvolve a disciplina scientifica: «Foi o romantismo emanuelico, diz Theophilo Braga, o que entrou tardiamente em Portugal, predominando a feição religiosa em Herculano, e a medieval e cavalheiresca em Garrett; Castilho, como uma especie de Ducis, representava o pseudo classicismo post-revolucionario» (pag. 10). N'estas palavras está em resumo a historia d'estas tres individualidades litterarias.

Mas antes de entrar na historia do romantismo em Portugal, dá-nos o auctor uma ideia geral sobre as litteraturas romanticas e sobre a origem e causas d'este movimento intellectual em toda a Europa. Quando as instituições populares, os costumes locaes e as linguas romanicas chegaram ao periodo mais brilhante da sua organisação na Edade-média, a monarchia e o catholicismo de mãos dadas oppozeram-se por todas as fórmas ao posterior desenvolvimento communal, cuja individualidade e espontaneidade se reflectia em todos os phenomenos sociaes, litterarios, politicos e artisticos. A monarchia adoptando os codigos romanos, e o catholicismo a unidade da administração imperial, quizeram metter as sociedades modernas nos acanhados moldes da civilisação romana; as linguas vulgares foram aproximadas do la-

tim e banidas da egreja, os cantos populares foram condemnados, perseguidos e substituidos pela imitação dos poetas gregos e latinos; ás chronicas ingenuas e singelas seguiram-se historias rhetoricas de declamadores enfatuados; a architectura ogival foi abandonada pelos estylos dorico, jonico e corinthio; o catholicismo e a realeza desnaturaram tudo e por toda a parte; mesmo a Allemanha e a Inglaterra foram subjugadas, «mas n'estes dous povos havia um nucleo de tradições vigorosas resultantes da vitalidade da raça; esta força natural havia de impellil-os á originalidade» (pag. 15). A Allemanha começando por imitar a litteratura ingleza, achou a propria originalidade e iniciou o movimento romantico, como já iniciára a revolta contra a unidade papal pela Reforma. Graff, Diez, os dous Grimm, Lachmann, etc., pelo estudo da lingua, das tradições, das epopêas populares, despertaram a nacionalidade adormecida pela imitação servil da França e pelo opio da religião.

A Allemanha recebeu o impulso da Inglaterra, porque ali existia uma litteratura nacional em razão da realeza nunca ter conquistado o dominio absoluto. Os philosophos allemães estudam as creações sentimentaes, e Schlegel, fixando a lei organica que dirigiu a formação das litteraturas romanicas, foi o verdadeiro creador da historia das litteraturas. Acha-se a unidade das linguas indo-europêas, dos contos populares, e das tradições; encontram-se elementos communs em todas as litteraturas meridionaes, elementos que entraram na sua organisação primitiva e que eram portanto anteriores á constituição das linguas romanicas. Estes elementos são:

o *romano,* do qual os povos modernos receberam as virtudes civicas e as garantias civis do municipio; o *christão,* que adoptou a tradição da unidade romana, prejudicando a fecundidade popular, revelada nos Evangelhos apocryphos, nos cantos liturgicos e na allegoria do pastor Hermas; e o *barbaro,* com o seu individualismo, com as suas tradições e direito rustico de Visinhança e dos Pagi, etc. Ao mesmo tempo que na Allemanha se fazia a luz sobre a Edade-média, a philosophia indagava os fundamentos da arte e creava a Esthetica. «Sciencia muito moderna, diz Theophilo Braga, a sua historia é a evolução do pensamento procurando reduzir a processos logicos os phenomenos da impressionabilidade, e descobrir o fim racional das creações do sentimento; a *Esthetica* foi *sensualista* em Baumgarten, *idealista* em Schelling e Hegel; a feição *positiva,* dada pela renovação scientifica no fim do nosso seculo, baseia-se sobre o automatismo do elemento tradição, subordinado a um intuito individual» (pag. 65). O *bello* para Kant era o accordo dos productos da imaginação com o senso commum e o gosto; Fichte accidentalmente determinou o fim da Arte da lucta do individuo contra a natureza, isto é, no conflicto vital; Schelling, limitando o exagerado individualismo de Fichte, considerou a Arte o orgão geral da philosophia, que serve para achar as intimas e multiplas relações dos phenomenos naturaes e dar-nos a consciencia da unidade harmonica do universo; seguiu-se Hegel, que abandonando as abstracções metaphysicas pelo criterio historico, estabeleceu a Esthetica em bases mais proximas da realidade positiva. Theophilo Braga desen-

volve largamente todas estas ideias, que vimos tentando resumir em breves linhas, porque — «pelo conhecimento erudito da Edade-média, descobriu-se quaes eram as fontes das litteraturas modernas; pela especulação philosophica chegou-se a formular o criterio por onde se devem julgar as creações do sentimento» (pag. 75).

A Revolução franceza e a lucta contra o despotismo reflectiram-se nas litteraturas, na lucta contra os modelos academicos; era a lucta pela liberdade e contra a auctoridade na politica e na arte. A alliança dos movimentos intellectual e social vê-se em Kant, ancioso por noticias da revolução, e em Schiller recebendo o diploma de cidadão francez. Os poemas dados á luz por Mac-Pherson e attribuidos ao bardo Ossian, a traducção de *Sacuntala* por Schlegel e a descoberta feita por Grimm de um fragmento da velha poesia germanica, abrem novos horisontes aos poetas inglezes e allemães. Bonaparte apoderando-se da revolução consummiu as forças da França em correrias insensatas por toda a Europa, que tiveram por triste consequencia a reacção estupida da *Santa Alliança;* esta oppoz-se á renascença da Grecia, que pretendia libertar-se da oppressão de seculos. Byron, o inspirado poeta, que em seus versos condemnava essa liga reaccionaria, poz-se ao serviço da Grecia e combateu pela sua independencia; este acto e a poesia do insigne *lord* teve grande influencia no desenvolvimento do Romantismo liberal, que se tornou byroniano, affectado em Musset, ironico em Beranger e grandioso em Victor Hugo. A imitação forçada da Edade-média e o byronismo manifestaram-se por toda a parte.

Na Italia, Pellico, Rosseti, Berchet, Maroncelli protestam pela litteratura contra a tyrannia austriaca e são perseguidos ou encarcerados; Manzoni representa a phase christã do romantismo, e Leopardi a phase satanica. A Hespanha, abatida pelo catholicismo e pela realeza, para achar as suas origens foi preciso que a intolerancia politica levasse á emigração os seus melhores espiritos na larga época das perseguições, que vae de 1814 a 1823; mas os poetas hespanhoes não se elevaram além do romantismo mystico, ou quando muito, caíram no desalento como Espronceda.

Em Portugal deu-se o mesmo que na Hespanha; só depois da emigração é que fomos levados, e ainda inconscientemente e por imitação, a seguir o movimento romantico; antes de 1823 os livros estrangeiros não entravam em Portugal, senão como contrabando; a Intendencia da policia era rigorosa contra todas e quaesquer ideias que parecessem vir de fóra, e a Mesa censoria examinava todos os livros e originaes antes da publicação; assim, como poderia introduzir-se o romantismo antes da volta dos emigrados? e ainda depois, que elementos havia sobre que se baseasse a renovação litteraria? Nenhuns, e por isso os nossos litteratos, em vez de comprehenderam o movimento romantico, imitaram as litteraturas estrangeiras, como no seculo passado haviam imitado o classicismo francez e anteriormente as escholas italiana, castelhana e provençal. Só depois do cêrco do Porto é que Herculano se dedicou ás investigações historicas e sem criterio scientifico que o guiasse, como o provou bem alto, pondo o romance historico acima da

proprio intellecto, para assim poder dar uma direcção consciente ao movimento litterario que intuitivamente iniciou. Theophilo Braga deixa bem accentuada a influencia do *meio* sobre o espirito de Garrett.

O facto d'este nascer no Porto (4 de fevereiro de 1799) e de ter vivido na ilha Terceira desde 1810 a 1814, onde sempre predominaram sentimentos de independencia, explica em parte a sua inclinação para as ideias liberaes, oppostas ás da familia, essencialmente catholico-absolutista; a vida academica de Coimbra, onde se lia Voltaire, apesar das queixas da Intendencia, acabou de fazer de Garrett um apostolo da liberdade; por outro lado a educação religiosa que lhe deu a familia e a convivencia com o bispo e com os conegos de Angra, seus tios, deixou-lhe sempre no espirito fundas raizes que se revelaram no seu amor á religião. O bispo de Angra, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, poeta e erudito, exerceu bastante influencia sobre Garrett, como se vê pelas suas primeiras tentativas classicas; foi ainda devido talvez á sua educação humanista que não o attraíram os estudos scientificos durante a emigração, quando se agitavam ao redor d'elle tantas e tão grandes questões de philosophia e de sciencia. Os trabalhos de Garrett antes da emigração, como a *Lyrica de João Minimo* e o *Retrato de Venus,* são pautados pelos modelos em voga, mas de vez em quando transparece sob as fórmas acanhadas do pseudo classicismo a voz da revolução aspirando á liberdade; nas *Fabulas* principalmente é onde se sente mais essa *ideia nova,* pela qual annos depois teria de emigrar. Depois da revolução de

1820, Garrett escreveu uma ode elmanista para saudar a liberdade e no anno seguinte foi posta em scena a tragedia *Catão,* em que se reflectia o estado do espirito publico em aquella época memoravel da nossa historia.

Tendo voltado ao reino D. João VI e sendo rasgada a Constituição, começaram a ser perseguidos os liberaes; Garrett emigrou para o Havre em julho de 1823, regressou á patria ainda n'esse anno, mas a 30 de agosto foi expulso de Portugal, porque a Intendencia da policia o julgou perigoso para a ordem publica. Começava para Almeida Garrett uma nova época; do *meio* acanhado e pequeno em que vivera, passou para um *meio* agitado e enorme, onde se debatiam as grandes questões da politica, da litteratura, das sciencias, das artes e da philosophia, o centro moral da Europa. De 1823 a 1827 é o periodo da primeira perseguição em que tiveram de refugiar-se no estrangeiro os portuguezes mais illustres e mais notaveis da primeira metade d'este seculo, como o grande pintor Domingos Antonio Sequeira, o insigne compositor João Domingos Bomtempo e o eminente estadista José Xavier Mousinho da Silveira; durante este periodo é que Almeida Garrett, vivendo primeiro em Inglaterra e depois em França, escrevera o *Camões,* a *D. Branca* e a *Adosinda,* abrindo horisontes novos á poesia portugueza; estes quatro annos, como diz Theophilo Braga, «foi justamente o periodo mais fecundo da vida de Garrett».

«A musa de Garrett, diz o mesmo auctor, foi a melancholia; é este o unico sentimento das suas obras de

Miguel se declarou rei absoluto e começou o regimen da forca e do cacete.

Durante a segunda emigração Garrett deu á luz um religioso e absurdo *Tratado de Educação* e uma collecção de artigos sob o titulo de *Portugal na balança da Europa;* apesar d'estas banalidades, o espirito do grande poeta não tinha decaído; «emquanto se organisou o exercito liberal, Garrett viveu em Inglaterra assistindo como artista ao trabalho da renovação do Romantismo» (pag. 202). O seu silencio não significa esgotamento, antes pelo contrario, «o poeta estava em uma grande elaboração artistica, que precedeu a esplendida revelação do seu genio dramatico» (pag. 204).

Acompanhando a expedição liberal, esteve encerrado no Porto durante o cêrco; foi ahi que nas horas de ocio principiou *O Arco de Sant'Anna*, interessante romance historico, em que aproveitou admiravelmente aquella tradição de Pedro, o Crú, açoitando o bispo do Porto: inspirou-se, ou antes, teve a intuição da realidade ao descrever as luctas entre o bispo e o povo; o que não soube fazer nos poemas, fel-o no romance. Tendo entrado o exercito liberal em Lisboa, Garrett foi reintegrado no seu antigo logar, e dedicou-se desde então a fundar o theatro nacional e a crear um Conservatorio. Foi agora que o genio potente de Garrett se mostrou a toda a sua altura; escrevendo as bellas obras dramaticas, que o immortalisaram, o *Auto de Gil Vicente*, a *Filippa de Vilhena*, o *Alfageme de Santarem* e a sua obra prima, o monumental *Frei Luiz de Sousa.* Theophilo Braga não se occupa detidamente d'esta época, a mais brilhante

da vida de Garrett, porque já lhe consagrou o IV volume da *Historia do Theatro portuguez* (*Garrett e os Dramas romanticos*). Almeida Garrett era setembrista, mas conservou-se sempre em boas relações com o chefe dos cartistas, a quem votava entranhada admiração; por esse motivo entrou n'um ministerio conciliador em 1852. Mas anteriormente, em 1841, Garrett havia-se retirado temporariamente da politica e entregára-se a trabalhos litterarios, ou a revêr e a refundir o que escrevêra na mocidade. «N'este periodo da vida de Garrett, diz Theophilo Braga, é que collocamos essa tardia paixão amorosa que transparece no exaltado lyrismo das *Folhas caídas*, paixão absorvente e fatal, que lhe exhauriu o vigor physico e o levou á sepultura. Nada ha de mais ardente na poesia portugueza do que essas estrophes repassadas de sensualidade velada por uma elegancia artistica; sensualidade excitada pela posição social dos amantes, ambos casados e em lucta com a decepção e com o tedio da edade» (pag. 210). As *Folhas caídas* são poesias não só inexcediveis, mas inimitaveis; da poesia *Cascaes*, diz ainda o distincto poeta da *Visão dos Tempos*, que são estrophes «de uma ardencia e profundidade subjectiva, que, ousamos affirmal-o, em nenhuma litteratura antiga ou moderna poderá achar-se cousa que lhe seja comparavel» (pag. 212). Depois d'estas esplendidas poesias ainda começou um romance que deixou incompleto; intitula-se *Helena* e é sentimental e descriptivo, sem movimento nem elevação. Garrett considerou sempre a litteratura como um desenfado; a politica militante e mesquinha da ambição do poder teve

grande influencia n'elle e desviou-o bastante dos trabalhos litterarios; no emtanto, em algumas de suas obras revelou-se um genio.

Theophilo Braga faz intima justiça a Almeida Garrett; estudou-o com a impassibilidade e imparcialidade de critico; por vezes censura-o com a severidade imposta pela sciencia, outras, porém, e não poucas, admira-o com o enthusiasmo de poeta.

No livro II da *Historia do Romantismo em Portugal* occupa-se Theophilo Braga de Alexandre Herculano, d'esse vulto lendario, que exerceu durante muito tempo o poder espiritual sobre a nação, e reduz o idolo ás verdadeiras proporções humanas, estudando a sua obra com a severidade scientifica e justiceira do critico moderno.

Se em Garrett mostramos um exemplo da acção exercida pelo meio sobre o individuo e pelo individuo sobre o meio, vamos encontrar em Herculano um exemplo não menos frisante de um phenomeno psychologico, curioso e interessante, o retrocesso de um espirito com a edade. As primeiras impressões recebidas pelo cerebro são as ultimas que se perdem na velhice e muitas vezes succede, que tendo sido obliteradas por espaço de muitos annos, reapparecem com o primitivo vigor, quando o organismo começa a declinar para o tumulo. Assim succede, que homens liberaes, n'um periodo da sua vida, se tornam reaccionarios nos ultimos annos e voltam a admittir e respeitar os fetiches que adoraram na infancia e de que se riam na edade viril. Alexandre Herculano é d'este numero; absolutista nos seus primeiros annos,

viu-se envolvido no movimento liberal, cujas ideias perfilhou no desterro e defendeu pelas armas no cêrco do Porto; mais tarde, ao declinar da vida, voltou ao ponto d'onde partira e tornou-se partidario do absolutismo e do estacionamento e inimigo declarado das ideias democraticas, que estultamente stygmatisou.

Herculano (n. a 28 de março de 1810) era filho de Theodoro Candido de Araujo, recebedor da antiga Junta de Juros, e neto de um pedreiro e mestre de obras da casa real. «O valimento de Herculano no paço, diz Theophilo Braga, e a sua sympathia pela familia dos Braganças tinha raizes nas antigas funcções de seu avô; e a oscillação do seu espirito entre a causa de D. Miguel e a de D. Pedro era o resultado de uma affeição indistincta, que a violencia dos acontecimentos e a pressão dos partidos chegou a definir» (pag. 222).

A infancia de Herculano passou-se n'uma época muito desgraçada da nossa historia, quando Portugal estava inteiramente sob o protectorado de Inglaterra, e o regimen da forca e do cacete se arvorára no paiz. Até aos 14 annos frequentou as aulas das Necessidades, dos Padres do Oratorio, onde cursou as disciplinas de grammatica latina, logica e rhetorica, recebendo uma erudição theologica, toda baseada nos Concilios e nas Bullas, que lhe deu o tom auctoritario e emphatico, que nunca perdeu. Herculano seguiu o curso de commercio, obtendo um diploma da respectiva Junta, e estudou diplomatica com o paleographo Guimarães na Torre do Tombo. A época degradante em que os fidalgos levavam D. João VI a rasgar a constituição, proclamando-se absoluto, e que

*

se disputavam a honra de terem puxado o coche-real na volta de Villa Franca, exercia uma influencia geral sobre os espiritos; os alumnos da aula de commercio iam para o Terreiro do Paço gritar: *Viva D. Miguel, rei absoluto;* Theophilo Braga descreve com as mais vivas côres este periodo desgraçado da historia portugueza: «Logo que D. Miguel chegou a Lisboa, sua irmã Isabel Maria, que occupava a regencia, declinou n'elle os seus poderes, e começou então o regimen do terror. A torpe Carlota Joaquina, para tornar o filho um instrumento passivo da reacção absolutista, revelou-lhe que elle não era filho de D. João VI, e que se lhe não obedecesse em tudo o desauctorava, declarando o seu adulterio á nação! Os liberaes viam no estouvado D. Miguel apenas o filho do feitor da quinta do Ramalhão. Não existe na nossa historia uma época de maior degradação e insensatez; o facto da independencia do Brazil, por D. Pedro, que se fizera patrono da causa liberal, lançou muitos homens sinceros e ingenuos patriotas na usurpação miguelista; as violencias dos caceteiros, as prisões por denuncias secretas e os enforcamentos converteram muitos pretendidos legitimistas em liberaes. Vacillava-se na onda dos acontecimentos sem uma clara noção da independencia civil; os partidos, á falta de ideias que os delimitassem, distinguiam-se por affrontosas alcunhas» (pag. 227). N'este meio bestial, Alexandre Herculano, tendo então 18 annos, não só cantava o usurpador em odes e sonetos que ia levar a Queluz, mas até se filiou n'um bando de caceteiros; por este tempo, n'uma rixa que se deu entre dous grupos de rapazes na feira das Amoreiras,

Herculano foi ferido por um official de marinha, que mais tarde veiu a ser seu parente e amigo. N'esta primeira época da sua vida seguia as velhas fórmas arcadicas nos elogios ao tyranno e nas satyras contra os liberaes; mostrava-se, porém, «intelligente e novo, amoroso e honrado, e por isso não podia deixar de sacrificar-se pela causa da justiça. Na sublime poesia *A Victoria e a Piedade,* exclama, até certo ponto em contradicção com os factos, mas cheio de dignidade:

> Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
> Nos paços dos senhores!
> Eu jámais consagrei hymno sentido
> Da terra aos oppressores».
> (Pag. 233).

O talento de Herculano estava destinado a seguir as pisadas do furibundo José Agostinho se não se visse forçado a emigrar e a retemperar-se n'um meio mais sadio, onde podesse desabrochar a sua vocação litteraria. Talvez por curiosidade achou-se envolvido na revolta do 4 de infanteria em 21 de agosto de 1831. Herculano esteve escondido na mesma casa em que o liberal Galhardo, o seu antigo contendor das Amoreiras, se escondeu tambem n'aquella noite. D'essa casa passaram ambos para a esquadra franceza que bloqueava o Tejo e depois para um paquete inglez que os levou a Plymouth. Herculano fez-se transportar a Rennes, onde esteve até 1832, quando fez parte da expedição de Belle Isle para a Terceira; n'esta ilha alistou-se como voluntario da

rainha, acompanhando depois o exercito liberal ao cêrco do Porto. «A emigração foi para Herculano uma transfiguração da intelligencia, como diz Theophilo Braga, surgiu um homem novo. Nas amarguras do desterro o sentimento foi estimulado pela realidade da vida, e eil-o que surge um grande poeta!... As *Poesias* de Herculano trazem impressas as emoções novas da situação, em que se achava ao saír de Portugal escravo, e isto bastava para que a sua bella organisação poetica se desligasse para sempre do convencionalismo arcadico» (pag. 245).

Theophilo Braga elogia os versos de Herculano e faz sobresaír a belleza real, a anciedade do expatriado, a saudade da familia, a graça, o vigor, a energia, o colorido descriptivo, etc., que se encontram nas poesias da *Harpa do crente*. A proposito da esplendida ode *A Tempestade*, exclama o auctor da *Historia do Romantismo*: «Era uma alma de Tyrteu que se interrogava; no fragor da metralha não podia deixar de ser um valente soldado. Herculano foi um dos sete mil e quinhentos bravos desembarcados no Mindello e teve a sua parte n'essa epopêa do cêrco do Porto» (pag. 253).

Nos versos de Herculano estão descriptas todas as impressões d'esse grande e horroroso cêrco; a lucta sanguinosa entre irmãos, o desalento de instantes, a ferocidade dos combates, o abandono dos conventos, os frades guerreando como soldados contra os liberaes, os lances decisivos da campanha, tudo se acha pintado a vivas côres nas poesias de Alexandre Herculano. Este combateu e luctou como soldado valente, mas antes do fim do

cêrco foi passado á segunda linha e nomeado segundo bibliothecario da Bibliotheca publica do Porto. Com os seus amigos dr. Antonio Fortunato Martins da Cruz, dr. Bernardino Antonio Gomes e José Carneiro da Silva contribuiu para a fundação da *Sociedade das Sciencias medicas e de litteratura,* e collaborou no *Repositorio litterario,* que começou a publicar-se em 15 de outubro de 1834. Algumas das poesias que Herculano publicou n'este periodico não foram depois colligidas no volume da *Harpa do crente,* como *A Elegia do soldado.* Em alguns artigos, tambem alli publicados, mostrou comprehender a necessidade de uma renovação litteraria, mas ao mesmo tempo provou o seu estreito criterio por falta de conhecimentos scientificos e de philosophia.

Desde o principio da época constitucional que o parlamentarismo começou a absorver todos os espiritos, tanto os mediocres, como os intelligentes; o ser empregado publico tornou-se o *desideratum* geral. Herculano conservou-se no Porto inteiramente afastado das ambições pessoaes e mesquinhas que tudo corrompem; elle entregou-se ao estudo da historia patria e adquiriu então os cabedaes scientificos que ostentou no decurso da sua vida posterior. No *Repositorio litterario* deu á luz alguns estudos sobre manuscriptos, chronicas, etc., que foram o fructo dos seus primeiros trabalhos n'esta direcção. Vindo para Lisboa, lançou-se no campo politico como cartista, mas bem depressa sentiu um tédio profundo por essas luctas pequenas dos corrilhos e de ambiciosos.

Em 1837 principia o periodo da maior influencia de

Herculano sobre o espirito publico, com a fundação do *Panorama*, periodico da *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis,* sob as fórmas do *Penny Magazine.* Nos tres annos que se seguiram tentou introduzir o romance historico, em Portugal, com a publicação de pequenos romances, colligidos depois sob o titulo de *Lendas e Narrativas,* e com os esboços dos dous romances do *Monasticon.* Alexandre Herculano, que condemnára em seus versos as ordens religiosas, sentiu-se compadecido pela sorte dos monges e frades e começou a idealisar a vida ecclesiastica e a mostrar-se desfavoravel á excellente medida de Joaquim Antonio de Aguiar, que acabára com o monachismo pela raiz. No seu opusculo *O clero portuguez,* publicado em 1841, pronuncia-se tambem contra a suppressão dos dizimos, e lamenta o clero rural. É uma das muitas contradicções de Herculano.

O romance historico, introduzido por este, e continuado por Mendes Leal, Rebello da Silva, Andrade Corvo, etc., era inteiramente falso e convencional no estylo, nos caracteres, no sentimento, em tudo emfim. Alguns foram escriptos com talento, como os de Arnaldo Gama, mas a todos faltou uma orientação philosophica. Apenas se salva o *Arco de Sant'Anna,* de Almeida Garrett, de que já fallamos. Theophilo Braga, de escalpello em punho, dissecca os principaes romances de Herculano e mostra o seu insignificante valor. Como poderia Herculano escrever bons romances historicos se quando discutia sobre philosophia só dizia banalidades?

Tendo sido eleito deputado pelo Porto em 1840,

abandonou a politica dous annos depois, despeitado porque não se creou para elle um ministerio de instrucção publica, como lhe fôra promettido. Nomeado pela realeza bibliothecario da Ajuda, accolheu-se ao favor do paço; «alli, no seu remanso de naufrago politico, procuravam-no os nossos escriptores, e Herculano deixava-se adorar. A mocidade, em vez de trazer doutrina, vinha possuida de admiração» (pag. 309). Foi então que elle voltou aos estudos historicos por umas cinco Cartas sobre a Historia de Portugal, á imitação das Cartas sobre a Historia de França, de Agostinho Thierry, mas sem o alcance e sem o espirito revivificador d'estas. Em 1846 publicou Herculano o 1.º volume da *Historia de Portugal;* já tinham visto a luz da publicidade os documentos que interessam ás origens da nação e a nossa historia estava quasi tratada pelos historiadores hespanhoes como um capitulo da *Historia de Hespanha.* «Portanto, diz Theophilo Braga, o periodo dos primeiros seculos da monarchia portugueza é realmente o mais facil para o historiador, por causa dos immensos recursos estrangeiros. O trabalho de Herculano consistiu na severidade do methodo scientifico, abandonando a credulidade dos nossos chronistas beatos» (pag. 319). Os principios que dirigiram Herculano na investigação do passado historico de Portugal foram inteiramente falsos por falta do estudo da ethnologia peninsular, do criterio historico comparativo e de um ponto de vista seguro que o guiasse na exposição e avaliação dos factos. Não podemos acompanhar Theophilo Braga na erudita e severa analyse que faz á *Historia de Portugal,* porque nos levaria muito

espaço; basta dizer que o historiador ficou muito atraz do seu tempo, pois desconheceu a antiguidade prehistorica, os trabalhos profundos sobre os Iberos, sobre a onomatologia phenicia e celtica da Peninsula, sobre os povos germanicos, sobre as linguas comparadas, etc. Na *Historia de Portugal* abundam os erros e as contradicções com os factos; a sua critica historica é que é de uma severidade exaggerada por vezes. A eliminação do milagre de Ourique e de outras fabulas religiosas levantou o espirito do clero contra Herculano e choveram folhetos sobre folhetos. «Podia-se applicar o verso de Virgilio á polemica levantada pelos padres contra o auctor da *Historia de Portugal: Tantæ ne animis celestibus iræ!* Cabe porventura tanta colera em animos sagrados? Herculano fizera tão pouco» (pag. 342). Em 1851 voltou á vida politica e entrou para a redacção do *Paiz*, onde esteve até fins do anno, quando foi nomeado pelo governo para visitar os archivos de Portugal e colligir todos os monumentos historicos para a Torre do Tombo. Dous annos se demorou Herculano pelas provincias e na volta publicou o 4.º volume da sua *Historia de Portugal*, interrompida desde 1849.

«Quando estava mais habilitado com documentos, e quando o publico se interessava já pelo conhecimento do passado nacional, Herculano resolveu truncar o seu trabalho» (pag. 350).

Apesar de todas as instancias que lhe foram feitas e de todos os desejos que lhe satisfizeram (a ponto de demittirem o guarda-mór da Torre do Tombo, com quem tivera um rompimento pessoal) não conseguiram demo-

vel-o d'esta resolução. A causa principal encontra-se explicada em Rackzynski, que visitou Portugal em 1842 e que diz que Alexandre Herculano escrevia uma *Historia de Portugal durante a Edade-média;* era este o plano do historiador e nunca se achou com forças de o alargar. Em 1854 ainda publicou a *Origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal,* como um novo ataque contra os seus inimigos, contra o jesuitismo, que se tornára para elle uma preoccupação dominante. Sendo presidente da camara municipal de Belem, em 1855, por uma questão banal levou a auctoridade a dissolver a vereação e voltou outra vez á vida litteraria e ao socego da Ajuda, onde o ia procurar D. Pedro v, cuja amizade se tornou para o historiador «uma paixão exclusiva que lhe absorveu o tempo» (pag. 357). Herculano, no prologo da 3.ª edição da sua *Historia de Portugal,* faz a triste confissão, de que esta obra foi escripta para uso de um principe e portanto que a patria nada lhe deve. Theophilo Braga detem-se a analysar esta ligação estabelecida entre Herculano e D. Pedro v, entre o historiador que julgava a philosophia como *uma cousa hedionda e torpe, inimiga do passado e do futuro* (pag. 383) e o rei que dizia «que os caminhos de ferro paralysavam as primeiras industrias, que se dava demasiada importancia á civilisação que podia augmentar, e que Portugal e Hespanha não tinham industria, nem commercio, nem necessidades para sustentar caminhos de ferro» (pag. 371). N'estas paginas se vê tambem o verdadeiro merito do rei que se ia tornando fetiche. Depois da morte de D. Pedro v abandonou Herculano o seu lo-

gar de bibliothecario e recolheu-se ao isolamento de Valle de Lobos.

Entrára para a Academia das Sciencias em 1844, nove annos depois de ter escripto contra ella, e em 1856 tentou á custa da mesma a publicação dos *Portugaliæ Monumenta historica,* onde reproduziu inutilmente grande cópia de documentos já conhecidos, a par de outros de verdadeira utilidade (*Foraes e Contractos*). Esta collecção, porém, ficou incompleta e por um despeito Alexandre Herculano abandonou a Academia. O silencio de Valle de Lobos era interrompido de vez em quando por uma epistola pontifical, em que explicava aos admiradores a sua conducta, quer rejeitando theatralmente qualquer gran-cruz, quer declarando a sua opinião sobre qualquer assumpto. A carta sobre o artigo do codigo que trata do casamento civil é um triste documento da illustração de Herculano e infelizmente não é este o unico documento lamentavel dos ultimos annos da sua vida. A venda do diccionario de Ramalho á Academia e o seu casamento catholico são duas contradicções desgraçadas com as suas opiniões. A proposito da arbitrariedade do duque d'Avila, quando prohibiu as Conferencias do Casino, Alexandre Herculano condemnou a democracia e viu na philosophia moderna um gongorismo scientifico. Com rasão diz Theophilo Braga que «isto já não é o estacionamento, é o passado condemnando o presente».

Uma pneumonia dupla apanhada em virtude da etiqueta palaciana, por occasião da visita do imperador do Brazil, levou-o ao tumulo em 12 de setembro de 1877.

Apenas falleceu começou a desvanecer-se o perstigio do seu nome; abrindo-se uma subscripção para se lhe levantar um monumento, nunca se encontraram subscriptores sufficientes para se realisar o pensamento.

Theophilo Braga foi o primeiro que ousou vir a publico dizer a verdade completa sobre este mytho, que se chamou Alexandre Herculano. Trata-o com severidade, mas faz-lhe justiça.

No livro III e ultimo occupa-se Theophilo Braga de A. F. de Castilho, que, tendo nascido no principio do seculo (26 de janeiro de 1800), exerceu a sua actividade esterilisadora até 1875, decretando talentos, impondo á admiração do vulgo todas as mediocridades que o adulavam, tornando-se emfim *pontifex maximus* da litteratura official. Castilho ha muito tempo que foi apeado do pedestal, em que elle proprio se collocou; mesmo os discipulos d'elle, os confrades do *Elogio mutuo,* apenas morreu o *mestre,* voltaram as costas ao fetiche e esqueceram aquelle que os guindára a notabilidades litterarias. O idolo fôra apeado em vida por João de Deus, Theophilo Braga, Anthero de Quental, Joaquim de Vasconcellos, Graça Barreto, etc., e os discipulos não se atreveram a levantal-o outra vez, reconheceram a inutilidade dos esforços. Theophilo Braga, que foi talvez o mais rude demolidor da auctoridade litteraria de Castilho nos *Estudos da Edade-média,* na *Introducção á Historia da Litteratura,* nas *Theocracias litterarias,* etc., abandonou o latego pelo escalpello, e a indignação justa de poeta pela serenidade severa de critico.

Antonio Feliciano de Castilho, filho de um lente de

medicina e redactor do *Jornal de Coimbra,* viu a luz em Lisboa e foi desde o berço adulado pelos irmãos, e circumdado de lendas domesticas, que tiveram uma poderosa influencia sobre o futuro caracter da criança; no Lumiar passou os primeiros annos, onde «desfructou a saudavel liberdade e soltura da meninice, como diz Theophilo Braga, convalescendo em folguedos innocentes. É certo porém que estes campos áridos, que se pulverisam com as ventanias constantes de julho e agosto, esta pobreza de seiva, esta devastação systematica do saloio que esgota a terra não lhe consentindo um pêllo de verdura, contribuiram bastante para lhe darem uma ideia mesquinha da natureza, quando por uma calamidade lamentavel veiu a perder uma das suas mais immediatas relações com ella» (pag. 412). Aos seis annos Castilho teve a infelicidade de perder a vista, por se lhe ter recolhido o sarampo que começára a saír, e assim ficou para toda a sua vida sujeito aos cuidados dos irmãos, parentes e amigos, que lhe liam e que escreviam as poesias e prosa que elle dictava. Por causa d'esta desgraça «a situação excepcional do seu espirito não lhe deixou ter um plano e manteve-o além do termo natural em uma prolongada *puerilidade.* D'este modo ficou sempre criança, e é este o caracteristico por onde se determinam todas as suas bellezas e defeitos» (pag. 414). Aos dezeseis annos publicou um Epicedio á morte de D. Maria I e no anno seguinte escreveu o seu primeiro poema: *A faustissima acclamação de sua magestade fidelissima o snr. D. João VI,* onde a bajulação chega a enojar; Castilho n'este poema, «que é um aviltamento da arte»

e «o maior monumento da sua decadencia», até canta a fugida do rei para o Brazil e condemna a egualdade e a liberdade, como um *criminoso orgulho,* que

> Tem desterrado a paz do inteiro Mundo,
> De sangue as Regias Purpuras manchado
> Abatido as Nações ao jugo, á morte.

Em paga foi despachado escrivão com a renda annual e vitalicia de quatro mil cruzados.

Em 1820 já as ideias de Castilho sobre a liberdade haviam sido modificadas pelo conhecimento dos livros dos encyclopedistas; por isso figura com alguns sonetos e odes liberaes no Outeiro poetico da sala dos Capellos em 21 e 22 de novembro; mas tres annos depois, quando D. João VI rasgou a Constituição, Castilho tambem saudou esta reacção do despotismo n'outro Outeiro poetico, desculpando-se mais tarde d'esta contradicção com a auctoridade paterna e prevenção de segurança. Castilho era então muito applaudido nos Outeiros poeticos e escreveu e traduziu por esta época alguns dramas e tragedias que ficaram ignorados. Em 1826 foi ordenado e despachado parocho Augusto Frederico de Castilho, seu irmão e companheiro de infancia, mais novo dous annos, com quem aprendeu latim, rhetorica, philosophia, linguas, etc., sob a direcção dos mesmos mestres, e com o qual foi para S. Mamede de Castanheira do Vouga, onde passou outo annos da sua vida até ao completo triumpho da causa liberal; ali traduziu Ovidio e viveu de idyllios ligeiros e pueris, como o bucolismo de Longus. Augusto Frederico lançou-se na politica parlamen-

tar e seu irmão acompanhou-o proclamando-se tambem liberal nas suas *Epistolas ao Usurpador na saída de Portugal e ao Povo nas Eleições de 1834*, onde o futuro visconde se diz *raiz plebeia*, quando pelo contrario «parece que se jurára ou encartára poeta cesareo da casa Bragança Bourbon, pelo que vemos do *Tributo saudoso á memoria do Libertador*, e no *Transito do snr. D. Pedro V*. Tudo verduras de uma infancia perpetua, que se desdobra em uma prolixidade de fructos» (pag. 438).

Os assumptos pueris é que elle amava de preferencia, a *fabula* tinha encantos infantis; assim nas *Cartas de Ecco e Narciso* conta em estylo de Florian—«o amor não correspondido de uma terna nympha por um mancebo cruel», empregando a mythologia como um thema galante para versejar á Demoustier; a verdadeira interpretação da mythologia nunca a conheceu Castilho, que apenas viu a antiguidade pelas *Metamorphoses* e *Amores* de Ovidio. Theophilo Braga começa a analysar as *Cartas de Ecco e Narciso*, mas bem depressa declara «que está esgotado o assumpto: tudo o mais não tem movimento: gira sempre no mesmo eixo; o poeta continúa os monologos como uma criança inquieta, que se não cansa de assoprar freneticamente em um assobio de feira até quebral-o... O resto do livro é digno de compaixão pelas futilidades da puericia» (pag. 444). Este poemeto academico teve grande influencia na sua vida, porque foi o que lhe deu nome em Portugal e no Brazil.

Este livro deu origem ao casamento de Castilho com uma senhora, que lhe escreveu defendendo o seu sexo, e perguntando-lhe se se lhe apresentasse uma Ecco imi-

taria Narciso. Pouco mais de dous annos viveu casado, porque o casamento foi retardado até 1834 e logo em fevereiro de 1837 lhe morreu a esposa.

Castilho não podia elevar-se da poesia pastoril e piegas das *Cartas de Ecco e Narciso,* da *Primavera* e do *Amor e Melancholia* ao subjectivismo romantico das novas concepções artisticas, e portanto condemna nos seus prologos a introducção feita por Garrett. A *Primavera* é, como diz Theophilo Braga, «uma *bemaventurança* de fátuos...» «Sempre uma nauseabunda doçura, uma lymphatica brandura! Fiquem por uma vez destruidas estas funestas influencias dos poetas didacticos do Imperio» (pag. 456).

O *Amor e Melancholia* é uma imitação insipida das modinhas brazileiras, que teve voga na sociedade burgueza. Apesar de não comprehender e de combater o romantismo, Castilho sentiu-se influenciado por elle e escreveu *A Noite do Castello.* No prologo dos *Quadros Historicos de Portugal* ainda verberava o romantismo e classificava o admiravel romance de Victor Hugo, a *Notre Dame de Paris,* de «famoso monstro litterario» e de «libello diffamatorio e infernal contra a natureza humana», ainda chamava aos romanticos *algozes do coração, da alma e da fé,* e lançava sobre elles este ridiculo brado: *eu vos despréxo.* Assim como na politica não tinha individualidade, nem convicções, ora cantando a liberdade, ora o despotismo, do mesmo modo, depois de condemnar ao desprezo a eschola romantica, declara-se romantico no poema *A Noite do Castello* e nos *Ciumes do Bardo,* mas diz que entra no romantismo como ex-

plorador. *A Noite do Castello* é um poema romanesco de sentimentos falsos, inspirados pela leitura dos romances em voga, e no qual apparece uma Edade-média toda convencional. Os *Ciumes do Bardo* são um poema de estylo byroniano, mas sem elevação e sem naturalidade. Castilho, para Theophilo Braga, é «em proporções mais acanhadas» o que Monti «foi em ponto grande». «Como Monti, Castilho é o ultimo representante da Arcadia, com um idyllio assucarado, de fórma alindada, celebrando todos os pequenos interesses dos epithalamios dos altos personagens; a sua elegancia e correcção têm o quer que é de receita, o que se chama *elmanismo*... Monti e Castilho primam pelo bem acabado da fórma e pela versatilidade das ideias, das convicções e do caracter, pela pretensão a puristas da lingua e pela incapacidade de tratarem scientificamente os problemas da philologia» (pag. 471). Castilho é o representante mais completo da decadencia litteraria e moral a que chegou o paiz sob o constitucionalismo bragantino, foi o ultimo inimigo da revolução na litteratura e o maior corruptor da moderna geração litteraria. O espirito infantil de Castilho revela-se em muitos caprichos e entretenimentos pueris da sua vida, como o uso de começar os versos por letra minuscula, a *Mnemonica*, o *A B C repentino*, o *Tratado de Metrificação*, o *Cerebro artificial*, etc. Castilho preferiu sempre a traducção á invenção, porque lhe faltavam ideias; as traducções, porém, não eram senão um pretexto para fazer phrases sonoras e cuidadas, sem se occupar do rigor da interpretação, e mesmo sem procurar comprehender o original, que traduzia muitas vezes de-

qualquer versão franceza. Começou por traduzir Ovidio sem comprehender o poeta, e terminou por torturar as obras primas de Molière, de Goëthe e de Shakespeare.

No meio das perturbações politicas da *Maria da Fonte* e da infame intervenção estrangeira contra o movimento nacional, Castilho foi para a ilha de S. Miguel, onde escreveu a *Felicidade pela Agricultura* e varios livros para as escholas de Ponta Delgada, e traduziu e adulterou o drama *Camões,* de Victor Perrot e Dumesnil, que fez passar por original durante alguns annos, e cuja acção é falsa perante a historia. Em 1848 começaram os conflictos litterarios contra Castilho, e a *Leitura repentina,* que elle punha a par dos *Lusiadas,* originou-lhe novas polemicas violentissimas; em 1854 foi ao Brazil prégar o seu methodo de leitura e com a bulha que fez conseguiu receber até á morte o ordenado annual de um conto de reis, como commissario geral das escholas do Methodo repentino.

Tendo morrido Garrett em 1854 e tendo-se retirado Herculano da vida publica, Castilho procurou impôr-se á geração moderna, como o director do espirito publico, para o que lhe faltavam todas as condições; tinha porém o estylo e foi este a base da sua theocracia. Fez-se *pontifex maximus* da litteratura portugueza e a sua palavra tornou-se infallivel. Em 1865 alguns escriptores, que se lançaram na corrente da actividade intellectual que ia por toda a Europa, ousaram atacar o Romantismo emanuelico e escreveram e pensaram com liberdade e independencia. Foi a grande lucta litteraria que rece-

*

beu o nome de *Eschola de Coimbra.* Castilho desde então até que morreu arvorou-se em chefe do grupo atrazado dos auctoritarios, a que Theophilo Braga chama — *Pedantocracia portugueza.* A traducção do *Fausto* de uma versão franceza foi a morte moral de Castilho; os novos esmagaram-no a elle e a todos os defensores do *mestre.* Entretanto surgia nova eschola e progredia o movimento revolucionario.

Este movimento começado em 1865 divide-se em tres phases: a primeira, poetica e metaphysica, concentrou-se em Coimbra; a segunda partiu do Porto, em 1868, com os trabalhos historicos sujeitos aos novos processos de critica comparativa; a terceira tem principio em Lisboa, em 1871, com as *Conferencias democraticas do Casino,* «em que preponderava ainda a indisciplina metaphysica, que foi inutilisar-se no mysticismo societario, até que começa a nova orientação mental pela propagação da Philosophia positiva, que levou os phenomenos apparentemente desvairados da politica a subordinarem-se ao criterio da sociologia, acabando com a perturbação revolucionaria» (pag. 494). A dissolução metaphysica do Romantismo emanuelico, principiada pelo lyrismo byroniano e humanitario, accentuou-se cada vez mais e transformou-se em critica scientifica e em aspiração revolucionaria. A Philosophia positiva veiu dar uma direcção salutar aos espiritos e disciplinar a emancipação intellectual; a sua influencia faz-se já sentir na vida moderna, na poesia, na critica, no romance, na historia, na pedagogia, na politica, etc. O centenario de Camões em 1880 revela a orientação do espirito publico n'este

sentido, e deve ser o principio de um novo periodo de revivescencia para a nacionalidade portugueza.

A *Historia do Romantismo em Portugal,* que acabamos de analysar, é a historia critica da época que terminou. Era tempo de serem estudados e conhecidos no seu justo valor os tres corypheus d'esta época, que precedeu a época da disciplina positiva em que entramos. Theophilo Braga, escrevendo esta obra, prestou um grande serviço á litteratura portugueza e particularmente á nova geração, a quem ainda alguns espiritos mediocres e conscienciass gastas tentam impôr a auctoridade lendaria dos mortos. Acabaram os idolos, e os novos para seguirem precisam de conhecer o progresso scientifico, que se desenvolve e augmenta sob a direcção positiva pelo criterio philosophico.

Em 1875 saiu á luz o *Manual da Historia da Litteratura portugueza,* notavel resumo da *Historia da Litteratura portugueza,* por Theophilo Braga, e superior a ella, na opinião do erudito professor, em quanto ao plano e ideia geral. Destinado especialmente ao ensino nas aulas de instrucção secundaria, respondia de uma maneira honrosa ao convite feito por muitos professores dos lyceus nacionaes e directores de collegios particulares, que se queixavam da falta de um compendio elementar d'este ramo de conhecimentos. Mas, contra o que era de esperar, o acolhimento dispensado ao *Manual* não correspondeu ao seu valor pedagogico, apesar da approvação da Junta consultiva de instrucção publica. A maioria dos professores esquivou-se a adoptal-o para texto das lições, sob o pretexto de que era... grande; e

passaram-se dez annos sem que a edição de todo se esgotasse. A rasão d'este facto descreve-a o auctor n'estas palavras: «A instrucção publica em Portugal faz-se á custa do emprego exclusivo da memoria, segundo a tradição pedagogica dos jesuitas, e por isso o professor quer um texto dogmatico, paragraphado, em fórma de definições e de enumerações categoricas, de modo que em interrogações peremptorias avalie o estudo do alumno». Theophilo Braga, obedecendo ao excellente preceito de Comte, de que «os tratados didacticos devem unicamente dirigir-se aos mestres, através dos quaes deve sempre passar a instrucção destinada aos discipulos», preceito que é hoje em dia opinião corrente entre todos os grandes pedagogistas, escreveu o seu livro para o professor, para ser lido e d'elle se extrahir a doutrina «segundo o criterio de quem ensina». Procurou combater o vicio da instrucção jesuitica, mas a tentativa sossobrou, graças ao atrazo mental da maioria do nosso professorado.

O *Curso de Historia da Litteratura portugueza* é uma segunda tentativa, uma reincidencia no mesmo intuito pedagogico. E com rasão diz o auctor: «O que não fizeram os professores praticamol-o nós, estudando o nosso livro em quanto aos seus defeitos de methodo e deficiencias de investigação. Podemos repetir as bellas palavras de Montaigne: «*Je n'ay pas plus fait mon livre, que mon livre m'a fait*». Terá este livro melhor acolhimento do que teve o seu predecessor? Crêmos que sim, porque dez annos são mais do que sufficientes para o espirito do nosso professorado ter progredido, ter-se elevado á communhão da sciencia moderna.

Theophilo Braga quando publicou o *Manual de Historia da Litteratura portugueza,* já o considerava superior pelo plano e ideia geral á sua grande obra, d'onde o extraíra. Superior e muito superior a todos os respeitos é ainda o *Curso de Historia da Litteratura portugueza,* não só porque, nos dez annos decorridos, innumeros e valiosos documentos de ethnologia, de ethnographia e de litteratura popular vieram enriquecer as nossas fontes litterarias e historicas, como porque os processos scientificos do auctor melhoraram-se e adquiriram maior precisão pelo desenvolvimento dos seus estudos philosophicos. Dous pontos capitaes distinguimos, principalmente, onde se revela de um modo inilludivel a superioridade do novo livro sobre o antigo, e são: — a mais perfeita e completa comprehensão da Edade-média nas suas relações com os periodos historicos que a precederam e com o que a seguiu, e bem assim na sua propria florescencia moral, artistica e litteraria; — e a applicação luminosa da divisão dos phenomenos sociaes em *staticos* e *dynamicos* á vida litteraria das nações, divisão estabelecida por Blainville para os phenomenos biologicos, e estendida por Augusto Comte á sociologia. Se juntarmos a isto, a coordenação systematica das litteraturas modernas, um julgamento mais sólido da litteratura nacional nas suas relações com as litteraturas estrangeiras, a determinação philosophica da unidade occidental nas litteraturas como nos demais phenomenos sociaes, um esboço mais circumstanciado de cada uma das épocas litterarias, um plano mais rigorosamente scientifico em cada uma das partes como no

conjuncto da obra, e emfim maior clareza de exposição, teremos dado uma concisa ideia do merito superior do novo livro confrontado com o antigo. E se é superior sob o ponto de vista scientifico e philosophico, não o é menos sob o ponto de vista pedagogico [1].

Estas palavras não envolvem uma affirmação banal. A perfeição attingida pelo auctor n'este livro explica-se. É a synthese de uma elaboração litteraria de longos annos. O *Curso de Historia da Litteratura portugueza* tem atraz de si vinte volumes da *Historia da Litteratura portugueza*, doze volumes de fontes tradicionaes, o *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, varias edições criticas de poetas nacionaes, os *Elementos da Nacionalida-*

---

[1] Ácerca d'este livro escreveu Léo Quesnel na *Revue politique et littéraire* (an. XVI, n.º 19): «Eis aqui um livro que confirma, desenvolve e demonstra tudo o que nós podiamos dizer de uma obra pedagogica de primeira ordem, cujo objecto directo é o ensino superior da juventude portugueza, mas que nos fornece novas provas do estado sempre avançado da cultura intellectual d'este paiz e da parte importante que a França teve outr'ora na educação de um povo pequeno pelo numero e grande pelas obras.

«O *Curso de Litteratura portugueza*, do snr. Theophilo Braga, é uma obra de reflexão, um dos livros que — como nota um critico portuguez... o snr. Teixeira Bastos — surge só n'um cerebro bem preparado. Não é difficil accumular os materiaes de um tal livro; é trabalho de paciencia; o que lhe dá o valor é a cohesão, é a intelligencia dos factos; n'uma palavra, são as verdades geraes e philosophicas que d'elle resultam.

de portugueza e a *Historia da Pedagogia em Portugal* (na *Revista de Estudos livres*), além de quatorze annos de exercicio effectivo como professor de litteraturas modernas, especialmente de litteratura portugueza, no Curso superior de Lettras. Da elevação do criterio philosophico é sufficiente testemunho, entre muitos outros trabalhos, o *Systema de Sociologia*, publicado em 1884. Com taes precedentes, o volume de que nos occupamos devia ser necessariamente uma obra prima. A difficuldade não consiste em escrever um livro d'este quilate, mas sim em attingir o gráo de conhecimentos scientificos e litterarios pela investigação e estudo e de desenvolvimento cerebral pela perfeição dos methodos, para que a elaboração de um tal livro seja uma cousa espontanea. N'estas pala-

---

«O snr. Theophilo Braga era talvez o homem melhor preparado para semelhante trabalho. Professor vitalicio de Litteratura... está na posse do seu assumpto como o póde estar um pedagogo; mas o que o colloca acima do mesmo assumpto, e que dá amplitude á sua obra, é que elle é sobretudo historiador e philosopho. O snr. Theophilo Braga vulgarisou em Portugal o systema de Comte, como Stuart Mill e Ricardo Congrève o vulgarisaram em Inglaterra. Não tratando aqui qual é a solidez d'este systema, é certo que a vasta synthese que apresenta quando se applica a um assumpto como é a historia de uma litteratura nacional, deve ministrar-lhe luz».

E concluindo sobre a influencia do livro: «Fornecerá, no emtanto, noções, esclarecimentos, synthese a quem quizer estudar não sómente a historia da litteratura de Portugal, mas a de todas as litteraturas do mundo».

vras se synthetisa a melhor recommendação d'este tratado [1].

Nos *prolegomenos* estabelece o erudito professor as bases da critica litteraria, pela determinação successiva dos elementos staticos da litteratura: a *raça*, a *tradição*, a *lingua* e a *nacionalidade*, e do elemento dynamico, definindo a *Litteratura* como «uma synthese; o quadro do estado moral de uma nacionalidade; a expressão consciente da sua evolução secular e historica». Escreve o auctor: «Subordinada ao meio social pela sua origem e destino, a litteratura reflecte todas as modificações successivas d'esse meio, achando-se, como todos os outros phenomenos sociologicos, sujeita a leis naturaes de or-

---

[1] Na revista americana *American Journal of Philology*, publicou o professor A. M. Elliott, um importante estudo sobre o *Curso de Historia da Litteratura portugueza*, de que resumiremos as phrases capitaes: «O homem sobre quem, mais do que em qualquer outro, parece actuar alguma cousa do espirito litterario que inspirou o grande Camões, é certamente o auctor d'este livro.

«A sua forte energia, o seu muito saber, a sua actividade extraordinaria difficilmente poderão ser excedidos por qualquer escriptor da peninsula, e particularmente nos tempos modernos o seu exemplo é uma excepção no meio dos seus concidadãos.

«Animado de resoluto patriotismo, tem combatido insuperaveis obstaculos, fazendo conhecido de todo o mundo os ricos thesouros da tradição portugueza, ou deixando aos seus compatriotas, tão exclusivos na sua vida litteraria, o germen do moderno saber europeu, cuja influencia liberal tanto tem emancipado os estudos modernos levantando-os do formalismo e estreiteza dos tempos medievaes».

Depois de resumir lucidamente o contheudo do Curso e o seu methodo, conclue Elliott:

dem *statica* ou de conservação, e de progresso ou de acção *dynamica*. Sem o conhecimento dos elementos staticos das litteraturas, é impossivel comprehender a sua origem e modo de formação; sem a apreciação das condições dynamicas, mal se avaliará o que pertence á influencia individual dos escriptores de genio. Pela mutua dependencia entre os phenomenos staticos e dynamicos é que se podem caracterisar as épocas litterarias de esplendor ou de decadencia, de invenção ou de imitação». N'estas palavras acha-se condensado o criterio sociologico, applicavel a todas as litteraturas, e que, no livro de que estamos fallando, se emprega excellentemente a proposito da litteratura portugueza.

«Uma vantagem importante da obra é o beneficio que advem ao leitor do conhecimento que o auctor tem das recentes investigações dos eruditos inglezes, allemães, francezes e italianos. A este respeito, a moderna eschola critica e os escriptores da historia litteraria em Portugal, mostram um trabalho sério, o que é realmente animador, comparando-se com os escriptores de ha muito poucas dezenas de annos.

«Comprehenderam bem o espirito activo da cultura do seculo XIX, e em parte alguma mais do que na nobre Lusitania de hoje, podemos vêr as ideias liberaes da vida litteraria da Europa produzir mais ricos fructos e o enthusiasmo dos trabalhadores, acompanhado de uma comprehensão tão verdadeira do seu dever para com o passado glorioso.

«Para qualquer se convencer d'isto, basta lêr este importante e opportuno trabalho de um dos seus mais brilhantes eruditos e mais instruidos escriptores». (Traduzido no *Seculo,* n.º 1:984, do VII anno. Lisboa).

Na *raça* predominam os caracteres ethnicos do ibero, essa raça da alta Asia, que faz a transição entre a raça amarella e a aríaca, na opinião de Bergmann, e que se fixou na Europa, onde se cruzou com os Celtas. O elemento berber e mauresco avivou esses caracteres na peninsula, no *Mosarabe*, e por isso esse «typo ainda transparente no povo de hoje, e na feição moral de um sombrio fatalismo». A *tradição* é, «por assim dizer, o vestigio da primitiva unidade ethnica», quer nas fórmas lyricas, quer nas épicas, quer ainda nas novellisticas, derivadas de crenças religiosas e de costumes identicos e communs. A *lingua* pertencendo ao grupo das novo-latinas ou romanicas, é uma transformação particular do latim rustico acceite pelas populações dos *pagi*, nas provincias do imperio, em rasão da sua «grande similaridade com os dialectos pelasgicos» que ellas fallavam. A *nacionalidade*, obedecendo a «imperiosas e fataes circumstancias» independentes de qualquer vontade individual, formou-se pela desmembração da Hespanha e «ficou o typo do pequeno estado livre peninsular», através de todas as vicissitudes da politica dynastica. Posto isto, os caracteres da raça, as tradições, as fórmas da linguagem e o sentimento da nacionalidade são os elementos da emoção commum expressa pelo escriptor ou artista nas suas obras. Assim a obra prima, litteraria ou artistica, é «a que mais assenta sobre bases ethnicas e tradicionaes».

Theophilo Braga, no *Curso de Historia da Litteratura portugueza*, investiga nas differentes épocas da nossa litteratura quaes os escriptores que mais se apro-

ximaram das fontes populares, desde o rei D. Diniz no seculo XIII, os poetas do Cancioneiro de Rezende no seculo XV, Gil Vicente, Christovão Falcão e Luiz de Camões no seculo XVI, Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Mello no seculo XVII, até Almeida Garrett no nosso seculo. A elevação e grandeza artistica de cada qual mede-se pela maior ou menor influencia dos elementos tradicionaes. Tanto maior será o genio poetico, quanto mais profundamente mergulhar na grande corrente da alma popular.

Dividindo a historia da nossa vida litteraria em seis épocas, o distincto professor descreve na primeira (seculo XII a XIV), que intitula *Trovadores Gallecio-Portuguezes*, a influencia do sul da França ou gallo-romana (litteratura provençalesca), a do norte da França, ou gallo-franka (canções do Gesta), a armoricana, ou gallo-bretã (Lays e novellas) e a latino-ecclesiastica e humanista; na segunda época (seculo XV), dedicada aos *Poetas palacianos*, occupa-se da elaboração do Lyrismo provençal pelo genio italiano, da diffusão das Novellas da Tavola Redonda em Portugal, da erudição latinista e da existencia de um elemento popular, revelado nas cantigas ao condestavel Nuno Alvares e a Aljubarrota, nas referencias aos romances tradicionaes e nos autos, mômos e entremezes; na terceira época ou dos *Quinhentistas* (seculo XVI) trata da Renascença da cultura greco-romana, considerada como negação da Edade-média, do conflicto entre a tradição medieval e a erudição classica, da influencia da Italia e seu prevalecimento. É este o periodo mais brilhante da litteratura portugueza, quando Fer-

não de Oliveira e João de Barros escrevem as primeiras tentativas da nossa grammatica; Gil Vicente funda o theatro nacional com os seus autos e levanta a arte pelos seus trabalhos de ourivesaria; Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão attingem o sublime no lyrismo popular; Sá de Miranda e a sua eschola, obedecendo á influencia italiana, introduzem entre nós a imitação classica; Damião de Goes, espirito rasgadamente encyclopedico, transforma de facto as chronicas pela applicação da critica; Garcia da Horta, na historia natural, e Pedro Nunes, nas mathematicas, alcançam nome eminente; Francisco Sanches, precursor de Bacon e Descartes, traça a synthese negativista, proclamando resolutamente: *Quod nihil scitur;* e emfim Camões, primeiro entre os primeiros do seu tempo, concilia o espirito classico com o medieval, e escreve a grandiosa epopêa do mundo moderno. Na 4.ª época (seculo XVII) — *Os Culteranistas* — falla o auctor do syncretismo da influencia italiana e hespanhola em Portugal e da tentativa da reforma dos estudos philologicos. A 5.ª época — *Os Arcades* — (seculo XVIII) é consagrada ao pseudo-classicismo francez, ás reformas do marquez de Pombal sob o influxo dos economistas francezes, e á influencia da Encyclopedia no nosso paiz. Emfim a 6.ª época, *Romantismo* (seculo XIX), comprehende a renovação da litteratura como uma consequencia das emigrações liberaes, a dissolução do romantismo pela critica revolucionaria e scientifica.

Theophilo Braga, chegando ao fim d'este bello volume, conclue da fórma seguinte:

«Pelo estudo da historia da litteratura chega-se á

descoberta de uma intima solidariedade affectiva entre todos os povos da Europa, revelada pelas creações artisticas com que mutuamente se influem; por estas relações de épocas e de escholas, de correntes de gosto e de renovações criticas, vê-se que a continuidade da civilisação occidental, interrompida pelo conflicto de crenças e de interesses politicos, actuou sempre como estimulo de coordenação social nas manifestações desinteressadas e livres do espirito. Tal é a lição implicita na historia litteraria de qualquer dos elementos do grupo romanico, que nos revela a primeira base da grande synthese sociocratica para onde se caminha» [1].

---

[1] A imprensa italiana não foi menos generosa na apreciação d'esta obra, do que a franceza e americana:

«L'autore è noto come il più ardito copo-scuola del libero pensiero nella peninsola iberica. Abbiamo già parlato di altri suoi scritti inspirati forse troppo strettamente ai principii del positivismo classico di A. Comte e Littré, ma non meno pregevoli ad onta di ciò per l'erudizione, per il liberalismo delle idee, per la chiarezza dello stille. Della sua cultura è bella prova il libro che ora abbiamo avuto da lui, un corso completo cioè di storia della letteratura portoghese, a cominciare dai *trovatores* del XII secolo fino al trionfo definitivo della scuola romantica nel XIX.

«Nella storia dell' attivitá letteraria del Portogallo si rispecchiano le fasi attraversate dalla letteratura dei paesi affini, e più specialmente della Spagna e dell' Italia. Notevolissima è sempre stata l'influenza della civiltà italiana sulla portoghese, perchè, se fino al secolo XIV i primi poeti e prosatori del Portogallo mostrarono vincolo troppo stretti colle rozze e primitive manifestazioni letterarie del genio francese, il secolo XV invece segna il principio d'una influenza generale del pensiero italiano che si è mantenuto dall' umanismo del

O *Curso de Historia da Litteratura portugueza* mostra, com effeito, a intima solidariedade affectiva que existe, e existiu sempre, entre Portugal e os outros povos da Europa.

Em 1881 publicou Theophilo Braga um volume, intitulado *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* ou *Pequenos escriptos.*

O titulo de *Pequenos escriptos,* definindo assim despretenciosamente a natureza d'esta publicação, encerra um certo numero de trabalhos scientificos e estudos criticos, a maior parte dos quaes havia sido publicada antes em periodicos e revistas litterarias e que foram

---

Risorgimento fino all' Arcadia del settecento. Con la rivoluzione del 1789 è subentrata naturalmente alla nostra l'influenza francese, fino a che negli anni più vicini a noi anche nella letteratura portoghese si è accentuato quel movimento sintetico e cosmopolita, che è devuto alla facilità stragrande dei commerci fra le diverse nazioni d'Europa e alla più diffusa conoscenza delle lingue straniere.

« Il Braga è filosofo e letterato ad un tempo. Ciò dà sommo valore alla sua storia letteraria, perchè lo sviluppo intellectuale umano, che si manifesta sotto le forme delle creazioni artistiche, ha anch'esso la sua filosofia: filosofia che è ancora in gran parte da fare, ma che uscirà presto o tardi dal cumulo fin qui sterile e disforme delle indagine storico-critiche dell' epoca nostra. Perchè letterato, la sua storia è completa ed erudita: e perchè filosofo, essa è anche imparziale e in molti concetti del tutto nuova. Cosi ci sembrano inspirate ad un profondo senso filosofico le belle pagine dove l'autore cerca di stabilire gli elementi *statici* e i *dinamici* della letteratura portoghese, ponendo fra i primi la razza, la tradizione, la lingua e la nazionalità: fra i secondi, l'azione esercitata dalle grande individualità di Francisco de Sousa (*de Sá*), di Gil Vicente, e specialmente di

modificados, corrigidos e augmentados de accordo com as novas descobertas feitas no campo da litteratura e da arte pelo distincto escriptor. *Estes cavacos e aparas do material em que trabalha, estas varreduras da gaveta,* como pittorescamente lhes chama o auctor, reuniu-os em volume subordinando-os ao nexo chronologico e assim prestou um bom serviço aos que estudam, porque ligou e deu a lume o que andava disperso e quasi esquecido por um numero infinito de revistas e jornaes. N'esta

---

Luiz de' Camoens, poi l'azione delle condizioni etico-politiche nelle varie epoche storiche, e infine, come vedemmo, quella delle affini letterature dei popoli romanici.

«Il Braga ha dimostrato in questo suo volume di sapere applicare quei principii di storia e critica letteraria, che egli proclamava fra i primi del suo paese fino dall' anno 1875: = La riforma nell' insegnamento delle letterature» scriveva egli nel suo ottimo *Manual de Historia da Litteratura portugueza* «deve partire dalla conclusione cui é giunta la scienza moderna — che lo studio delle creazioni intellettuali non si può fare in modo astratto. È necessario spiegarle ed apprezzarle nelle lore *relazioni storiche,* cioè nell' ambiente e nelle circostanze in cui si produsero. = Non dimentichiamo, adunque, sull'esempio del Braga, l'elemento nazionale; ma ricordamoci che l'umanità progredisce contemporaneamente in più punti, e che ciascuno di questi rappresenta un centro di attività, il quale subisce l'influenza degli altri e a sua volta fa loro subire la propria. Esistono, è vero, le letterature diverse, come esistono le diverse lingue: ma nessuna di esse potrebbe vivere isolata, e tutte sono come funzioni coordinate d'uno stesso organismo mentale — quelle dell' umanità incivilita». (*Rivista di Filosofia scientifica,* diretta da E. Morselli, vol. v, serie 2.ª (Novembro, 1886), pag. 698 e 699).

collecção de pequenos escriptos vêm tratados assumptos de grande importancia litteraria como a questão do *Amadis de Gaula* ser portuguez ou hespanhol, a identidade do *poeta* e do *ourives* Gil Vicente, a reivindicação do *Palmeirim de Inglaterra,* etc. etc. Entre todos os artigos tem decerto o primeiro logar o que se intitula: *O portuguez Sanches, precursor do Positivismo,* no qual o dr. Theophilo Braga prova, que Francisco Sanches, na segunda metade do seculo XVI, dando a lume o seu livro *Quod nihil scitur,* foi um dos precursores do Positivismo, pois proclamou a distincção entre o cognoscivel e o incognoscivel, indo buscar a fórma do conhecimento ás sciencias.

O estudo sobre o *Marquez de Pombal* merece especial menção, porque o erudito professor analysa os actos do grande ministro com a imparcialidade e com o rigor imposto pelo criterio historico; Sebastião José de Carvalho e Mello é apeado do pedestal a que inconscientemente foi elevado e fica reduzido ás verdadeiras proporções de homem decerto notavel, mas bastante selvagem, ambicioso, louco e pouco a par do desenvolvimento intellectual da época. É mais um idolo partido, embora pese aos innumeros admiradores do despotico marquez. Ninguem contesta que elle praticou alguns actos bons como homem de estado, mas a triste verdade é que os seus erros e crueldades offuscam muito o vulto que nos querem apresentar como um dos primeiros portuguezes. Outro artigo curiosissimo e importante d'esta collecção é o que traz por titulo: *Joaquim Silvestre Serrão e a Musica sacra portugueza,* onde nos revela

a existencia d'essa organisação especial que morreu quasi desconhecida na ilha de S. Miguel.

O volume termina com dous excellentes artigos sobre os iniciadores do Romantismo em Portugal: Almeida Garrett e Alexandre Herculano, nos quaes Theophilo Braga se refere aos trabalhos de Gomes de Amorim e de Serpa Pimentel, elogiando aquelle pelo grande numero de factos que foi accumulando sobre a vida de Garrett, e tratando este com rigorosa e justa severidade por vir especular com o publico dando á luz um livro insignificante, banal, obra de fancaria em que compromette Herculano e injuría torpemente o critico do grande historiador e em geral todos os positivistas.

Doze annos depois do apparecimento da *Historia do Romantismo em Portugal,* onde Theophilo Braga julgou a obra litteraria de Garrett, Herculano e Castilho, veiu á luz o estudo complementar d'essa época da nossa litteratura, correspondente á phase do *Ultra-Romantismo* e da sua *Dissolução critica,* sob o titulo de — *As Modernas Ideias na Litteratura portugueza.*

A segunda geração dos escriptores romanticos, na falta de um ideal, de uma doutrina philosophica, influenciada pela marcha politica de meio social, cahiu n'um convencionalismo rhetorico e sentimentalista. Correspondia ás formulas simuladas do liberalismo constitucional, de modo que a dissolução do romantismo foi para assim dizer uma consequencia da depressão do espirito nacional. A intervenção estrangeira de 1847 abafou todos os elementos da revivescencia. Edgar Quinet, que visitou Portugal, diz que não sabe o que admirar mais, se a en-

fatuação do poder, se o somno da opinião [1]. O governo de D. Maria II obstinava-se a impedir a resurreição do povo, que aspirava a renascer. E com effeito conseguiu a rainha o que desejava. Entrou-se desassombradamente na falsificação do parlamentarismo; e a litteratura, não tendo por guia um sentimento ou uma aspiração, lançou-se nos exaggeros de uma emoção ficticia e emphatica. Theophilo Braga na introducção a este seu ultimo livro estuda a correlação entre o regimen constitucional e o romantismo nas suas phases diversas e successivas. O meio, o tempo, a atmosphera moral que envolve o escriptor ou o artista, actuam poderosamente sobre o seu caracter, determinam as tendencias do seu espirito, provocam as manifestações particulares do seu genio. Diz com rasão o distincto publicista: «Muitos dos nossos escriptores modernos, poetas, romancistas, criticos, não podem ser julgados por um processo psychologico sobre as manifestações do seu talento; é preciso completar esse exame pela dependencia do meio social contra o qual reagiram, ou a que passivamente se adaptaram» (vol. I, pag. 5). Este processo critico, que na *Historia do Romantismo* applicou a Herculano e a Garrett, serve, na obra de que estamos fallando, para explicar racionalmente como a geração dos *Ultra-romanticos* não produziu o que d'ella se devia esperar e como «ao imperio

---

[1] *La France et la Sainte Alliance en Portugal*, 1847, folheto, pag. 56.

pleno das mediocridades se seguiu uma geração de protesto».

Os proprios epigones do Romantismo em Portugal renegavam os seus pretendidos continuadores. Garrett, nas *Viagens na minha terra* e no romance *Helena,* e Herculano, em um parecer apresentado no Conservatorio dramatico, condemnavam ou ridicularisavam os processos litterarios do Ultra-romantismo. Castilho é quem então empunhava o báculo litterario; «passava breves e bullas de genios aos que o thuribulavam. Creou-se assim um pequeno mundo de litteratura convencional, chamado do *Elogio mutuo,* em que os insensatos ultraromanticos se impuzeram á admiração provinciana, e proclamaram a propria importancia individual para se tornarem deputados, conselheiros, ministros de um theatral parlamentarismo, collaborando na obra dissolvente da Pedantocracia portugueza» (vol. I, pag. 96).

A revolução de 1848 em França repercutiu-se em toda a parte, convulsionando profundamente as nações da Europa, mas em Portugal, deprimido pelo crime da *intervenção armada,* pedida pela casa de Bragança, encontrou uma geração que tentava obliterar o facto vergonhoso com a glorificação em prosa e verso da familia traidora. No emtanto saíu do meio d'essa *geração sem protesto,* como lhe chama Theophilo Braga, «um talento dotado de um profundo criterio politico, de uma capacidade scientifica apta para comprehender e formular as necessidades do seu meio social, e com uma independencia de caracter para affirmar os principios democraticos no meio do conflicto dos partidos monarchicos, que,

brigando entre si pelos favores da realeza, exploravam os resentimentos da nação para ludibrial-a depois de servidos» (vol. I, pag. 103). Era Henriques Nogueira, o auctor dos bellos *Estudos sobre a Reforma em Portugal,* em volta de quem se começavam a agrupar os principaes espiritos da sociedade portugueza, e cuja morte prematura foi um verdadeiro desastre nacional. Depois, da *caverna de Caco,* na phrase de Rodrigues Sampaio, ou do *ninho de reptis palacianos,* segundo a expressão pittoresca do hymno de Gonçalves Lima, apenas se destacaram pelo ideal democratico Lopes de Mendonça e Latino Coelho. Todos os mais talentos, n'um estado de inconsciencia lastimavel, deixaram-se seduzir pela captação exercida pela dynastia brigantina.

Theophilo Braga analysa no livro I, consagrado aos *Ultra-romanticos,* a obra e a individualidade dos principaes representantes d'essa geração sem protesto — Rebello da Silva, Mendes Leal, Soares de Passos e Camillo Castello Branco.

Rebello da Silva (1821-1871) «era verdadeiramente um *homo duplex* dos moralistas catholicos; á medida que se eleva na vida publica, esta autonomia accentua-se de mais em mais, tornando-se surprehendente na expressão oral, e banal na exposição escripta» (vol. I, pag. 118). As suas altas aptidões litterarias, demonstradas principalmente no pequeno conto que todos conhecem — *Ultima corrida dos Touros reaes em Salvaterra,* foram pouco a pouco aniquiladas pela compressão do fementido meio politico que o absorveu.

Mendes Leal (1818-1886) foi um talento litterario,

sem um ideal superior, sempre preoccupado da importancia official, o que contribuiu para que nos seus trabalhos a naturalidade fosse suffocada por um convencionalismo rhetorico e espectaculoso. Diz Theophilo Braga: «Pelas correntes que seguiu Mendes Leal na litteratura e na politica, deprehende-se que era um espirito vulgar; e que a *vulgaridade* das suas concepções nunca pôde ser bem encoberta com as pompas da linguagem, nem com a emphase do estylo, aggravando-se mais essa inferioridade quando a producção *litteraria* foi posta ao serviço das ambições *politicas*» (pag. 180).

Soares de Passos (1826-1860) foi um sentimentalista, um incomprehendido, um melancholico. Pela sua organisação tornou-se o principal representante da transição poetica da poesia romantica cavalheiresca para a poesia pessoal e subjectivista, que vê na natureza «uma expressão moral da melancholia inexprimivel». A eloquencia do sentimento, profundamente elegiaco, revela-se bella n'algumas poesias como a *Partida,* o *Desalento,* a *Vida;* no *Firmamento* e na *Visão do Resgate* eleva-se o lyrismo a um ideal mais grandioso, á alta contemplação poetica, quasi philosophica.

Camillo Castello Branco (1825-1890) é na litteratura portugueza contemporanea «a mais poderosa organisação esthetica, exercida em uma prolongada e contínua idealisação, reflectindo na sua obra todo o estado moral de uma época perturbada por falta de uma doutrina» (vol. I, pag. 240). A vida tempestuosa de Camillo, começada aos baldões e terminada pelo suicidio, póde extrahir-se dos seus proprios romances, repletos de pre-

ciosas notas autobiographicas. «Na sua obra de lucta, diz Theophilo Braga, ha creações que exprimem a pureza do sentimento, o vigor da paixão, a santidade domestica, o meio sociál portuguez, e ha os productos forçados por situações angustiosas», sem um ideal superior (pag. 278).

O *Ultra-Romantismo,* phase em que estes quatro vultos tiveram a proeminencia sobre os escriptores do *elogio mutuo,* caudatarios de Castilho, dissolveu-se diante dos ataques e dos protestos da chamada Eschola de Coimbra. A este movimento contra a acção deprimente de Castilho consagra Theophilo Braga o livro II das *Modernas Ideias na Litteratura portugueza,* intitulado *Dissolução do Ultra-romantismo.*

A Eschola de Coimbra teve as suas origens doutrinarias em Victor Hugo, nas phases revolucionaria dos *Chatiments* e philosophica da *Légende des Siècles,* em Balzac com a concepção do Romance moderno, em Michelet pela intuição do passado e pelo ideal de justiça, em Vico com as revelações da philologia, em Hegel pela influencia metaphysica da *Logica* e da *Esthetica,* e emfim em Comte com a hierarchia dos conhecimentos humanos. A Revolução de 1870, repercutindo-se nas ideias em Portugal, apressou a dissidencia iniciada pela Eschola de Coimbra e impulsionou a renovação politica, litteraria, scientifica e philosophica da sociedade portugueza.

Foi João de Deus (n. 1830) o precursor dos *dissidentes* de Coimbra, o primeiro que se revoltou contra o convencionalismo da litteratura official. As suas idealisações, espontaneas, naturaes, verdadeiras, têm uma belle-

za excepcional e são uma resultante da sua serenidade intima, do seu temperamento, do seu elevado sentimento da sociabilidade. Soube renovar o Lyrismo nacional pela aproximação do elemento popular, graças ao «estado mental e moral em que se passou a mocidade de João de Deus, e que se reflectiu sempre em todas as suas manifestações artisticas, que libertaram aquella organisação esthetica da deformação pedantocratica dos dous terriveis meios que atravessou na sua existencia: a Universidade e o Parlamento» (vol. II, pag. 16). A obra de João de Deus, cuja influencia pessoal sobre os que o rodeavam era enorme «pelos extraordinarios poderes de *expressão,* de que era dotado», contribuiu tambem fortemente para que os *dissidentes* de Coimbra, assim como revolucionavam as ideias, procurassem «novos effeitos para a dicção poetica com as phrases da linguagem popular imaginosa e pittoresca» (vol. II, pag. 75). Demais a mais, como observa Theophilo Braga, «o grande poeta tocava impensadamente todas as cordas da lyra humana» (*ibidem*).

Do periodo de protesto da Eschola de Coimbra já mais de uma vez nos temos occupado nas paginas d'este livro, em rasão de que Theophilo foi o companheiro de Anthero nos começos da revolução intellectual, como elle proprio recorda, citando a phrase de saudade que soltavam os antigos condiscipulos da Universidade de Paris, na Edade-média: *Nos fuimus simul in Garlandia.* Theophilo Braga apresenta-nos o seu camarada de primeiros annos através de todas as phases da sua existencia (1842-1891), poeta, pensador, homem de combate,

politico e emfim mystico desalentado; descreve-nos a ruidosa *Questão coimbrã* que apeou do seu pedestal o velho Castilho, o Arcade posthumo, na phrase do tempo, e avalia talvez com severidade as ideias e as obras do grande escriptor que se elevou «ao supremo dom da prosa portugueza», á profundidade dos sentimentos e á perfeição esmeradissima da fórma poetica.

Ao mesmo tempo que Theophilo Braga submettia aos seus processos criticos a obra litteraria de Anthero de Quental, publicava n'um volume as poesias ineditas com outras pela primeira vez colligidas, sob o titulo de *Raios de extincta luz* (1892), com o fim de restituir «á vida subjectiva uma pagina luminosa e sympathica que faltava á sua obra e á litteratura portugueza».

Para titulo do livro III e ultimo das *Modernas Ideias na Litteratura portugueza* tomou Theophilo Braga o de um livro ou opusculo que Anthero em 1871 promettera escrever — *Programma para os trabalhos da Geração futura*, modificando-o naturalmente em *Programma dos trabalhos para a Geração moderna.*

Este programma, baseado na Philosophia positiva, abrange todas as manifestações do sêr moral, affectivas, especulativas e praticas. O eminente escriptor traça assim a sua ordem natural ou organica: «Começará pela cultura *esthetica,* como suggestão do sentimento para vencer a apathia da intelligencia, e dar pela fórma artistica universalidade ás ideias. Chegará á cultura *scientifica,* vencendo o escolho da especialidade por um saudavel regimen encyclopedico, e tendo sempre em vista o fim social e humano; por ultimo, attingirá a cultura *phi-*

losophica, como necessidade de uma synthese em que se apoie a propria existencia, e por isso actuando sobre a direcção *politica*» (vol. II, pag. 227).

De facto este programma, agora systematicamente organisado, tem sido preenchido de uma maneira espontanea e isolada por impulsos individuaes. Á realisação d'elle chama Theophilo Braga *o periodo de disciplina da Eschola de Coimbra.*

A renovação esthetica comprehendeu a idealisação da *vida publica* e da *vida domestica,* isto é, a Epopêa e o Romance. Theophilo Braga, no capitulo *A Synthese poetica do seculo XIX: A Epopêa da Humanidade,* occupa-se da primeira d'aquellas fórmas de idealisação, fazendo para assim dizer a defeza ou a justificação indirecta da sua monumental epopêa — *Visão dos Tempos.* Quanto á segunda fórma, estuda a influencia do *realismo* no romance e a obra de Eça de Queiroz, trazida pela corrente de ideias modernas, «embora mais presentidas do que comprehendidas».

A renovação scientifica acha-se apenas iniciada nos trabalhos dirigidos pelos criterios *ethnologico* e *psychologico.* São, como diz Theophilo Braga, trabalhos precursores. Abrangem os estudos sobre as *Tradições populares portuguezas,* a *Historia da Litteratura portugueza,* e ainda os estudos sobre a *Historia da Civilisação iberica e de Portugal.* Considerando a obra de Oliveira Martins, em que a theoria psychologica da historia é applicada á nacionalidade portugueza, chega Theophilo Braga á conclusão de que toda ella se resente da sua falta de disciplina philosophica, porquanto para

aquelle distincto escriptor «a historia é sobretudo uma lição moral».

Emfim a renovação philosophica e politica, que preoccupa os melhores espiritos de toda a Europa, não deixou de se reflectir tambem em Portugal, que no estado de desorientação moral e intellectual em que se debate, carece mais do que nenhum outro de uma doutrina philosophica que discipline as intelligencias. A influencia da philosophia positiva, que por diversas vias directas e indirectas penetrava lentamente na nossa instrucção publica, já se fez sentir no Centenario de Camões e no Congresso das Associações, e começa a incidir agora sobre os problemas da educação. As doutrinas politicas receberam tambem o influxo do positivismo, baseando-se nas condições ethnicas e historicas da Peninsula; assim se chegou a estabelecer a noção do federalismo e a formular o programma da democracia portugueza.

Mas Theophilo Braga, depois de traçar o *Programma dos trabalhos para a Geração moderna,* chega á conclusão de que a geração de protesto, «*falhou,* não correspondendo ás esperanças com que entrára galhardamente no conflicto da vida», e *falhou* «por falta de uma philosophia, conservando-se no sonho illusorio de considerar a revolução como o destino definitivo da humanidade».

Terminaremos este estudo com as palavras escriptas pelo snr. Adolpho Coelho para o Elenco das materias dos nove volumes publicados então da *Historia da Litteratura portugueza:* «O snr. Theophilo Braga metteu hombros a uma empreza gigantesca: quiz levantar um

edificio em que elle tinha que fazer tudo, desde arrancar a pedra da pedreira até concluir a obra. A *Historia da Litteratura portugueza* era uma cousa de que se fallava pouco, mas que se conhecia ainda menos.

«Como nação que não tem consciencia de si, esqueceu Portugal o seu passado. Foi esse passado que o snr. Theophilo Braga quiz resuscitar, analysar peça por peça. — A historia intima da nação portugueza, as suas crenças, costumes, luctas, glorias, vacillações, angustias, a sua agonia moral, lenta e terrivel, produzida pelo despotismo da força arvorada em lei, e do despotismo da crença e do fanatismo actuando como dissolvente da vontade, da virilidade, da intelligencia, de todas as forças geniaes e sacrosantas do homem, tudo se acha claro, evidente, indubitavel na *Historia da Litteratura portugueza*».

3. Historia da Universidade de Coimbra

Depois de ter começado a colligir os importantes dados ethnographicos e a estudar a alma popular no vasto campo das *Tradições nacionaes e a Poesia portugueza,* Theophilo Braga foi levado a investigar o elemento affectivo da nossa nacionalidade na *Historia da Litteratura portugueza,* considerada nas suas relações com as Litteraturas romanicas ou occidentaes, e mais tarde os elementos intellectual e social, nos estudos ainda em elaboração, que completam o quadro da Civilisação portugueza. Esta, apesar da exiguidade do territorio, exerceu uma acção importante na cultura europêa, a

qual se explica naturalmente, sem a intervenção do providencialismo, pelas transformações que caracterisam a Historia moderna, desde os fins da Edade-média até á Revolução franceza.

Se a influencia portugueza foi principalmente social com o grande facto das navegações e descobertas maritimas, não deixou comtudo de ser tambem intellectual pela cooperação que teve na actividade critica dos espiritos ao findar a Edade-média.

Por isso, o eminente escriptor tomou para base systematica da sua *Historia da Universidade de Coimbra* a crise mental da Historia moderna, caracterisada pela dissolução do Poder espiritual da synthese theologica; e estudando o primeiro instituto pedagogico do paiz, não o considerou isoladamente, mas como o eixo da instrucção publica portugueza. Assim procurou através da nossa Civilisação o aspecto intellectual da Revolução occidental.

«Não é sem assombro, diz Theophilo Braga, que vêmos a intelligencia portugueza cooperando na actividade dos espiritos no fim da Edade-média, por uma fórma universal, como em Pedro Hispano, que prepondera estimulando a dissolução dialectica com as suas *Summulas logicas* até ao meado do seculo XVI. E se a acção de Portugal na civilisação europêa é conhecida especialmente pela actividade com que explora o Atlantico, circumda a Africa e abre o caminho da Asia, dando a volta do globo, como não é digno de assombro esse grande seculo em que a par dos fortes navegadores e occupadores dos vastos continentes, dominavamos intellectual-

mente na Europa, brilhando nas Universidades da Italia, da França e da Belgica com os principaes humanistas da Renascença? No decurso da dissolução critica, a intelligencia portugueza levou mais longe o estandarte da negação que preparou a synthese de Bacon e Descartes, no libello celebre de Francisco Sanches; e emquanto ás doutrinas sociaes da soberania nacional, Velasco de Gouvêa formúla a extincção da auctoridade temporal absoluta, explicando o poder como um mandato revogavel. Sem o conhecimento das luctas dos Jesuitas contra os sabios do Port Royal, que fecundavam o ensino pela synthese cartesiana, não se avalia a acção da Congregação do Oratorio no ensino, e a origem das reformas iniciadas pelo Marquez de Pombal. Vista a esta luz, a historia de uma corporação docente, em que preponderam os actos de uma regulamentação esteril, torna-se um como que interessantissimo drama intellectual, obedecendo a um argumento em que cada paiz collabora sem comtudo conhecel-o».

N'estas palavras, esboça o auctor, no preliminar da obra, os traços geraes do concurso da intelligencia portugueza na grande revolução mental.

E ao percorrerem-se as paginas da *Historia da Universidade de Coimbra,* experimenta-se realmente um sentimento de assombro e de admiração ao vêr que n'uma época em que Portugal tinha na vida activa homens como Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, e na litteratura poetas e prosadores como Gil Vicente, Diogo do Couto, João de Barros, Sá

de Miranda, Camões, ostentava tambem na vida especulativa, pensadores e pedagogistas como Diogo de Gouvêa, André de Gouvêa, Diogo de Gouvêa, o novo, Antonio de Gouvêa, Garcia d'Orta, Pedro Nunes, André de Rezende, Damião de Goes, e outros muitos que cooperaram no fervor philologico e critico da Renascença.

A introducção á *Historia da Universidade de Coimbra* é só por si um trabalho primoroso; n'ella traça o caracter da Civilisação occidental, descrevendo a dissolução dos dous poderes, em que assentava o regimen catholico feudal, e apresenta a creação das Universidades como o primeiro symptoma da grande crise sob o seu aspecto intellectual. «O fervor com que se estabeleceram Universidades em todos os Estados da Europa occidental não proveiu simplesmente de uma imitação ou rivalidade, mas da tendencia caracteristica da grande crise, essencialmente intellectual, que se prolonga em uma fórma revolucionaria desde o seculo XII até ao seculo XIX, que, apesar dos seus enormes progressos scientificos e industriaes, ainda não attingiu o estado normal da synthese positiva» (tom. I, pag. 2). Mas as Universidades, tornadas centros de especulação metaphysica, passado o periodo da sua espontanea collaboração na obra do progresso, ficaram embaraçando a constituição do novo poder espiritual da sciencia.

Na marcha da Pedagogia na Europa coube ás Universidades um papel importante, pelo desenvolvimento que deram, na Edade-média, aos estudos superiores do *quadrivium* sob a protecção do poder real, e em rivalidade com o *Estudo geral*, que tinha o favor pontificio.

Durante a Renascença apressaram a dissolução metaphysica, mantendo, porém, a inanidade dialectica, que se prolongou até nossos dias; por isso, certos institutos de ensino superior ainda guardam o caracter medieval e são fócos de metaphysismo, em opposição ás polytechnicas e aos cursos e escholas especiaes, fundados depois da Convenção (1795), onde o ensino tem um caracter pratico e de applicação.

«Na dissolução do regimen catholico-feudal, que caracterisa a Historia moderna, escreve Theophilo Braga, a substituição da Synthese absoluta pelo espirito relativo do regimen scientifico, e a incorporação do Proletariado na sociedade, iniciam-se pelas *Universidades* e pelos *Parlamentos*. Embora mais intellectual do que social, a grande revolução do occidente, que vae do seculo XIV ao XVIII, observa-se nas modificações que receberam as Universidades, e na evolução das fórmas pedagogicas da Instrucção publica da Europa, em que o ensino popular deriva da Dictadura monarchica e o ensino polytechnico é fundado pela Dictadura revolucionaria da Convenção. Determinam-se phases communs na historia das Universidades, por isso que a dissolução da Synthese absoluta do theologismo é a mesma em todos os paizes catholicos, e uma transformação do ensino das Polytechnicas, pelo espirito dispersivo das especialidades scientificas, preconisado sob a anarchia theorica simultanea com a grande crise revolucionaria. A necessidade de uma remodelação do ensino pela fundação da hierarchia theorica, resultante da Synthese positiva, já foi determinada na segunda metade do seculo XIX» (pag. 19).

A historia da nossa Universidade está ligada á marcha da historia moderna da Europa e apresenta épocas chronologicas, em que os desenvolvimentos progressivos ou regressivos derivam das phases geraes da civilisação. A sua fundação data do seculo XIII, quando começou na Europa o movimento de emancipação intellectual. Durante a primeira época da sua vida historica, o Poder real, que a protege, supplanta o Poder pontifical que centralisa em Escholas geraes as escholas dispersas das Collegiadas. Esta lucta dos estabelecimentos fundados ou protegidos pelos dous poderes, o temporal e o espiritual, vae do seculo XIII ao seculo XV. A segunda época abrange os seculos XVI e XVII; a crise religiosa e critica do Protestantismo provoca como reacção o apparecimento da Companhia de Jesus, e a Universidade, não acompanhando aquelle movimento, fica sem destino e cáe nas mãos dos Jesuitas, «que a esterilisam pelo seu dogmatismo dialectico exclusivo». A terceira época, seculo XVIII, é caracterisada pela célebre reforma do Marquez de Pombal, quando predomina na Europa o negativismo philosophico, mas sem obedecer á verdadeira comprehensão d'este movimento intellectual. Emfim, na quarta época, «depois da modificação dos estudos na Europa sob o influxo da Convenção, e já sob o regimen das Cartas outorgadas, diz Theophilo Braga, a Universidade perde o caracter de corporação autonoma (emquanto á parte administrativa), e emquanto á parte pedagogica modifica-se segundo o typo polytechnico. Desde então, conservando o velho espirito dialectico, torna-se o fóco da pedantocracia que serve o parlamentarismo; e por

um espirito metaphysico e regimen de especialidade dispersiva, embaraça a realisação da Synthese positiva» (pag. 20).

Em toda esta vasta obra, o auctor é dirigido pelo criterio historico.

Difficil, senão impossivel, seria dar em poucas paginas uma ideia cabal do que é e do que vale a *Historia da Universidade de Coimbra*, da qual se acha publicado o primeiro volume, e em via de publicação o segundo.

O volume publicado comprehende a primeira época (seculo XIII a XV), em que trata da *Fundação da Universidade em Lisboa e seus antecedentes pedagogicos*, e parte da segunda (seculo XVI e XVII), em que traça a vida da *Universidade sob a influencia da Renascença e da reacção contra o Protestantismo.* Abrange realmente o periodo mais brilhante da nossa Universidade, aquelle durante o qual correspondeu á sua missão historica; como todas as outras Universidades européas, em vez de tomar parte na renovação scientifica iniciada pelos trabalhos philosophicos de Bacon e Descartes, estacionou, esterilisou-se e, sob a direcção dos Jesuitas, caíu desde 1555 n'um franco retrocesso, de que não conseguiu levantar-se, nem no seculo XVIII com a memoravel reforma pombalina, nem no seculo actual sob o influxo do constitucionalismo. Diz Theophilo Braga: «Os Jesuitas ficaram com a responsabilidade de uma decadencia, a que elles mesmos foram fatalmente arrastados. Verdadeiramente a historia intellectual das Universidades termina no meado do seculo XVI; d'ahi em diante são um corpo morto que fluctua» (pag. 592).

*

Antes de se fundarem as Universidades, todo o ensino se concentrava nas Abbadias e nas Collegiadas; a instrucção popular de tradição religiosa consistia no *Trivium,* que comprehendia a Grammatica, a Rhetorica e a Dialectica. Mais tarde, pelo contacto com a civilisação dos Arabes e por iniciativa de Carlos Magno contrapoz-se ao ensino clerical o ensino profano do *Quadrivium,* que eram as sciencias positivas da Arithmetica, Geometria, Musica e Astronomia, e das *faculdades* ou disciplinas permittidas, como a *Theologia,* o *Direito,* a *Medicina.*

Segundo Theophilo Braga, muitas das escholas episcopaes, instituidas para o ensino das Artes Liberaes pelo Concilio romano de 1078, «tiveram uma admiravel efflorescencia nos fins do seculo x e xi, e algumas como as de Paris e de Oxford, são apontadas como germens das Universidades. As Universidades nasciam sob o impulso do espirito secular e individualista, e sendo aproveitadas pelos reis, os papas embaraçavam a sua constituição, restringindo a pretexto do ensino da Theologia a faculdade *ubique docendi,* ou coadjuvando-as pela concessão dos privilegios perturbadores do fôro ecclesiastico aos lentes e escholares. Sem este ponto intermediario ás *Escholas curiaes,* de origem romana, e aos *Estudos geraes,* não se comprehendem bem os variados aspectos com que apparecem fundadas as Universidades no seculo xii e xiii» (pag. 42).

Em Portugal o ensino primitivo era prestado tambem pelas collegiadas, e o illustre escriptor cita o Collegio ou Seminario de Moços, fundado em Coimbra em

1086 pelo bispo D. Paterno, os estudos do mosteiro de Alcobaça, instituidos em 1269, o Collegio dos Santos Paulo, Eloy e Clemente, a eschola da Collegiada de Guimarães, etc.

D. Diniz, antes de 1288, fundou em Lisboa a Universidade com os rendimentos offerecidos por varios Priores e Abbades, que se lhe haviam dirigido «rogando encarecidamente se dignasse fazer e ordenar um *Estudo geral* na sua nobilissima cidade de Lisboa». Já então as escholas episcopaes e abbaciaes não satisfaziam as necessidades do espirito, que começava a preferir os estudos humanistas. Os prelados portuguezes, em 12 de novembro de 1288, representaram ao papa Nicoláo IV, recem-eleito, pedindo a confirmação canonica do desvio de algumas rendas ecclesiasticas para se sustentar o *Estudo geral* que já estava funccionando, mas o litigio dos bispos com o rei sobre as jurisdicções demorou por espaço de dous annos a resolução favoravel do papa.

Nos Estudos geraes não entrava a Theologia, que era ensinada nas aulas dos Franciscanos e Dominicanos; pela juncção d'essa faculdade é que os Papas obtiveram ingerencia nas Universidades. As duas ordens monachaes com essa concessão intervieram na organisação das Universidades, e intervieram como um duplo elemento de resistencia ao começo de decomposição intima da Egreja em frente do novo regimen mental em que a rasão tinha preponderancia sobre a crença.

O nome de *Universidade*, que primitivamente designava a reunião dos mestres e estudantes, veiu a prevalecer sobre a designação de *Estudo geral*, que signifi-

cava o conjuncto das disciplinas pedagogicas, em consequencia do caracter social que tomou a corporação, moldada pelas irmandades ou guilds, com um fôro civil privilegiado. O Estudo geral de Lisboa, que abrangia as cadeiras de direito canonico, direito civil, medicina e artes (grammatica, dialectica e rhetorica) foi em 1307 transferido para Coimbra; e esta transferencia é qualificada como uma fundação pelo proprio rei que diz «inauguramos radicalmente o Estudo geral». A Theologia que pela carta de 15 de fevereiro de 1309 ficava exclusivamente a cargo dos Franciscanos e dos Dominicanos, não é incorporada no plano universitario, senão muito mais tarde, pois só apparece *salariada* em 1400. Diz Theophilo Braga: «Apesar de haver n'esta transformação *mestres de sagradas lettras,* nem por isso a Universidade de Coimbra gosou a prerogativa de Estudo geral ou da *facultas ubique docendi;* e não tendo outra importancia mais do que um Estudo real, era por isso que acompanhava a côrte, voltando outra vez para Lisboa, onde já se acha estabelecida em 1338, porque o rei ahi reside a maior parte do anno» (pag. 115). Em 1354 é trasladada outra vez a Universidade para Coimbra, d'onde regressa a Lisboa em 1377, por exigencia de mestres estrangeiros, convidados a virem ensinar em Portugal. O rei D. Fernando obteve da curia romana para a Universidade, primeiro os gráos de bacharel e doutor em qualquer licita faculdade, pela bulla de Gregorio XI, datada de 7 de outubro de 1376, e depois todos os privilegios concedidos aos outros Estudos geraes, e entre elles o de *ubique docendi* para os graduados, pela bulla de Clemen-

te VII, de 7 de junho de 1380. A concessão da *facultas ubique docendi*, segundo Denifle, na sua obra sobre *As Universidades na Edade-média*, abre um segundo periodo na historia da Universidade portugueza, como nas das outras Universidades; foi um progresso commum na evolução geral d'estes institutos de ensino.

Desde 1384 a 1504 desenvolve-se a nossa Universidade sob a dictadura monarchica, prevalecendo a influencia dos Jurisconsultos, alliados da realeza, sobre a dos Ontologistas. O infante D. Henrique declara-se Protector da Universidade e faz-lhe doação de casas para as aulas, onde se leriam, além da medicina, da theologia, da philosophia natural e moral, dos decretos e das leis, «as sete artes liberaes, grammatica, logica, rhetorica, aresmetica, musica, geometria e astrologia».

Entre os lentes da Universidade n'esta época sobresáe a figura do dr. Magancha, afamado decretalista, «que se achou no Concilio de Basilêa em relação com Eneas Sylvius (Pio II) na grande lucta de dissolução do poder pontifical, e que deslumbrou os humanistas italianos pela sua forte dialectica em umas theses ou *Auto de Ostentação*» (pag. 141). O dr. Magancha instituiu, pelo seu testamento de 9 de dezembro de 1447, um *Collegio para dez estudantes pobres*, realisando o pensamento do infante D. Pedro, que reconhecia a necessidade da fundação de Collegios junto da Universidade a exemplo de Paris e Oxonia.

O desenvolvimento do Humanismo, durante o seculo XV, na Italia, com Angelo Policiano e Cataldo Siculo, na Allemanha, com Clenardo, e em França com os nos-

sos Gouvêas, actuou no espirito dos monarchas portuguezes e reflectiu-se na Universidade, dando a supremacia aos Ontologistas ou Metaphysicos, que se absorvem na erudição classica, sobre os Legistas, impotentes para resolverem o problema da reorganisação do Poder temporal.

Theophilo Braga termina a primeira época da historia da Universidade com um interessante capitulo sobre *as Livrarias manuscriptas do seculo XV e a descoberta da Imprensa.*

Da segunda época, que comprehende os seculos XVI e XVII, e que o auctor intitula *A Universidade sob a influencia da Renascença e da reacção contra o Protestantismo,* encontra-se no tomo I só a secção 1.ª — *O Humanismo francez actuando na Renascença em Portugal* (1504-1555).

Theophilo Braga, começando por descrever *a crise pedagogica na Europa determinada pela Renascença,* apresenta n'um lucido quadro a evolução negativa do regimen catholico-feudal nos seculos XVI, XVII e XVIII. A dissolução dos dous poderes, o espiritual e o temporal, principiou de facto no seculo XIV, mas n'este seculo e no immediato, por um movimento critico, espontaneo e involuntario, sem obedecer a qualquer doutrina systematica, e apenas pelo conflicto mutuo dos seus principaes elementos. A decomposição intima foi combatida na sua origem pela instituição das duas ordens monachaes, a dos franciscanos e a dos dominicanos, que procuraram adaptar á theologia respectivamente o subjectivismo dos Realistas e os habitos criticos dos Nominalistas, e que

foram representadas de uma maneira superior, fóra de Portugal, pelos portuguezes Santo Antonio de Lisboa e Pedro Hispano. Do seculo XVI ao seculo XVIII a dissolução do regimen theologico-militar dá-se sob a acção cada vez maior de uma philosophia negativa. A decomposição do catholicismo ou a revolução religiosa tem successivamente tres aspectos: o *Lutheranismo* que ataca a disciplina, o *Calvinismo* que destroe a hierarchia, e o *Socinismo* que aniquila o dogma. Da mesma fórma a decomposição do regimen militar ou a revolução politica reveste tres aspectos successivos, o da affirmação da *Soberania Nacional* na Revolução dos Paizes Baixos, o da proclamação da *Egualdade* na Revolução da Inglaterra, e o da fundação da *Liberdade politica* na grande Revolução franceza.

Reagindo contra esta crise, o poder temporal concentra-se nas monarchias absolutas e o poder espiritual cria a Inquisição e a Companhia de Jesus, e da mutua alliança resultam as grandes carnificinas dos autos de fé e da Saint-Barthelemy.

Estas luctas religiosas e politicas faziam passar o ensino por diversas vicissitudes, ora de impulso, ora de reacção. Diz Theophilo Braga: «As duas Universidades de Bolonha e de Paris, uma fóco dos estudos juridicos, e a outra o centro activo das especulações da Philosophia e da Theologia escholastica, exerceram sobre toda a Europa uma missão civilisadóra, alternando-se a sua influencia conforme a politica dos estados era accentuadamente democratica, ou mais francamente monarchica. As relações da Politica com a Pedagogia fazem-se sentir n'esta

dupla influencia» (pag. 256). Mas a Renascença, primeiro philologica e artistica, sob a influencia italiana, depois theologica e critica com a Reforma, tornou-se, pelas descobertas de Galileo e pelas syntheses prematuras de Bacon e Descartes, scientifica e philosophica, e inaugurou o estado mental de positividade. Erasmo com a sua livre critica philologica destruìra os moldes do velho ensino universitario e proclamou «o novo typo da *Instrucção superior*, que veiu a ser realisado no Collegio de França por Francisco I» (pag. 261). As Universidades, que até ao seculo XV favorecem o progresso humano, deixam-se paralysar n'um automatismo tradicional, não acompanhando, nem comprehendendo o espirito novo, resultante do renascimento dos estudos scientificos e do methodo de observação. Diz o illustre escriptor: «No seculo XVI as Universidades, incapazes de reorganisarem a synthese mental, ou mesmo de a comprehenderem, ficaram elementos de reacção, acabaram o seu destino, subsistindo comtudo como corporações docentes de uma caracterisada esterilidade» (pag. 273). E assim vêm até nossos dias todas as Universidades, com excepção das allemães, cujo desenvolvimento, do seculo XVII ao actual, resultou de se transformarem segundo o typo polytechnico mas sem preoccupações do destino pratico no ensino.

A Renascença, regressando á natureza, renovou os principios da educação pelo experimentalismo scientifico e pelo bom senso pratico, com Rabelais e Montaigne; e os grandes pedagogistas, passando da theoria á pratica, transformam a Instrucção publica. Escreve Theophilo Braga: «Erasmo eleva ao mais alto esplendor o *Collegio*

Trilingue e a época gloriosa da Universidade de Louvain; Vives faz a critica do ensino publico, e offerece a D. João III, em 1531, um plano de reforma que actuou na Universidade de Coimbra; Budeus organisa o Collegio de França; e Ramus, regenerando o ensino das linguas e da philosophia, determinou os traços para a reforma da Universidade de Paris. A paixão do ensino tornou-se a caracteristica do seculo, como se vê em Melanchton, o extraordinario educador de toda a Allemanha; em Sturm, que sustenta na maior altura o Collegio de Strasburg (1537 a 1589); e sobre todos os portuguezes Gouvêas, Diogo, e seus sobrinhos André, Antonio, Marçal e Diogo o moço, que constituem uma dynastia, que tornára o *Collegio de Santa Barbara* o centro d'onde sahiram os homens mais extraordinarios que actuaram no seculo XVI» (pag. 285).

A importancia capital d'este capitulo levou-nos mais longe do que desejaramos n'esta ligeira exposição.

No capitulo immediato, *Os Estatutos manuelinos e a persistencia do Scholasticismo* (1504-1521), descreve-nos o illustre professor a primeira phase do ensino universitario no periodo da dissolução systematica do regimen catholico feudal. D. Manoel dá um novo edificio para as *Escholas geraes* ou Universidade de Lisboa e simultaneamente uns novos estatutos ou Ordenanças, pelos quaes fica exercitando em excesso o seu poder real sobre a corporação. O ensino universitario, nomeadamente o estudo da Theologia, já soffrera um profundo golpe com o acto de fanatismo, que expulsou os judeus e se reflectiu no completo abandono da lingua e litteratura

hebraica. Com a perda do seu caracter de corporação livre, deixou de acompanhar o movimento scientifico da Europa, e caíu n'um exaggerado Nominalismo.

Todavia as relações de D. Manoel com o celebre dr. Diogo de Gouvêa, do *Collegio de Santa Barbara* em Paris, deram origem a alguns melhoramentos da instrucção publica, como a fundação do *Collegio de S. Thomaz*, e facilitaram a introducção em Portugal do systema pedagogico francez, que em 1547 veiu a ser realisado por D. João III. Este systema desenvolveu-se sob o principalato dos Gouvêas no *Collegio de Santa Barbara*, onde ao lado de João Celaya, o grande scholastico valenciano, se distinguiam muitos lentes e mestres portuguezes.

Com o auxilio de D. João III o dr. Diogo de Gouvêa adquire o *Collegio de Santa Barbara* e obtem o subsidio de cincoenta bolsas para os estudantes d'el-rei. A influencia dos humanistas portuguezes, cuja reputação scientifica e philologica eccoava nas Universidades de Paris, Louvain, Padua e Salamanca, actua sobre o espirito do monarcha e dirige-o nas suas reformas pedagogicas. D. João III chega a convidar Erasmo, em 1533, por intervenção de Damião de Goes, para leccionar na nossa Universidade. O fervor humanista desenvolve-se na côrte portugueza; Ayres Barbosa, em 1521, e André de Rezende, o grande sabio, como Damião de Goes, amigo de Erasmo, em 1534, são chamados a Portugal para dirigir a educação dos infantes; João Luiz Vives dedica ao rei D. João III o seu livro *De Disciplinis;* Nicoláo Clenardo a convite do soberano vem a Portugal para encarregar-se da educação do infante D. Henrique; emfim

brilham na Universidade portugueza homens como os drs. Garcia d'Orta e Pedro Nunes, as duas maiores glorias d'essa corporação. Esta época, que decorre de 1521 a 1537, acha-se admiravelmente descripta no capitulo *Os Humanistas e a reforma da Universidade.*

Estava então a Universidade em Lisboa; em 1537 decreta o rei a sua mudança para Coimbra sob o pretexto de arrancar este Estudo ao bulicio de uma cidade maritima e mercantil. Foi um erro, porque o isolamento esterilisou-a, «perpetuando a inanidade medieval em todas as suas disciplinas pedagogicas» (pag. 411).

Diz o dr. Theophilo Braga: «Vemos até aqui que a corrente scientifica estava bem representada em Portugal, mas todos estes elementos foram improficuos, porque D. João III deu aos Dominicanos o poder de terrorisarem as consciencias com os Autos de Fé, e aos Jesuitas o privilegio de imbecilisarem as intelligencias. Estes dous irmãos do monarcha protegiam devotamente as duas cáfilas, o Cardeal-Inquisidor os Dominicanos, e o Infante D. Luiz os Jesuitas» (pag. 410).

Pouco a pouco a influencia dos humanistas foi decaíndo em razão dos permanentes e inevitaveis conflictos entre a religião e a sciencia. «O rei e a sua familia eram epilepticos, explica o eminente professor, e victimas d'essa organisação deram todo o seu poder ás duas hordas de obscurantistas, que atacaram o vigor e a existencia da nacionalidade portugueza no seculo XVI. Portugal foi sequestrado ao movimento scientifico da Renascença; as tres reformas da Universidade, em 1537, 1547 e 1555, foram tres decadencias» (pag. 411).

Ainda floresceram por algum tempo os estudos humanistas sob a influencia dos Gouvêas, mas já deslocados e «facilitando o assalto da Universidade aos Jesuitas em 1555, d'onde dominaram a instrucção publica portugueza até á reforma de Pombal» (pag. 411).

Depois de consagrar um capitulo á *Livraria da Universidade no seculo XVI*, estuda as duas reformas que precederam a entrega do ensino aos Jesuitas, e os factos que d'ellas derivaram nos capitulos intitulados *Mudança da Universidade para Coimbra* (1537-1548) e *O Collegio real e a fundação de novos Collegios juntos da Universidade* (1547-1555). São os ultimos capitulos do volume que se acha publicado.

A trasladação da Universidade de Lisboa para Coimbra parece obedecer já a um plano de reacção religiosa, porque já n'essa época, nas Instrucções dadas pela curia ao nuncio Capodiferro, se pinta D. João III tyrannisado pelos Frades. Todavia o quadro docente das Faculdades, quando a Universidade começou a funccionar em Coimbra, e ainda durante a reitoria de Frei Diogo de Murça, compunha-se de lentes distinctos, muitos dos quaes, portuguezes e estrangeiros, mandára o rei vir d'outras Universidades, concedendo-lhes excepcionaes privilegios. Um dos pensamentos da reforma universitaria foi concentrar o ensino invalidando os gráos tomados nas Universidades estrangeiras, como se vê pelo alvará de 18 de julho de 1538.

O governo do reitor Frei Diogo de Murça, de 1543 a 1554, constituiu um periodo brilhante para a Universidade pelo reflexo dos estudos da Universidade de Louvain.

No mosteiro de Santa Cruz de Coimbra leccionavam-se estudos menores ou secundarios, cuja florescencia, segundo diz Theophilo Braga, «fez com que a Universidade alcançasse um ephemero vigor na sua transplantação para Coimbra» (pag. 464). Para rivalisar com os Collegios de Santa Cruz e attrahir os filhos da principal nobreza, o padre Simão Rodrigues, da ordem dos Jesuitas, com alguns companheiros, fundou em Coimbra, em 1542, o *Collegio de Jesus,* começando por perturbar o espirito publico com allucinadas devoções. A Companhia de Jesus gosava da protecção de D. João III, a quem fôra recommendada pelo celebre Principal do *Collegio de Santa Barbara,* o dr. Diogo de Gouvêa, e uma vez introduzida em Coimbra desenvolve toda a ordem de ardis para se apoderar do ensino e para se impôr aos poderes publicos. A prégação e a intriga diplomatica constituem as suas principaes armas.

Em 1547 funda D. João III em Coimbra, junto da Universidade, outro collegio, o *Collegio real de Humanidades,* á imitação do *Collège Royal,* ou de França, estabelecido sob Francisco I por iniciativa de Pedro Ramus. O apparecimento d'este novo instituto pouco depois de creado o *Collegio de Jesus,* ambos sob a protecção do monarcha, é assim explicado pelo eminente escriptor: «As profundas transformações que soffreu o ensino das Artes ou disciplinas humanistas, na época da Renascença, determinaram a fundação de um grande numero de Collegios junto das Universidades; esses Collegios eram classificados de *maiores* e *menores,* conforme se destinavam á cultura de estudantes já graduados que sómente

faziam exame perante a Universidade, ou a escholares que se habilitavam nas disciplinas preparatorias para as faculdades superiores» (pag. 486). São estas duas correntes pedagogicas que nos apparecem junto da Universidade, representadas a primeira no *Collegio real* e a segunda no *Collegio de Jesus*.

O novo estabelecimento, destinado á leitura de Artes, Mathematica, Rhetorica, Humanidades e Linguas, é confiado á direcção de Mestre André de Gouvêa, que gosava em França de grande reputação de pedagogista. A instancias de D. João III, André de Gouvêa deixa o Collegio de Guyenne de que era principal, depois de o ter sido do Collegio de Santa Barbara, e vem para Coimbra acompanhado pelo corpo docente, tambem trazido de França. Era este composto de insignes humanistas, como João da Costa, Diogo de Tirve, Antonio Mendes, Arnaud Fabrice, Élie Vinet, Patricio Buchanan, Guilherme Guérente e Nicoláo Grouchy.

Apenas chegados, os mestres francezes começaram a ser victimas de intrigas, movidas pela rivalidade natural de outros mestres, e habilmente assopradas e exploradas pelos Padres da Companhia.

O fallecimento inexperado de André de Gouvêa, que imprimira ao *Collegio real* o caracter pedagogico, transplantado da tradição parisiense, modificou-lhe as condições de prosperidade. Occorreu isso em 1548, passando o principalato, primeiro a Mestre Diogo de Gouvêa, sobrinho de André, e logo após ao dr. Mestre João da Costa.

A má vontade contra os mestres francezes conver-

teu-se em breve em perseguição declarada, sendo accusados á Inquisição, que os submetteu a processo, Diogo de Teive, João da Costa e Buchanan, e tendo de fugir, aterrados pelas delações da sua heterodoxia, ou sendo despedidos, Élie Vinet, Guillaume Guérente e Nicoláo Grouchy.

Por fim o *Collegio real* cahiu nas mãos dos Jesuitas, tendo o Principal Diogo de Teive, por ordem regia de 10 de setembro de 1555, de o entregar ao padre Mirão, provincial da Companhia, e foi fundido com o *Collegio de Jesus* no afamado *Collegio das Artes.*

Assim se assignalou o excellente collegio de André de Gouvêa. «A familia dos Gouvêas, diz Theophilo Braga, era como uma dynastia de humanistas e pedagogos; D. Manoel e D. João III pretendendo os melhores mestres em theologia ou Humanidades, dirigiram-se sempre aos Gouvêas a quem consultavam nas suas reformas. Pela sabia direcção que mostravam no principalato dos *Collegios de Santa Barbara,* em Paris, e *de Guyenne,* em Bordéos, eram admirados em toda a Europa» (pag. 517).

Além dos *Collegios real* e *de Jesus* cercavam a Universidade outros Collegios, taes como o de S. Pedro, o de S. Thomaz, o da Graça, o do Carmo, os de S. Jeronymo, de S. Bento e de S. Paulo, para clerigos pobres, etc.; mas esta actividade do ensino secundario não salva a Universidade da irremediavel decadencia. Os numerosos Collegios, incorporados na Universidade, em vez de coadjuvarem o desenvolvimento da instrucção, disputavam entre si precedencias nas procissões ou prestitos

universitarios e luctavam pela sua independencia da inspecção superior da Universidade. O problema da dependencia dos Collegios da Universidade, um dos mais importantes da pedagogia do seculo XVI, teve differentes soluções, mas sempre com identico resultado final, a estabilidade do ensino das Universidades. Em França as Universidades absorveram os Collegios; na Inglaterra mantiveram estes a sua absoluta independencia; em Portugal, ora se acolhiam á jurisdicção do reitor, ora de novo readquiriam a sua antiga independencia.

Tal é, a traços largos, o quadro dos institutos pedagogicos em Portugal até 1555, quando os Jesuitas se apossaram de facto do ensino [1].

---

[1] Dando conta da publicação da *Historia da Universidade de Coimbra*, escreveu Pinheiro Chagas no *Paiz* (n.º 3:596, do Rio de Janeiro): «Na *Historia da Universidade* ha talvez mais do que em nenhum outro valiosos serviços prestados á historia do desenvolvimento intellectual do nosso paiz. É perfeitamente comprehendido o papel que desempenharam no periodo da sua fundação as Universidades, onde, apesar da sua organisação ecclesiastica, se insinuou o poderoso elemento de secularisação da sociedade, que, baseando-se no direito romano resurgido, tanto contribuiu no seculo XV para a fundação definitiva da sociedade civil. Segue o leitor com muito interesse a historia movimentada da Universidade portugueza na Edade-média, o papel desempenhado no ensino pelas ordens mendicantes, a democracia ecclesiastica que constituia sem duvida um dos elementos mais importantes da transformação social da nossa época, a surrateira intervenção da realeza, fazendo entrar a Universidade no systema geral do mechanismo que ella está lentamente elaborando, introduzindo-lhe o *Provedor*, que é para a sua autono-

Depois, como diz Theophilo Braga: «A Universidade de Coimbra acompanha as vicissitudes politicas da nacionalidade, subsistindo intellectualmente á sombra da sua tradição: *stat magni nominis umbra*» (pag. 592).

4. Historia da Nacionalidade portugueza — Soluções positivas da Politica portugueza

Tendo Theophilo Braga estudado os elementos *affectivo* e *intellectual* da grande Revolução do occidente desde os fins da Edade-média, na parte que se refere á nossa nacionalidade, devia necessariamente ser levado a considerar tambem na sua evolução o elemento *social*. Assim nasceu, por intima correlação, a ideia de investigar os factos da vida do povo portuguez através dos se-

mia escholastica o mesmo que o juiz de fóra para a autonomia municipal, a curiosa organisação dos estudantes, entre os quaes apparecem os famosos *sopistas* e os não menos celebres *goliardos*, tudo isto é pintado com vivas côres e deixa no espirito uma boa impressão e uma noção clara dos factos, sobretudo para quem tiver a força necessaria para se não deixar enleiar na rêde das systematisações do auctor.

«A Universidade no seculo XVI não é estudada com menos criterio, e da mesma fórma é seguida com acerto a sua historia no seculo XVII. N'aquelle periodo tinha o episodio interessantissimo da vinda dos mestres estrangeiros celebres, como Buchanan, e dos mestres portuguezes que tinham feito a sua reputação no estrangeiro, como André de Gouvêa; no segundo periodo tinhamos a curiosissima campanha dos Jesuitas, que procuraram e conseguiram, depois de renhida lucta, assenhorear-se do ensino portuguez, e portanto, acima de tudo do ensino universitario».

*

culos e de elaborar uma *Historia da Nacionalidade portugueza.*

Hoje acham-se accumulados os materiaes para esse novo monumento litterario e esperam só a facilidade da publicação para que o eminente escriptor os utilise, dando começo á redacção.

O espirito d'essa concepção da nossa historia encontra-se consignado pelo auctor no preliminar da *Historia da Universidade.*

Diz ahi Theophilo Braga:

«O aspecto *social* da grande crise européa é o que nos guia na *Historia de Portugal,* em que uma pequena nacionalidade retoma a importancia capital nos destinos da humanidade, como impulsora da sua marcha definitiva e pacifica, quando na Europa acabavam as guerras privadas. Coincidindo a creação da Nacionalidade portugueza com a época em que começa a dissolução do regimen catholico-feudal, a marcha historica d'este novo organismo obedece ao impulso d'esta dupla revolução mental e social. O apparecimento de uma população livre, os Mosarabes, apesar de todas as anachronicas restaurações do Codigo visigotico, e a unificação das cidades livres ou Behetrias, pelo pacto das cartas de foral, em uma Patria portugueza, correspondem ao advento do proletariado como um novo factor das sociedades modernas. Sobre esse elemento se apoia a dictadura temporal, em que a Realeza submette o clero e a nobreza militar á sua auctoridade soberana, fundamentada nos codigos romanos, explicados no ensino secular das Universidades. E se esta crise mental, que fortalece o poder

real, coadjuva a independencia da sociedade civil pela acção dos Jurisconsultos, essa mesma crise em uma outra phase mais intensa provoca as duas reacções da Inquisição e dos Jesuitas, que vieram perturbar a evolução nacional e dar á Casa de Austria a supremacia temporal, levando-a a incorporar Portugal na unidade hespanhola. Á luz d'estes phenomenos capitaes da historia moderna da Europa, explicam-se claramente as consequencias da politica de Henrique IV e Richelieu na restauração de Portugal, e as consequencias da Revolução franceza na queda do absolutismo e estabelecimento do regimen das Cartas outorgadas. É um principio vital, que conduz a uma segura coordenação os factos mais complicados da categoria mental, affectiva e social» (pag. XV).

No 1.º volume da *Revista de Estudos livres* (1883-1884) publicou já Theophilo Braga, sob o titulo de *Elementos da Nacionalidade portugueza,* um esboço da sua introducção á projectada *Historia de Portugal.* N'elle profunda, tanto quanto o permittem as sciencias modernas ainda em formação, as condições mesologicas, anthropologicas e ethnicas, os factores determinantes da evolução progressiva da actividade de um povo. A acção do meio cosmico, os elementos anteriores e as energias persistentes collaboram na constituição das nacionalidades com a lingua, religião, costumes e industrias proprias.

Theophilo Braga, considerando a historia como base descriptiva da sciencia social, e seguindo os processos dos grandes historiadores dos nossos tempos, os Thierry,

os Buckle, os Michelet, os Ranke, estuda, como antecedentes da nossa aggregação e actividade nacional, o meio cosmico ou o territorio, primeiro factor historico, segundo Karl Ritter, e depois os caracteres das raças que se estabeleceram ou passaram pela peninsula. A prehistoria, a paleontologia, a anthropologia, a ethnologia, a linguistica, a archeologia, todas fornecem abundantes subsidios para a reconstrucção dos tempos primitivos. Depois de apresentar em breve quadro a época prehistorica da peninsula, cujos habitantes primitivos tinham uma dolichocephalia caracteristica, Theophilo Braga descreve e analysa os elementos, que povoaram o territorio hispanico, procedentes das duas migrações principaes para a a Europa, uma proto-árica (mongoloide, scythica, iberica ou gauleza) e a outra árica propriamente dita (helleno-italica, celtica, germanica e slava). Á primeira corrente asiatica correspondem as populações ibericas; á segunda os Celtas da Lusitania, de cujo cruzamento com aquellas resultou a civilisação celtiberica.

Theophilo Braga investiga, em seguida a influencia que tiveram na peninsula os Phenicios, Jonios e Carthaginezes, pelo estabelecimento de colonias, os Romanos pelo seu dominio militar, os povos germanicos pela unidade da monarchia visigoda, e emfim os Arabes pela sua invasão e conquista.

A collaboração regular na *Revista de Estudos livres* levou Theophilo Braga a traçar esse esboço dos primor dios da civilisação portugueza; do mesmo modo as sol citações frequentes do jornalismo de combate e de p paganda democratica impelliram o seu espirito a oc

par-se das causas proximas e remotas da nossa decadencia intellectual, moral e social.

Foi assim que se formaram as *Soluções positivas da Politica portugueza* e a *Dissolução do Systema monarchico constitucional*, livros de vulgarisação destinados a excitar o conflicto fecundo de ideias e de opiniões em materia politica [1]. O constitucionalismo em Portugal é estudado á luz da philosophia positiva, serenamente, sem preoccupações de qualquer natureza. A aspiração republicana deduz-se natural e espontaneamente da marcha politica da sociedade, em vez de ser um ideal utopico sem fundamento na vida social da nação portugueza.

---

[1] No livro *A Geração nova*, de Bruno (José Pereira Sampaio) aprecia-se lucidamente (a pag. 103) a rasão dos escriptos politicos de Theophilo Braga: «Historiador, poeta, philosopho e critico, elle comprehendeu que um dos grandes erros das passadas gerações litterarias foi o de não transportar aos dominios politicos a influencia, mas pura, da sua supremacia intellectiva, deixando, por um desdem lamentoso e injustificavel, a direcção da sociedade nas mãos dos intrigantes e dos ineptos, como entre nós succedeu com Alexandre Herculano, cujo poder espiritual directamente não serviu a nacionalidade, que o venerava, mais ou menos inconscientemente. Por isso Theophilo Braga applica as suas pujantes faculdades de critica ao exame circumstanciado do modo de ser, politico, religioso e economico de seu paiz. Elle é o primeiro a precisar n'um conjuncto de doutrina politica a vaga aspiração de reforma, que sente esta sociedade doente e, traçando a linha do desenvolvimento ulterior d'essa aspiração confusa, elle procura resolvel-a n'uma applicação concreta da philosophia por que se norteia.

«Esse é o seu trabalho dos ultimos annos; á maneira do que

As *Soluções positivas da Politica portugueza* constam de tres partes: *Da aspiração revolucionaria e sua disciplina em opinião democratica, Do Systema constitucional como transigencia provisoria entre o absolutismo e a revolução,* e *Do advento evolutivo das Ideias democraticas.*

N'estes livros juntou Theophilo Braga muitos artigos escriptos para periodicos das provincias, principalmente para *A Emancipação,* semanario democratico que se publicou em Thomar de 1879 a 1880, artigos «dispersos na urgencia militante, mas reunidos racionalmente em um ponto de vista scientifico». Na primeira parte

---

Littré compendiára nas suas *Applicações da Philosophia positiva ao governo das sociedades,* Theophilo Braga nas suas *Soluções positivas da Politica portugueza,* julga encontrar o corpo de doutrina tendente a restabelecer em bases duraveis uma sociedade politica que ameaça dissolver-se. Para isto não lhe bastam os sentimentaes frémitos para um ideal indefinido de justiça, nem se contenta de applicar fórmulas politicas ou sociaes, concebidas no abstracto das theorias; antes se esforça em referir a sua concepção ao particularismo do meio sobre que elle tem de actuar, filiando-a na estructura da raça e fortalecendo-a na tradição collectiva.

«Para elle a sociedade portugueza não é o producto inexplicavel dos grandes homens, mas corollario inevitavel de um condicionalismo natural, ella tem n'esse facto mesmo a segurança da sua persistencia autonoma, dado que siga as *étapes* que as condições que a determinam e garantem, lhe ordenam percorra. D'esta consideração fundamental, largamente desenvolvida, provém toda a doutrina republicana federalista, em cuja propaganda este homem superior se tem empregado ultimamente, audacioso fecho de uma carreira gloriosa».

das *Soluções positivas* demonstra o distincto escriptor que o povo está de ha muito preparado para a republica, porque foi elle que creou as communas elevando as classes servas a proletariado, e uma parte d'este a burguezia, e fundou os parlamentos onde se fez representar. Infelizmente a monarchia constitucional preparou-nos uma crise aguda, uma época de profunda decadencia. «Para saír d'este estado de atrophia geral, diz o dr. Theophilo Braga na primeira parte das *Soluções positivas*, é preciso fazer circular ideias e provocar o conflicto das opiniões».

A segunda parte das *Soluções positivas da Politica portugueza*, trata *do Systema constitucional como uma transigencia provisoria entre o Absolutismo e a Revolução.*

Este livro comprehende quinze capitulos, alguns dos quaes saíram primeiro á luz na *Vanguarda;* o dr. Theophilo Braga pegou no nosso systema constitucional, ou melhor, na nossa sociedade cancerosa, estendeu-a sobre uma mesa anatomica e com um escalpello afiado entrou a retalhar as carnes apodrecidas, começou a mostrar a decomposição a que chegou o nosso paiz, corrompido pelo virus infectante e deleterio do constitucionalismo. O dr. Theophilo Braga estudou a nossa sociedade scientificamente, como o medico estuda um cadaver; diz as mais duras verdades com a coragem e o valor que dá a consciencia de que se tem pelo seu lado a justiça. Este volume é incontestavelmente o livro mais demolidor que se tem publicado em Portugal; descreve-se n'elle a corrupção constitucional sem hesitações, nem reticen-

cias; a verdade refulge n'estas paginas vibrantes, onde ha a indignação salutar do homem e o raciocinar lucido do sabio.

É um livro revolucionario na sua grande accepção, isto é, um livro de critica e de sciencia. Não se encontram declamações balofas, nem phrases bombasticas; não ha o palavriado ôcco e banal do *Sonho de um rei* e de outros folhetos de propaganda de rufo; não se ouve o estourar dos foguetes litterarios, e a bulha dos zabumbas jornalisticos, proprios de aldeia, não, nada d'isto.

Esta segunda parte das *Soluções positivas* foi um ariete firme e rijo lançado por uma machina potente contra as instituições, e tão rijo e tão firme foi elle que logo se sentiram os effeitos; os velhos revolucionarios, os renegados politicos, os homens de sciencia hypocritas, vieram todos á barra, não defenderem-se, nem defenderem o systema canceroso, mas sim atacarem mal e desordenadamente o auctor das *Soluções positivas* e quantos combatiam a seu lado. O renegado Sampaio, o velho revolucionario, o decrepito ex-ministro fez uma barricada da *Revolução de Setembro* e abriu o tiroteio, mas fraco e indeciso com as mãos já tremulas da obesidade decrepita. O *Jornal do Commercio*, cujas portas ainda não havia muito estavam abertas aos revolucionarios, desfeitiando as cinzas de Ribeiro Guimarães e as recordações de Balthazar Radich, tornou-se outra barricada por detraz da qual surgiu o arcabuz de Andrade Corvo; tambem este atirou sobre nós, mas a falta de convicções fez-lhe errar o tiro. Coitados! o tempo d'elles passára. Sentiram-se fe-

ridos pelo escalpello e tentaram afastal-o. Mas era inutil, a *vermelhinha* foi denunciada e a opinião publica conhece os fautores da derrocada actual [1].

A terceira parte das *Soluções positivas da Politica portugueza* é talvez a mais importante, porque estuda n'ella o advento evolutivo das ideias democraticas em Portugal, analysando os factos sob o criterio positivo.

Este volume comprehende uma rapida introducção á parte terceira e á secção I, intitulada: *Historia das Ideias democraticas em Portugal,* que está dividida em sete capitulos, o primeiro dos quaes trata da *Noção da soberania nacional,* principio supremo de uma politica scientifica. N'este primeiro capitulo procura Theophilo Braga a origem da democracia moderna na noção da soberania nacional que apparece entre nós desde as côrtes de 1641. No segundo capitulo, *As ideias francezas*

---

[1] Fazendo uma extensa analyse d'este trabalho, escrevia o dr. Julio de Mattos: «Theophilo Braga, fazendo n'este livro a critica de um tal systema, é implacavel; desce ás maiôres minuciosidades da analyse com a imperturbavel serenidade de um operador». (*Positivismo,* vol. II, pag. 156). E sobre os outros livros d'esta collecção escreve: «Como livros de propaganda, que devem satisfazer ás condições fundamentaes de serem comprehendidos pelos espiritos menos preparados e de poderem entrar nas bibliothecas menos ricas, os volumes de que vimos fallando são verdadeiramente preciosos. Ha n'elles fidelidade, a clareza, a deducção rigorosa e sobretudo um sôpro d'aquelle enthusiasmo viril, que só as fortes convicções suggeridas pela sciencia podem prestar a uma obra qualquer. Estas qualidades promover-lhes-hão o extenso curso que todos os democratas vivamente lhes desejamos».

(*Jacobinismo*), mostra a influencia que a França exerceu sobre Portugal, tanto pelas ideias dos encyclopedistas, como pelas ideias da Revolução. O capitulo terceiro é consagrado á *Revolução de 1820* e n'elle sobresáem os grandes vultos venerandos de Manoel Fernandes Thomaz e José Ferreira Borges, e o modo como a revolução foi considerada na côrte de D. João VI. *As bases para a Constituição de 1822* é o titulo do quarto capitulo; n'elle approxima Theophilo Braga a constituição portugueza de 22 da constituição franceza e retrata com vivas côres, fundando-se em notas de viajantes estrangeiros, os grandes typos da nossa revolução. O capitulo quinto intitula-se *A Revolução de Setembro restabelece a Soberania nacional;* n'este capitulo faz-se justiça rigorosa aos movimentos revolucionarios do reinado de D. Maria II em que os aulicos e ambiciosos se serviam do povo para conquistarem o poder, sem comprehenderem sequer as ideias republicanas. O capitulo sexto ou *Influencia da Republica de 1848 em Portugal,* é emquanto a nós o mais importante d'este volume, porque o distincto escriptor levanta um vulto que os seus companheiros deixaram no esquecimento, para não se envergonharem de terem abandonado o caminho recto que então seguiam. Referimo-nos a José Felix Henriques Nogueira, *o grande e severo espirito que sustentava com a sua intelligencia e riqueza o movimento democratico inaugurado em Portugal depois de 1848.* N'este capitulo diz Theophilo Braga:

«Se porventura Henriques Nogueira houvesse sobrevivido, homens como José Estevão ou Rodrigues Sam-

paio não se teriam ido annullar ao serviço da monarchia, nem José de Torres ou Sebastião Betamio abandonariam a politica; de todos elles, apenas, ao fim de dezoito annos, ainda se inscreveram no directorio do Centro republicano democratico em 1876 o engenheiro Francisco Maria de Sousa Brandão, e os coroneis Gilberto Antonio Rolla e José Elias Garcia, para onde trouxeram o virus contrahido nas cabalas da politica monarchica, máo grado as suas generosas aspirações».

No mesmo capitulo occupa-se da ridicula ideia de «união iberica sustentada na mesma época de Henriques Nogueira por Xisto Camara, D. Sinibaldo de Mas, Casal Ribeiro e Latino Coelho». Aqui se vê já o principio da divisão que mais tarde se deu no partido republicano. No capitulo setimo occupa-se da «doutrina historica do municipalismo», e refere-se ás doutrinas de Henriques Nogueira e Alexandre Herculano.

Este livro de Theophilo Braga é um trabalho doutrinario e critico de grande merecimento e que interessa a todos que militam nas fileiras avançadas da politica portugueza, porque contém a historia do partido republicano desde 1868 até 1880, escripta sob o ponto de vista do positivismo.

Se na terceira parte das *Soluções positivas da Politica portugueza* faz Theophilo Braga a critica historica da phase constructiva da nossa evolução politica moderna, no livro intitulado *Dissolução do Systema monarchico constitucional* effectua a analyse da sua phase negativa. N'este livro reuniu o distincto professor uma boa parte dos seus artigos editoriaes, saídos regularmente em cada

semana, em 1880 e 1881, no semanario federalista *A Vanguarda* e no jornal republicano *O Seculo*. São escriptos vigorosos e levantados que sempre se lêem com prazer e não poucas vezes com verdadeiro enthusiasmo. Colligidos em volume e ligados uns aos outros adquiriram maior valor, porque perderam o caracter de occasião que os revestia nas folhas periodicas.

N'estes artigos traça o illustre escriptor o quadro da decomposição do constitucionalismo nos seus diversos aspectos, intellectual, moral e economico, preparando a assombrosa crise que presentemente nos afflige. A politica monarchica fundada na exploração da anarchia devia fatalmente arrastar-nos a este abysmo, d'onde só nos poderá tirar a eliminação da realeza e a politica de principios, como Theophilo Braga demonstra no ultimo capitulo do volume [1].

---

[1] Em um escorso biographico de Theophilo Braga, por Alves Corrêa (*Almanak do Seculo*, para 1886, pag. 103), lê-se esta apreciação:

«Como politico, a nota caracteristica da sua individualidade é das mais difficeis de ferir, e isto tem dado logar a que ácerca dos seus processos politicos mais de uma interpretação tenha sido aventada. Os jacobinos irreflectidos e intransigentes, que na sua bandeira inscreveram este principio de intolerancia: — *Tudo ou nada* — accoimam-no de intransigente. Aquelles, porém, que mais de perto assistem aos seus trabalhos de cooperação pratica na vida do partido e que leram a sua ultima obra, o *Systema de Sociologia*, affirmam, e estes com rasão, que Theophilo Braga é um dos republicanos portuguezes menos intransigente e mais opportunista na accepção scientifica d'esta palavra, que nem póde ter outra». — «O seu espirito é em especial predilecto pelas altas especulações theoricas

A transição operada no espirito do escriptor da actividade politica para a philosophica, explica-se pelo pensamento de Comte, em uma carta a Stuart Mill (*Lettr.*, pag. 12): «a *acção philosophica* deve hoje prevalecer sobre a *acção politica* propriamente dita, em toda a extensão da Europa occidental, agora em trabalho mais ou menos explicito de renovação social».

---

da philosophia moderna, e por este motivo a sua competencia é mais restricta nas questões praticas sendo mais ampla em outras». — «A sua acção sobre a politica do paiz sob o ponto de vista directo, é menos accentuada do que a que exerceu no campo litterario e philosophico, mas é muito notavel».

IV

Actividade philosophica

O Romantismo entrou na ultima phase da sua evolução historica, na sua dissolução em trabalhos scientificos e criticos. Este movimento que começou na Allemanha e que é, como diz Gervinus, a «transição da poesia para a sciencia e do romantismo para a critica», deu-se egualmente em França e em Italia, e fez-se sentir em Portugal. A dissolução espontanea do Romantismo e a renovação scientifica principiada inconscientemente e sem criterio philosophico, no meio da indisciplina mental, foi adquirindo pouco a pouco a orientação salutar e consciente da philosophia positiva. A phase metaphysica dos espiritos, revolucionaria e dissolvente, transformou-se pelo novo criterio em phase de opiniões definidas e de organisação crescente. A influencia da doutrina de Comte trouxe em grande parte a revivescencia do meio social, das sciencias, da historia, da critica, da

poesia, do romance, da pedagogia, das artes, da politica, etc. As aspirações revolucionarias converteram-se em opiniões positivas; á agitação desordenada succedeu a propaganda pacifica da doutrina; a relatividade substituiu o absoluto metaphysico; os elementos de resistencia disciplinaram-se pela critica philosophica; o espirito positivo propaga-se rapidamente e vae-se apossando da direcção das sociedades.

Em França nota-se a sua influencia profunda desde 1870; foi essa orientação do aperfeiçoamento relativo, que solidificou a Republica e que a lançou no caminho das reformas sem temer os adversarios. Na Italia, na Inglaterra, na Allemanha a disciplina scientifica tende egualmente a dirigir a sociedade. Na Hespanha tem poucas adhesões, porque se encontra ainda no conflicto da theologia com a metaphysica.

Em Portugal a philosophia positiva encontrou adeptos com mais facilidade, porque a dissolução theologica fôra apressada pela educação metaphysica e scientifica da Universidade, das Polytechnicas e das Escholas de Medicina. Desde 1872, que esta doutrina reorganisadora se propaga, e a sua influencia augmenta diariamente; na poesia, no romance, na pedagogia, em tudo se sente já a força disciplinadora da philosophia de Augusto Comte. O proprio sentimento nacional acceita esta orientação, como se viu pela celebração do Centenario de Camões. Esta imponente solemnidade popular, exercida pela disciplina positiva, fica na historia portugueza, como o limiar de uma nova phase, como o principio de uma éra nova de revivescencia nacional.

1. Os Traços geraes de Philosophia positiva e o Systema de Sociologia

São tão poucos os individuos que entre nós se dedicam ao estudo dos factos sociologicos e syntheses philosophicas, que é na realidade um acontecimento notavel na vida litteraria portugueza o apparecimento de qualquer obra d'estes generos.

Um dos nossos mais incansaveis obreiros e tambem um dos mais modestos (não por desconfiar de suas forças, mas por ter a consciencia do verdadeiro papel que o homem representa no universo) é incontestavelmente o dr. Theophilo Braga; no mesmo anno em que publicou dous importantes estudos litterarios, um sobre *Bocage e a sua época,* e outro sobre o movimento revolucionario da poesia moderna em Portugal, e sobre o lyrismo brazileiro e gallego, no *Parnaso portuguez moderno* (1877) trazia a lume um novo e importante trabalho que se intitula: *Traços geraes de Philosophia positiva, comprovados pelas descobertas scientificas modernas* [1].

---

[1] Em um ensaio critico do dr. Corrêa Barata intitulado *O Positivismo e a Sciencia actual, a proposito dos Traços geraes de Philosophia positiva,* estabelece-se a grande opportunidade d'este livro: «Terá a Philosophia positiva em Portugal, na actualidade, a mesma importancia que tem lá fóra? Não duvidamos de o affirmar. Se ella parece entre nós menos conhecida, porque a nossa sociedade restricta em numero não póde produzir tantos escriptos como os que a apregôam no estrangeiro, é certo que esta philosophia, pela sua

Quem tenha lido e estudado conscienciosamente as obras de Theophilo Braga, não poderá deixar de lhe tributar a admiração e respeito devido, como a um dos mais infatigaveis e eruditos escriptores. Com a publica-

---

indole propria, não é ignorada por muitos professores das escholas superiores do paiz e por algumas outras pessoas, cuja educação scientifica foi propria para lhes adequar o espirito á comprehensão do seu methodo, das suas doutrinas e das consequencias que d'elle derivam. Todavia ha em Portugal, como em toda a parte, um maior numero de pessoas, menos illustradas, cujo saber ou foi bebido nos systemas philosophicos do seculo passado, ou na metaphysica e na theologia, ou na eschola historica auctoritaria, pessoas que apenas conhecem de nome a philosophia positiva. A falta dos conhecimentos fundamentaes das mathematicas, da physica, da chimica ou da biologia fecha-lhes o ingresso n'esta eschola, e só lhes permitte que a apreciem pelos commentadores seus adversarios, os quaes a alcunham de atheismo ou a consideram um estreito e frio empirismo fundado nos factos do mundo real. Para este grupo o positivismo não passa de uma curiosidade; o que o não impede de se julgar muito bem instruido sobre todas as suas partes, e bastante apto para o discutir e até para o depreciar.

«O livro do snr. Theophilo Braga, considerado como synthese da philosophia positiva, e destinado pelo auctor a propagal-a entre nós, não podia apparecer em melhor terreno nem ter mais adequada opportunidade. Torna-se cada vez mais necessario divulgar os verdadeiros principios d'aquella philosophia, não só para transmittir á nossa sociedade o ár sadio e rejuvenescente com que ella avigora as modernas gerações, mas para evitar, ensinando, as disputas estereis e fastidiosas que esses adversarios, que a não conhecem, estão todos os dias provocando a proposito de qualquer assumpto que um escriptor não theologo queira tratar. Lemos, portanto, com anciedade o livro do snr. Braga». (*O Seculo*, — Publicação de Philosophia popular, etc. 2.ª serie, pag. 98. — Março de 1878).

*

ção da *Visão dos Tempos* conquistou Theophilo Braga um dos primeiros logares na litteratura contemporanea; deixando temporariamente, porém, a poesia historica, entregou-se o profundo poeta ao estudo da litteratura nacional através dos seculos, e d'estes estudos nasceu o grandioso monumento, hoje quasi concluido, a *Historia da Litteratura portugueza.* É esta, sem duvida, a obra de mais elevado criterio que temos em Portugal, apesar de algumas irregularidades que se notam, especialmente nos primeiros volumes, irregularidades devidas a não ter ainda o dr. Theophilo adquirido o ponto de vista positivo que depois alcançou [1].

Ás corôas de poeta e historiador critico que o illustre professor conquistára pelo seu trabalho, juntou a de-

[1] Alludindo a esta crise philosophica, escreve Bruno (José Sampaio) na *Geração moderna,* pag. 102: «A meio da sua carreira, este homem singular tem a coragem rara de fazer a reconstrucção das suas ideias, submettendo a um methodo novo todo o corpo das suas opiniões anteriores, creando assim o direito de ser tão severo para com os outros como o começou por ser para si mesmo; e a sua insaciavel sêde de saber conduil-o a occupar-se, com um cuidado egual, de todos os problemas, tão complexos, que se offerecem ás meditações humanas, evadindo-se por esta fórma da inferioridade mental que provém da exaggerada especialisação do trabalho».

Na preciosa biographia que escreveu Ramalho Ortigão nos *Homens de hoje,* accentua-se tambem esta crise: «De 1872 a 1877 data o periodo da renovação mental de Theophilo Braga, o seu advento na philosophia. Com um ardor de que rarissimas capacidades poderão dar um testemunho tão eloquente, elle, humanista, litterato, doutor em leis, poeta lyrico, passa destemidamente uma esponja por cima de todo o seu passado, e recomeça em novas luzes a edu-

profundo philosopho [1]. Esse volume foi mais um triumpho para o dr. Theophilo Braga.

Os *Traços geraes de Philosophia positiva* não são um resumo do immortal trabalho de Augusto Comte; Theophilo Braga não só comprova com as descobertas modernas as bases da philosophia positiva, — a *Lei dos tres estados* e a *Classificação hierarchica dos Conheci-*

cação do seu espirito. — É d'esse trabalho portentoso de revisão de todas as sciencias fundamentaes, que procedem as actuaes convicções sociologicas de Theophilo Braga e os seus recentes livros *Traços geraes de Philosophia positiva* e *Historia universal*.

«O primeiro d'estes livros é o resultado de uma revisão da doutrina de Comte, feita em face das novas contribuições trazidas á philosophia pelos modernos descobrimentos scientificos. Contém capitulos da mais alta importancia, revelando uma grande sagacidade critica, e um notavel poder de systematisação e de methodo».

[1] Contra as tendencias philosophicas que Theophilo Braga manifestára nos seus prologos á obra poetica, insurgiu-se Castilho, escrevendo em uma celebre Carta: «As nebulosidades das transcendencias, muitos myopes (em cujo rol eu me incluo) poderiam contestal-as, o que eu por mim estou bem longe de fazer; mas as bellezas das *Ceias de Nero*, por exemplo, são incontestaveis para todos; arrastam, dominam, triumpham; vê-se que não são miragens de estylo, nem jogos opticos de phrase; têm existencia propria e real; impressionam, porque têm vida propria e verdade intrinseca».

Tambem em uma carta de Alexandre Herculano, publicada no *Reporter*, de 28 de junho de 1888, se condemna as primeiras manifestações philosophicas de Theophilo Braga: «Achou a porta do abstruso synthetico e symbolico engrinaldada de maravalhas francezas; metteu-se por elle e o resultado ahi o temos... Aquelle ou já se não cura, ou ha de curar-se a si mesmo». Foi pelas accusações de nebulosidade philosophica que começou a ruidosa *Questão de Coimbra* em 1865, favorecidas pelos patriarchas da litteratura.

mentos humanos, mas traça os lineamentos do ramo mais elevado da *Biologia,* — a *Psychologia* ou physiologia cerebral; e dá uma nova base á *Sociologia,* substituindo a base historica da *Auctoridade* (Poder espiritual e poder temporal), achada por Comte, pela base physiologica de Malthus — a *População.*

Não pretendemos avaliar devidamente o profundo trabalho do erudito professor, mas sómente dar aos nossos leitores uma resumida ideia dos *Traços geraes.*

O verdadeiro valor d'esta obra promettera mostral-o o sabio Littré na sua revista de *Philosophia Positiva,* quando accusou a recepção do primeiro fasciculo; mas infelizmente nunca chegou a realisar a promessa.

Os *Traços geraes de Philosophia positiva* dividem-se em cinco capitulos, precedidos de uma bem elaborada introducção, em que Theophilo Braga trata da opportunidade da disciplina positiva. N'esta introducção historía a passos largos a *crise dos espiritos,* isto é, a evolução negativa da phase theologico-metaphysica desde o seculo XVII e a evolução positiva das sciencias, ou a anarchia religiosa, moral, politica e industrial das sociedades modernas; mostra em seguida como do meio d'este cahos de ideias tirou Augusto Comte as duas concepções fundamentaes da nova philosophia: — a *Lei dos tres estados* e a *Classificação dos Conhecimentos humanos,* pondo de parte o absoluto, e admittindo apenas o relativo. Depois de fallar da synthese integral de Augusto Comte, faz sentir a necessidade de uma comprovação geral da doutrina positiva em face das mais recentes descobertas scientificas, provando que não póde

icar inalteravel, como querem os Lafittistas, nem deve ser combatida pela dialectica, como o faz Huxley.

No capitulo I occupa-se da *Lei dos tres estados*, omeçando por determinar o que é Philosophia e como e formou a sua verdadeira noção, espontaneamente, através dos seculos, até que no seculo XIX, depois das grandes descobertas em todas as sciencias, se pôde formar a synthese geral, chamada *positiva*, pela precisão los methodos empregados nos varios ramos em que se lividem os conhecimentos humanos. Mostra como «da erdadeira comprehensão da *origem*, *objecto* e *fim* da hilosophia, se deduz a critica das varias phases philosohicas por que tem passado a intelligencia humana», a hase das *Theogonias* e *Cosmogonias*, em que a apparencia das cousas excita a actividade da imaginação, ou stado theologico; a phase das *entidades*, que vieram ubstituir os deuses desde que se conheceu em parte o aundo objectivo e se começou a estudar o Eu, ou estao metaphysico, e a phase das sciencias, em que se eliainaram as causas primarias e finaes, e se reconstituiam as sciencias sob a experiencia e observação, ou esado positivo. Littré, nas *Palavras de Philosophia positiva*, comprova esta lei empirica de Comte com uma lei acional: — A humanidade passou por quatro gráos — o as necessidades, o da moral, o da cultura do bello e o a sciencia.

Theophilo Braga prefere uma comprovação *psychologica*; e apresenta os estados syncretico, discretico e conretico. No estado syncretico dá-se a confusão da *apparencia* com a *realidade*, na ordem sentimental, e do *ab-*

stracto com o *concreto* na ordem racional; no estado discretico a subordinação da *realidade* á *apparencia*, e do *concreto* ao *abstracto;* no estado concretico estabelece-se a relação entre a *apparencia* e a *realidade*, e dá-se a conversão do *abstracto* em *concreto*. O erudito professor fundamenta esta lei psychologica em «que existe sempre uma differença entre a *realidade* ou a origem da impressão, e a *apparencia* ou a sensação resultante d'essa impressão, e que «emquanto o cerebro não estiver bem fornecido de noções empiricas, para ratificar as sensações, ha de dar-se sempre a confusão entre a *apparencia* e a *realidade*».

No capitulo II, intitulado *Comprovação psychologica da lei dos tres estados*, desenvolve o auctor esta these, e diz que se poderia chamar aos tres estados, traduzindo os factos psychologicos: periodo das sensações, periodo dos sentimentos e periodo das noções racionaes. N'este capitulo, Theophilo Braga tenta dar-nos um esboço de Psychologia positiva; começando pela historia d'esta sciencia na evolução positiva, apresenta-nos as grandes descobertas de Bichat, Cabanis, Charles Bell, Magendie, Luys, etc.

Diz o dr. Theophilo com relação á *Consciencia:* «Assim como nos corpos organicos existem elementos chimicos que nunca se encontram na natureza em estado de liberdade, assim tambem na natureza animal apparece uma força que debalde póde ser estudada sobre a animalidade». A *Consciencia* é pois uma força resultante de dadas condições biologicas, ou «uma como funcção do movimento para a qual se passa pela consi-

deração de dadas quantidades». Ora a Psychologia tem por fim o estudo das manifestações da *Consciencia.*

Historía em seguida a concepção da alma nos periodos de fetichismo, polytheismo, monotheismo e no estado metaphysico. Na segunda parte d'este capitulo, trata principalmente da parte *statica* da Psychologia, fundando-se nos profundos trabalhos anatomicos e physiologicos dos grandes biologistas Luys, Ritti, Flourens, Schiff, Cl. Bernard, etc.; e descreve-nos o cerebro humano, os quatro centros dos thalamos opticos e as suas funcções sensoriaes.

O capitulo III dos *Traços geraes* trata da *Classificação dos Conhecimentos humanos.* Theophilo divide este capitulo em tres partes: na primeira prova a necessidade de se conhecer o mundo exterior, para sobre este conhecimento basearmos a nossa philosophia, falla das *Cosmogonias* dos povos antigos e da evolução das sciencias fundamentaes, da sua passagem do estado theologico-metaphysico para o estado positivo.

Na segunda parte trata da *generalidade decrescente* dos phenomenos que dizem respeito ás varias sciencias fundamentaes, começando pelas mathematicas e seguindo a ordem determinada por Comte: astronomia, physica, chimica, biologia e sociologia; n'esta classificação parte-se do mais geral para o mais particular, ou do mais simples para o mais composto, como já o estabelecera Descartes, e depois d'elle a Convenção franceza em 1795. Em seguida, o illustre professor do Curso superior de Lettras destroe as objecções fundamentaes do sabio biologista Huxley contra a classificação positiva de Comte,

comprovando-a com as novas theorias etherodynamicas e com a concepção da Materia.

A terceira parte é concernente á *Methodologia positiva,* e mostra-nos como dos methodos scientificos se fórma o methodo philosophico pela abstracção dos casos particulares de cada sciencia. A mathematica é a sciencia que possue a methodologia mais perfeita, ao passo que a sociologia possue a mais imperfeita; a *Deducção* e a *Inducção* são os methodos extremos d'estas duas sciencias. Sobre elles, discorre largamente Theophilo Braga, mostrando que n'estes dous methodos se resume a methodologia positiva, ou *Technica mental,* que deverá substituir a antiga logica.

Comprovação monistica da Classificação dos Conhecimentos humanos é o titulo do capitulo IV, onde se expõem largamente os progressos experimentaes das sciencias naturaes e biologicas depois da concepção de Comte; começando pela origem da concepção mechanica da materia desde Bacon e Descartes até ao fundador do Positivismo, divide esta em duas phases: 1.ª creação da *disciplina mental;* 2.ª submissão das sciencias unificadas pelas leis mechanicas do movimento aos methodos deductivos da philosophia.

É esta a phase actual do positivismo.

O dr. Theophilo Braga analysa em seguida a grande synthese dynamica de Descartes, inspirada pelas leis do movimento planetario e da circulação do sangue, descobertos por Galileu e Harvey; á synthese cartesiana faltava-lhe porém a verificação scientifica.

O erudito professor cita os trabalhos de Fresnel,

Rumford, Mongolfier, Carnot, Huygens, Séguin, Cauchy, Mayer, Ioule, Thompson, Tyndall, etc., que estabeleceram o principio do *movimento;* mostra o erro em que incorreram Hirn, Secchi e Trémeaux nas suas tentativas de synthese philosophica, por quererem achar nos phenomenos psychologicos uma força diversa da que rege os phenomenos cosmicos e biologicos, e determinarem a causa primaria do movimento, entrando assim nos dominios do *incognoscivel.*

O auctor termina este capitulo com um esboço da «fórma *deductiva* com que devem ser reorganisadas as sciencias, seguindo as manifestações das forças no sentido da sua equivalencia coexistente nos mais complicados equilibrios», esboço que declara prematuro.

O capitulo v, sobre a *Reorganisação da Sociologia,* é, emquanto a nós, a parte mais importante do livro de Theophilo Braga; embora este capitulo seja tão resumido.

O distincto discipulo de Comte considera a sciencia sociologica como uma continuação da psychologia, do mesmo modo que considera a classificação hierarchica dos conhecimentos humanos como a serie dos factos dynamicos da mesma sciencia. Assim procurou para base da physica social um facto biologico — a *População,* ou o individuo collectivo. Mostra-nos como Augusto Comte executou o pensamento de Condorcet fundando a sociologia, sem vêr, porém, que n'esta sciencia tambem domina a lei geral do movimento, como o notou Herbert Spencer; diz que muitos phenomenos historicos só podem ser bem comprehendidos pelos estudos das origens

organicas, taes são: o antagonismo das raças, a tradição, a sexualidade, as instituições, etc.

Comte, baseando-se no facto historico dos *Poderes temporal* e *espiritual,* ou *auctoridade,* em vez do facto biologico — *População,* de Malthus, então em descredito, foi arrastado a apresentar-nos, primeiro no *Curso de Philosophia positiva,* e depois na *Politica positiva,* um regimen catholico sem dogmas religiosos.

Theophilo Braga diz que o *conflicto vital* que conduziu Darwin ao *transformismo* deve ser a base da sociologia sob a fórma de *População limitada pela subsistencia,* pois como o conflicto vital «é a causa principal da adaptação dos organismos, do prevalecimento exclusivo de dadas funcções, e de aperfeiçoamento por uma transformação progressiva», assim «o conflicto permanente da *População* é a causa principal da *divisão do trabalho,* da especialisação das aptidões, da maior somma de manifestações individuaes que actuam racionalmente sobre a marcha empirica das sociedades». Discorrendo sobre as leis da população e das subsistencias, apresenta as instituições sociaes como meios empregados para realisar a equação entre a producção e o consummo. Passando a fallar sobre as fórmas do governo, baseia as phases da evolução da humanidade nas modificações do poder; estas phases são: *espontanea, empirica* e *racional* ou theocracias e castas, — Monarchias, Feudos e Burguezia —, Proletariado e Democracia. Historía em seguida á constituição da sociedade: Familia ou rudimento organico da associação, Familismo, Cantonalismo Federalismo; este ultimo, diz o erudito professor, que é

«a fórma mais fecunda das sociedades, que se perdeu pelo abuso da centralisação politica em chefes militares, que, perpetuando o poder nas suas dynastias, produziram as grandes nacionalidades inconscientes e inconsistentes». E mais adiante, fallando do sentimento local: «esse sentimento, revivendo pela *Federação*, é que ha de outra vez ligar com vinculos organicos os diversos elementos nacionaes que hoje se desaggregam».

O dr. Theophilo Braga termina o seu trabalho por uma brilhante interpretação das palavras *egualdade* e *liberdade* debaixo do ponto de vista positivo.

Chegamos ao fim da nossa exposição; mas, antes de proseguirmos devemos considerar os *Traços geraes de Philosophia positiva* sob uma outra face. Este livro é incontestavelmente o de affirmações mais firmes e claras que até então se tinha publicado em Portugal; o seu distincto auctor não se serve de palavras ambiguas, ou de phrases equivocas que possa cada um interpretar a seu bello prazer. Theophilo Braga mostra-nos sem véo algum as verdades deduzidas das sciencias naturaes, ainda quando ellas vão de encontro ás crenças da maioria [1].

---

[1] Em um artigo do sabio Littré intitulado *La Philosophie positive en Portugal*, acham-se algumas linhas relativas á fórma da propagação d'esta doutrina: «Mr. Théophile Braga est un homme jeune, aussi, connu, même hors de son pays, par ses travaux, déjà fort nombreux, sur l'histoire littéraire du Portugal; j'ai entre les mains la première partie d'une *Vie de Camoens* qui m'a beaucoup interessé.

«Mr. Théophile Braga professe l'histoire des littératures néolatines au Cours supérieur de Lettres... Le gouvernement y a in-

Quando em 1877 annunciamos o apparecimento do notavel trabalho de Theophilo Braga *Traços geraes de Philosophia positiva,* lamentámos o numero limitadissimo de paginas que o auctor consagrára á *Reorganisação da Sociologia,* na realidade o assumpto mais importante do livro, e portanto o que demandava maior desenvolvimento. O *Systema de Sociologia* satisfaz cabalmente a nossa observação. Se não é uma segunda edição d'aquella obra, não é tambem um trabalho inteiramente novo, mas sim uma refundição, na qual tomou o primeiro logar, abrangendo os principaes capitulos, a

---

stitué depuis peu d'années une chaire de philosophie transcendentale. Mr. Braga fut appelé em 1873 à remplacer temporairement le titulaire de cette chaire. Il était des lors assez affranchi de la *transcendance de la metaphysique,* pour ne pas vouloir lui servir de truchement, et il ouvrit ses leçons par un cours d'esthétique positive. Elles sont écrites, et j'espère qu'il nous en fera par sous une fórme ou sous une autre *.

« Encouragé par cette essai, en 1874, il aborda directement l'œuvre de M. Comte, et, malgré le peu de preparation de son auditoire et l'exiguité du temps, il traita les questions suivantes: Classification des connaissances humaines; conception du monde suivant la théologie, la metaphysique et la science positive; étude de l'âme depuis l'idée que la théologie s'en fait jusqu'au moment où cette étude entre dans le domaine de la biologie; enfin, constitution de la Science sociale avec les préliminaires généraux de l'histoire, le droit, la morale, l'art, l'économie politique et l'industrie, tout celà en vingt

* Publicou apenas a introducção geral, *Constitution de l'Esthétique positive,* na revista de Mr. Littré, que a caracterisou de « remarquable ».

sciencia social, cuja fundação fôra ali apenas esboçada nos seus contornos mais geraes. Por isso o compacto volume bem merece intitular-se *Systema de Sociologia*.

De todas as sciencias fundamentaes, que estudam e coordenam as varias ordens de phenomenos que o nosso espirito constata na materia em movimento, a Sociologia, a sciencia que abstrae as leis dos phenomenos mais complexos, é a unica que ainda no presente se acha na época de formação. Presentida, é certo, desde a antiguidade, quando Aristoteles confrontava 171 constituições guiado pelo pensamento de que «a melhor maneira de estabelecer uma theoria, n'este assumpto como em

---

leçons. Cette enseignement excita presque une tempête; mais Mr. Théophile Braga persista, et les élèves l'écoutèrent avec une attention avide».

Interrompendo a transcripção do artigo de Littré, publicamos em seguida o documento publicado pelos alumnos do Curso superior de Lettras no *Diario de Noticias*, de 26 de novembro de 1878, que bem revelam estas luctas do magisterio:

«Nós abaixo assignados, alumnos e ouvintes do 1.º anno do Curso superior de Lettras, inspirados nos estimulos de dignidade de todo aquelle que só preza a verdade e a justiça, completamente indifferentes a qualquer influencia que se não traduza em aproveitamento intellectual, e absolutamente alheios a todas as relações e sympathias pessoaes e a todas as dependencias academicas, declaramos livre e espontaneamente falsas e sem fundamento as insinuações e accusações directas ou indirectas que se têm tornado publicas com o fim de macular o caracter e a capacidade cathedratica do professor de Historia Universal e director do mesmo curso o snr. dr. Theophilo Braga, e bem assim protestamos contra a malevola ou insciente interpretação das doutrinas expostas até á ultima lição, onde só

todos os outros, é observar as cousas na sua origem e no seu desenvolvimento»[1], teve por precursores mais immediatos, no seculo XVIII, Vico, Montesquieu, Voltaire, Hume, Turgot, Chastellux, de Brosses, Quesnay, Adam Smith, Condorcet e outros, mas só no seculo actual pôde entrar directamente em formação devido ao genio preclaro de Augusto Comte, o qual lhe lançou os fundamentos, primeiro no *Curso de Philosophia positiva*, e depois no *Systema de Politica positiva*, os dous maiores padrões da philosophia moderna. Apesar das inevita-

---

um espirito rachitico ou uma intelligencia acanhada poderá descobrir elementos de propaganda republicana. Declaramos ainda, que o que fica exposto, não é nem podia sêl-o, a defeza de quem não carece d'ella, nem a admittiria, como espirito elevadissimo e invulneravel em todos os respeitos; o que tentamos é tão sómente affirmar que nos julgamos dotados do criterio preciso e que deve suppôr-se em estudantes de um curso superior, para distinguirmos um methodo profissional de uma catechese politica.

«Lisboa, 25 de novembro de 1878. — Alumnos: *Bartholomeu Salazar Moscozo — Carlos Maria dos Martyres — D. Diogo de Sousa — Francisco Valejo de Araujo Juzarte — Jayme Ernesto Alegro — João Maria Amado de Mello Ramalho — João Monteiro — J. F. de Azevedo e Silva Junior — José Joaquim Augusto Sant'Anna — José dos Santos Coelho Godinho — José Theodoro dos Santos Ferreira — José Valentim Fialho de Almeida — Pedro Silveira da Motta de Oliveira Pires — Thomaz de Mascarenhas.* — Ouvintes: *Antonio Ferreira Mendes — Carlos A. Rego Lima — Joaquim Maria Travassos Valdez — José de Carvalho de Azevedo Lobo — José Maria Rego Lima — Luiz Fortunato da Fonseca — Marianno Pina — Ventura Faria de Azevedo*».

[1] *Politica*, I, cap. I, 3.

veis deficiencias contidas n'estes trabalhos, ainda até hoje não veiu a lume tratado algum de Sociologia, que mais completamente satisfizesse ás exigencias da ultima das sciencias abstractas. Se analysarmos um por um os livros posteriormente publicados com o fim de levar a effeito a ideia de Comte, a coordenação scientifica dos phenomenos sociologicos, veremos que uns, mergulhando-se inteiramente nos factos concretos, confundem o dominio da Ethnologia e da Ethnographia com o campo abstracto da Sociologia, como por exemplo Letourneau [1] no seu tratado, aliás esplendido, e mesmo o grande philosopho Herbert Spencer nos volumes publicados dos seus *Principios de Sociologia* [2], e outros, como o positivista Roberty [3], limitam-se puramente a considerações methodologicas e criticas sem tentarem de um modo directo a reorganisação da Sociologia. Theophilo Braga, comprehendendo que a sciencia social não se reduz á comparação de dados ethnographicos, nem a indicações essencialmente philosophicas, mas abrange a observação e a experiencia das Civilisações mais avançadas por fórma que se possa fundar uma theoria ou uma lei geral a que se subordinem todos os factos de qualquer systema social, procurou continuar a obra de Comte, elevando a Socio-

---

[1] *La Sociologie d'après l'Ethnographie.* Paris, Reinwald, 1880.

[2] *Principes de Sociologie,* tr. franc. 3 volumes. Paris, Baillière, 1879-1883.

[3] *La Sociologie.* Essai de philosophie sociologique. Paris, G. Baillière, 1881.

logia á altura do moderno desenvolvimento scientifico. O livro que temos presente é uma tentativa n'este sentido, louvavel a muitos respeitos, e digna de séria attenção, ainda mesmo que o seu unico merito consistisse na collocação do problema. Não succede, porém, assim, como veremos.

Mas, na realidade, o *Systema de Sociologia*, preenchendo as lacunas e eliminando os defeitos secundarios da obra de Comte, resolve de um modo definitivo a formação da ultima e mais complexa das sciencias abstractas? Não nos parece; é apenas mais um passo para a sua realisação, com franqueza o dizemos. Temos mesmo a convicção que será esta tambem a opinião do auctor, pois que não só confessa «a difficuldade de organisar no seu conjuncto a sciencia abstracta da Sociologia» (pag. IX), como reconhece que esta sciencia para chegar «a abranger o pleno conhecimento do facto social e de todos os seus elementos depende da contribuição de muitas sciencias concretas, umas estudadas sem espirito de conjuncto, outras reduzidas a applicações materiaes, outras mal esboçadas ainda, como a *demographia* e a *demopsychologia*» (pag. XIII). No emtanto, estas construcções provisorias têm um alcance immenso, porque apressam o desenvolvimento das sciencias concretas, as quaes por seu turno reagem sobre a sciencia abstracta, aperfeiçoando-a, e approximando-a da sua formação definitiva. Não discutiremos aqui a maneira mais ou menos scientifica, como o eminente professor do Curso superior de Lettras entendeu dever architectar o seu *Systema de Sociologia*, afastando-se em muitos pontos de Augusto Comte e em

geral de todos os sociologistas contemporaneos. Demandaria isso largo espaço e um trabalho rigorosissimo de critica, que provavelmente seria mal intrepretado pelos numerosos zoilos, que o notavel escriptor tem creado durante a sua brilhante e invejavel carreira litteraria. A nossa missão limitar-se-ha, como fizemos com os outros livros de Theophilo Braga, a uma noticia geral e succinta da obra, acompanhada sómente de mui ligeiras considerações.

No Prologo, que já tivemos occasião de citar, estabelece o auctor os processos empregados na organisação da Sociologia e mostra a necessidade da fundação da sciencia abstracta pelo encadeamento deductivo dos factos, a fim de se chegar ás *previsões,* fundadas na immutabilidade das leis, e d'ahi ás applicações praticas da Politica. Assim da sciencia social derivará a arte correlativa. Theophilo Braga fecha o Prologo com estas palavras: «Alargar a área d'essas previsões, comproval-as e acceleral-as pela intervenção politica ou governativa e pela disciplina pedagogica, eis o destino d'esta sciencia, que vem completar a synthese objectiva sobre os dados do mundo exterior, e reorganisar a synthese subjectiva pela dependencia da observação» (XVI). Antes de passarmos adiante, devemos entrar em explicações ácerca das syntheses objectiva e subjectiva, a que se refere o auctor. A philosophia subjectiva caíu com justa rasão no maior descredito aos olhos dos sabios, que não viam n'ella mais do que devaneios theologicos e metaphysicos de um espiritualismo pertencioso e banal absolutamente divorciado das sciencias naturaes. As especulações sobre a

natureza e a essencia do Eu, da alma humana e de Deus, conduziram os metaphysicos ás consequencias mais absurdas e disparatadas. Por uma reacção inteiramente espontanea, os philosophos scientificamente educados baniram o subjectivismo e lançaram-se no campo das noções reaes, começando a organisação de uma philosophia objectiva. Augusto Comte, constatando a incompatibilidade das divagações espiritualistas com o rigor positivo das leis scientificas, foi levado a effectuar a nova construcção philosophica com os dados fornecidos pelas sciencias naturaes. Pela coordenação hierarchica das varias ordens de phenomenos realisou a synthese objectiva, mas á proporção que se foi elevando do facto cosmico, ao biologico e ao social, comprehendeu que essa philosophia não era mais do que a rectificação scientifica do ponto de vista subjectivo, o unico susceptivel de dirigir as applicações, quer moraes, quer politicas, ou pedagogicas. Isto é, a synthese objectiva funda-se pela extensão dos processos scientificos e methodologicos a todas as sciencias, desde as mais simples, como as mathematicas e as physico-chimicas, até ás mais complexas, a biologia e a sociologia, demonstrando plenamente a subordinação inilludivel do individuo e da sociedade ao condicionalismo cosmico e ao determinismo biologico. Chegando a esta conclusão, ao estabelecimento da dependencia natural do meio, vê-se claramente que o homem tem de sujeitar as suas aspirações ás leis positivas da natureza, mas ao mesmo tempo procurar pelas applicações dos seus conhecimentos reaes o aperfeiçoamento da especie e o melhoramento das condições da existencia, utilisando as

proprias leis em beneficio da humanidade. Eis o criterio subjectivo. Augusto Comte reconheceu-o quando no ultimo volume do seu *Curso de Philosophia positiva* estabeleceu o predominio normal do ponto de vista sociologico e moral sobre o ponto de vista particular de cada sciencia, e diligenciou desenvolver amplamente esta ideia no seu *Systema de Politica positiva,* ainda hoje geralmente tão mal apreciado. Littré, não percebendo o profundo raciocinio do grande philosopho, accusou-o de mudar de processo, quando elle não fizera mais do que tirar as consequencias legitimas para a pratica da sua lucida construcção philosophica. Se se tem condemnado com justiça o amor da arte pela arte, não é menos condemnavel o amor da sciencia pela sciencia, que leva a um especialismo exagerado e a dissertações inuteis por excessivamente restrictas. A sciencia deve ter sempre em vista uma applicação futura, mesmo indeterminada, quer seja para esclarecer a intelligencia, para aperfeiçoar os sentimentos, ou para melhorar e transformar as condições materiaes. O alvo é o bem da humanidade. Da propria synthese objectiva se tira o ponto de vista humano e social, o criterio subjectivo, necessario para as applicações. Assim se comprova a precisão de reorganisar a synthese subjectiva, como admiravelmente o comprehendeu Theophilo Braga.

Nos *Preliminares* ácerca da *Opportunidade da Philosophia positiva na systematisação da Sociologia* desenvolve o auctor a introducção dos *Traços geraes,* accrescentando-lhe valiosas observações sobre a importancia historica do Positivismo, que lhe tiram todo o caracter de

invenção ou creação pessoal, e uma demonstração do accordo dos progressos da Psychologia com o pensamento de Comte, relativamente ás tres syntheses — especulativa, affectiva e activa, — das quaes só tentou effectuar a primeira, deixando as duas ultimas mal esboçadas n'algumas passagens das suas obras [1]. O estado normal para que caminha a humanidade — a sociocracia, — cujo advento será activado pelo estabelecimento das tres syntheses, póde ser caracterisado, segundo Theophilo Braga:

«1.° Emquanto á nossa existencia intellectual, depois de ratificadas as noções subjectivas pelos dados concretos da objectividade, pela *subordinação da analyse á synthese.*

«2.° Emquanto ás nossas paixões, sentimentos e interesses pela *subordinação do egoismo ao altruismo.*

«3.° Emquanto á nossa existencia em collectividade, pela *manifestação do progresso como consequencia da ordem*» (pag. 18).

Estas conclusões, com que estamos plenamente de accordo, resumem-se na bella phrase de Comte: *Agir par affection, penser pour agir,* a qual ao mesmo tempo indica a correlação das tres syntheses.

O *Systema de Sociologia* comprehende seis capitulos. No primeiro, *Os principios deductivos da Sociologia,* occupa-se Theophilo Braga dos factores originarios

---

[1] Estes *Preliminares* foram traduzidos em italiano, na *Rivista scientifica,* de Morselli.

das energias sociaes, mostrando que o condicionalismo physico se traduz nos phenomenos da existencia collectiva pela coexistencia da *ordem* e do *progresso*, a manifestação mais complexa das duas forças ou leis de *conservação* e *transformação*; o determinismo biologico, que faz passar o organismo humano da phase *automatica* para a phase da *consciencia*, estende-se ao organismo social, mudando as instituições *tradicionaes* em *pactos voluntarios*; e emfim o relativismo sociologico, que elimina completamente a noção do absoluto, estabelece o accordo entre a auctoridade e a liberdade, o Estado e o individuo. O illustre professor demonstra aqui admiravelmente a dependencia da Sociologia de todas as sciencias anteriores, tanto as physicas pelas condições do *meio*, como em especial a Biologia, d'onde derivam originariamente os estimulos e os impulsos sociaes. «Estabelecido o caracter de complicação crescente dos factos sociologicos, e a exageração dos effeitos, escreve o auctor, desde que outras sciencias se constituiram, todas as suas relações systematisadas em doutrina deductiva ajudarão a decompôr as causas apparentemente insensiveis nas suas energias anteriores» (pag. 22), por quanto nas sciencias cosmologicas e biologicas «não ha phenomeno que se não continue na ordem sociologica» (*ibid.*). A importancia do methodo deductivo accentua-se n'estas palavras: «Explicar a natureza dos movimentos sociaes, e reduzil-os á simplicidade da fórma dynamica, primeiro de ordem biologica, depois de ordem cosmologica, eis o processo *deductivo* em Sociologia, e o modo como o homem tendo um maior gráo de consciencia de si saberá conhe-

cer a somma dos estimulos a que obedece n'esse acto de reacção motriz a que chama *vontade*, exercendo-a em cooperar para que as sociedades sejam dirigidas pelas noções scientificas e não pelas necessidades instinctivas» (pag. 23). Theophilo Braga accumula n'este capitulo uma espantosa somma de material com que prova a intima relação das leis physicas e organicas com os phenomenos mais complexos da Politica, da Economia, das Artes e das Litteraturas, acompanhando, por exemplo, a acção do condicionalismo cosmologico até aos movimentos oscillatorios de *centralismo* e de *independencia local* que compete á Sociologia coordenar, ou a influencia do determinismo biologico até ás mais elevadas manifestações do individualismo.

No capitulo II, *Dados inductivos da Sociologia*, desenvolve o auctor as relações do meio cosmico, biologico e psychologico com os phenomenos sociaes. Em Sociologia a *deducção* precede a *inducção*, ao contrario do que succede nas outras sciencias, porque, conhecida a dependencia do facto social dos phenomenos estudados pelas sciencias anteriores, mais facilmente se chega ao conhecimento da verdade. «Na passagem das sciencias cosmologicas para as biologicas, escreve ácerca d'este assumpto o notavel professor, existem já conhecidas certas leis geraes sobre que se póde exercer a especulação deductiva; esta fórma de critica subjectiva adquire mais intensidade e torna-se indispensavel, quando, ao determinar a categoria dos phenomenos sociologicos, se conhece que todas as leis anteriores se continuam como causas efficientes na actividade moral. Tal é o caracter distinctivo da So-

ciologia; começa por onde as outras sciencias acabam, pela *deducção* para se limitar á menor somma de inferencias sobre o maior numero de dados inductivos especiaes» (pag. 92). Esta mudança, na realidade apenas apparente, corresponde «a uma necessidade e a um gráo superior da mentalidade». A applicação exclusiva do methodo inductivo leva á distincção absurda entre o mundo physico e o mundo moral. Pelo contrario, o processo deductivo, formando espontaneamente uma coordenação scientifica dos phenomenos, mostra a sua intima ligação e indica mesmo a ordem de classificação dos dados inductivos. A solidariedade dos phenomenos vitaes com a acção mesologica exterior constata-se na relação das civilisações com os diversos *meios* em que se desenvolvem. A influencia das montanhas e dos valles, dos rios e dos mares, das ilhas e dos continentes sobre as variadas fórmas de actividade e os differentes gráos de civilisação humana, é tão evidente como a acção da raça, da população, da sexualidade, do exercicio das funcções organicas, etc., ou o impulso dado pelos grandes homens, isto é, por aquelles «que facilitam as transições de uma para outra época da humanidade nas suas transformações constantes, tornando-as por qualquer fórma progressivas» (pag. 151). Theophilo Braga comprova as suas affirmações com numerosos exemplos, tirados da historia da humanidade, quer dos povos rudimentares ou estacionarios, quer dos que se elevaram aos gráos superiores da civilisação. O progresso d'estes ultimos, devido em grande parte ao concurso das condições cosmicas e das necessidades creadas na lucta pela existencia, causa inicial

da divisão do trabalho e da distincção de certas classes, foi um effeito directo da acção impulsiva da collectividade sobre o individuo pelo desenvolvimento moral, industrial e politico, e ao mesmo tempo da reciproca reacção do individuo sobre a collectividade pelo desenvolvimento esthetico, scientifico e philosophico.

Estabelecidos os principios deductivos e os elementos da inducção em Sociologia, ou a methodologia propria d'esta sciencia, passa o auctor, no capitulo III, a considerar a *Theoria do concurso successivo* pelo «estabelecimento da continuidade historica», ou do encadeamento dos factos. «Achada a noção politica da solidariedade occidental através d'essa continuidade no espaço, diz Theophilo Braga, a historia illumina-se, distinguindo o que é esteril ou perturbador como negativo, e o que tende a estabelecer essa acção simultanea ou de conjuncto como positivo» (pag. 163). É a parte verdadeiramente dynamica da Sociologia. Para a coordenação dos factos sociaes na sua complexidade crescente dividiu o auctor a marcha da humanidade em ante-historica, proto-historica e historica, correspondendo a primeira aos estados sociaes mais simples que se fundam sómente no instincto das relações sympathicas «communs a todos os vertebrados», a segunda ás civilisações rudimentares, agricolas, pastoraes e metallurgicas, e emfim a terceira ao apparecimento dos Arias e sua elevação progressiva com o decorrer dos seculos. As tres raças humanas, amarella, negra e branca, representando tres gráos differentes de civilisação, caracterisam-se respectivamente pelo predominio das qualidades activas, affectivas ou especu-

lativas; porém nenhuma raça conseguiu levantar-se na escala social sem mestiçagem. Na antiguidade proto-historica o kuschita, no qual predominava o elemento negroide, fundou uma civilisação com o caracter affectivo, que posteriormente se conservou no semita, seu affim e successor; pelo contrario no accadio, povo activo, preponderava a raça mongoloide, influencia que não foi extranha ás tendencias emigrantes da raça árica, embora esta se distinga essencialmente pelo seu desenvolvimento especulativo. «As duas grandes raças que entre si disputaram a hegemonia humana, diz Theophilo Braga, fallando dos Semitas e dos Arias, não podem ser comprehendidas na historia sem se estabelecer a sua solidariedade objectiva com os kuschitas e mongoloides, e as suas mutuas relações, como se vê pela influencia semita na civilisação hellenica» (pag. 171). Partindo do desdobramento das tribus e das cidades, como elementos fundamentaes do familismo patriarchal e do cantonalismo ou pequenas ligas defensivas, o eminente professor desenvolve a successiva cooperação dos Gregos, Romanos e Germanos na civilisação occidental, mostrando a marcha progressiva, deduzida da situação e acção mesologica, sempre perturbada pela politica individual, pelo regimen da força e pelo tradicionalismo theologico. «É esta a evolução espontanea da Europa, diz o auctor, a civilisação occidental manifestou-se em tres peninsulas em que existiam muitissimos Estados livres, mais ou menos confederados; emquanto esses Estados tiveram autonomia iniciaram o progresso da humanidade. A ruina da Grecia começou com a unificação militar de Alexandre e com-

pletou-se com a incorporação da unidade romana; as Republicas italianas succumbiram ante a tyrannia ou as traições da unidade imperial allemã ou da unidade papal; os estados hispanicos decáem com a unidade castelhana em Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe ii, que escravisa a Catalunha e Portugal. A historia da Europa consiste n'esta lucta entre a existencia natural dos pequenos Estados civilisados e democraticos e a unificação imperial, catholica, monarchica e dynastica, acobertada com a infame divisa do *equilibrio europeu*» (pag. 209). Por uma serie infinda de revoluções e retrocessos n'esta lucta de trinta seculos tem effectuado a humanidade a sua passagem da organisação theocratica para a organisação sociocratica, que o estado actual da Sociologia já nos deixa prever. Augusto Comte, com a sua lucidez extraordinaria, indicou este alvo como o estado normal da humanidade [1].

---

[1] Em um interessantissimo estudo sobre o *Zollverein mediterraneo*, o professor Carlos de Mello, sustentando a doutrina federalista applicada á organisação da Europa, faz a seguinte referencia ao *Systema de Sociologia:* «A Sociologia, considerada no que tem de positivo na sua applicação á vida historica da Europa, indica-nos a fórma federativa como o systema final do governo, que por si mesmo realisa e mantém o equilibrio entre as nações, e ainda entre as diversas partes do proprio estado. Theoricamente, assim foi obrigado a confessal-o o illustre e auctoritario Bluntschli; praticamente, revolvendo e examinando a historia, assim o provou o dr. Theophilo Braga, n'um livro que daria honra a qualquer litteratura se porventura não fosse uma obra portugueza». (*Revista de Estudos livres*, vol. iv, pag. 52).

No capitulo IV, *Theoria do concurso simultaneo,* procura o auctor coordenar os factores sociaes pela determinação das tres syntheses — *activa,* ou transformação da actividade militar em actividade industrial; *affectiva,* ou preponderancia crescente do altruismo sobre o egoismo; e *especulativa,* ou triumpho do positivismo sobre todas as concepções theologicas e metaphysicas. Os tres factores da dynamica social são na realidade «manifestações do nosso sêr psychologico, procurando satisfazer necessidades, subordinar os seus sentimentos, ou dar unanimidade ás suas ideias» (pag. 307). Sendo solidarios, augmentam pelo concurso simultaneo a sua mutua intensidade. Escreve Theophilo Braga:

«Pela *Synthese activa,* chega-se á conclusão de que o homem produz mais do que consomme; d'aqui as condições para exercer livremente as suas capacidades mentaes, que reagem na simplificação da pratica pela theoria.

«Pela *Synthese affectiva,* verifica-se que o homem multiplica a sua força e a sua intellectualidade pela associação; d'aqui o reconhecimento da sua dependencia da collectividade moral, e o estabelecimento voluntario da ordem.

«Pela *Synthese especulativa,* verifica-se que todos os progressos humanos provieram das ideias, ao passo que as sociedades dirigidas exclusivamente pela religião ou pela moral ficaram estacionarias» (pag. 311).

Lamentando que a falta de espaço não nos permitta acompanhar o distincto escriptor nas considerações comprobativas d'estas affirmações, não podemos comtudo

deixar este capitulo sem notar que a reorganisação da *Synthese especulativa* tem por fim a convergencia mental ou a unidade do ponto de vista essencialmente humano, que ha de presidir á reorganisação da sociedade no seu estado normal. Diz a este respeito o auctor: «Como a constituição positiva das seis sciencias abstractas consistira em um complicado processo de *especialisação crescente,* faltava tirar d'essa marcha dispersiva uma *unificação racional,* que é propriamente em que consiste o processo philosophico da *synthese subjectiva,* entrevista pelo genio de Comte» (pag. 414). Essa synthese subjectiva ou especulativa substituirá no estado normal os systemas theologicos e metaphysicos, que têm por base a causalidade e a finalidade, completando a synthese objectiva e vencendo o negativismo sceptico e criticista, como se vê da excellente *Classificação dos systemas philosophicos* estabelecida por Theophilo Braga.

O capitulo v, consagrado á *unanimidade de doutrina,* intitula-se *Do advento da humanidade ao seu estado normal,* e abrange as materias comprehendidas nos capitulos II, III e IV dos *Traços geraes de Philosophia positiva: Comprovação psychologica da lei dos tres estados, Classificação dos Conhecimentos humanos* e sua *Comprovação monistica.* N'estas paginas comprova o auctor de uma maneira irrefutavel as bases fundamentaes do Positivismo, cujo verdadeiro valor foi Augusto Comte o primeiro a distinguir e proclamar. Theophilo Braga accrescentou novos periodos e eliminou alguns dos antigos, porém em nada alterou as conclusões baseadas nas grandes e recentes descobertas thermo-dynami-

cas que se coordenaram systematicamente no Monismo. Define assim a Philosophia: «Uma Synthese do universo formada sobre todas as leis verificaveis da ordem cosmica, biologica e moral, tendente a fortificar a consciencia humana pela separação entre o desconhecido e o incognoscivel, e pelo accordo entre a objectividade e a subjectividade» (pag. 437). Partindo d'esta concepção superior da Philosophia, apresenta uma *Classificação subjectiva dos Conhecimentos humanos* inteiramente concorde com a *Classificação objectiva.* A ordem dos phenomenos *relacionados, condicionados, determinados* e *coordenados* corresponde á Mathematica, á Astronomia, Physica e Chimica, á Biologia e á Sociologia. Quando Theophilo Braga, pela primeira vez, estabeleceu as relações do Positivismo com o Monismo, accusaram-no entre nós de fazer uma approximação absurda, aquelles cujo espirito acanhado não lhes deixa acompanhar a orientação da mentalidade humana. Hoje semelhante approximação é corrente na Italia, como o affirma Antonino de Bella n'um bello artigo critico ácerca de *La Filosofia giuridica nelle università* [1], dizendo que ali «o positivismo e o monismo quasi se podem confundir n'um mesmo systema».

No ultimo capitulo, *Das previsões sociologicas,* trata o auctor da distincção estabelecida pela nova doutrina entre os factos negativos devidos á dissolução da Theocracia e os factos positivos que nos approximam da con-

[1] *Rivista di Filosofia scientifica,* 3.º anno, n.º 6.

stituição da Sociocracia, fórma definitiva para que tende a humanidade. A unanimidade da concepção scientifica reage sobre o individuo e sobre a sociedade, apressando o advento do estado normal, sobre o individuo pela constituição de uma Pedagogia, e sobre a sociedade pela fundação de uma Politica.

Antes de terminar não podemos passar em silencio um facto que em geral notamos nas obras de Theophilo Braga; quasi sempre, como se o seu nome não fosse já uma auctoridade, procura acobertar as suas ideias e conclusões scientificas com o nome de um ou mais homens de sciencia que por differentes vias tenham attingido os mesmos resultados, porque elle bem sabe que nenhuma ideia, nenhuma conclusão, por mais original que pareça, é o producto de um cerebro isolado, mas sim a expressão espontanea de um phenomeno social bastante complexo [1].

---

[1] O dr. Tebaldo Falcone pedira a Theophilo Braga auctorisação para traduzir para italiano o *Systema de Sociologia;* não foi realisado esse empenho por causa da morte prematura e desgraçada d'aquelle notavel homem de sciencia. Encontramos no livro de homenagem a Tebaldo Falcone, publicado por Luigi Antonio Villari, em Milão, a pag. 143, a seguinte carta datada de Lisboa em 17 de março de 1885:

«Mi fece profonda impressione la sua lettera del 5 marzo corrente, in cui mi comunica la sua opinione sul mio libro *Sistema di Sociologia.* Non potevo avere ambizione maggiore di essere compresso da un' anima sincera. Ciò avviene nelle spirito italiano che comprende tanto lucidamente la nostra solidarietà occidentale. Questo libro è il risultato di una lunga crisi morale ed intellettuale, pri-

2. A Historia universal

(Esboço de Sociologia descriptiva)

a) NOÇÃO POSITIVA DA HISTORIA E CIVILISAÇÕES FUNDADAS SOBRE O EMPIRISMO DAS ARTES INDUSTRIAES: EGYPTO, CHALDÊA, BABYLONIA E ASSYRIA. — A philosophia positiva, baseada nas sciencias fundamentaes e abstractas, sendo a synthese geral das verdades demonstradas, serve ao mesmo tempo de disciplina mental e de instru-

ma della dissoluzione del cattolicismo, e della decompozizione del parlamentarismo, oggi collegati nella loro allucinata impotenza.

«Le idee fondamentali sono di Augusto Comte; i fatti poi e le deduzioni mi appartengono, cercando di essere più amante delle deduzioni che delle invenzioni. Se questo libro risponde con una forma plausibile ai problemi del nostro secolo ancora pendenti; se c'è bisogno per gli spiriti sconfortati di qualche consolazione; è realmente triste che stia confinato in una lingua come la portoghese, dove tra appena mille lettori per tutti i generi di letteratura, si danno agli studi di filosofia soli venti o trenta curiosi.

«La richiesta per me estremamente onorevole di permesso per tradurre in italiano il *Sistema di Sociologia*, significa dargli anima, luce, pubblicità e porlo in relazione con gli uomini eminenti di Europa, pei quali la lingua portoghese non ha un'existenza apprezzabile. Per questo ritengo la richiesta come un' elevata gentilezza, e prego il mio bravo amico che usi del *Sistema di Sociologia*, come di un libro suo nel tradurlo, riassumendo, emendando, ampliando, o ritoccando come meglio crede. E sentendomi già contento nel ringraziarla di tanta generosa distinzione, maggiormente io stimo che la circolazione darà ad un certo numero d'idee un carattere più generalizzato per mezzo della lingua italiana. Ect.».

mento para fazer progredir cada uma das sciencias particulares; as grandes descobertas e os grandes trabalhos dos mathematicos, dos astronomos, dos physicos, dos chimicos e dos biologistas, contribuindo para a organisação das sciencias respectivas, contribuiram tambem para a creação da philosophia positiva ou sciencia geral, como lhe chama Wyrowboff. Quando Augusto Comte fundou a sua philosophia, ainda as sciencias sociaes não estavam organisadas; e portanto viu-se obrigado a organisar provisoriamente a sociologia abstracta, quando ainda nem sequer o estava a sociologia concreta; d'ahi provém a maior parte dos seus defeitos. A philosophia positiva tem concorrido para o adiantamento das sciencias physicas e biologicas, e para a organisação definitiva das sciencias sociaes.

Augusto Comte, quando procedeu á hierarchia scientifica e á classificação dos Conhecimentos humanos, dividiu-os em dous grandes grupos — sciencias e artes, e subdividiu as primeiras em — abstractas e concretas. Em vista d'esta divisão e subdivisão, temos tres ramos de conhecimentos humanos, que são: — sciencias abstractas, sciencias concretas e sciencias applicadas, ou artes.

As sciencias sociaes, como as sciencias mathematicas, as sciencias physicas e as sciencias biologicas, dividem-se tambem em tres grupos distinctos, que correspondem aos tres ramos das sciencias geraes. Temos, portanto, a sociologia abstracta, a sociologia concreta e a sociologia applicada. A sociologia abstracta está para a sociologia concreta, como a biologia está para a botanica, zoologia, anthropologia, anatomia, physiologia, etc.

A sociologia concreta comprehende a ethnologia, a glottologia ou linguistica, a sciencia das religiões, a historia propriamente dita, a esthetica, a archeologia, etc. A sociologia applicada comprehende a politica ou arte de governar, a philologia, as litteraturas ou applicação da glottologia e da esthetica, etc.

Estabelecida como deixamos a divisão positiva das sciencias sociaes, é facil de determinar a qual dos grupos pertence o novo trabalho de Theophilo Braga, a que o nosso amigo e professor chama modestamente *Esboço de Sociologia descriptiva*. A *Historia universal* de cuja primeira parte nos vamos occupar, é mais do que um esboço, é uma obra séria e profunda, que está destinada talvez, como disse Littré quando appareceu o prospecto, «a transpôr os limites de Portugal e a ser util a todo o occidente, particularmente ao occidente latino».

A *Historia universal* pertence incontestavelmente ao segundo grupo sociologico, isto é, á sociologia concreta.

O primeiro volume encerra a *Noção positiva da Historia* e as *Civilisações fundadas sobre o empirismo das artes industriaes: Egypto, Chaldêa, Babylonia e Assyria.*

N'uma *Advertencia do editor*, com que fecha o volume, lê-se: «Postoque este livro seja apenas uma parte do vasto plano da *Historia universal*, o seu auctor considera-o como completo, porque n'elle se estuda o grupo das civilisações isoladas»; e mais adiante: «O livro que hoje publicamos encerra o estudo para as lições professadas na regencia interina da cadeira de Historia univer-

sal e patria (1878-1879) no Curso superior de Lettras, e como documento do seu trabalho o dr. Theophilo Braga entendeu devel-o publicar como independente do plano cuja realisação depende em grande parte do accidente das assignaturas». Pela mesma advertencia vê-se que os *Traços geraes de Philosophia positiva,* publicados anteriormente e de que já nos occupamos, são «formados das lições na cadeira de philosophia do Curso superior de Lettras, que regeu interinamente (1874-1878)». As palavras que deixamos transcriptas revelam-nos um facto que apontamos aos nossos leitores para vergonha do professorado das nossas escholas superiores. É Theophilo Braga *um dos poucos professores* que em Portugal tem escripto compendios para uso dos seus alumnos, e não só tem uma vasta *Historia da Litteratura portugueza* e um *Curso* para a cadeira de que é proprietario, mas ainda publicou em volumes as doutrinas expostas nas cadeiras que regeu interinamente. O distincto professor mostra assim que trabalha conscienciosamente, e que é um dos raros professores que em Portugal sabem cumprir os deveres do seu cargo.

Vamos agora começar a analyse da *Historia universal* do dr. Theophilo Braga e seguil-o-hemos na sua exposição procurando dar aos nossos leitores um inteiro conhecimento d'esta obra, que depois de concluida será verdadeiramente gigante [1].

---

[1] «Decerto, se em Portugal um homem de lettras existe, erudito e com a orientação empirica e critica da sciencia moderna, na

Dividiremos o nosso trabalho em cinco partes que correspondem ao prologo, aos *Prolegomenos*, e aos tres capitulos da *Parte I* da *Historia universal.*

I

Nas breves, mas profundas paginas, que servem de prologo a esta obra, expõe o auctor o estado de indisci-

---

corrente das ideias do seu tempo e fortemente embebido do moderno ideal, capaz de se abalançar a trabalho de tanto folego, esse homem é incontestavelmente o snr. Theophilo Braga.

«Espirito essencialmente progressivo e trabalhador, de uma tenacidade que se não desmente um momento, o snr. Theophilo Braga, abandonando as vagas tendencias hegelianas do principio da sua carreira brilhantissima, a mais brilhante de todas, tendencias marcadas nos prefacios da sua Epopêa cyclica da Historia, antes inspirando-se cada vez mais na sciencia moderna e na moderna philosophia, d'aquella filha directa, possuindo um cabedal de conhecimentos verdadeiramente prodigioso, tão facil na concepção da theoria como prompto na precisa enunciação d'ella, lança mais esta pedra no edificio que laboriosamente anda construindo, para honra sua e nossa, e fóra do ensino da Historia dá ao professorado portuguez a rude lição de substituir, elle, os seus bolorentos compendios senis, por uma obra profundamente pensada e vivamente escripta, adaptada a um tempo ás exigencias do moderno saber e á comprehensão de todos aquelles a quem se destina». *Museu Illustrado,* vol. I, pag. 283. Porto, 1878 (artigo de J. Pereira de Sampaio, como da redacção).

São notabilissimos os artigos do professor Carlos de Mello, no *Jornal do Commercio,* n.º 7:647 e 7:648, e do fallecido anthropologista Paula e Oliveira no *Diario de Portugal,* n.º 458 a 472 sobre este livro.

plina mental que atravessa a nossa sociedade, devido ao conflicto de tres educações essencialmente diversas. Eis as palavras com que o illustre escriptor abre a sua obra: «O que pretendemos com este livro? Actuar no limite das nossas forças, pela vulgarisação de noções claras da historia, para que a sociedade portugueza saia da apathia mental, que tem sido a causa exclusiva do seu atrazo». Essa apathia mental da nossa sociedade é devida á apathia mental dos individuos em particular, porque «todas as feições que apresenta uma sociedade ou uma civilisação são a consequencia do estado a que chegaram os individuos que compõem esse aggregado». A origem d'esta apathia encontra-se no facto da consciencia individual não se satisfazer com as explicações theologicas das velhas religiões, nem tão pouco com as entidades metaphysicas, porque encontram um desmentido nos actos reaes da vida pratica. Por outro lado as noções scientificas adquiridas nas nossas escholas não são sufficientes para orientar o espirito publico no sentido da verdadeira philosophia ou da concepção positiva dos phenomenos naturaes. Demais, muitos que têm essa orientação, e que deviam e podiam contribuir para discutir e destruir os velhos cultos e a politica empirica e auctoritaria, «não têm a energia viril para affirmarem a sua inefficacia, submettendo-se ás exterioridades que elles impõem, produzindo assim em vez da ordem o terrivel habito da *hypocrisia social*, que nos desliga e destroe a grande força progressiva da associação».

Este estado de indisciplina mental tem a sua origem no conflicto de tres educações contradictorias, recebidas,

a primeira, puramente *religiosa*, no seio da familia e nas escholas de instrucção primaria; a segunda, *metaphysica* e revolucionaria, nas escholas secundarias e superiores; a terceira, emfim, *positiva*, na pratica e nas contrariedades da vida.

A criança recebe no seio da familia uma educação inteiramente mystica e theologica; a mãe, por convicção e ignorancia, o pae por hypocrisia e transigencia, por considerar a religião um freio indispensavel sem o qual não póde existir a sociedade, submettem a criança a um regimen religioso e auctoritario, que lhe tira pelo menos a energia viril e a firmeza de caracter, quando não a estiola completamente. As aulas de instrucção primaria continuam a *educação theologica:* a *Biblia* e o *cathecismo de doutrina christã* são os instrumentos com que os mestres proseguem na obra demolidora iniciada pelos paes.

Quando a criança entra nas aulas de instrucção secundaria, sente-se abalada nas suas convicções; debalde tentam pôr de accordo as verdades geologicos e historicas com as phantasmagorias biblicas e evangelicas; a criança começa a duvidar. Com os annos desenvolve-se a duvida; a instrucção superior contribue e não pouco para esse resultado; mas com a duvida começa tambem a habilidade dialectica a fazer conciliações; uma verdadeira gymnastica de espirito contribue para se sophismarem as verdades mais palpaveis da sciencia. Principia então o dominio da hypocrisia, o incredulo entre os amigos é o crente no meio da familia; d'ahi os espiritos dubios, os caracteres hesitantes; para tudo têm phrases

feitas com que pretendem illudir a realidade dos factos.

A vida pratica vem destruir as noções theoricas da metaphysica. «Na collisão de interesses, uma solução decisiva equivale a uma synthese, um desgosto encerra muitas vezes uma conclusão philosophica». D'aqui resulta uma incompleta educação positiva, mas apesar de incompleta é sufficiente para entrar em conflicto com as outras duas que a precederam. É d'este conflicto que procede a crise dos espiritos ou *indisciplina mental* da nossa sociedade.

Estas tres educações equivalem aos tres estados que constituem a celebre lei empirica de Comte; servem-lhe mesmo, até um certo ponto, de comprovação.

O nosso espirito tambem passou por aquellas tres educações; felizmente encontramos a philosophia positiva que nos tirou da indisciplina mental e nos orientou no sentido do progresso; devemos esta orientação ao auctor do livro de que nos estamos occupando.

Theophilo Braga caracterisa a traços largos estas tres educações, e diz em seguida, que o seu trabalho «é o resultado de uma educação intellectual recomeçada depois de ter terminado os cursos da instrucção official do meu paiz». De facto só depois de ter concluido brilhantemente o seu curso de direito, é que o erudito professor saíu da phase metaphysica, puramente hegeliana, para entrar n'uma verdadeira direcção scientifica e positiva. Felizmente o espirito potente do auctor da *Visão dos Tempos* não se esterilisou, embrenhando-se nos insulsos volumes de jurisprudencia e na phraseologia so-

nora e ôca da Universidade; eis o que diz a este respeito um illustre escriptor, que tambem é um dos poucos espiritos que atravessaram incolumes os ares deleterios da nossa faculdade de direito, o meu excellente amigo dr. Alves de Sá: «É notavel a recente conversão de Theophilo Braga, hoje ardente positivista, e, ha pouco ainda, metaphysico distincto. Theophilo Braga, porém, era uma excepção entre os filhos da faculdade de direito e nunca foi legista. Os seus estudos independentes tinham-o já ha muito roubado á má atmosphera que respiram os que entre nós e lá fóra cultivam os estudos juridicos» [1].

Foram os seus estudos independentes que o levaram «por uma evolução natural» para o estudo da philosophia positiva.

O dr. Theophilo Braga expõe a necessidade de se escrever a *Historia social da Humanidade*, para servir de complemento á *Historia natural da Humanidade*, de Pritchard; este baseou-se na anatomia comparada, na physiologia, na pathologia, na ethnologia e nas variações

---

[1] *A Emphyteuse e o Usufructo*, pag. 82, nota. Para se vêr que não exageramos na opinião que formamos sobre a faculdade de direito, vamos transcrever algumas palavras d'este bello trabalho do dr. Eduardo Alves de Sá: «Nós e a maior parte dos jurisconsultos modernos, temos a pessima educação das escholas de direito, temos a pessima instrucção dos livros juridicos modernos, que tão grandes obstaculos levantam diante da nossa intelligencia para a deixar embeber-se d'esta atmosphera scientifica, que tão valentemente sustenta já as sciencias abstractas e que por certo viria até nós, se não fosse a educação falsa que recebemos e que quasi nos inhabilita para os estudos verdadeiramente scientificos». *Ibidem*, pag. 83.

climatologicas; para a constituição d'aquella, têm de contribuir as grandes descobertas modernas do homem pre-historico, dos instrumentos primitivos, do sanskrito, do zend, dos hieroglyphicos egypcios, dos cuneiformes assyrios, etc. etc., a archeologia pre-historica, a glottologia, a sciencia das religiões, o estudo das artes e das litteraturas, etc.

« Compendiar, diz o auctor, todos os trabalhos especiaes da archeologia, da ethnologia, da linguistica, da mythographia, da historia e da philosophia, deixando a parte polemica dos eruditos e agrupando todos os resultados positivos a que elles chegaram, tal é o processo com que é escripta a obra verdadeiramente nova da *Historia universal,* subordinada á apresentação de um esboço de Sociologia concreta ».

Tal é a obra começada pelo distincto escriptor; pelos volumes publicados, póde-se já avaliar a grandeza do monumento, que está longe de ser apenas um esboço, como modestamente lhe chama o auctor. Não queremos dizer com estas palavras que este valiosissimo trabalho do dr. Theophilo seja uma obra definitiva; não, com certeza. Se se fizer uma segunda edição, como esperamos, é natural que o illustre professor corrija um ou outro ponto mais fraco, que na sua obra se encontre. As sciencias sociaes progridem constantemente, e de dia para dia augmentam as descobertas no campo sociologico; portanto não era de extranhar se ámanhã ou depois novas verdades adquiridas pela sociologia obrigassem o dr. Theophilo Braga a refundir em uma ou outra parte o seu trabalho sobre a historia das diversas civilisações

humanas, civilisações que se têm succedido umas após outras, através dos seculos e das gerações, e que se prendem reciprocamente como os élos interminaveis de uma longa cadeia.

Segundo o plano apresentado no prologo da obra constará de tres partes: *Civilisações turanianas e kuschito-semitas; Civilisações áricas e indo-européas* e *Civilisação moderna da Europa.*

Este vasto plano está apenas em principio; mas bastaria a parte publicada para dar nome ao auctor, se elle não fosse já bem conhecido pelos seus outros trabalhos, não só como escriptor distincto, mas como o primeiro escriptor portuguez da actualidade. O erudito professor é o chefe do positivismo no nosso paiz; e, como verdadeiro discipulo de Augusto Comte e de Emilio Littré, não se afasta um só instante do estudo dos factos reaes e positivos da sciencia social. Na sua *Historia universal* ha «a eliminação do providencialismo e da acção directa e arbitraria dos grandes homens, pondo sempre em relevo o desdobramento das forças dynamicas da humanidade a par da narração dos factos concretos e authenticados».

É tempo de deixarmos o prologo e entrarmos no verdadeiro corpo da *Historia universal.* Passemos portanto a examinar conscienciosamente a introducção ou os *Prolegomenos* que precedem a primeira parte, e que comprehendem a *Noção positiva da Historia.*

II

«A historia, diz o dr. Theophilo, é a observação no campo dos phenomenos da sociedade humana». É d'essa observação que se deduzem as leis que regem e presidem aos factos sociaes da actividade humana, leis que hão de servir para a constituição da sociologia abstracta. Os processos empregados n'este estudo são o *objectivo* para determinar a actividade humana por meio das sciencias particulares, ethnologia, archeologia, mythographia, glottologia, etc.; e o *subjectivo* para descobrir pela filiação dos factos o intuito moral e racional que dirige essa actividade. Com razão diz Theophilo Braga que «uma verdadeira concepção scientifica da historia, só podia formar-se no nosso seculo, que pela primeira vez indagou as leis naturaes do facto social». A historia da humanidade, a historia geral das raças humanas, das nações e das civilisações, que se têm succedido sobre a terra, não podia elevar-se e adquirir todo o seu valor, emquanto os phenomenos sociologicos não estivessem sujeitos aos methodos rigorosos empregados nas sciencias naturaes. Foi já no seculo actual que se constituiu a biologia, e só depois d'esta organisada é que se poderia fundar a sociologia concreta, porque o facto social depende do facto biologico, não podendo comprehender-se aquelle sem se estudar préviamente a natureza humana, pois que «o sêr humano, como diz Spencer, é ao mesmo tempo o problema final da biologia e o factor inicial da sociologia». A historia universal das civilisações e dos

povos, que se seguem uns aos outros evolutivamente como as camadas geologicas da terra, a historia geral das sociedades é uma parte da sociologia concreta, e portanto está sujeita como esta aos methodos severos das sciencias naturaes.

E tanto não podia formar-se uma concepção positiva da historia antes da constituição definitiva da biologia, e ainda mais, dos seus ultimos progressos, que Haeckel diz que «a historia dos povos deve explicar-se pela selecção natural; deve ser definitivamente um phenomeno physico-chimico dependendo da acção combinada da adaptação e da hereditariedade na lucta pela existencia».

Esta theoria, como todos sabem, é muito moderna; apresentada por Lamarck no principio d'este seculo, foi desenvolvida mais tarde por Darwin no seu magnifico livro — *Origem das Especies* [1].

Theophilo Braga está de accordo com Haeckel sobre a applicação d'esta theoria á historia. «Lucta pela existencia no meio cosmico, diz o illustrado escriptor nos seus *Prolegomenos*, conflicto vital na sociedade sem industria, triumpho sobre ambas estas fatalidades pelo conhecimento do mundo exterior e de si mesmo, eis o thema do grande drama da historia».

Tyndall, no seu bello trabalho sobre o *Calor*, traz estas palavras que valem um poema: «Todas as fórmas

[1] As vagas allusões de Lucrecio, de Diderot e de Vico a esta theoria, nada influiram para o seu desenvolvimento.

do movimento mechanico são simplesmente a dispersão do movimento calorifico derivado primitivamente do sol». Com effeito tudo no nosso systema cosmico encontra a sua origem n'aquelle grande fóco de irradiação, desde o simples movimento dos planetas até aos mais complicados phenomenos sociologicos, que têm logar na superficie do nosso globo. A sua repulsão é a fonte dos phenomenos cosmicos e physicos e do nosso movimento, da nossa vida, da nossa intelligencia e da nossa energia e actividade. Por este motivo, o sol é considerado pelo dr. Theophilo Braga «como o ponto de partida para os phenomenos sociaes». O sol tem tido influencia directa na modificação das raças (pela temperatura e pelos climas), nas migrações (pelo seu movimento apparente), nas religiões, nas epopêas, na relação do tempo, etc. etc. Partindo d'este principio, vê-se que para a verdadeira interpretação do universo, é preciso proceder-se do estudo da natureza para o estudo do homem, em vez de ser do estudo d'este para o d'aquella, como o fizeram os antigos invertendo a ordem natural dos phenomenos; portanto, para se escrever a historia universal, a historia evolutiva das raças, dos povos, das nações e das civilisações, é necessario tomar em consideração os phenomenos cosmicos, physicos, chimicos e biologicos, que exercem maior ou menor influencia sobre o progresso das sociedades, ou sobre o seu estacionamento ou atrophia.

Com rasão indica o distincto professor do Curso superior de Lettras os *modificadores* das sociedades, antes de entrar na historia descriptiva.

«Uma comprehensão scientifica do objecto da historia-

ria, diz elle, considerará a actividade do homem sobre a terra sob estas quatro condições:

«Segundo as modificações exercidas pelo *meio cosmico;* e reflexamente, a adaptação pelo trabalho humano d'esse meio cosmico ás condições de vida.

«Segundo as modificações do *meio social* transmittidas a essa actividade; e reflexamente, o aperfeiçoamento do meio social pela influencia das noções descobertas pelas grandes individualidades e pelo progresso adquirido na evolução».

Os modificadores cosmicos são os movimentos da terra ao redor do sol e sobre si propria (que produzem as estações, os dias e os annos), os climas, a lunação, a temperatura, a situação geographica, os rios, os metaes, a atmosphera, a luz, o calor, os alimentos, as edades, os temperamentos, a hereditariedade, a sexualidade, etc.

Os modificadores sociologicos «ainda mais vastos e mais complicados», são entre outros a linguagem, as religiões, as artes, a politica, a moral do costume, a educação, etc.

Estas duas ordens de modificadores, cosmicos e sociaes, serão a base de uma nova sciencia que se está organisando e que se chama — *Mesologia* ou sciencia dos meios.

Das duas ordens de modificadores nascem na historia duas ordens de factos correspondentes, uns accidentaes, outros necessarios. Os primeiros correspondem aos modificadores cosmicos, os segundos aos modificadores sociaes. Por isso, como diz Littré, «deve-se examinar a distincção em historia entre o accidental e o necessario;

o accidental que se refere á intervenção nos acontecimentos sociaes das condições biologicas, chimicas e cosmicas; o necessario que se refere á natureza das sociedades e á lei do seu desenvolvimento».

Theophilo Braga descreve em poucas paginas, mas scientificamente, os principaes modificadores cosmicos, e mostra como o homem adapta a si as forças naturaes; em seguida trata das modificações do meio social, e traça o itinerario da evolução historica da humanidade, que, segundo diz, lhe «ha de servir de fio conductor na sua exposição narrativa».

Não podemos seguir o distincto professor através do seu rapido esboço das modificações do meio cosmico e do meio social, porque encerra um sem numero de factos, descriptos com tal concisão, que se torna quasi impossivel o resumil-os, e mesmo se o tentassemos levar-nos-hia isso muito longe. Limitar-nos-hemos, portanto, a mencionar tres pontos dos mais salientes, como são: as edades pre-historicas, as raças civilisadoras e o itinerario do progresso humano.

Emquanto ás edades pre-historicas o dr. Theophilo Braga adopta a chronologia positiva proposta por sir John Lubbock, que divide os tempos primitivos em quatro edades: 1.ª edade paleolithica, 2.ª edade neolithica, 3.ª edade do bronze e 4.ª edade do ferro. O dr. Theophilo subdivide a primeira edade em dous periodos correspondentes ás épocas miocene e pliocene. Pelo estudo da fauna e da flora d'estas duas épocas vê-se que a edade paleolithica abrangeu innumeros seculos, pois deu-se uma alteração profunda de temperatura e de clima;

a temperatura da época miocene era tropical; na passagem d'esta para a pliocene houve um abaixamento de seis gráos.

A *Edade paleolithica* é caracterisada pelos grosseiros instrumentos de pedra rudemente talhados que têm sido encontrados em França, em Inglaterra, na Italia, na Scandinavia, etc.; os mais antigos silex trabalhados e que provam sufficientemente a existencia do homem são os encontrados no calcareo das bordas do lago de Beauce. Juntos com os instrumentos encontram-se, por toda a Europa, restos de animaes, pertencentes ás especies da Europa antiga, algumas das quaes se extinguiram completamente e outras abandonaram estas regiões; taes são: o mammuth, o rhinoceros, o hippopotamo, o urso das cavernas, o cavallo selvagem, o driopitheco, o hylobate, etc.

Na *Edade neolithica,* que corresponde á época *quaternaria,* apparecem já com frequencia esqueletos humanos ao lado dos instrumentos de pedra polida; nota-se porém a ausencia de restos de elephantes, de rennes e de rhinoceros, que parece terem desapparecido totalmente. Nas costas da Dinamarca, em montões de conchas e de restos de refeições (*kjoekkenmoeddings*), e na Suissa, nos vestigios das antigas habitações sobre estacas, têm-se achado milhares de instrumentos de pedra e mais de mil hachas ou machados, ao passo que não se encontraram nenhuns instrumentos de metal. Com as pedras polidas apparecem muitas vezes objectos de barro. Parece que n'este periodo começou o homem a domesticar os animaes inferiores, o cão, o cavallo, a vacca, etc.

A *Edade do bronze* está bem determinada em toda a Europa; as armas de bronze encontram-se na Irlanda, na Scandinavia, na Allemanha, entre os povos slavos, nos *tumuli* e nas villas lacustres da Suissa, etc., ao lado de craneos brachycephalos, que parecem indicar o apparecimento de uma raça superior, vinda do Oriente. Os objectos de barro d'esta época são mais finos e mais bem trabalhados, a ornamentação é uniforme e a tecelagem de lã é conhecida geralmente.

A *Edade do ferro* é a ultima das edades pre-historicas, porque pela difficuldade de extrahir o ferro do minerio se reconhece já um grande progresso humano. «A descoberta do ferro assignala a somma dos progressos a que o homem se elevou para entrar na vida nacional e historica».

A successão d'estas edades já era conhecida dos antigos; os escriptores gregos e romanos Herodoto, Platão, Diodoro, Strabão, etc., apresentam-nos o homem n'um estado rudimentar de civilisação; na *Illiada,* na *Odyssêa* o bronze é a materia prima das armas e dos utensilios; Hesiodo cita o uso do bronze como precedendo o do ferro; as lanças de silex e outros instrumentos de pedra conservaram-se tradicionalmente nas ceremonias religiosas do Egypto, da Judêa e de Roma, como se sabe por Herodoto, pelo *Exodo,* por Tito Livio, etc.

Segundo Franks [1] tambem se encontram instrumen-

---

[1] Apud Moigno, *Science anglaise, son bilan au mois d'août 1868,* pag. 231.

tos de pedra no Japão, taes como flechas e lanças de silex, facas e hachas de basalto, etc.; os japonezes vêem n'ellas reliquias do periodo mythologico dos *Kamies* ou dos espiritos; «as hachas são consideradas como *pedras de raio,* e as flechas, muito mais communs, como armas das legiões de espiritos que atravessam o paiz durante as tempestades». As antigas chronicas do Japão mencionam armas de pedra trazidas como tributo ao Mikado. Segundo o mesmo auctor, tambem as chronicas chinezas se referem ao uso de flechas de pedra entre as tribus limitrophes.

No poema de Lucrecio — *De natura rerum,* vêm mencionadas estas edades pela sua ordem:

> Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,
> Et lapides, et item sylvarum fragmina rami,
> Et flammæ atque ignes, postquam sunt cognita primum.
> Posterius ferri vis, aerisque reperta,
> Et prior aeris erat quam ferri cognitus usus [1].

Estes versos, como os leitores já viram, estão confirmados pelas descobertas archeologicas de objectos prehistoricos, feitas por Boucher de Perthes, Schmerling, Spring, Tournal, barão de Schlotheim, Christil, Lartet, etc.

A successão d'estas quatro edades ou periodos é um

---

[1] O dr. Theophilo Braga cita estes versos, mas, além de lhe ..ltar o terceiro, vêm incorrectos, devido, segundo crêmos, ao pouco ..idado do compositor e á pressa com que foram revistas as provas. ..odo o volume está infelizmente crivado de erros typographicos, po..ém isto em nada prejudica o merecimento da obra.

facto adquirido pela sciencia positiva, e que não poderá ser posto em duvida com seriedade. O dr. Theophilo Braga descreve rapidamente, mas com precisão, estes periodos pre-historicos, accentuando ao mesmo tempo as transformações geologicas e climatologicas por que passou a Europa.

Passando á questão das raças que habitaram primitivamente a Europa e que organisaram as primeiras civilisações, comecemos por transcrever estas palavras de Theophilo Braga: «Na época quaternaria, que é como a aurora da constituição geologica moderna, começam a apparecer com frequencia os esqueletos humanos, e pelos estudos anatomicos de Broca e de Hamy se determina que prevaleceu então uma raça superior, brachycephala, que se elevou do uso da pedra talhada ou neolithica ao descobrimento dos metaes, até ao uso do ferro com que entrou na vida historica».

Segundo Topinard, n'um artigo publicado na *Science politique* (1879, n.º 10), «a primeira raça, materialmente conhecida pelos seus ossos fosseis, disseminados em todas as partes emergidas do globo», é *dolicocephala*, representada pelo curioso typo dos homens do Neanderthal e de Denise. Este typo encontra-se não só na Europa, mas tambem na America do Sul, na Polynesia e na Australia. Parece que foi esta raça a que succumbiu diante da raça superior, brachycephala, a que se refere o dr. Theophilo; esta raça brachycephala, a turaniana, «que comprehende além dos Accadios, os Anarias, da India, ou as tribus da Atropatene, as povoações do sul da America, os Kurdes, os povos de Me-

sech e de Tubal, além dos ramos europeus, representa o periodo mais alto da civilisação antes da vida historica e da aggregação nacional; foram os iniciadores da metallurgia nas civilisações orientaes, que os repelliram, e foram os precursores dos Aryas nas emigrações indo-européas, arrancando a Europa da edade da pedra».

Esta raça, que é o resultado de um cruzamento da raça branca e amarella, foi mais tarde repellida e supplantada pelas invasões aryanas (que trouxeram talvez o uso do ferro), e pelo conflicto vital extinguiu-se gradualmente de modo que só hoje existem uns restos nos Bascos e nos Finnezes. A differença das duas raças primitivas, a da edade da pedra (dolicocephala) e a da edade do bronze (brachycephala), tambem é notada por Büchner sob o ponto de vista ethnico e por Lubboch na parte artistica; os desenhos de animaes desapparecem na edade do bronze e são substituidos por uma ornamentação de linhas rectas e curvas e de desenhos geometricos.

O dr. Theophilo Braga chama a esta raça brachycephala turaniana; não sabemos até que ponto é justa esta designação; Lemoyne diz que os Turanianos «nunca existiram fóra dos cerebros dos linguistas da velha eschola»; Hovelacque tambem ridicularisa a theoria turaniana apoiando-se em Schleicher, Whiteney, etc., segundo elle diz a estructura do basco, do japonez, do magyar é a mesma, são linguas agglutinantes, mas inteiramente differentes e irreductiveis.

Sobre este assumpto diz Theophilo Braga no seu *Parnaso portuguez moderno*: «Os mais severos philologos rejeitam esta designação quando applicada para

exprimir o grupo das linguas uralo-altaicas; porém como facto ethnico, comprehendendo sob o nome de *turanianos* os povos de côr amarella e vermelha, com analogias nas mesmas fórmas de civilisação, é uma descoberta indisputavel, que derrama uma luz immensa sobre a historia do Egypto, da Chaldêa e da Asia prevédica, nas suas relações com a America». Na *Historia universal* (pag. 163 nota) tambem defende esta designação ethnica, citando em seu apoio Tylor, no livro das *Civilisações primitivas,* que a acceita com restricções. Diz o distincto professor: «A conservação do nome de *Taurus,* de *Teheran,* na fronteira da Persia, do *Durana,* nome berber do Altai, e os *Taurus* da Crimêa, dão um caracter ethnico decisivo a esta designação, para significar a raça que precedeu na Asia os Arias e Semitas, e na Europa os indo-europeus, isto é, a que precedeu as civilisações historicas. Em todo o caso, o nome não corresponde a uma unidade anthropologica, da mesma fórma que os nomes de *Aria* e de *Semita* peccam tambem pela falta de precisão scientifica».

Como quer que seja, *turaniana* ou não, foi esta a primeira raça que se elevou a uma civilisação rudimentar; segundo Maspero, parece ser uma raça mixta formada pelo cruzamento da raça branca com a raça amarella; e o typo finnez que é hoje um representante d'esta raça destaca-se inteiramente, diz Topinard na sua *Anthropologia,* de todos os typos que o rodeiam e, sem ser europeu, approxima-se mais d'este do que do typo mongolico; parece um traço de união entre os brachycephalos da Asia e os typos louros da Europa.

O que é um facto incontestavel é que a raça primitiva da Europa foi dolichocephala (edade de pedra) como se prova pelos craneos de Neanderthal, Cro-Magnon, Laujerie, e caverna do Homem-Morto, e que esta raça foi substituida ou supplantada por outra mais adiantada (edade do bronze), e cujo typo era brachycephalo, como os craneos de Truchere e de Grenelle. Broca prova já a existencia d'estas duas raças reunidas no fim da edade da pedra polida em Salutré. Crêmos que em muitas partes se fundiram as duas raças; segundo Quatrefages, (*L'Espèce humaine*, pag. 256) nos tempos neolithicos vemos os *mesaticephalos* de Furfooz estenderem-se do Var e do Herault até Gibraltar; os sub-brachycephalos de Verdun a Boulogne-Sur-Mer e ao Camp-Long de Saint-Césaire, e misturarem o seu sangue ao dos antigos habitantes de Cabeço d'Arruda em Portugal.

A segunda raça civilisadora foi a *kuschita*, formada pela fusão do elemento branco com o negro; foi esta raça, que, misturando-se pouco a pouco com os semitas, fundou as primeiras civilisações historicas no Egypto, na Chaldêa, na Assyria, na Palestina, etc.

A terceira raça civilisadora foi a *Aria* de origem branca, que se elevou através dos seculos á maior altura; esta raça chamada tambem indo-europêa fez as civilisações indiana, persa, grega, romana, germanica e a moderna.

O itinerario da evolução historica da humanidade está traçado pelo dr. Theophilo em poucas linhas. A raça turaniana iniciou a civilisação pelo conhecimento dos metaes; absorvida pelo kuschita, produzem-se as civilisações

orientaes do Egypto, da Chaldêa, da Babylonia e da Assyria. As raças kuschito-semitas, que propagaram pelo mundo os progressos orientaes, produziram as civilisações cosmopolitas dos phenicios, dos indios e dos arabes. As raças áricas, aproveitando-se dos elementos turaniano e kuschita, fundaram as civilisações progressivas da India, da Persia, da Grecia, de Roma, dos celtas, dos germanos e das nacionalidades modernas.

III

Como dissemos já, a parte primeira da *Historia universal* comprehende as *Civilisações fundadas sobre o empirismo do Estado e das Artes industriaes,* e está dividida em tres capitulos; o primeiro é consagrado ao *Egypto,* porque os monumentos historicos mais antigos que se conhecem pertencem a esta civilisação, e «ella serve como termo de orientação chronologica para as mais remotas nacionalidades do Oriente, e foi ao mesmo tempo um fóco de actividade e de estimulo, d'onde irradiou o progresso humano».

Segundo J. B. Braun, na sua *Historia da Arte,* o Egypto é a mais antiga civilisação conhecida pela historia, e esta opinião é seguida hoje por todos, que não pretendem systematicamente pôr a Biblia acima de todas as verdades scientificas, ainda as mais palpaveis e demonstradas pelos factos.

Durante muito tempo e até ao presente seculo, nada se sabia sobre o Egypto a não ser o que os escriptores gregos nos transmittiram; e isso mesmo era posto em

duvida, principalmente a parte chronologica que fazia remontar a 5:000 annos antes de Christo a civilisação egypcia.

Felizmente no seculo actual Champollion conseguiu decifrar os hieroglyphicos, que vieram comprovar os dados chronologicos de Manethon e os usos e costumes descriptos por Herodoto. Esta immortal descoberta veiu revelar-nos que tres mil annos antes da civilisação hebraica de Salomão já existia em Memphis uma civilisação muito adiantada.

Da historia do Egypto por Manethon escripta no reinado de Ptolemeu Philadelpho não chegou até nós senão um pequeno numero de fragmentos; entre estes encontra-se uma lista de todos os Pharaós, que vinha no fim da obra. Um papyrus do tempo de Rhamsés II (XIX dynastia), um monumento encontrado no templo de Karnak e pertencente a Thutmes III (XVIII dynastia), e outros encontrados nas ruinas de Abydos de Rhamsés II e de Seti I, etc., vieram confirmar os dados chronologicos e os nomes dos reis apresentados por Manethon. Segundo Bunsen a fundação do imperio egypcio data de 3623 annos antes de Christo; porém, segundo a opinião de Mariette, que é seguido por Lenormant e Theophilo Braga, a monarchia começou em 5004 antes de Christo. O que não se póde negar depois dos importantes estudos feitos sobre os monumentos por egyptologos distinctos como Champollion, Lepsius, Mariette, Charles Lenormant, De Rougé, François Lenormant, etc., é que a civilisação egypcia é a mais antiga dos povos verdadeiramente historicos.

A proposito do Egypto, que segundo a bella phrase de Herodoto «é um dom do Nilo», nota o distincto professor que «os grandes rios ou a visinhança dos mares são como incitadores de energia, que imprimem ás sociedades rudimentares a força de aggregação que as leva á consciencia da unidade e independencia nacional». Esta observação é verdadeira, e prova sobejamente a grande influencia do meio cosmico sobre o desenvolvimento das sociedades e das civilisações. A civilisação egypcia, a chaldaica, a indiana, a chineza, nasceram e progrediram nas margens dos rios importantes como o Nilo, o Euphrates, o Tigre, o Ganges, o Hoang-ho ; os phenicios, os carthaginezes, os gregos e os romanos desenvolveram-se á beira do Mediterraneo; a grandeza de Portugal no seculo xv, e a força politica, commercial e industrial da Hollanda e da Inglaterra d'onde provém, em grande parte, senão da situação geographica d'estes tres povos?

Theophilo Braga começou o seu capitulo sobre o Egypto por determinar a influencia do Nilo e das suas inundações periodicas sobre aquella civilisação e sobre a deslocação successiva do centro politico, que primeiro foi em Memphis, depois em Thebas e por ultimo em Sais. «Do Nilo, diz elle, se deduzem os topicos que encerram a successão logica da historia do Egypto, e d'esta tiram-se os factos comprovativos da serie das creações sociologicas do homem», e mais adiante: «O Nilo, que arrastava nas suas inundações o humus, que constitui o solo do valle do Egypto e a sua fecundidade, ensinav tambem o caminho ás tribus selvagens, que vinham sı

cessivamente attrahidas por esse primeiro centro de riqueza e de civilisação». A guerra defensiva e offensiva contra as hordas selvagens e nomadas, a sua repulsão ou submissão, é em poucas palavras a historia da actividade humana no Egypto.

O erudito auctor da *Historia universal*, sujeitando os innumeros factos descobertos pelos egyptologos a uma coordenação rigorosa e evolutiva, dividiu essa actividade, ou a historia do Egypto, em tres phases distinctas, a que poderiamos chamar: phase de constituição, phase de desenvolvimento e phase de decadencia, ou infancia, virilidade e velhice.

Estas phases comprehendem:

«1.º O Egypto desde as tribus ante-historicas até á unidade theocratica.

«2.º O Egypto sob a unidade politica das dynastias aristocraticas memphita e thebana.

«3.º O Egypto sob uma imperfeita federação das cidades do Delta e sua decadencia por falta de uma democracia».

Esta divisão é inteiramente racional e positiva, e corresponde de mais a mais ás tres designações que tem o Egypto: *Kem*, *Aka-Phtah* e *Misraim*, derivadas, a primeira das povoações primitivas, a segunda do deus Phtah (unidade religiosa) e a terceira da unidade politica (dada desde os Pastores ao alto e baixo Egypto).

Os primeiros habitantes da margem do Nilo foram os *turanianos*, ou pelo menos tribus brachycephalas, como se vê pelo typo dos servos desenhados nos monumentos e pelo do fellah dos nossos dias.

Pelo *Genesis*, por Diodoro da Sicilia e por um hymno egypcio, bem como pelos estudos linguisticos modernos sabe-se que a raça primitiva era de *pelle branca*, caracteristico da raça turaniana, e que *Kem*, designação do Egypto, e *Kemitas*, correspondem a *Kami* accadico, a *Kem* tartaro, e a *Kemi* finnico.

As inscripções hieroglyphicas chamam a estes povos primitivos do Egypto *Shesu-Hor* (os servos de Horus).

Como quer que seja, «o apparecimento da *escripta* ainda no periodo ante-historico, o genio das construcções architectonicas, e a docilidade das classes obreiras, tudo confirma uma civilisação rudimentar da raça turaniana no Egypto, raça que foi annullada pelas invasões das tribus kuschitas».

O dr. Theophilo Braga cita varios factos que confirmam a invasão e o dominio do Kuschita sobre a raça turaniana; taes são a fórma do mais antigo monumento egypcio — a pyramide de *Seqqarah*, a Sphinge (*Hor-em-Khu*) de Gizeh, a orientação perfeita das pyramides, a divisão dos annos *lunares*, etc., factos estes que têm paridade com os da raça kuschita em outras partes, por exemplo na Assyria e na Chaldêa. As tribus kuschitas chamaram-se *Retu*, isto é, «os homens por excellencia» com relação á raça turaniana vencida.

Theophilo Braga expõe com a maxima concisão os resultados a que chegaram os egyptologos pelas descobertas modernas e pela decifração dos hieroglyphicos, e traça a historia evolutiva da religião e do culto egypcio através das suas tres fórmas successivas: fetichismo, polytheismo e monotheismo.

Augusto Comte, apresentando a *lei dos tres estados* por que passou o espirito humano na sua evolução, dividiu o primeiro estado — religioso ou theologico — em tres phases successivas, que são aquellas por que passou a religião egypcia, segundo a opinião do erudito professor do Curso superior de Lettras.

O homem primeiramente considerou os phenomenos naturaes que se desenrolavam em volta de si, como entes que o odiavam e que queriam a sua destruição, ou que pelo contrario o protegiam e animavam; o sol que atravessava diariamente o horisonte, a lua que se apresentava sob as suas diversas phases, as nuvens que corriam na atmosphera, as arvores que se vestiam e despiam de folhas e gemiam ao perpassar do vento, eram outros tantos sêres que elle amava ou temia, segundo lhe eram favoraveis ou adversos; d'ahi o fetichismo. Mais tarde, á proporção que foi desenvolvendo a sua intelligencia e elevando-se á abstracção, começou a considerar-se obra de um deus bom e a julgar os phenomenos da natureza sujeitos a outros deuses, bons ou máos, conforme os effeitos lhe eram agradaveis ou desagradaveis; elle era um joguete nas mãos dos deuses; foi esta a phase do polytheismo.

A faculdade de abstrahir e de idealisar os phenomenos concretos levou-o pouco a pouco até á concepção unitaria de um deus, considerou-se então feito á imagem e semelhança d'essa entidade, que para elle creára o universo; então foi monotheista.

Deixando para um estudo especial o desenvolvimento das nossas ideias sobre as tres phases theologicas por

que passou o espirito humano, continuaremos seguindo Theophilo Braga na sua historia do Egypto.

O fetichismo espontaneo foi a primeira fórma religiosa do Egypto, como o foi de outros povos e como ainda hoje o é de muitas tribus selvagens. Cada um dos nomos egypcios adora um animal, e este culto espontaneo é provocado por um «sentimento de gratidão ou de terror». O crocodilo e o hyppopotamo que impressionavam o espirito pela *invulnerabilidade* e *longevidade* eram adorados, o primeiro em Thebas e o segundo em Papremite; o ibis que era sagrado em Hermopolis extinguia as rãs, os lagartos e as serpentes e annunciava a proximidade das inundações. Lubbock diz que «o culto dos animaes reina geralmente entre as raças que têm um gráo de civilisação um pouco mais avançado do que o caracterisado pelo fetichismo» [1]. Não estamos de accordo com estas palavras de Lubbock emquanto á fórma, mas sim emquanto á ideia; isto é, para nós o fetichismo passou por uns certos gráos na sua evolução desde o fetichismo rudimentar, verdadeiramente espontaneo, até á astrolatria, gráo superior e ultimo d'esta fórma religiosa; crêmos que o culto dos animaes não é senão um dos gráos intermediarios, ou um dos élos d'essa cadeia. O culto dos animaes no Egypto revela-nos, portanto, já algum adiantamento intellectual, sem o qual seria impossivel uma organisação social qualquer.

---

[1] *Les Origines de la Civilisation*, trad. Barbier, pag. 256.

Segundo Theophilo Braga « a época do fetichismo egypcio comprehende a distribuição do familismo em tribus, tendo por consequencia progressiva a domesticidade dos animaes, a independencia dos cantões, com sua administração propria, e o estabelecimento de leis consuetudinarias; o culto era domestico, e ainda não existia corporação sacerdotal que exercesse sobre essas diversas fórmas cultuaes a especulação theologica».

O fetichismo na sua evolução natural chegou, pela observação dos phenomenos sidereos, á phase astrolatrica, d'onde facilmente se elevou ao polytheismo, ou á representação das forças da natureza sob fórmas anthropomorphicas ou materiaes; coincidindo com este progresso religioso deu-se um progresso social; isto é, á phase do familismo seguiu-se naturalmente uma nova phase, a que Theophilo chama — federalismo. Todas as revoluções intellectuaes são seguidas por outras revoluções no campo politico, social e economico; esta theoria torna-se cada vez mais evidente, á proporção que se estuda scientificamente a historia da humanidade.

Com esta transformação religiosa e social deu-se « a necessidade de conciliar todos os fetiches locaes por meio de uma interpretação theologica» e a creação de um corpo sacerdotal. O Egypto dividiu-se então em provincias ou *nomos*, com uma desenvolvida administração civil e militar. « Tal era, diz o distincto escriptor, o esboço social lentamente e naturalmente constituido, que a centralisação pharaonica não póde extinguir; esta instituição equilibrou a existencia politica do Egypto por mais de quatro mil annos». Não será uma prova indestructivel

da superioridade das instituições federaes sobre todas as outras, este equilibrio de quatro mil annos da civilisação egypcia? O estudo do passado deve-nos servir para o progresso consciente das sociedades modernas. A Sociologia está destinada a representar um grande papel na organisação e na constituição dos povos, n'um futuro mais ou menos proximo.

As inundações periodicas do Nilo e as suas consequencias favoraveis levaram a considerar e a estudar os phenomenos solares, dividindo o tempo em estações, para regularisar os trabalhos agricolas. D'aqui o culto geral, commum a todo o Egypto, dos phenomenos solares personificados sob diversas fórmas e com diversos nomes, conforme as localidades e as funcções a que preside; como: *Phtah* o que illumina a terra, *Ra* o sol no meridiano, *Atum* o sol durante a noite (segundo Lenormant) ou *Osiris* (segundo Theophilo Braga); *Harpocrate* ao nascer, *Nower-Tum* no poente, etc. Os giros apparentes, diario e annual do sol (*Hor* ou *Horus*) foram reduzidos a mythos e comparados á vida humana.

É impossivel acompanharmos o distincto auctor da *Historia universal* na exposição da actividade realmente extraordinaria do polytheismo.

Seguindo a opinião dos egyptologos modernos e pelo estudo comparado da civilisação chaldaica, vê-se que o culto solar (turaniano) precedeu no Egypto o culto lunar (kuschita); o culto solar é representado nos monumentos mais antigos, ao passo que o culto feminino só nos apparece em tempos muito posteriores, quando na organisação social predomina o elemento kuschita.

«A theocracia egypcia, diz o dr. Theophilo, chegou ao seu maior poder temporal quando conseguiu que os diversos estados se confederassem ou fundissem em dous vastos centros administrativos, o baixo Egypto (*Tomera*) ao norte, no Delta, e o alto Egypto (*To-res*) ao sul, desde a ponte do Delta até á primeira cataracta». Estes dous centros administrativos foram mais tarde e alternativamente centros politicos, primeiro Memphis, e depois Thebas. A reunião do baixo e alto Egypto sob os Pharaós abre a vida historica d'esta civilisação.

O monotheismo não é uma concepção popular ainda mesmo entre os povos mais civilisados; se estudarmos hoje o estado religioso das grandes massas ignorantes, veremos que o proprio catholicismo não é senão a capa de um fetichismo grosseiro; em geral os espiritos incultos não se elevam á idealisação da divindade. O monotheismo egypcio nunca passou de uma doutrina official, apenas comprehendida n'um circulo restricto; era uma verdadeira metaphysica sacerdotal, ou como diz o dr. Theophilo Braga, «uma theoria metaphysica de uma civilisação sem sciencia positiva».

O desenvolvimento do militarismo nos nomos independentes, em consequencia das invasões do sul, trouxe a creação dos nomarcas (simile dos barões feudaes da Edade-média) e pouco a pouco a destruição da supremacia sacerdotal, completada por Mena, que, usurpando o poder, constituiu um imperio, e submetteu os nomarcas concentrando em Memphis o seu poderio militar.

Não podemos acompanhar o distincto escriptor na «marcha historica do *antigo imperio* para o *médio,* cuja

exposição chronologica se faz por meio de *dynastias*, ou familias senhoriaes, quasi integralmente determinadas pelas descobertas da archeologia»; apenas diremos que na passagem do antigo imperio para o médio dá-se um periodo de dissolução que dura tres seculos e que *não tem analogo na historia*. Parece que este eclipse da civilisação egypcia foi devido á extincção da aristocracia, á decadencia do espirito militar, e principalmente á introducção de um elemento novo ou invasão das hordas selvagens que ameaçavam o norte e o sul do Egypto.

A verdade é que «a renascença de uma segunda civilisação no Egypto começa em Thebas, cidade secundaria mas de fundação ante-historica sobre a margem direita do Nilo, aferrada ao seu culto primitivo de *Ammon*, *Mut* e *Khons*».

A primeira civilisação egypcia (imperio antigo) durou dezesete seculos e contou dez dynastias; a segunda (imperio médio) durou mais de oito seculos, no decurso dos quaes governaram o Egypto quatro dynastias.

Parece que os ultimos tempos d'esta civilisação foram consummidos em luctas civis e em sedições militares, que facilitaram as invasões elamitas das tribus nomadas da Arabia e da Syria; as invasões selvagens que subjugavam um povo e destruiam uma civilisação eram um facto *normal no mundo antigo;* mas hoje é extraordinario, e mesmo «só póde ser comprehendido, como diz Theophilo Braga, pela invasão dos barbaros do norte no imperio romano, no seculo v, ou pela invasão dos tartaros na China».

De 1214 a 1703 antes de Christo, esteve o Egypto

nas mãos dos hyksos (*Hiq-Shus*), nome que os egypcios deram ás tribus kuschitas e cananêas, que invadiram o valle do Nilo. Estes, como mais tarde, na Edade-média, haviam de fazer os visigodos e outros barbaros, quizeram imitar as formulas governamentaes e administrativas dos vencidos, e tiveram de aproveitar portanto os talentos e os serviços dos proprios egypcios, que bem depressa occuparam os primeiros logares do estado. A pouco e pouco organisou-se a resistencia e os hyksos são vencidos e reduzidos á escravidão.

Começa então uma nova época de civilisação para o Egypto, época que durou seis seculos e que é conhecida pelo nome de *Novo Imperio.* Esta civilisação, porém, não correspondeu ás anteriores; o Egypto decaíu; com a vigesima primeira dynastia passou a preponderancia para as cidades maritimas do Delta, como Tanis, Bubaste e Sais.

«Desde que Thebas se torna o centro da reacção sacerdotal, ao velho Egypto que morre, contrapõe-se um novo Egypto, mas sem tradições, formado de populações heterogeneas, incorporadas sobre o mesmo sólo pelas conquistas dos antigos pharaós, de tal fórma que uma vez caído sob o jugo da invasão persa nunca mais resistiu». De facto, com a invasão persa terminou a civilisação historica mais antiga do mundo.

«A longa decadencia do Egypto não foi mais do que a perda gradual da força adquirida no impulso de uma poderosa civilisação, que se communicou á Assyria, á Phenicia, á Judeia e á Grecia, impulso que estes povos desenvolveram como o legado do progresso humano».

*

Considerando de alto a historia d'este povo, Theophilo Braga encontra factos de realisação espontanea e de manifestação empirica. Os de realisação espontanea são: o familismo, o culto domestico, a ligação do trabalho agricola ás observações meteorologicas e á industria de obras hydraulicas, a defeza pelas armas contra as invasões dos selvagens, e a existencia de *costumes* nacionaes. Entretanto os factos de manifestação empirica «foram raras vezes fecundos, como na extincção da theocracia por Mena».

Passemos agora a considerar as civilisações chaldaica e babylonica, que formam o segundo capitulo d'esta obra.

IV

Têm até hoje os historiadores confundido duas civilisações inteiramente distinctas e independentes: a chaldaica e babylonica com a assyrica. Theophilo Braga é o primeiro que faz sobresaír a grande differença d'estas duas civilisações e o papel diverso que cada uma d'ellas representou no progresso da humanidade.

Se o christianismo recebeu, através da metaphysica grega, as ideias da immortalidade, e das penas e recompensas da civilisação egypcia, foi na civilisação chaldaica que colheu as grandes tradições humanas, não menos interessantes, do Eden, do diluvio universal, da dispersão das raças, do deus victima e redemptor, etc. Pelo syncretismo biblico foram todas estas tradições trazidas até á nossa época. A grande influencia da civilisação chal-

deo-babylonica sobre o progresso da humanidade faz-se notar ainda por certas formulas do culto magico, conservadas, através dos seculos, até nossos dias, sob a fórma de superstições populares, e por computos chronologicos estabelecidos pelos babylonios e que ainda hoje regulam a nossa sociedade civil.

A influencia da Assyria no progresso humano foi principalmente artistica; por via da Persia receberam os hellenos a esculptura assyrica, por intervenção dos arabes recebemos nós as suas fórmas architectonicas.

Como já tivemos occasião de notar, os phenomenos cosmicos contribuiram muito para o desenvolvimento d'estas civilisações, estabelecidas na immensa bacia do Euphrates e do Tigre. «São estes dous rios, diz Lenormant, que formam, rodeando-o de suas aguas, esse vasto oasis, chamado pelos antigos semitas Naharain e pelos gregos Mesopotamia...» Esta bacia, principalmente na parte meridional, apresenta muitas analogias com o valle do Nilo; o sólo da Chaldêa é fecundado pelas inundações como o do Egypto. «A propria natureza, diz o mesmo auctor, preparou os dous paizes para serem o theatro onde as primeiras sociedades humanas podessem constituir-se e entrar na via da civilisação» [1]. Na Mesopotamia dá-se a fusão de turanianos e kuschitas, que formaram primeiro cidades independentes, e que mais

[1] Lenormant, *Manuel d'Histoire ancienne de l'Orient*, vol. II, pag. 3 e 5.

tarde vieram a agrupar-se em pequenos imperios por necessidade de defeza.

Segundo Theophilo Braga, predominava o elemento turaniano no delta do Euphrates emquanto o kuschita estava mais ao norte em Babylonia. Quando tem logar a fusão politica das duas raças é *Ur* a capital; a pouco e pouco o culto turaniano (solar) foi supplantado pelo culto kuschita (sideral) e *Ud* (sol) foi substituido por *Sin* (lua); o culto sideral desenvolveu-se em triadas cosmogonicas, cosmicas e philosophicas, ao passo que o turaniano decaído deu origem á grande epopêa de *Namrutu.*

As grandes descobertas dos sabios modernos têm lançado luz sobre estas velhas civilisações e confirmado em grande parte as observações e affirmações de Herodoto, Diodoro de Sicilia, Eusebio e Beroso. Entre os auctores modernos que têm desvendado as civilisações chaldeo-babylonica e assyrica citaremos: Botta, Layard, Rawlinson, Loftus, Hincks, De Saulcy, Oppert, Norris, Menant, Lenormant, etc. Theophilo Braga baseia-se principalmente nos profundos trabalhos de Maspero e Lenormant, que resumiram as verdades adquiridas pela sciencia moderna.

O distincto professor divide em tres paragraphos a historia da Chaldêa e Babylonia:

«1.º Constituição ethnica da Chaldêa, até á queda do seu primeiro imperio.

«2.º A civilisação de Babylonia e origem do segundo imperio sob a suzerania da Assyria.

«3.º Depois da queda da Assyria, Babylonia torna-se

potencia militar e conquistadora, até que é submettida por outra nação militar, a Persia».

Theophilo Braga ainda accrescenta a estes um outro paragrapho sobre os mythos religiosos e a epopêa babylonica.

A civilisação chaldeo-babylonica desenvolveu-se em terrenos geologicamente analogos ao do Egypto, e, como esta civilisação, subiu o curso do rio, de *Ur* para *Ninive*. Quando começou a civilisação chaldaica, o Golpho Persico entrava pela terra dentro umas quarenta leguas, conquistadas pelos detritos do Euphrates e do Tigre, á rasão de uma milha por trinta annos na primitiva e por setenta ultimamente, segundo os calculos de Rawlinson. Por estes calculos se vê a antiguidade d'esta civilisação, que começou por adaptar o sólo e braços dos rios ás necessidades do homem. A religião era a astrologia, o ultimo gráo do fetichismo.

A primeira e a mais antiga raça, que os monumentos e os estudos ethnographicos e linguisticos nos revelam na Chaldêa, «é a raça *turaniana,* cuja civilisação começada ao oriente do lago de Aral, irradia pelo mundo muito antes das migrações simiticas e arianas». Quando os turanianos invadiram a bacia do Euphrates já conheciam os caracteres cuneiformes, o bronze, a tecelagem, o parentesco, etc., o que parece provar uma migração forçada.

É grande a divergencia que reina entre os assyriologos e os linguistas sobre a definição verdadeira de duas designações ethnicas dos primitivos chaldeus — *Accad* e *Sumir*.

Não nos deteremos a examinar as opiniões e as theorias de Oppert, de Hinks, de Halévy, de Renan, as duas de Lenormant e outras, porque nos tomaria muito tempo,—e mesmo não nos achamos habilitado para decidir a questão. «A discussão sobre este ponto, diz Theophilo Braga, está já terminada, e as duas escholas conciliam-se do seguinte modo: *Accad* e *Sumir*, tiveram primitivamente sentido exclusivamente geographico; são duas palavras do idioma turaniano que se fallou na Chaldêa, e que exprimem a situação topographica que occupava a mesma raça». *Accadi* eram os montanhezes, *Sumeri* os das margens dos rios, antes da invasão kuschita. Quando os montanhezes baixaram a occupar as planicies meridionaes da Mesopotamia, ficaram com o nome de *Accadi*, que tinham recebido de *Accad* (montanha). Os kuschitas invadindo o territorio dos *Sumeri* conservaram o nome dos vencidos, como succedeu em outras partes com as raças turanianas, segundo Cástren, citado pelo distincto professor. Desde então *Accadio* passou a designar o turaniano e a linguagem dos hymnos religiosos, emquanto o *Sumir* significava o kuschita e a lingua assyrica.

Theophilo Braga mostra-nos o que foi a raça kuschita «uma das mais poderosas que occuparam a terra antes das civilisações historicas», dividida em muitos ramos que occupavam uma grande parte do oriente; os *Poeni* foram um dos ramos kuschitas, estabelecido primeiramente nas margens meridionaes do Golpho Persico, e mais tarde nas bordas do Mediterraneo, d'onde sahiram os *Phenicios*. Os ramos da Chaldêa foram os *kis-*

sianos e os *sumiri*. A raça inferior da India, os *çudras*, é tambem um ramo kuschita supplantado pela raça superior dos Arias. Os kuschitas iniciaram a navegação e por isso tomaram por symbolo, o *peixe* d'onde lhes vem o serem representados nas tradições indianas pelo povo dos peixes (*Matsyas*).

A primeira phase da Chaldêa foi cantonal; o *Genesis* diz-nos que a origem do imperio chaldaico foram as cidades de Babel (*Bab-Ilu*), Erech (*Uruckh*), Accad (*Nipur*) e Chalané (*Hekal-Anu*); ao agrupamento d'esta tetrapole, devido talvez á necessidade de defeza commum, como quasi sempre succede no principio das nacionalidades ou dé quaesquer aggregados sociaes, seguiu-se um periodo de federalismo revelado pelo titulo de *Rei dos Summir e dos Accad*.

Esta federação «foi realisada pelo apparecimento da tribu dos *kaldi*, de raça accadica, que existira confinada entre a parte mais meridional do Euphrates e o deserto da Arabia»; começada por necessidade, a hegemonia da Chaldêa consummou-se violentamente. Só no nono seculo antes de Christo é que o nome geral de Chaldêa substituiu os parciaes de Sumir e Accad que revelavam a federação. Parece que só então estavam completamente fundidas as duas raças.

Pelo exame minucioso das tradições turanianas e kuschitas sobre a proveniencia das raças da Chaldêa, comparadas com as tradições de outros povos — semitas e arianos, determina o dr. Theophilo Braga as primeiras migrações da raça humana quer para os cimos dos montes por causa do desenvolvimento de calor nas ca-

madas da terra, resultado da pressão intra-terrestre, quer para os valles por causa do degello (a serpente mythica do *Vendidad*); aqui se encontra a origem dos mythos fabulosos, trazidos pela Biblia até nós, do diluvio universal, do paraiso, da serpente tentadora, etc.

Pelas mesmas tradições explica o erudito professor as fórmas architectonicas, os ritos babylonicos, etc.

Na tradição chaldaica o mytho do diluvio «relata o phenomeno como uma phase da evolução cosmica do globo»; este mytho, como nos apparece no *Genesis*, revela já uma interpretação theologica.

Ali a *arca* é designada expressamente por «um *navio*, calafetado com betume, com um *piloto*» e pela «pergunta de qual será o *rumo*».

A tradição da torre de Babel e da confusão das linguas encontra a sua explicação na tetrapole chaldaica, cujas «quatro cidades, diz Lenormant, eram segundo os chaldeus uma imagem terrestre das quatro regiões do céo ou dos quatro pontos cardinaes», e cujo rei era chamado *rei das quatro regiões* ou «*das quatro linguas*, o que parece tambem indicar uma relação estabelecida entre o numero das cidades da tetrapole e o dos elementos constitutivos, cuja reunião formava a população do paiz» [1]. *Babel* significa em hebraico *confusão* e foi confundida com *Bab-Ilu* (Porta de deus Ilu), nome da cidade de Babylonia.

---

[1] Lenormant, *Manuel d'Histoire ancienne de l'Orient*, vol. II, pag. 18 e 19.

Na Chaldêa a civilisação turaniana e a invasão e a preponderancia da raça kuschita deu-se na sua vida ante-historica, como se prova pelos fragmentos de Beroso, o qual apresenta como reis as figuras zodiacaes e os sete planetas conhecidos dos chaldeus; os reis divinos governaram durante quatrocentos e trinta e dous mil annos, periodo astronomico devido aos calculos da deslocação annual do ponto equinocial sobre a ecliptica, feitos sobre a base de 30′ da precessão annual.

Esta base, apesar de errada, mostra a que estado de adiantamento scientifico chegou a civilisação ante-historica da Chaldêa.

Theophilo Braga, depois de tratar da formação do imperio chaldaico e das dynastias mythicas que segundo Beroso o governaram, passa ás quatro dynastias historicas, em cujo desenvolvimento o não podemos acompanhar.

A Chaldêa engrandeceu-se pela conquista, mas como acontece quasi sempre, os pequenos estados submettidos foram-se revoltando pouco a pouco, e federados combateram o poder central, facilitando assim a conquista do imperio por Thotmes III em 1559 (antes da nossa éra). «Com a revolta de toda a Asia contra o Egypto, que coincide com o começo da XX dynastia, Babylonia emancipou-se impunemente da suzerania do Egypto, mas para cahir sob a auctoridade do novo imperio da Assyria, depois de quasi um seculo de luctas». Babylonia era a capital da Chaldêa desde Hammurabi que abandonára Ur. Até 625 esteve Babylonia sob a suzerania da Assyria; n'este anno, porém, tendo-se enfraquecido o poderio as-

syrico e tendo-se levantado um novo imperio militar, a Media, pôde Nabopolassar proclamar Babylonia imperio independente. Este novo imperio chaldeo-babylonico subsistiu até 488 antes de Christo, anno em que Dario tratou Babylonia da mesma sorte por que Jerusalem e Nineve tinham sido tratadas.

As raças chaldaicas quando se estabeleceram na Mesopótamia já tinham entrado no seu periodo astrolatrico, mas ainda conservavam restos das phases fetichistas inferiores por que tinham passado, como os leões com azas ou com cabeça humana, que os assyrios adoptaram dos dogmas babylonicos. Da astrolatria ao polytheïsmo vae apenas um passo, facil de transpôr, principalmente quando ha uma classe ou casta destinada exclusivamente ás especulações theologicas, como havia na Chaldêa. O polytheismo chaldeo-babylonico passou por duas phases distinctas; na primeira o deus fundamental foi *Ud* (o sol) do culto turaniano; na segunda *Sin* (a lua) elemento kuschita que supplantou ou absorveu o primeiro. O monotheismo, como no Egypto, não passou de uma theoria sacerdotal e especulativa que o povo não podia comprehender nem acceitar. O culto do sol, decahido pelo triumpho do elemento kuschita, tomou com o andar dos seculos a fórma poetica no grande poema de *Namrutu*, cujos fragmentos se encontraram no palacio real de Nineve.

V

Somos chegados ao capitulo III e á ultima das civilisações isoladas de que trata Theophilo Braga no volume que temos estudado. Este capitulo comprehende a historia da *Assyria,* povo militar e devastador que «só tem direito a occupar nos annaes da humanidade um logar pelo reflexo da civilisação que recebeu de Babylonia».

A importancia d'esta civilisação não está tanto na vida propria, inteiramente barbara e cruel, como nas suas relações com os outros povos orientaes que invadiu e submetteu. Alguns escriptores chamam aos assyrios os romanos do oriente, e de facto existem muitos pontos de semelhança entre estas duas civilisações; ha, porém, uma differença a favor dos romanos; as guerras e as conquistas d'estes, quasi todas sobre os povos barbaros que ameaçavam o imperio, foram defensivas e uteis nos seus resultados civilisadores, emquanto as dos assyrios eram assoladoras e sobre povos mais adiantados em civilisação, e portanto prejudiciaes ao progresso humano. Esta influencia anti-civilisadora da Assyria foi bem determinada por Theophilo Braga no capitulo sobre a Chaldêa e a Babylonia. Com bastante fundamento diz o illustre escriptor: «Se a Assyria não fosse exclusivamente militar e perturbadora, Babylonia teria porventura sido para a civilisação da humanidade o que foi a Grecia desenvolvendo nas suas escholas a philosophia que apren-

deu no Egypto, a mathematica e a astronomia que lhe adveiu pela Asia Menor de Babylonia, e o desenvolvimento artistico que deu ao polytheismo vedico». A influencia do militarismo assyrico sobre o desenvolvimento de Babylonia vem confirmar a opinião que n'outro logar [1] expendemos, de que as guerras e as invasões de um povo menos civilisado sobre outro mais civilisado são sempre prejudiciaes ao progresso humano; estas guerras ou atrazam temporariamente o desenvolvimento de uma sociedade, ou o atrophiam completamente. Em qualquer dos casos a humanidade sempre perde. Portanto, se o caracter e os costumes dos assyrios são analogos aos dos romanos em «resultado do meio cosmico e da pressão social em que estes dous imperios se acharam», os effeitos das suas guerras e conquistas foram inteiramente oppostos.

O erudito professor divide a historia da Assyria em tres paragraphos que tratam:

1.° Das condições ethnicas e da formação da nacionalidade assyrica.

2.° Das dynastias historicas, desde o anno 1500 a 606 antes de Christo.

3.° Das relações da Assyria com o progresso humano.

A situação da Assyria, cujo territorio é quasi tão esteril como os desertos que o cercam, indica que os pri-

---

[1] *Ensaios sobre a evolução da Humanidade*, pag. 183.

meiros habitantes foram para ali levados por uma migração forçada, o que é confirmado pelo *Genesis* e pelas modernas descobertas archeologicas. As tribus semitas, que erravam no Sennaar, foram as que para ali emigraram, quando se constituiu a tetrapole chaldaica; conservaram-se ainda muito tempo no estado nomada, até que se agruparam em *Al-Assar,* que foi a capital religiosa e politica da federação que se constituiu á medida que outras tribus nomadas entravam na vida social. Uma das novas cidades, Nineve, pela sua posição militar, supplanta Al-Assar e constitue uma tetrapole como a da Chaldêa primitiva. As tribus nomadas não podem elevar-se a estado social sem que uma causa extranha as obrigue e force a esta evolução; essa causa é geralmente a guerra, algumas vezes offensiva, mas quasi sempre defensiva, quando se vêem ameaçadas por outras tribus. Theophilo Braga attribue a federação assyrica á necessidade de repellir «as tribus scythas ou turanianas, que apparecem no tempo de Kudurlagomer commandadas pelo seu chefe Targal».

A maior parte da população da Assyria era formada pelas tribus iranianas da segunda dynastia chaldaica, que tinham sido repellidas para o norte; uma prova d'este facto encontra-se no proprio nome da *Assyria* e da cidade *Al-Assar,* que tem a mesma origem do *Asura* aryano.

A civilisação assyrica começou sob o poder pontifical dos Patesi, que se transformaram em reis ao passo que a Assyria se emancipou do poder theocratico. Para o engrandecimento e desenvolvimento d'este imperio con-

tribuiu mais do que tudo a pressão estrangeira, dos medas ao norte e dos babylonios ao sul.

Como fizemos nos capitulos sobre a civilisação egypcia e chaldêa-babylonica, não nos demoraremos na exposição descriptiva das dynastias historicas que se succederam no governo da Assyria, e das guerras constantes com os paizes e nacionalidades que rodeavam este povo guerreiro e devastador.

As revoltas incessantes dos estados submettidos foram, pouco a pouco, enfraquecendo a força militar dos assyrios. A transformação das federações medas em um vasto imperio e a restauração da independencia da Chaldêa trouxeram a queda do imperio assyrico e com ella o fim dos «destinos historicos da raça semita».

A Assyria não teve verdadeiramente nenhuma originalidade; os systemas theologicos recebeu-os de Babylonia, as fórmas artisticas do Egypto.

Adornou-se com os monumentos roubados aos paizes vencidos e obrigou os seus escravos a ornarem os templos e os palacios com os relevos sumptuosos e inscripções pomposas em que celebravam as suas façanhas sanguinarias e brutaes.

As salas dos seus palacios estavam revestidas de baixos relevos e de azulejos, e algumas vezes de pinturas a fresco. As cupulas da architectura persa e arabe e os azulejos da Edade-média e os de hoje são originarios da Assyria. As fórmas acachapadas da architectura assyrica são devidas ao uso do tijolo, recebido da Chaldêa onde havia falta de pedra. Emfim a arte assyrica, como diz Theophilo Braga, «não nasce das necessidades

do progresso moral e da tradição de um povo, mas é uma imitação vaidosa exigida de mãos escravas». De facto a civilisação assyrica provém das riquezas adquiridas pelas guerras de rapina e as suas obras de arte são apenas productos luxuosos e de imitação.

Debaixo do luxo ostentoso da arte assyrica conservava-se o povo primitivo selvagem e devastador.

«A civilisação da Assyria, diz o distincto professor, é uma crusta exterior debaixo da qual subsistia sempre a barbaridade de uma nação que existiu sete seculos dependente dos accidentes da guerra; as suas ruinas apresentam a opulencia de um povo rico, mas foi, como dizem os prophetas de Israel, um povo de sangue e de mentira. Desde que a guerra não pôde continuar a ser o seu esteio, a Assyria ficou sem nenhuma outra fórma de actividade social que a conservasse na historia».

Com estas palavras do distincto professor terminamos a exposição do ultimo capitulo d'este volume.

Ainda duas palavras.

O estylo do dr. Theophilo Braga é verdadeiramente scientifico; não tem periodos arredondados, phrases rhetoricas, epithetos excusados, orações rendilhadas, tiradas declamatorias; é simples e conciso, mas eloquente e grandioso ao mesmo tempo, porque possue a grandeza e a eloquencia dos factos. A *Historia universal* encerra factos e só factos, descriptos e analysados á luz brilhante da philosophia positiva; a verdadeira historia, a sociologia concreta, como todas as outras sciencias, não admitte palavras inuteis nem declamações balofas. Demais são

postos de parte por desnecessarios os factos que não prendem directamente com a historia evolutiva da humanidade, taes são as vidas dos reis e dos grandes homens, as batalhas e as luctas sanguinolentas, os triumphos, etc.

O distincto professor do Curso superior de Lettras, adoptando os modernos processos historicos, começa em todos os capitulos da sua obra, por descrever os phenomenos staticos, como o meio geographico, geologico, climatologico, as raças componentes da nacionalidade, etc., e em seguida passa aos phenomenos dynamicos ou evolução social, desde a constituição do aggregado até á sua dissolução, ou até á perda da sua individualidade n'outro grupo maior. O distincto escriptor apresenta-nos a filiação dos factos e mostra-nos que a lei da equivalencia e da transformação das forças physicas é applicavel tambem aos corpos organicos e sociaes, pois como diz Spencer «todos os actos que se effectuam na sociedade são effeitos de energias anteriormente existentes, e que produzindo-os desapparecem, emquanto que elles se tornam por sua vez energias em acto ou em potencia d'onde surgirão acções posteriores» [1]. De facto todas as transformações que se dão na vida de uma sociedade obedecem á mesma lei que as que se dão na vida de um individuo. O corpo social, como o individual, passa por tres phases successivas: crescimento, madureza e declinação, ou infancia, virilidade e velhice; esta marcha fa-

[1] Herbert Spencer, *Introduction à la Science sociale*, pag. 7.

tal é determinada por forças naturaes, e portanto deve ser considerada como uma funcção d'essas forças [1].

Theophilo Braga assim o entendeu e levou a effeito n'este magnifico volume da *Historia universal*, tendo sempre em vista o grande preceito de Littré: «A verdade scientifica sempre deve dizer-se imparcialmente, succeda o que succeder» [2].

b) As civilisações cosmopolitas propagadoras das civilisações isoladas; hegemonia das raças semiticas; phenicios, hebreus, arabes. — Condorcet, nos fins do seculo passado, concebendo a unidade e o encadeamento dos progressos do espirito humano, achou o verdadeiro ponto de vista para o estudo dos phenomenos sociaes e abriu o caminho que levou á fundação da sociologia — a ultima das sciencias fundamentaes. Esta admiravel concepção philosophica ergueu Condorcet acima de todos os publicistas que o precederam, porque foi elle o primeiro que descobriu essa força, impulsiva e geral, na natureza das cousas, que domina, submette e dirige todos os homens nas suas relações sociaes e á qual ninguem se póde subtraír; é a lei que regula a marcha da civilisação humana. Infelizmente, na *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'Esprit humain*, a execução não correspondeu á ideia magistral de Condorcet,

[1] Herbert Spencer, *Introduction à la Science social*, pag. 354.

[2] É. Littré, *Étude sur les Barbares et le Moyen-Age*, pag. III.

*

ficando o auctor muito abaixo da sua luminosa concepção. Para realisar o seu plano devia attender principalmente, segundo Augusto Comte, ao systema das ideias moraes e politicas, como o mais importante, agrupando ao redor d'elle todos os outros systemas de ideias, que são na verdade secundarios; só assim se póde comprehender e seguir na sua marcha historica o aperfeiçoamento da sociedade, procurando a contribuição de cada povo para o desenvolvimento geral da civilisação.

A ideia de Condorcet encontra, pela primeira vez, a sua rigorosa applicação na *Historia universal* de Theophilo Braga, onde elle procura «determinar a connexão dos acontecimentos que actuaram sobre o aperfeiçoamento da sociedade humana pela transformação das instituições, que como forças adquiridas se transmittiram pela tradição progressiva de um povo para outro povo» (pag. v). No plano geral da sua obra, o illustre professor divide as civilisações humanas em dous grupos: *Civilisações turaniana e kuschito-semitas* e *Civilisações áricas e indo-europêas;* as primeiras subdividem-se em isoladas e cosmopolitas, aquellas fundadas sobre o empirismo do Estado e das Artes industriaes (Egypto, Chaldêa, Babylonia e Assyria) e estas propagadoras das ideias religiosas e moraes e dos progressos realisados pelas civilisações isoladas (Phenicios, Hebreus e Arabes). Estas duas primeiras partes acham-se já publicadas; do primeiro volume já nos occupamos acima; do segundo vamos agora fallar. O grupo das *Civilisações áricas e indo-europêas* comprehende tres partes; as civilisações progressivas pelo estimulo das ideias moraes (os primi-

tivos Arias, India, Persia e Media), as civilisações baseadas sobre as noções scientificas (Grecia, Roma, raças do Occidente) e a civilisação occidental, baseada sobre o desenvolvimento do individualismo. Por esta simples divisão, cuja importancia é incontestavel, vê-se que o auctor, levando a effeito o pensamento de Condorcet, não esqueceu um dos preceitos essenciaes do fundador da philosophia positiva.

É, porque para Theophilo Braga a *Historia universal* não é uma compilação indigesta e fastidiosa dos annaes de diversos povos, nem uma série de monographias mais ou menos eruditas ou anecdoticas, nem tão pouco uma extensa lista de dynastias, de guerras e de conquistas, ou a revelação de um plano providencial á Bossuet. A *Historia universal* é apenas o estabelecimento da continuidade humana, deduzida da coordenação racional dos factos.

Assim, sob o ponto de vista positivo, o estudo das tres civilisações phenicia, hebraica e arabe deve seguir o das civilisações isoladas e preceder o dos povos áricos, porque foram ellas as propagadoras dos progressos adquiridos pelo Egypto, pela Chaldêa e pela Assyria na religião, na sciencia e nas artes technologicas, como mais tarde o foram tambem das ideias philosophicas e scientificas da Grecia. «Foi no cumprimento d'este destino historico, diz Theophilo Braga, que a raça semitica, reagindo contra a sua propria tendencia cosmopolita, que a desmembrava, conseguiu elevar-se a essas tres notaveis civilisações dos Phenicios, dos Hebreus e dos Arabes, não contando um grande numero de nações rudimenta-

res que regressaram ao nomadismo; foi n'este desabrochamento das suas proprias energias que a raça semitica, precedendo na historia os povos áricos, exerceu uma verdadeira hegemonia na Humanidade» (pag. 9). O estudo d'estas civilisações e da sua influencia no aperfeiçoamento da sociedade humana fórma a segunda parte da *Historia universal,* contida no volume de que vamos occupar-nos. Dividiremos a nossa analyse em quatro paragraphos, correspondendo aos quatro capitulos das *Civilisações propagadoras das civilisações isoladas.*

I

O primeiro capitulo tem por titulo *Da hegemonia da raça semitica na Humanidade,* e n'elle mostra o auctor que a hegemonia coube primeiro a esta raça, «porque a sua aptidão contemplativa coincidia com o periodo sentimental e espontaneo das concepções mythicas, chegando por um syncretismo vago a approximar os mythos kuschitas, egypcios e accadicos, deduzindo um principio dogmatico de unidade racional, — a noção do monotheismo» (pag. 11). A individualidade da raça semitica revela-se nos costumes, na lingua e na religião e apoia-se nas condições mesologicas do territorio; está demonstrado que todos os povos semitas habitaram primitivamente a peninsula da Arabia, d'onde penetraram por emigrações successivas na Asia anterior, no golfo Persico, na Ethiopia e na Syria, entrando em contacto com outros povos e soffrendo importantes mudanças na religião, o que apressou o seu desenvolvimento; apenas os

Arabes se conservaram mais tempo extranhos a todas as influencias estrangeiras, por ser o ultimo ramo que saíu da peninsula arabica; «nos mythos mais antigos da raça semitica, conservados pelos Arabes, escreve o dr. Theophilo Braga, persistem os elementos primordiaes de uma unidade religiosa esquecida pelo syncretismo proveniente do contacto de tão complexas e poderosas civilisações como as da Mesopotamia e do delta do Nilo» (pag. 13).

O primeiro impulso para a civilisação semita partiu da ligação com uma raça anterior, n'um estado de civilisação rudimentar, a que se dá o nome de Kuschita. É esta a opinião do illustre professor. Alfredo Maury tambem falla d'esta união: «A raça semita, apesar da sua antiguidade, não poderia ser olhada como pura. Pelo seu estabelecimento no paiz de Chanaan soffreu cruzamentos com as familias *kouschita* e channanêa e outros ramos do tronco chamita». (*La Terre et l'Homme,* pag. 457). O uso do nome de *Semita* dá motivo a uma profunda confusão, por não ter rigor scientifico e empregar-se só como uma fórma convencional; parece-nos mais significativa a designação de Syro-Arabes, proposta por alguns sabios para nomear as civilisações que se desenvolvem na Arabia e na Palestina. A esta raça syro-arabe pertencem os povos da Arabia, que «desmembrados em numerosissimas tribus, segundo as diversas camadas de occupação que se foram juxtapondo, chegaram a um certo gráo de unificação social, identificando-se na raça arabe actual» (pag. 17), e os povos da Syria que eram: ao nordeste do Libano os *Arameanos* (de *Aram,* paiz de cima) comprehendendo Solymos, Erembos, Arameos e

Damascenos; no littoral e centro meridional os *Cananeus* (de *Canaã,* paiz de baixo), dividindo-se em *maritimos* ou da costa, — Phenicios, e em *agricultores,* do interior, Hittitas e Khetas, Amorrheus e Jebusitas, Girgaseanos, Hivitas e Pherezeanos; do meio-dia e oriente do mar Morto os *Arphaxaditas,* a que pertencem o ramo de Taré, os Israelitas, os Ammonitas, os Moabitas, os Ismaelitas e os Edomitas, — e o ramo dos Jektanides ou Arabes meridionaes. Segundo o auctor da *Historia universal,* a narrativa historica do desenvolvimento d'esta raça deve ser subordinada á coordenação ethnica: os Arameanos, que não constituiram nacionalidade, os Cananeus representados pelos *Phenicios* e os Arphaxaditas que tiveram por representantes os *Hebreus,* e posteriormente os *Arabes.*

A religião, a linguagem e a escripta alphabetica são documentos ethnicos que estabelecem a unidade social e historica da raça syro-arabe. Mas tanto a sua civilisação e a sua deslocação das margens do Tigre, como a relação das linguas semiticas com as áricas e com a egypcia e a influencia semitica na religião e nas epopêas da Grecia, é devida a um terceiro elemento ethnographico, nem semita nem árico, que, segundo Renan, é preciso reconhecer na historia do mundo antigo. Este elemento é a raça *kuschita,* a que chamam tambem *ethiopica.*

«Os Phenicios, entre os povos semitas, diz Theophilo Braga, devem ser considerados como o ramo que em maior extensão assimilou a si esse elemento kuschita não só nos estabelecimentos maritimos do golfo Persico, como na sua migração através de Canaan; esta parte do ter-

ritorio da Asia anterior era povoada por povos ante-historicos, como os *Nefilim*, os *Emim*, os *Refaim*, os *Zuim*, os *Zomzomim*, os *Enakim:* estes ultimos foram incorporados pelos Phenicios, d'onde talvez o seu nome nacional (*Beni-Enak*), conhecido pelos Egypcios sob Thotmés III, os *Fenehku*» (pag. 27). É a primeira vez que vêmos assim explicado o nome de Phenicios; esta origem, porém, parece-nos muito mais racional, do que aquella que vulgarmente se lhe attribue, da côr da purpura com que negociavam. *Beni-Anak,* os descendentes de Anak, tiram o seu nome d'esta deusa, como o de *Beni-Israel,* dado aos Hebreus depois da primeira emigração, vem de *El* ou *Elohim.* A pag. 52 e seguintes o dr. Theophilo Braga estuda largamente esta origem do nome de Phenicio.

O principal documento da unidade ethnica da raça syro-arabe encontra-se no estudo das linguas semiticas, sendo o hebreu, na opinião de Renan, a *expressão commum do genio da raça na sua primeira edade;* o phenicio, que se conhece vagamente através do dialecto punico, approxima-se tanto mais do hebreu quanto mais se remonta á antiguidade, e o arabe na sua fórma popular assemelha-se tambem muito mais áquella lingua do que a fórma litteraria. A lingua fallada conservou sempre o caracter primitivo e influiu por vezes na redacção biblica, principalmente pelos prophetas saídos do povo. Com a extincção da nacionalidade judaica, no seculo VI antes da nossa éra, decahiu o hebreu, que foi substituido desde então pelo arameano; porém a approximação da Assyria e do Egypto, potencias conquistadoras e rivaes,

não permittiu que a Syria damascena se tornasse o foco de uma nova nacionalidade.

A lingua syriaca foi adoptada pelos Hebreus na sua litteratura sagrada e serviu de «orgão de communicação dos Semitas na sua irradiação na Asia, analoga na sua missão historica ao arabe no Occidente» (pag. 34). Mais tarde a Aramêa, «desde o II até ao IX seculos da nossa éra, torna-se o centro de elaboração do espirito grego, em que o genio semita se adapta ás abstracções metaphysicas, e do seculo VIII ao seculo IX, o syriaco serve de meio de communicação da sciencia grega para os Arabes, que a propagam no Occidente, fazendo como que uma primeira Renascença da Europa, depois da queda do imperio romano» (*ibid.*). Diz ainda o sabio professor: «Os Arameanos, penetrados da metaphysica hellenista, foram o orgão de transmissão do Christianismo para o Oriente, e as doutrinas da trindade indiana e egypcia, confundindo em um syncretismo deploravel a especulação philosophica com o devaneio religioso, provocaram na parte mais pura da raça semita um protesto profundo, o movimento do islamismo, a datar do qual se fixa o apparecimento dos Arabes na historia» (pag. 35). Foi no fim do seculo VI que se deu esta renascença da civilisação semita, pelo proselytismo religioso, que determinou a actividade intellectual e litteraria. D'este movimento brotou simultaneamente uma religião, uma lingua, uma poesia, emfim uma nacionalidade consciente e vigorosa.

Pelo estudo das religiões syro-arabes, vê-se que a originalidade da raça desapparece quasi sob os elementos estrangeiros assimilados e que os elementos communs

revelam as relações primitivas com a civilisação kuschita. As religiões semiticas foram na sua evolução historica admittindo e syncretisando elementos do Egypto, da Babylonia e da Persia. O Decalogo tem a sua origem no *Livro dos Mortos*, o Jehovismo vem do contacto com a religião medo-persa e com a philosophia indiana, e o Islamismo nasce da metaphysica hellenista.

A raça semita, como diz Theophilo Braga, «é uma raça essencialmente assimiladora, e que pelo seu cosmopolitismo, máo grado a falta de originalidade, se tornou fecunda pela missão propagadora» (pag. 41). A revelação da unidade divina, de que tanto se jactavam os judeus, entrou no numero dos absurdos religiosos, desde que os cuneiformes nos desvendaram os cultos babylonicos e que a sciencia das religiões confirmou triumphantemente o ponto de vista de Augusto Comte. A phase inicial das religiões semiticas, como de todas as outras, foi um fetichismo espontaneo, d'onde saíram pela assimilação kuschita. As pedras eram consideradas como fetiches por todos os povos d'esta raça; entre os Sabeanos e os Arabes a pedra ou *betylo* (*Beith-El*) é a morada do deus *El;* os Arameanos do Hauran adoravam o deus *Katsin*, o aerolitho, a pedra meteorica; as esmeraldas representavam em Tyro o deus *Melkarth;* segundo Kenrick (*Phoenicia*, pag. 323) os Phenicios adoravam geralmente a divindade sob a fórma de uma pedra bruta; eram tambem simples pedras brutas as deusas *Al-Lât* de Tayf, de Monât, de Codayd; Mahomet consagra a pedra negra da Caaba; mesmo no *Exodo* (xx, 25) lê-se: «Se fizeres um altar de pedras, não as cortarás: se levantares o

ferro sobre ellas, manchal-as-has». As arvores recebiam egualmente uma adoração, como o espinheiro do templo de Nakhla, e as palmeiras *Dhat-anvat* e *Nedjrân* de Meca e do Yemen [1]. O culto das fontes e das montanhas persistia tambem na raça semitica, aquelle ligado ás abluções, este á divindade ainda nas épocas da maior abstracção monotheista. Mesmo no periodo romano os Judeus adoravam o Carmelo; diz Tacito: «Carmelus, ita vocant montem Deumque». (*Hist.*, II, 78). Na revista *La Philosophie positive* (XXVIII, pag. 208) lê-se: «Na Phenicia, na Palestina, na Syria, as montanhas, grandes cones, recebiam adorações. Rendeu-se um culto a Baal-Peor, ao Hermon, ao Karmel, ao Libano e ao monte Casius, cujo cume elegante e agudo dominava todo o territorio de Seleucia e da bella Antiochia».

Segundo este auctor, E. Ledrain, chegou a tal ponto o culto fetichista entre os povos semitas, que talhavam em fórma conica muitos objectos e usavam-os ao mesmo tempo como ornamento e como amuletos. Representavam as collinas sagradas e tinham uma significação phallica. «Os altos, para o judeu, são logares santos, onde se fazem os sacrificios e onde se executam os ritos voluptuosos» (*ob. cit.*, pag. 212). Entre os semitas

---

[1] É tão espontaneo o fetichismo na raça semitica, que os arabes, quando na Argelia se plantaram eucalyptus, convencendo-se das suas propriedades febrifugas, lhes consagraram uma especie de veneração; colhiam algumas folhas e traziam-nas sobre si para evitarem a febre, attribuindo-lhes as mysteriosas virtudes de amuletos. (*La Philosophie positive,* revue, XXIII, pag. 66).

acham-se tambem vestigios do culto dos idolos, do culto dos mortos e do culto solar, como anteriores ao culto lunar e sanguinario dos Kuschitas, cuja influencia, diz Theophilo Braga, «começou pela constituição de um sacerdocio; no periodo fetichista, o culto era domestico e local entre os Semitas, e por isso os sacrificios ou outros quaesquer ritos eram peculiares do patriarcha ou de certas familias; desde que entrou no culto a allucinação sensual, os exaltados, os videntes eram chamados entre os arabes *Kahin* e entre os hebreus *Kohen,* com o sentido restricto de sacerdote. É notavel vêr-se no *Genesis* o nome de *Cain* dado ao que fez o primeiro sacrificio humano, com um espirito de maldição e de protesto do ramo mais puro dos Semitas; aqui a palavra torna-se um meio de reconstrucção paleontologica» (pag. 50). A influencia do polytheismo kuschita sobre os povos syro-arabes, deu-se em varias épocas e em differentes gráos de elaboração. Escreve Theophilo Braga: «Pela diversidade das épocas historicas se explica como é que deuses adorados pelos Phenicios, como *Baal, Astarte, Molok, Alilat* e *Esmun,* recebidos do pantheon babylonico, são para os Hebreus diabos como *Bel-zebub, Astoreth, Molock, Lilita* e *Asmodeu,* a par de outras divindades recebidas pelos proprios Hebreus do mesmo pantheon. Os differentes gráos de elaboração theologica da civilisação babylonica, reflectem-se na religião dos Hebreus, para quem o deus *Nuah* é o heroe *Noé* da epopêa do Diluvio, e o deus assyrico *Simson* é o gigante valoroso e apaixonado *Samsão.* O deus babylonico *Dumuzi,* de que se apropriaram os Madianitas sob o nome de *Chamos,* e

os Moabitas de *Tammuz,* é chorado na allegoria solar da sua morte pelos filhos de Israel, mas dá logar á formação de um poema de aventuras fabulosas pelos Nabateos» (pag. 58). Não seguiremos o auctor na exposição detalhada do polytheismo semita e na discriminação da dupla influencia egypcia e assyrica, porque esta analyse nos levaria muito longe. Conclue-se do estudo comparativo das religiões semiticas que o monotheismo foi precedido de um estado polytheista mais ou menos desenvolvido, como já o demonstrou o dr. Kuenen, para os judeus, e que este mesmo estado se seguiu a um estado de fetichismo espontaneo e inicial, proprio da raça syro-arabe.

Depois de considerar a evolução da linguagem e da religião dos povos semitas, o dr. Theophilo Braga consagra uma das paginas a bosquejar a relação directa das civilisações cosmopolitas com o progresso da humanidade. Os Phenicios passam vulgarmente pelos inventores do alphabeto e de facto foram elles os que substituiram o *alphabetismo* ao *hieroglyphismo* das civilisações anteriores; não fizeram, porém, mais do que universalisar e propagar os caracteres do hieratico egypcio posterior á XVIII dynastia, que consistia n'um certo numero de signaes representativos de articulações. Diz Lenormant que «os Cananeos não tomaram do Egypto sómente o principio do Alphabetismo, tomaram tambem as figuras e os valores das suas lettras». Não tiveram verdadeira originalidade, porque a invenção do alphabeto foi só o ultimo progresso do systema graphico dos Egypcios. Do alphabeto phenicio nasceram cinco troncos, cada um dos

quaes se ramificou em varias familias. Os Phenicios foram os iniciadores da civilisação hellenica e pelo alphabeto forneceram-lhe o poder de perpetuar as suas brilhantes concepções poeticas e progressos scientificos. Na arte mostraram-se sempre imitadores, recebendo a influencia do Egypto, da Assyria, da Persia e por fim da propria Grecia, desde o IV seculo antes da nossa éra; distinguiram-se especialmente na arte metallurgica.

A acção dos Judeus na humanidade foi immensa, não só pelo syncretismo dos mythos chaldaicos e iranianos, como por iniciarem o commercio na Europa e inventarem a *lettra de cambio.* Os Arabes, no meio da sua liberdade intellectual e politica, assimilaram a civilisação grega e vulgarisaram-na no Occidente, provocando a primeira renascença; e pelos seus costumes nacionaes deram o primeiro impulso á cavalleria medievica e á poesia trovadoresca.

Terminando o capitulo escreve Theophilo Braga: «Esta qualidade nomadica, que prepondera nas migrações phenicias, nos exodos judaicos, e no beduinismo dos Arabes, e que na propria religião persiste na fórma de peregrinações ou hegiras, tem origens ethnicas bem distinctas nas povoações pastoraes separadas das populações sedentarias e agricolas que mutuamente se detestavam. É este o caracter da raça, para a qual a vida sedentaria foi um accidente historico; d'aqui veiu o seu cosmopolitismo, a sua influencia propagandista na humanidade, e a decadencia para um segundo plano, passando a hegemonia da civilisação para a raça árica» (pag. 75).

II

Passando a estudar as tres principaes civilisações semitas na sua vida nacional, o erudito professor occupa-se em primeiro logar dos *Phenicios* a quem consagra o capitulo II do seu trabalho.

Em geral as civilisações cosmopolitas distinguem-se pela adaptação a qualquer meio e pela assimilação dos progressos de outros povos; e a sua historia sendo, por assim dizer, anonyma, limita-se á exposição generica da sua acção propagandista. A historia dos Phenicios ha de ser forçosamente incompleta por falta de documentos escriptos que ficassem directamente do povo. Theophilo Braga, apoiando-se nas relações com as civilisações isoladas, na sua expansão colonial e na decadencia pelo advento de outras raças, divide a historia d'este povo em tres épocas fundamentaes:

1.ª Os *Phun,* do golfo Persico, e as origens kuschitas da civilisação semita;

2.ª Os *Phoenix,* ou Cananeos maritimos da Syria, que comprehende os periodos giblita, sidoniano e tyriense; e

3.ª Os *Poeni,* de Africa, e a formação da nacionalidade de Carthago.

Está hoje reconhecida a existencia de uma civilisação *kuschita* ou proto-semita, que serviu de base ás civilisações posteriores, tanto dos povos syro-arabes, como dos proprios Arias, e que já fôra presentida por Spiegel, Ewald, e outros auctores. Eckstein foi o primeiro que

demonstrou a influencia profunda dos *Kuschitas*, devida á sua vastissima diffusão no Oriente e no Occidente. Os *Pun* pertencem ao ramo kuschita, que se estabeleceu nas costas meridionaes do golfo Persico, e desenvolveram-se nas ilhas de Tour, Arad e Dilmún, accumulando observações astronomicas, inventando o zodiaco, commerciando e navegando para a Arabia e Africa, e fazendo-se industriaes no trabalho metallurgico, na tecelagem e na tinturaria. Segundo se deduz das tradições classicas, os Pun, subindo o Euphrates, entraram na Syria pelo norte e ahi fundaram colonias a que deram o nome de localidades que abandonavam, reproduzindo os seus templos e as imagens dos deuses. «Gebel, Tyro e Aradus eram simultaneamente cidades centraes, no interior, e que foram decaindo de importancia e reedificadas já no littoral como Gebel, já em ilhas como Arvad e Tsur» (pag. 89). A migração dos Pun do golfo Persico para a Palestina, deu-se, segundo as tradições arabes e as reunidas no livro de *Agricultura Nabatêa*, em consequencia de uma invasão babylonica. N'esta passagem para o valle do Jordão foram acompanhados por outros povos, em um estado mais atrazado; só os Jebusitas chegaram a um alto gráo de unificação, pela incorporação dos *Enakin* e dos segundos Amalikas d'onde resultou, segundo Theophilo Braga, «a importancia e vida historica dos Phenicios, nas suas relações commerciaes com a Assyria, com o Egypto, com a Arabia, continuando de novo a navegação do golfo Persico, e explorando o mar desconhecido do Mediterraneo» (pag. 93).

O enfraquecimento do Egypto e da Assyria sob o do-

minio de monarchas estrangeiros, permittiu aos Cananeos maritimos o estabelecerem-se pacificamente nas costas da Syria e engrandecerem-se pela navegação do Mediterraneo e pela exploração das minas de estanho. «As differentes cidades, diz o illustre auctor da *Historia universal,* constituem pequenos estados, uns com regulos independentes, outros suzeranos, ligados entre si segundo as exigencias de qualquer perigo commum, ou segundo a importancia dos seus santuarios» (pag. 97). Alcançaram primeiro a supremacia os Sineanos por causa da importancia do santuario de Aphec; e Gebel, cidade attribuida ao deus El, foi durante um longo periodo a capital politica dos Cananeos; esta supremacia, disputada calorosamente pelos Sidonianos, veiu por fim a caber a estes, que com o auxilio dos Aradianos formaram o nucleo da confederação phenicia. O esplendor de Sidon durou cinco seculos, engrandecendo-se pelo commercio terrestre e maritimo. das caravanas que entretinham relações com a Chaldêa, Arabia, India, Bactriana e innumeras colonias do interior, e das navegações no Mediterraneo e expedições coloniaes á costa da Africa e ás peninsulas italica e hispanica. Esta época de grandeza sidoniana coincide com o dominio do Egypto na Syria, ao qual em grande parte deve o seu desenvolvimento, porque as esquadras de guerra dos imperadores egypcios eram guarnecidas por marinheiros sidonianos. A decadencia dos Sidonios teve muitas causas, como a concorrencia das navegações pelasgicas, a invasão dos Israelitas na Palestina e a concessão dos Pharaós para os Philisteus se estabelecerem na Syria. A ruina de Sidon fez

com que a supremacia passasse para Tyro, desde 1209 annos antes da nossa éra. Escreve o dr. Theophilo Braga: «A conquista da Palestina pelos Israelitas, a invasão dos Philisteus nas costas da Syria, e a conquista de Hamath pelos Arameanos, foram outros tantos desastres que revelaram aos pequenos estados cananeos a fraqueza proveniente da sua desmembração, e fez-lhes reconhecer a necessidade immediata de uma liga, por meio da qual attingiram por algum tempo uma certa unidade nacional; Semarianos, Arcenanos, Sineanos e Akeanos ligaram-se a Sidon, que conservou um certo poder moral, posto que todos estivessem subordinados ao poder central de Tyro, embora com os seus governos internos autonomos; Sidon tinha o seu rei, mas este era dependente do rei dos Sidonianos, isto é, da monarchia central com poder sobre os outros estados e cidades. Como nas federações ou amphyctionias gregas, o templo de um deus commum era a base da unificação politica; o mesmo se observa com relação a Tyro, onde o templo de Melkarth era o ponto de reunião dos delegados da confederação phenicia e em cujo recinto se legislava sobre as necessidades do commercio externo e das colonias, e das forças navaes e militares» (pag. 110). Por estas palavras se vê o systema de organisação federativa adoptado pelos Phenicios e que tanto contribuiu para o seu notavel desenvolvimento. Tyro continuou com as navegações para o occidente e com as tentativas de colonisação, voltando-se principalmente para a Africa. A supremacia dos Tyrios coincide com a formação do imperio israelita de David e com a decadencia interna do Egypto e da Assyria; o en-

*

fraquecimento d'estas duas poderosas nacionalidades explica-nos a possibilidade da unificação das tribus israelitas e da reconstituição nacional dos Phenicios, e as relações amigaveis estabelecidas entre estas duas potencias. Porém em 916 os Phenicios vêem-se forçados a reconhecer o dominio da Assyria; e Tyro começa a decahir em consequencia das luctas intestinas entre os elementos democratico e aristocratico, tendo este de emigrar para Africa em 872, onde fundou *Karth-hadschath* (cidade nova), a *Carthago* dos romanos. O desenvolvimento das navegações dos Gregos e dos Etruscos e as novas invasões dos reis da Assyria apressaram a decadencia de Tyro, que perdeu pouco a pouco a auctoridade sobre as suas colonias, até que Carthago, declarando-se autonoma, fundou uma nova nacionalidade e tornou-se o centro do commercio com a Italia e com a Hespanha. As rivalidades de Sidon e de Tyro e as oscillações na submissão entre a Assyria, Babylonia e o Egypto occupam os ultimos seculos da historia da Phenicia, que por fim em 573 cae em poder dos Persas.

Entretanto Carthago continua as tradições phenicias e, pela sua situação geographica, sobre uma peninsula que sae do golfo de Tunis, assegurava o commercio e a navegação, tanto na costa septentrional da Africa, como com as colonias e feitorias da Hispania, da Italia e das ilhas britannicas. A federação carthagineza era formada pelas cidades livres, como Hipponia, Zaryte, Utica, Tunis e Clypêa, e por um grande numero de colonias; «as cidades maritimas, propriamente phenicias, e de fundação mais recente, escreve Theophilo Braga, conservaram uma

independencia superior ás cidades ou burgos coloniaes do interior, situados a leste de Carthago, sem muralhas, e exclusivamente occupadas na agricultura e no commercio de caravanas com as povoações selvagens» (pag. 125). O commercio e a colonisação, depois da ruina de Tyro, foi-se alargando pelo littoral da Africa até ao cabo de Nam e pelas costas da Europa até ás ilhas britannicas. A occupação dos novos territorios fez-se quasi sempre de modo pacifico, muitas vezes por compra, e outras por colonias cuja estabilidade era devida ao cruzamento com os indigenas. No espaço de dous seculos estenderam-se pelo continente africano, apossando-se da Zeugitania e da pequena Syrte, e fizeram recuar os Numidas, tendo por auxiliares principaes os Lybio-Phenicios. A constituição nacional, segundo diz Theophilo Braga, «foi uma reproducção consciente da organisação politica de Tyro» (pag. 126).

Carthago, nação essencialmente colonisadora e commercial, e portanto pacifica, viu-se obrigada, para manter o seu predominio, a adoptar uma organisação militar; recorreu aos mercenarios e para os sustentar espoliava as proprias colonias; d'ahi a causa natural e immediata da sua decadencia.

Temporariamente, por uma serie de victorias sobre os gregos e pela conquista da Sardenha, conseguiram os carthaginezes manter o monopolio do commercio e atravessar um periodo de esplendor, mas as guerras punicas vieram destruir a civilisação carthagineza, interrompendo desastradamente o nascente desenvolvimento dos Lybio-Phenicios.

Segundo refere Theophilo Braga, «os Phenicios representam o nascimento da actividade industrial destinada a vir a substituir na humanidade a actividade militar» (pag. 79). Esta predominava exclusivamente no Egypto, na Assyria, na Persia, na Grecia, em Roma, em todos os povos que rodearam ou influiram na civilisação phenicia, tanto na Syria, como em Africa. Para garantir o seu commercio e manter a liberdade maritima, tiveram os Phenicios, frequentes vezes, de reconhecer a soberania das grandes potencias militares ou de prestar serviços ás armadas egypcias, assyricas e persas, e por ultimo de se lançar n'um systema de militarismo que arruinou Carthago e acabou de todo com a influencia phenicia.

Passemos agora ao capitulo consagrado á historia dos *Hebreus*.

III

Na *Historia universal* de Theophilo Braga é a primeira vez que os Hebreus são considerados, entre nós, sob um ponto de vista inteiramente humano, e entram no logar que lhes pertence no vasto quadro das civilisações da humanidade. A historia d'este povo occupou sempre um logar excepcional e unico, inteiramente á parte, e era e é ainda ensinada nas escholas com um caracter providencial e de revelação da divindade. Era e

é a *Historia Sagrada* por excellencia, a historia do povo escolhido de Deus, a historia citada como lição e exemplo por todos os povos christãos, e infelizmente, segundo diz o erudito professor, «como objecto de religião prestou-se pela imitação dos actos da vida nomada no meio das sociedades civilisadas da Europa, a sanccionar por uma moral casuistica todas as torpezas e attentados no fôro intimo e até nos tribunaes» (pag. 137). A causa d'este facto encontra-se nas origens do christianismo e no profundo predominio d'esta religião sobre todos os paizes da Europa.

O christianismo deriva directamente do monotheismo judaico, modificado pelas doutrinas do oriente e pelo hellenismo, e nasceu entre os Hebreus, de quem aceitou todas as tradições, accommodando-se ás prophecias dos seus Videntes. Como era natural e inevitavel, recebendo a nova religião do povo semita, os povos modernos receberam tambem os seus livros nacionaes e sagrados, onde se encontravam as fontes immediatas da sua crença. D'ahi o logar particularissimo e falso attribuido durante tantos seculos á civilisação hebraica. Foi necessario que o catholicismo chegasse a um gráo avançado de decomposição, para que a critica historica fizesse entrar este povo na classificação ethnographica e verdadeiramente sociologica. Primeiro, deu-se uma reacção exclusiva de critica demolidora contra o caracter sagrado e excepcional da historia dos Judeus, e a *Biblia* soffreu uma analyse superficial em que a pretendida revelação caíu ao sôpro do espirito voltairiano, e a protecção providencial desappareceu diante do simples bom senso. Mais tarde

e já nos nossos dias, as descobertas archeologicas das cosmogonias e theogonias da antiguidade e o estudo comparativo das linguas, das religiões, dos mythos e da historia de varios povos, forneceram o criterio seguro e positivo para se determinar com exactidão a parte dos Hebreus na extensa série de progressos accumulados, dia a dia, pela humanidade.

Os Judeus, bem longe de ser um povo escolhido pela Providencia para conservar intacta a revelação monotheista, no meio das nações pagãs e idolatras, receberam constantemente influencias estrangeiras, que alteraram o seu fetichismo primitivo e foram modificando e depurando a religião até a fazerem passar do estado polytheista á abstracção monotheista do jehovismo. É o que se conclue dos trabalhos scientificos mais modernos sobre os Hebreus, e nomeadamente dos importantes estudos de Renan, Kuenen, Lenormant, etc.

Lenormant, como se sabe, era um catholico ferrenho, mas era ao mesmo tempo um sabio eminente e expunha com franqueza os resultados a que chegava; se não tirava d'elles toda a luz que contêm, era porque os preconceitos religiosos lhe falsificavam o ponto de vista; comtudo juntou bastantes elementos para se poder deduzir a verdade, e elle proprio confessa que as tradições de Babylonia, da Chaldêa e do *Genesis* têm uma origem commum antiquissima; que a Biblia é posterior ás outras cosmogonias; que o polytheismo exuberante dos Chaldeus foi cuidadosamente eliminado para ser substituido na Biblia por um severo monotheismo; que o *Pentateuco* comprehende dous documentos fundamentaes e sobrepostos,

etc. [1] Quando um catholico chega a apresentar provas que destroem tão fundamentalmente a unidade divina dos mais antigos livros sagrados e nega a revelação, é porque se tornou impossivel occultar a verdade.

Theophilo Braga, n'este bello capitulo da sua obra, estuda conscienciosamente os Hebreus, baseando-se nas ultimas descobertas scientificas, e dá-lhes o seu verdadeiro logar entre os povos chamados semitas. «Emquanto o Judeu se achou envolvido com as tribus terachitas e cananêas na vida nomada e pastoral, diz o eminente professor, era inteiramente fetichista, adorava as pedras (*bethel*), as montanhas (*bemôth*), as fontes, os bosques, e fabricava para o seu culto os idolos (*teraphim*). A passagem para o polytheismo corresponde á individualidade dos abrahamidas, sob o governo patriarchal de Jacob, que pelo culto exclusivo dos *Elohim* os separou das outras raças nomadas, dando aos Israelitas os progressos cultuaes do polytheismo babylonico, que distinguem os ramos superiores da raça semitica, como Phenicios, Hetheanos, Nabatheos, Arabes do Yemen e Sabeanos» (pag. 139). A existencia de quatro seculos no Egypto provocou a abstracção theologica e adopção de *Adonai*, substituido mais tarde, depois da fixação em Canaan, pelo culto de *Jehovah*. «O culto de *Adonai*, continúa Theophilo Braga, tornou-se mystico, e os conflictos entre os varios elementos debilmente unificados na sociedade judaica pas-

[1] Veja-se *Les Origines de l'Histoire*, F. Lenormant; cf. nossos *Estudos sobre a evolução da Humanidade*, cap. II. *A creação do homem*.

saram-se em volta das duas phases religiosas do *elohismo* e do *jehovismo;* ás dissidencias de crença alliam-se os antagonismos de raça, analogos a esse dualismo já observado entre os Cananeus sedentarios e agricolas e entre os Cananeus maritimos» (pag. 139). Acham-se provas d'esta dualidade de raça em toda a Biblia, accentuando-se na desmembração de Israel e de Judá e na lucta entre os *phariseus* e os *saduceus.*

As épocas historicas d'este povo correspondem ás tres designações que tomou successivamente de *Hebreus, Israelitas* e *Judeus. Hebreu* tem uma significação topographica, *o da margem de lá,* que veiu da passagem do Euphrates; *Israelita* deriva do culto dos *Elohins* e *Judeu* do territorio onde se estabeleceu a tribu de Judá e que foi a primeira séde da unidade nacional. As tres épocas são:

1.ª Emigração das tribus terakitas de Arphachsad (Arrapakitis) até se desmembrarem em Keriath-Arba e entrarem no Egypto;

2.ª Estabelecimento dos Israelitas em Canaan, até á fundação do Imperio;

3.ª Situação dos dous reinos de Israel e de Judá até á extincção da nacionalidade.

Apesar do *Genesis* ter sido deturpado nas redacções sacerdotaes *jehovista* e *elohista,* é um documento importante para a historia do povo hebreu. Nota-se n'elle um evemerismo espontaneo em que figuram como individuos e chefes de tribus ou patriarchas, deuses Assyrio-Babylonicos como *Seth, Enok* e *Noah,* situações geographicas, como *Aram* (o paiz de cima), montanhas, como

Riphat, nomes de povos, etc. O texto jehovista é da influencia babylonica e o texto elohista corresponde á influencia egypcia, como observa com rasão Theophilo Braga, e se vê claramente approximando do texto biblico as cosmogonias egypcias e assyrio-babylonicas.

Parece que a primitiva séde da raça semita foi nos montes Carducos, d'onde partiram os Lydios, os Phun e os Cananeus, seguindo a direcção das cordilheiras. Os ultimos emigrantes foram os Hebreus, que atravessando o Euphrates se dividiram, indo uns para Canaan e outros para a peninsula Arabica. «Esta divisão corresponde á desmembração das varias tribus que ficaram em nomadismo na fronteira do Egypto ou que vieram a estabelecer-se na Arabia Petrea, como os Amalekitas, os Madianitas, os Edomitas, devendo os Beni-Israel a sua cohesão social á unificação religiosa em que o deus El se tornou o eponymo nacional» (pag. 149). As tribus terachitas, sob a direcção de Abraham, estabeleceram-se nos arredores de *Kiriath-Arba*, e ahi receberam uma certa cultura, abraçando o polytheismo chaldeo-assyrico de *Ilu*, ou culto dos *Elohim*, que se sobrepoz ao fetichismo primitivo. As luctas com os povos visinhos, o odio que as suas rapinas incutiam e os vicios que os corrompiam internamente, diminuiram a tribu de Israel, que por causa de uma grande fome se viu forçada a entrar no Egypto. Segundo o *Genesis*, estava reduzida a *setenta e seis pessoas* validas, e foi chamada por Joseph que chegara a ministro do Pharaó. Este era Apopi, ou Apophis, de origem semitica e da dynastia dos Pastores, o que explica o favoritismo de Joseph; a dynastia «estava

ameaçada pela restauração thebana e a chamada das tribus israelitas para o Egypto era um serviço que prestava ao Pharaó» (pag. 154).

A expulsão dos Pastores succedeu passados quarenta e oito annos, e os Israelitas estabelecidos na terra de Goschen permaneceram quatrocentos e trinta annos, servindo de apoio ás reacções semitas. Foi aqui que o culto de *Adonai* substituiu o dos *Elohim*, devido a Amenhotep IV que impoz ao Egypto o culto de *Aden*, ou Aten, o disco solar; e como se vê pelos documentos historicos, esta revolução não se operou senão por meio de pressões vexatorias, sendo os Israelitas forçados a trabalhos publicos, o que os levou a planearem a saída do Egypto. «A unidade moral, que os congregou, que lhes deu força para se atreverem a uma fuga em massa, que serviu de base do seu federalismo no deserto, foi o culto de *Adonai*, cujo nome conservou o caracter secreto, recebido no Egypto, sob Amenhotep IV; é por isso que o estudo d'esta divindade é de uma grande luz historica para as suas origens nacionaes» (pag. 157). Theophilo Braga suppõe que o culto do *disco solar* é de origem chaldaica e identico a *Adar*, a *Ud* nos mythos accadicos e a *Anu* na triada babylonica. A tradição do assassinio dos infantes varões que se liga ao nascimento de Moysés (1401), reproduz a do nascimento de Sargon I (2000), e segundo crê o auctor da *Historia universal*, tem a mesma proveniencia dos mythos de Aden, pois *não está no caracter nem na moral egypcia*. A situação dos israelitas, obrigados a levantar muralhas e a abrir canaes sob o açoite dos egypcios, tornou-se insupportavel, e elles,

aproveitando a decomposição da monarchia egypcia e qualquer invasão ou guerra estrangeira, abandonaram em massa o Egypto, e guiados por Moysés passaram o Mar Vermelho em sitio vadiavel, continuaram para o sul e perderam-se no deserto.

Foi na peninsula do Sinai que Moysés deu aos Hebreus o *Decalogo* extraído evidentemente do *Ritual dos Mortos,* e uma organisação social em tribus ou casas, tambem originaria do Egypto. Instituiu-se um sacerdocio ao qual era destinada a tribu de Levi e fez-se um templo ambulante, á semelhança das naves egypcias, com a *Mesa dos Pães da Proposição* do culto de Aten. Os Israelitas tomaram ainda do Egypto as festas agricolas e as divisões do anno, a circumcisão, a prohibição da carne de porco, etc. Como diz Theophilo Braga «os Israelitas fugiam do Egypto, mas á medida que se approximavam da sua constituição nacional iam reproduzindo todas as fórmas da grande civilisação com que tiveram contacto, religião, moral, escripta, feitos, costumes e arte» (pag. 170). Durante a permanencia no Egypto, os Hebreus tinham-se elevado de setenta e seis pessoas vadas a 1.552:876 individuos approximadamente, segundo Moreau de Jonnès, dos quaes 22:000 eram levitas, isto é, pertenciam á classe sacerdotal. Não admira este augmento de população, desde que se sabe que esta duplica em cada vinte annos e que os Israelitas estiveram mais de tres seculos no Egypto. O que, porém, se torna notavel é o predominio da instituição sacerdotal e a repressão severa das tendencias para a regressão ao culto polytheista syro-chaldaico e mesmo ao fetichismo primiti-

vo da raça. A classe sacerdotal apoiava-se no elemento militar, sujeito a uma severidade draconiana. Augusto Comte diz que póde vêr-se talvez n'este facto uma «tentativa de colonisação sacerdotal pela mais completa subalternisação dos guerreiros», effectuada pelos padres egypcios ou chaldeus com o fim «de preparar um refugio seguro aos da sua casta que estavam ameaçados pelas frequentes revoluções interiores da mãe patria»[1].

Esta ideia não sabemos até que ponto possa ser comprovada; no emtanto explicar-nos-ia muitos pontos consignados por Theophilo Braga, como a adopção do culto de *Adonai*, a imitação da civilisação egypcia, a lucta constante contra a sobrevivencia dos antigos cultos fetichistas e polytheistas, as saudades dos emigrantes pelo antigo captiveiro, a rivalidade entre as tribus do norte e as do sul, etc.

É caracteristico o estado do povo depois da fixação em Canaan e da morte de Josué, assim descripto por Theophilo Braga: «Josué não havia indicado successor, e as tribus viviam desaggregadas e em um egoismo isolado; o unico ponto de convergencia nacional, Siloh, pelo deposito da Arca, decaíu á medida que as religiões syrochaldaicas se confundiam com o culto de *Adonai*. Ainda na vida da ultima geração que fundamentou a conquista de Canaan, as tribus acharam-se submettidas ao captiveiro do rei da Syria do norte Kusan-Rishataim; desde este periodo até á fundação do imperio de Israel (1097) a pobre nacionalidade soffre toda a sorte de devastações,

---

1 *Cours de Philosophie positive*, vol. v, pag. 206, nota.

todos os ultrages e arbitrariedades da servidão e só casualmente reconquista a liberdade, quando um ou outro patriota allucinado tem o poder de congregar algumas tribus para a revolta e para o combate. A esses patriotas, que pela victoria ficavam investidos do poder politico sobre algumas tribus, deu-se-lhes o nome de *Suffetes*, ou segundo a traducção da Vulgata de *Juizes*» (pag. 182). Este periodo de dissolução que durou pelo menos seculo e meio, prova bem a falta de unidade entre os Israelitas e as diligencias infructiferas dos pontifices magnos para submetter todas as tribus. Foi preciso que se désse a invasão dos Philisteus, de raça árica, e que começassem a haver cruzamentos com elles e a adoptar as suas divindades, para que ao norte uma revolução religiosa entregasse a soberania theocratica e temporal á classe sacerdotal na pessoa de Heli. É então que começa a profunda elaboração, puramente erudita e sacerdotal, do *jehovismo,* pela introducção de *Iahveh,* derivado do *Daevas* árico, como o nome respeitoso e occulto de *Adonai* ou de *Elohim.* Este syncretismo teve talvez por fim o manter a auctoridade da classe theologica sobre os adeptos de todos os cultos em voga entre os Hebreus, e recebidos por differentes vias — dos kuschitas, da Chaldêa, do Egypto, dos Philisteus, etc. Diz o illustre professor: «As concepções theogonicas do Genesis accusam um vasto syncretismo dos Nabi, na lucta dos *Daevas* (Iahveh) com os *Yazatsa,* (Satan) e dos anjos bons (*Ameshaçepentes*) com os anjos do mal; nos amores dos gigantes pelas filhas dos homens (os *Yatiis*); na passagem das almas pelo genio *Raschnu,* tomados

das tradições da Media, confundidas com o paraiso persa *Oudyana*, no *Eden*, com a tradição da Torre das Linguas (*Bab-Ilu*) e com a epopêa do Diluvio tomadas da religião babylonica» (pag. 191).

A extensão d'este nosso estudo impede-nos de seguir Theophilo Braga nas suas considerações sobre a fundação da realeza, imitada do estrangeiro, e sobre as diversas phases que atravessou esta instituição, sempre mal vista pela classe sacerdotal, muito embora frequentes vezes a dominasse. Os reinados brilhantes de David e Salomão dão-se n'uma época em que o Egypto estava decadente e a Assyria inactiva; é assim que se póde explicar o esplendor momentaneo do imperio de Israel, alliado intimamente com a Phenicia. Para contentar o poder sacerdotal, Salomão dispendeu grossas sommas de capitaes com um templo nacional. Mas a principal obra do seu reinado foi o immenso desenvolvimento do commercio. Depois da morte de Salomão, o imperio dividiu-se em dous reinos (978), pela separação de dez tribus das de Judá e Benjamin. Aquellas constituiram o reino de Israel, e estas duas o de Judá. Segundo crê Theophilo Braga, esta separação não foi um scisma, mas sim uma crise da raça. A vida interna dos dous reinos é uma série contínua de revoluções e catastrophes em que a maioria dos reis perecem assassinados. O prophetismo apparece com um caracter de revolta. A dissolução progrediu desde então até á queda das duas nações. «Á queda de Samaria precedeu a queda de Jerusalem, escreve Theophilo Braga, e este primeiro captiveiro egualmente importante como o de Babylonia,

provocou o primeiro trabalho de elaboração das esperanças messianicas, e d'essa extraordinaria actividade litteraria dos Judeus que teve o seu centro em Babylonia. Israel desappareceu ante a devastação assyrica, mas o espirito samaritano persistiu, e é da Galilêa que veiu a principal personificação do messianismo» (pag. 217). Com a queda de Jerusalem terminou o reino de Judá e a nação foi transportada para Babylonia, onde «o prophetismo adquiriu com esses desastres um novo vigor, e deu vida a todos os elementos sentimentaes que eram a expressão da nacionalidade. Judá e Israel unificaram-se em uma entidade moral, e a nação vivia em espirito dos sonhos do futuro» (pag. 231).

Durante o captiveiro dá-se o desenvolvimento de um dialecto popular, que substitue o hebreu, guardado desde então como lingua erudita; este periodo coincide com a elaboração do Mazdeismo, d'onde os Judeus receberam a crença dos Anjos da guarda (*Fravashis*), certas ceremonias mortuarias, e a ideia de um salvador. O captiveiro de Babylonia durou apenas meio seculo, porque a entrada de Kyros, monarcha persa, na cidade, permittiu o regresso dos Judeus á Palestina. Depois da restauração artificial da nacionalidade judaica continuou a elaboração das ideias messianicas, principalmente entre os aldeões da Galilêa, e o hellenismo, penetrando na Judêa, apressou esse movimento. Mas ainda então se distingue o antagonismo do norte contra o sul; o Christianismo nasce no norte e é perseguido em Jerusalem, onde dominavam os phariseus. Com a tomada de Jerusalem por Tito, finda a vida nacional dos Judeus, que foram leva-

dos para Roma como escravos e os jovens vendidos para os prostibulos.

Referindo-se á influencia religiosa dos Judeus, escreve Theophilo Braga: «Essa missão providencial que os estylistas metaphysicos attribuem ao Judeu, dando-lhe a capacidade monotheista, e o dom da revelação do Christianismo á humanidade, é um effeito de phrases banaes impostas pelas conveniencias academicas. Se o Judeu produziu o *Messias,* os Phenicios propagaram a *Virgem-Mãe,* condição primeira do proselytismo evangelico» (pag. 241).

É este incontestavelmente um dos melhores capitulos da *Historia universal* do dr. Theophilo Braga e a sua importancia mal se póde julgar pelo que deixamos dito n'esta breve analyse. Passemos agora aos *Arabes.*

IV

Se os Phenicios e os Judeus nos apparecem na historia com um caracter absolutamente cosmopolita, assimilando-se os progressos das grandes civilisações e transmittindo-os a outros povos, os Arabes, a ultima das civilisações semitas, fornecem-nos um novo exemplo d'esta aptidão natural e espontanea da raça. E este exemplo é muito mais notavel pelo seu apparecimento instantaneo, que parece contradictar a lei da evolução. A situação da peninsula Arabica facilitava a actividade commercial exercida pelos Semitas entre o Egypto, a Ethiopia, a Chaldêa, a Persia e a Grecia, tanto pelas vias maritimas, como pelas caravanas que atravessavam o deserto;

foi assim que «as tribus do deserto central vieram á sociabilidade, trouxeram o seu espirito de independencia, partindo a corrente da civilisação do occidente ou o Yemen para o centro ou o Hedjâz, sendo pela parte deserta ou o Nedjed, que receberam da Syria a cultura hellenica» (pag. 243). Os Phenicios, os Carthaginezes e os Judeus haviam sido destruidos ou estavam em completa decadencia; a hegemonia da humanidade passára para os povos árias, e o christianismo, de origem semitica, desenvolvia-se no Occidente sob a fórma dogmatica e hierarchica recebida ao contacto das civilisações grega e romana.

O apparecimento inopinado dos Arabes na historia, no seculo VI, foi um renascimento da raça syro-arabe ou semitica, que se manifestou por uma civilisação completa com lingua, religião e litteratura inteiramente nacionaes. Esta resurreição coincide com a decadencia da civilisação greco-romana e, como observa Littré [1], serve de transição para a civilisação moderna, preenche a lacuna que separa apparentemente o mundo romano das nacionalidades do occidente. Com razão escreve outro positivista, Marc Régis: «Do seculo VIII ao XII, emquanto a civilisação baixava na Europa christã, apesar do trabalho do espirito ordenado por S. Bento, os Arabes fizeram mais do que os monges pelo progresso das artes e das sciencias, principalmente das sciencias positivas» [2]. Os

[1] *La Philosophie positive*, revue, vol. XXIII, pag. 166.
[2] *Ibidem*, vol. XXII, pag. 257.

*

Arabes, porém, não eram um povo creador; recebiam todas as influencias estrangeiras e assimilavam-as conservando a sua individualidade semita; pelo hellenismo elevaram-se á vida historica, e pelo seu caracter cosmopolita e propagandista imitaram o primeiro renascimento da Europa.

O dr. Theophilo Braga divide a historia dos Arabes em tres paragraphos:

1.º O Arabe occidental, ou do Yemen;

2.º O Arabe central, ou do Hedjâz;

3.º Os Arabes de Petrea e do Nedjed.

O Yemen teve muito cedo uma civilisação rudimentar, devida ás communicações commerciaes, com o Egypto, a Ethiopia, a Persia e a India, e á exploração agricola, principalmente do café; ao passo que o Hedjâz, ainda n'um estado de beduinismo ou de vida errante, só veiu a preponderar depois da decadencia d'aquella civilisação.

Os primeiros habitantes do Yemen foram os *Aditas*, da raça kuschita, os quaes pelo cruzamento com os Jectanides, que se apoderaram do paiz, constituiram o fundo da primeira civilisação arabe, ou civilisação sabeana, que durou dez seculos. «O culto sabeano, escreve Theophilo Braga, era astral, sendo primeiramente solar, o que nos indica uma fusão com a raça que fez preponderar em Babylonia e na Asia Menor o culto lunar; era uma religião sem idolos e sem sacerdocio, em parte estranha á raça kuschita e analoga aos cultos accadicos. É esta differença que faz com que o culto dos habitantes do Yemen não degenerasse n'essa sensualidade dos cultos

de Babylonia e de Nineve, provocando mais tarde a reacção islamica como um regresso á simplicidade primitiva» (pag. 253). A invasão de novas tribus semitas deu origem á civilisação himyarita, que foi na verdade uma continuação da sabeana, e que terminou pelo dominio dos Abyssinios e pelos assaltos dos Gregos e Persas.

A Arabia central, occupada pelas tribus ismaelicas no estado de nomadismo e conservando as tradições semitas ainda puras, foi o centro da actividade litteraria que antecedeu o islamismo. A Caaba, onde se guardava o bethylo sagrado, ou pedra negra meteorica, caindo em poder dos Djorhom, emigrados do Yemen, originou a primeira aggregação das tribus do Hedjâz. O culto da Caaba representava o fetichismo dos semitas do Hedjâz na sua simplicidade. Muitas tribus no seu contacto com outros povos tinham adoptado cultos estrangeiros; o sol, a lua, as estrellas, o fogo e innumeros idolos eram adorados; o polytheismo cercára a Caaba de mais de trezentas imagens de deuses.

A tribu dos Koreischitas apossou-se d'este templo, creou uma linguagem commum a que o Coran deu a fórma definitiva e exerceu uma profunda acção politica, fundando uma oligarchia e resistindo ás invasões militares da Abyssinia. Mahomet completa esta revolução pela sua propaganda religiosa. Theophilo Braga destroe a opinião vulgar sobre a individualidade historica do propheta. Mahomet era um espirito culto que soube aproveitar a elaboração anterior causada pela influencia persa; «nascido no ultimo quartel do seculo VI (por 571), diz Theophilo Braga, obedeceu a esta necessidade moral da

meditação religiosa, e pela sua tendencia epileptica, ou hysteria-muscular, deu aos seus conhecimentos theologicos, recebidos na Syria, a fórma allucinada de visões por onde conseguiu impôr-se á multidão e forçar os espiritos scepticos á adhesão da sua doutrina» (pag. 279). A preoccupação religiosa e o seu temperamento epileptico faziam-no tomar a serio a sua missão; e dava-se como analphabeto para augmentar o perstigio da sua propaganda. Querendo fundar uma religião que substituisse o Jehovismo e o Christianismo, procurou as fontes da tradição oral e os livros populares como o *Talmud*, a *Gemara* e os Evangelhos apocryphos; a parte que não se encontra nos livros judaicos ou christãos vem das doutrinas persas, como as *huris*. O Coran foi o producto de longas meditações na solidão de Hira; tinha mais de quarenta annos quando começou a revelar a sua religião, primeiro a sua mulher e ás pessoas mais intimas e depois ao publico. Não podemos seguir Theophilo Braga na exposição historica da propaganda islamita que se fez por meio das armas e que teve por consequencia immediata a unificação politica das tribus, tornando a Arabia a maior potencia do mundo.

Depois da morte do propheta as tribus tendiam a regressar ao familismo independente, mas foi mantida a unidade pelos esforços dos seus successores, que estenderam o dominio da Arabia pelo Egypto, Persia, Syria, Africa, e peninsulas Italica e Hispanica. «Era, como diz Theophilo Braga, a realisação de um pensamento de unificação, proseguido além do natural, que deu em resultado a formação de um enormissimo Imperio, que pela

sua propria grandeza se desmembrou a ponto da raça arabe vir outra vez a confinar-se nos seus desertos de Nedjed» (pag. 289). A unidade politica foi uma consequencia da unidade religiosa, mas a confusão dos poderes trouxe graves complicações aos successores de Mahomet, que se apoiaram na força militar; o kalifado, primeiro electivo (632-661), tornou-se, passados trinta annos, hereditario, fixando-se na familia dos Ommiades (661-750) durante oitenta e nove annos, á qual se seguiu a dos Abbassidas, desmembrando-se o imperio em constantes revoltas militares. A dynastia dos Ommiades abrange o periodo das conquistas, em que os Arabes expulsam os Gregos da Africa e vencem os Berberes [1], Numidas e Mauritanos, estendendo o seu dominio até á Hespanha (711), onde se estabelecem, dividindo a penin-

[1] Os Berberes tinham então uma civilisação muito florescente no valle de Oued-Mya, como se vê por uma série de documentos publicados em *Les Villes berbères de la vallée de l'Oued-Mya,* por Tarry, inspector das finanças, trabalho communicado á Academia das Inscripções e Bellas-lettras (Paris) pelo snr. F. Delaunay, na sessão de 19 de maio do anno de 1882. Quando se deu a segunda invasão arabe havia para cima de 1:000 poços arthesianos e 125 cidades com enormes e sumptuosos palacios, galerias, jardins, fontes, etc. Sedrata era a cidade mais antiga d'esta região. A esta civilisação berbere succedeu um estado proximo da barbarie, sem necessidades e sem cultura intellectual; os habitantes sustentam-se quotidianamente de tamaras. Tarry visitou as cidades Mzab, o oasis de Metlili e o valle de Oued-Mya; durante dous mezes explorou os arredores d'Ouargla e de Ngoussa, encontrou nas suas excavações El-Trane, Sedrata e mais duas cidades e innumeros poços entulhados; dos antigos apenas existem duzentos.

sula pelos seus regimentos. A época do esplendor litterario e artistico pertence á dynastia dos Abbassidas, mas já a dissolução minava intimamente o imperio. Os musulmanos receberam a cultura da Grecia, não directamente, mas pela Syria; conheceram as obras gregas por traducções de traducções; aprenderam as mathematicas e a astronomia, desenvolveram-nas e contribuiram para a fundação da trigonometria; é tal o amor pela instrucção que Almaram chega a offerecer ao imperador de Constantinopla cem quintaes de ouro e uma paz perpetua em troca de um philosopho [1]. Fundam-se escholas e observatorios astronomicos, faz-se a medição da terra, determina-se a obliquidade da elliptica e a precessão dos equinoxios, descobre-se a desegualdade do movimento lunar, estuda-se a meteorologia, a chimica, a botanica, traduz-se Hypocrates e Galeno, fazem-se descobertas importantes em anatomia e em cirurgia, etc.

A Arabia Petrea, que fôra povoada pelos Amelecitas, Madianitas e Idumeos, constituira um dos primeiros fócos da civilisação arabe, e depois das expedições de Alexandre era conhecida por Nabatêa. O commercio das caravanas do deserto passou para Petrea, por causa da ruina de Tyro, e contribuiu efficazmente para o desenvolvimento dos Nabateos, que vieram a ser o principal estimulo do islamismo e aos quaes «Renan attribue todos os conhecimentos das noções fabulosas da sciencia e philosophia hellenica entre os arabes» (pag. 311).

---

[1] *La Philosophie positive,* revue, vol. XXII, pag. 257.

«O esplendor dos Abbassidas, diz Theophilo Braga, era todo de apparato e de cultura scientifica, assistindo em Bagdad impassiveis á desmembração do seu imperio, durante quatro seculos» (pag. 302). O Magreb, a Hespanha, o Egypto, a Mauritania, Argel, Tunis, Tripoli, etc., foram successivamente proclamando-se independentes, e n'esta desmembração formaram-se seis soberanias, sendo expulsos os Arabes de uma grande parte do seu antigo imperio. A raça regressou ao beduinismo primitivo no planalto central ou Nedjed, não tendo até hoje voltado de novo á vida historica, apesar do movimento religioso do Wabbismo, que ficou improficuo.

O dr. Theophilo Braga crê que os Arabes se reconstituirão ainda *em uma nova e poderosa nacionalidade* quando se interessarem pelo desenvolvimento scientifico moderno; parece-nos que só muito tarde e difficilmente poderão acompanhar os povos europeus na via dos progressos positivos. Segundo Comte, os Arabes, como tambem os Judeus, passaram prematuramente de um fetichismo ou polytheismo rudimentar para um monotheismo abortado; e a tentativa de Mahomet foi bem pouco racional, porque o povo não estava preparado, nem espiritual, nem temporalmente [1].

É esta a rasão do regresso ao nomadismo. Littré explica-o de um modo identico; escreve elle: «Diz-se e com rasão que cada um de nós herda um estado psychico que se recebe inteiramente feito e que tem uma

[1] *Cours de Philosophie positive,* vol. v, pag. 130 e 320.

acção essencial sobre as nossas ideias e as nossas acções. Isto não é menos verdadeiro com relação aos povos. Ora o passado dos Arabes tinha pouca consistencia e extensão se se compara com o dos Occidentaes, prolongado aos Romanos e aos Gregos. Eis o mysterio da paralysação de uns e do progresso dos outros» [1]. Estas considerações do fundador do positivismo e do seu eminente continuador, bem como um grande numero de factos contemporaneos e historicos, fazem-nos hesitar sobre a possibilidade de trazer as raças inferiores, ou que se conservam n'um estado de paralisação secular, ao gráo de civilisação a que chegaram por uma progressão contínua os povos occidentaes. E póde-se mesmo notar que ao contacto com os semitas é que os povos indo-europeus devem em parte o seu atrazo de alguns seculos, muito embora fossem elles tambem os impulsores da primeira renascença na Edade-média. O dr. Theophilo Braga é tambem d'esta opinião, como se vê pelo seguinte periodo com que fecha este volume: «A divisa dos *Tres Impostores*, com que a Edade-média caracterisava os instituidores semitas Moysés, Jesus e Mahomet, pertence a esta corrente de emancipação intellectual, afogada em sangue pelos Dominicanos, combatida pelo ensino dos Jesuitas, mas triumphante na Renascença pelas grandes descobertas da Astronomia e da Physica, pela renovação philosophica do seculo XVII, pela descoberta da Chimica, da Biologia e da Sociologia nos seculos XVIII e XIX. A raça

[1] *La Philosophie positive*, revue, XXIII, pag. 170.

árica deveu o seu atrazo ao contacto dos semitas, que lhe inocularam os cultos orgiasticos, e pelos seus ramos mais vigorosos, como a Grecia, conseguiu comprehender que a verdade é só uma — a Sciencia. Esta comprehensão tornou a raça árica progressiva por excellencia, e por ella se elevou á hegemonia perpetua da humanidade» (pag. 313).

Concluindo esta noticia da parte publicada da *Historia universal*, onde o auctor prova a sua incontestavel superioridade intellectual, fazemos votos para que complete este monumento com as *Civilisações áricas e indo-europeas* [1].

---

[1] Eis o elenco da parte inedita, resumida em tres volumes:

CIVILISAÇÕES ÁRICAS E INDO-EUROPÊAS

a) ÁRIO-IRANICAS

III. *As Civilisações progressivas, pelo estimulo das ideias moraes:* Unidade primordial dos Árias — India — Persia — Média.

b) HELLENO-ITALICAS

IV. *As Civilisações baseadas sobre as noções scientificas:* Grecia — Roma — Raças do Occidente. (Em preparação).

c) ROMANO-GERMANICAS

V. *A Civilisação Occidental, baseada sobre o desenvolvimento do individualismo:* Mesologia da Europa — A transição da Edade-média — Fim da éra revolucionaria. (Em preparação).

3. Sciencia das Religiões

(Origens poeticas do Christianismo e Lendas christãs)

No momento actual vêmos as instituições decadentes e desde muito condemnadas a desapparecer pela evolução historica, tentarem manter o seu velho predominio e readquirir as perdidas forças, afim de continuarem a especular com as multidões em proveito das dynastias reinantes e das classes privilegiadas. O estado do desenvolvimento intellectual das sociedades reflecte-se sempre nas suas instituições, como o estado mental de um individuo tem influencia directa em todos os seus actos; até hoje têm sido as religiões a base ou o esteio intellectual de todos os systemas governativos, porque os cerebros atrazados das sociedades preteritas se satisfaziam com as concepções theologicas e absurdas do universo, a cujas explicações conformavam todo o seu viver particular e collectivo. É por isso que ainda vêmos hoje as instituições politicas, desacreditadas e vacillantes, sentindo fugir-lhes o terreno debaixo dos pés, procurarem apoio nas instituições religiosas, as quaes durante muito tempo disputaram o dominio temporal que estas, pelo abuso do poder espiritual, a pouco e pouco haviam conquistado. Mas as instituições religiosas estão egualmente n'uma phase adiantada da sua dissolução, e cedem todos os dias o campo aos progressos constantes das sciencias e da philosophia; no emtanto, a ignorancia das massas populares promette ainda conservar de pé por algum

tempo o dogmatismo esterilisador da religião christã, e o clero de mãos dadas com as classes dominantes e com as familias dynasticas trabalha para manter e prolongar por largos annos, indefinidamente, a sua tutela sobre as consciencias.

N'este estado de cousas, crêmos, que o melhor combate que se póde travar contra os inimigos do progresso, é esclarecer os espiritos, levando á intelligencia popular o conhecimento das leis naturaes e as noções positivas das sciencias. Como é o Christianismo a base intellectual em que assentam as sociedades hoje decadentes, tudo quanto explique scientificamente esta doutrina religiosa e as causas do seu apparecimento no seio da sociedade, deve ter um logar especial entre todos os materiaes destinados a cultivar o espirito ignorante e fanatico das massas populares. Está n'este caso o livro de Theophilo Braga — *Origens poeticas do Christianismo,* em que o auctor com erudição e clareza expõe em quatro capitulos os principaes elementos que entraram na constituição d'esta doutrina; o fim salutar e positivo da obra acha-se consignado nas seguintes palavras: «O poder espiritual do Christianismo está quebrado, e o poder espiritual da Sciencia ainda não está reconhecido nos costumes; as leis civis ainda se subordinam a sacramentos, os actos politicos ainda invocam destinos providenciaes. Contribuir para que passe um tal estado moral deve ser um dos trabalhos mais sérios de todo o homem que pensa, e essa anarchia só se poderá extinguir auxiliando a dissolução do poder que tende a ser eliminado pela propria evolução da sociedade, fazendo com que mais cedo se reco-

nheça esse outro poder que nos vem não de uma tradição morta, e transmittida já sem sentido, mas da actividade da vida intellectual no seu esforço de conhecer o condicionalismo do meio cosmico e de determinar-se conscientemente» (pag. 4). Deve ser esta a tendencia de todos os trabalhos modernos, procurando unificar as opiniões e as ideias na disciplina mental da Philosophia positiva, isto é, concorrer para a completa integração da humanidade.

No capitulo I das *Origens poeticas do Christianismo,* sob o titulo de *Persistencia dos cultos fetichistas no Christianismo,* apresenta-nos Theophilo Braga o fundo sensualista d'esta religião, baseada nos mythos orgiasticos do chtonismo e dos cultos phallicos, d'onde tirou a Virgem-Mãe e o sacrificio do homem, restos symbolicos do fetichismo primitivo. A estes elementos mythicos aggregaram-se outros muitos, derivados na parte cultual da seita dos nazarenos, dos essenios, therapeutas, gymnosophistas, etc.; e na parte moral da philosophia pythagorica e neo-alexandrina. Assim o christianismo saíu do confuso syncretismo de todas as religiões e philosophias da antiguidade, devido á approximação forçada das civilisações egypcia, judaica, indiana, hellenica, etc., pelas successivas conquistas dos Romanos.

Tendo consagrado o capitulo I aos vestigios fetichistas, o distincto professor estuda no capitulo II os *Vestigios polytheistas do mytho orgiastico christão,* mostrando as relações do christianismo com a lucta entre o bem e o mal ou entre a luz e as trevas, com o culto do fogo e com o mytho solar de Mythra, o deus que morre na

flôr da edade e resuscita como o Christo. Seria impossivel em breves linhas fazermos um resumo, por mais conciso que fosse, de todas as approximações e de todos os parallelos que o dr. Theophilo Braga estabelece entre o christianismo e as religiões que o precederam; basta dizer que na personalidade de Jesus «existem syncretisados bastantes elementos mythicos dos cultos solares syro-phenicios, phrygio-hellenicos, medo-persas, e nas fórmas cultuaes conservaram-se bastantes residuos de mythos áricos das raças indo-européas» (pag. 85).

O capitulo III trata da *Assimilação do polytheismo árico e indo-europeu ás fórmas cultuaes do Christianismo;* n'elle o auctor occupa-se dos elementos áricos, de que se serviu a religião christã para se espalhar no occidente, começando pela formação do mytho de Christna ou Krischna, anterior ao periodo árico, e nascido no seio das populações kuschitas ou negras que posteriormente formaram a casta dos Sudras na India. O mytho do Christna desenvolveu-se depois da dominação dos Árias em opposição a Indra, que decaía, e mais tarde entrou na elaboração poetica, apparecendo nos *Vedas* com um caracter mythico e no *Màhabharata* com um caracter heroïco, havendo entre um e outro um largo periodo de silencio que marca a decadencia do mytho nas lendas populares. Christna recebeu o caracter divino quando o triumpho do buddhismo obrigou os brahmanes a transigirem com a doutrina vedanta. Foi então que começou a ser adorado como deus. N'este capitulo Theophilo Braga mostra as relações profundas d'este mytho com o Christo, e destroe as falsas supposições de alguns

catholicos que chegaram a inventar o apostolado de S. Thomé na India para poderem explicar as analogias fundamentaes entre o Christianismo e o desenvolvimento poetico do mytho de Christna, não querendo reconhecer a prioridade d'este e a dependencia d'aquelle, como o revelam os symbolos christãos dos primeiros tempos da nossa éra. Diz o illustre professor: «A ideia de um *mediador,* que se sacrifica pela humanidade, é de origem medo-persa, como o provou Bunsen; a ideia da encarnação da divindade pertence propriamente ao systema theologico indiano do culto de Agni e dos *avatars.* Estes dous systemas actuaram em diversas épocas na constituição religiosa do Christianismo; os dogmas e symbolos da *Natividade,* como observou Burnouf, prevaleceram até ao quarto seculo, e coincidem com a *disciplina arcani,* em que as ceremonias eram occultas e as explicações doutrinarias se faziam por symbolos allegoricos e por gráos de iniciação. É por isso que esta corrente indiana do Christianismo é a que se acha mais claramente nos symbolos christãos das Catacumbas, e a que ainda persiste sem sentido na parte ritualistica da Egreja, e tambem a ultima que foi descoberta pela erudição historica» (pag. 249).

O capitulo IV e ultimo tem por titulo *Costumes populares do culto solar, que explicam os ritos christãos.* Como o titulo indica, o auctor accumula aqui as tradições em que se acham vestigios do culto do sol no nosso paiz e que servem para explicar a transformação dos velhos mythos nos ritos do Christianismo, como a lucta do Sol contra as Trevas, a do Verão contra o Inverno,

etc., que têm relações directas com os costumes da serração da velha, da caçada furiosa, das festas do Maio, do enterro do bacalhão, do enforcamento do Judas, do Entrudo, e com as tradições das Ilhas encantadas, da vinda de D. Sebastião, etc. «As esperanças messianicas do *Reino de Deus* e do *Millenio*, diz Theophilo Braga, derivadas do mytho da resurreição do joven-deus que revive depois da morte prematura, voltaram á sua origem nos costumes populares em Inglaterra com el-rei Arthur, na Allemanha com Barba Rôxa, em França com Carlos Magno e em Portugal com D. Sebastião, com mais ou menos vivacidade, segundo a intensidade das crenças christãs» (pag. 294).

As *Origens poeticas do Christianismo* é um trabalho sociologico, onde Theophilo Braga applica ás ideias christãs o processo rigoroso da Sciencia das Religiões, guiado pela orientação superior da Philosophia positiva [1].

---

[1] Escrevia Alexandre da Conceição, na *Carteira de um Positivista:* «A sciencia das religiões é para a historia moral da humanidade o que a paleontologia é para a historia physica da terra: o estudo e o confronto imparcial e severo dos documentos fossilisados na linguagem, nas lendas, nos costumes e nos preconceitos, ou petrificados nas antigas chronicas e nas velhas epopêas e pelos quaes se caracterisa e classifica a formação religiosa em que se produziram, como se caracterisam e classificam as diversas camadas cosmologicas pelos vestigios da fauna e da flora que n'essas camadas se encontram. — O sentimento religioso parece estar mesmo sujeito na sua evolução historica a uma lei de progressão, que tem por primeiro termo o fetichismo e por derradeiro o monotheismo, antes da sua dissolução final no regimen da positividade ou das convicções scien-

As *Lendas christãs,* publicadas doze annos depois (em 1892), obedecem ao mesmo pensamento; este novo livro é uma analyse dos themas fundamentaes da poesia do Christianismo, themas que entraram na constituição dos dogmas e foram utilisados nas obras litterarias e artisticas da civilisação moderna. «As *Lendas christãs,* diz o auctor, são, por assim dizer, uma historia do Christianismo popular em antagonismo com o Catholicismo ou

---

tificas. Essa lei formulada pelo systematisador da philosophia positiva, Augusto Comte, apesar do alto valor das provas que a recommendam, é no emtanto impugnada por alguns pensadores modernos com argumentos ainda não cabalmente respondidos.

«Sejam, porém, quaes forem as conclusões definitivas a que a sciencia chegue a respeito do sentimento religioso, o que parece averiguado desde já é que o christianismo, o mais importante systema religioso da humanidade, não pelo numero dos seus adeptos, mas pelo papel preponderante que os povos que o seguem representam na civilisação do mundo, nada contém, como diz Baur, o erudito coripheu da eschola de Tubingue, que, sob uma ou outra fórma, não fosse já anteriormente affirmado, quer como producto da actividade da rasão, quer como necessidade do sentimento, quer como exigencia da consciencia moral.

« É esta these fundamental, hoje acceite como um principio definitivamente assente, apesar das suas origens hegelianas, em sciencia das religiões, que o snr. Theophilo Braga desenvolve com larga proficiencia no seu novo livro *Origens poeticas do Christianismo...*

«O livro — pela suprema independencia da sua critica, pela multiplicidade e elevação dos seus pontos de vista e pela flagrante verdade da maioria das suas conclusões, estava destinado a uma extensa e salutar propaganda, se o excesso da terminologia technica e a despreoccupação da fórma o não tornassem pouco accessivel ao publico que mais carecia de o entender e meditar».

a religião sacerdotal». Consistem nas ficções e vestigios tradicionaes conservados na imaginação dos povos que se submetteram á religião christã e provenientes de religiões anteriores polytheistas e fetichistas, as quaes não foram admittidas pela severidade canonica do Catholicismo.

N'este interessante volume, depois de descrever a formação das lendas, estuda um grande numero d'ellas, agrupando-as segundo a sua origem, as *Lendas da Santa Familia,* que abrangem as de José, de Santa Anna, de Santa Isabel e S. João Baptista, e ainda a de D. João, tão explorada na litteratura; as *Lendas da Virgem-Mãe,* incluindo as da Natividade e da Mäter Dolorosa; as *Lendas da Paixão,* que se referem á Descida ao Inferno, ao fim do mundo e Juizo final e á Dansa da Morte; as *Lendas do Primado da Egreja,* isto é, do Preste João, do Judeu Errante, de Santo Graal, de S. Thiago e do tributo das Donzellas e de Martha, Magdalena e Lazaro; por ultimo as *Lendas da Controversia theologica,* que são as de Virgilio e do Doutor Fausto.

A Egreja nascente começou por fazer a apotheose da ignorancia, e por firmar-se n'essa mesma ignorancia para luctar contra a cultura hellenica, que ameaçava dissolver a nova religião em escóla philosophica, e contra o espirito pratico da civilisação romana, que tendia a dar aos proselytos o caracter de facção politica. O Christianismo de facto teve origem no meio da plebe, entre pescadores, homens rudes do campo, libertos e mulheres publicas, nasceu *de vili plebecula* como dizia com orgulho S. Jeronymo, foi gerado na mais baixa ralé. Ter-

tuliano prégava: «É a ti que eu fallo, alma simples, ingenua, ignorante, que nenhuma outra cousa mais aprendeste do que o que se sabe nas ruas e nas tavernas». O proselytismo effectuava-se pela fé em opposição á rasão. *Credo, quia absurdum!* exclamava Santo Agostinho.

«Para onde quer que nos voltemos, escreve Theophilo Braga, abundam os documentos d'esta apotheose da ignorancia sobre que a Egreja se implantou como instituição. Bem accentuado este caracter, que a Egreja teve de abandonar por causa do conflicto da civilisação que a supplantaria, são importantes as deducções que d'ahi se tiram, não só para explicar a actividade intensa e o audacioso syncretismo com que essas imaginações rudes accumularam lendas de todas as proveniencias, como tambem a propria Egreja durante a Edade-média renegou a cultura greco-romana, afastando a intelligencia d'esses mananciaes da Civilisação occidental» (pag. 12).

Mas com o decorrer dos tempos a Egreja reconheceu a necessidade, para não succumbir, de se afastar da primitiva ignorancia e tornou-se cada vez mais sophistica e mais intolerante até que obteve de Constantino a protecção official, passando a ser religião de estado. Por esta transição da ignorancia para a theologia, muitos objectos de adoração, muitos symbolos, ficaram no dominio popular, sendo condemnados pela Egreja. Aconteceu isto no IV seculo, quando a Egreja de perseguida se converteu á sombra do poder imperial em perseguidora dos restos do polytheismo.

Emilio Burnouf confirma esta transição radical que

se deu no IV seculo, com a substituição dos symbolos e emblemas da *Natividade* pelos da *Paixão,* e Theophilo Braga explica o facto pela difficuldade de introduzir n'aquelles uma interpretação allegorica e de os separar dos elementos chtonianos e materiaes, pertencentes ás tradições mais antigas da Egreja. Ora, como diz o auctor das *Lendas christãs,* «o mytho de um mediador que se sacrifica, como *Agni* e *Mithra,* prestava-se á theoria da penitencia, da regeneração moral e da redempção da humanidade. Para uma religião que começava, rasgando as paginas mais brilhantes do progresso humano, convinha-lhe partir da crença da decadencia do homem, e da sua missão redemptora da graça primordial perdida» (pag. 16).

Foi o espirito popular que fecundou a Egreja primitiva, brotando todas as lendas do seio das communidades christãs; essa Evangelisação espontanea, rejeitada pela Egreja depois da sua organisação theologica, universalisou-se pela inspiração poetica, e mais tarde quando a theologia soffreu os embates do livre exame, renasceu como uma reacção ou como uma regeneração pela popularidade das ordens mendicantes.

Assim na parte cultual do Christianismo encontra-se uma dupla corrente de idealisação e de crença: até ao IV seculo prepondera exclusivamente o culto da *Natividade,* originario dos mythos do Fogo, d'onde provém a Cruz sem crucificado, a Estrella dos Magos, a Arvore do Natal, e o Bastão de S. José, «fragmentos de um systema religioso que se decompõe na imaginação popular» e ao qual se incorporam «as lendas das Deusas-Mães

dos cultos chtonianos, que vieram mais tarde na Egreja a ter um desenvolvimento independente no culto da Virgem»; depois do IV seculo tem a precedencia «o culto e symbolisação ritualistica e iconographica da *Paixão*» derivado do mytho solar do joven-deus morto prematuramente, a qual se desenvolve em lendas pela *imitação* e pela *parodia* ou *imitação grotesca.* Este criterio serve para classificar e coordenar todas as lendas do Christianismo, que passou por tres phases hierologicas, a *cultual*, dos ritos ou systema liturgico, a *mystica,* dos Symbolos, Imagens e Emblemas, e a *theologica,* da interpretação racional dos mythos pela classe sacerdotal. Cada uma d'estas phases é acompanhada de uma nova formação de Lendas.

Os limites que temos de dar a este volume não nos permittem consagrar ás *Lendas christãs* um desenvolvido estudo.

As *Lendas da Santa Familia* brotaram dos collegios ou associações obreiras de Roma, e trouxeram naturalmente a imagem do meio, como se vê no nascimento e na infancia de Jesus. O culto das Virgens-Mães e o destino funerario das Columbaria transformaram-se e entraram no Christianismo em formação. No culto da Virgem-Mãe, como o demonstra Theophilo Braga, ha vestigios polytheistas; os ritos da prostituição sagrada reflectem-se nos banquetes dos ágapes, nos costumes das agapetas, nos emblemas da *pomba* phallica (Espirito Santo), na *pedra* de Pedro (fundamento da Egreja), e nas lendas de *Anna* e de S. João Baptista; os ritos funerarios produzem as lendas de S. José, evidentemente

ligadas ao Culto da morte. O eminente escriptor apresenta e analysa successivamente as relações entre as lendas de S. José e o Culto da morte, entre as lendas de Santa Anna e os Cultos eneanos ou hetairistas, entre as lendas de Santa Isabel e S. João Baptista e os mesmos Cultos e tambem entre a lenda de D. João e esses Cultos orgiasticos.

Passando ás *Lendas da Virgem-Mãe* considera a influencia das seitas gnosticas provada pelos elementos das religiões chtonianas e orgiasticas, e differença as varias camadas historicas que n'ellas se syncretisaram. «Na evolução religiosa nada se perde; diz Theophilo Braga (pag. 106), tudo se transmitte pela tradição, modificando-se segundo os estados sociaes e o gráo de consciencia individual». Os elementos constitutivos d'esse syncretismo são desfiados em diversos grupos, conforme se referem á *Dea-Meretrix,* á Deusa-Mãe (*lendas da Natividade*), á *Mater dolorosa* e a *Nossa Senhora.* N'este capitulo reproduz o auctor o admiravel *Stabat Mater* da Natividade e o assombroso *Stabat Mater* do Calvario, um e outro hymno de Jacopone da Todi, e outro *Stabat* não menos bello, em italiano, que se attribue ao terrivel papa Bonifacio VIII.

As *Lendas da Paixão,* objecto de um capitulo, são estudadas nas suas relações com o culto solar e separadas em *lendas da descida ao Inferno,* thema predilecto das Epopêas antigas, em lendas do *fim do mundo e Juizo final,* e emfim na lenda da *dansa da Morte,* ou *Procissão dos Defuntos,* como subsiste na crença popular portugueza. Como no capitulo anterior reproduziu os su-

blimes *Stabat,* n'este reproduz, além de alguns trechos de hymnos medievaes, a estupenda Sequencia *Dies iræ,* e como contraste um *Dies vitæ,* ou cantico dos justos, vasado nos mesmos moldes.

As *Lendas do Primado da Egreja* é o titulo de outro capitulo. Como as differentes Egrejas disputavam entre si primazias, antes do reconhecimento da precedencia da Egreja de Roma, procuravam attribuir-se origens apostolicas, indo buscar a rasão dos seus privilegios e da sua independencia a um determinado apostolo ou discipulo de Jesus. «Começou o trabalho de vulgarisação de uma lenda poetica — sobre a viagem maravilhosa de um apostolo, como S. Thiago em relação á Egreja de Hespanha — escreve Theophilo Braga — José ab Arimathea, em relação á Egreja de Inglaterra, Martha e Lazaro, em relação á Egreja franceza. Todas estas lendas se enxertaram sobre elementos tradicionaes populares do primitivo polytheismo indo-europeu, e algumas d'ellas, pelo seu desenvolvimento poetico tornaram-se cyclos de elaboração litteraria» (pag. 205). As origens da *lenda do Preste João* encontram-se na auctoridade de um apostolo reivindicada pela Egreja do Oriente, que disputava para si o primado [1].

---

[1] No seu livro *Os descobrimentos dos Portuguezes e os de Colombo,* serviu-se Pinheiro Chagas dos resultados criticos sobre a lenda do Preste João, e confessa-o dignamente: «Este livro do snr. Theophilo Braga é na verdade excellente e foi-me de um grande auxilio n'este estudo ácerca das viagens da lenda do Preste João. A

Theophilo Braga estuda desenvolvidamente esta lenda, que tanta influencia teve nos descobrimentos e navegações dos Portuguezes; e a seguir a *lenda do Judeu Errante,* que traduz «a impressão das aventurosas peregrinações por promessas de penitencia» (pag. 232) e que se relaciona com a lenda germanica do *Caçador eterno;* a *lenda do Santo Graal e da Tavola-Redonda* da Egreja bretã; as *lendas de S. Thiago e do Tributo das Donzellas* da Egreja de Hespanha; e as *lendas de Martha, Magdalena e Lazaro* que na Egreja franceza meridional substituiam «a auctoridade da propaganda apostolica necessaria para lhe dar as isenções da protocathedrica» (pag. 281).

Emfim o ultimo capitulo é consagrado ás *Lendas da Controversia theologica* entre Petrinistas e Paulinistas, dous elementos poderosos e contrarios que entraram em lucta na constituição theologica do Christianismo, correspondendo ao genio particular das raças *semita* e *árica.* A concepção da *Graça,* da salvação pelo amor, deu origem ás *lendas de Virgilio;* e o conflicto entre o es-

---

não ser o livro de Marco Polo e os artigos do illustre sinologo Panthier, que consultámos directamente, as fontes que citamos são as que o snr. Theophilo Braga aproveitára e indicára. Folgamos de prestar esta homenagem ao nosso illustre confrade, porque, apesar de estarmos muito em desaccordo com alguns dos pontos de vista d'este seu novo livro, não deixamos de reconhecer que é mais uma prova do muito talento e da muita erudição do seu auctor». (*Os descobrimentos,* pag. 129, nota 69).

pirito estreito da letra e a larga interpretação da doutrina provocou a *Formação da lenda do Fausto*, que era na Edade-média um *feiticeiro* e que fôra forçosamente n'uma época mais primitiva um *demiurgo*.

Theophilo Braga, estudando as *Lendas christãs*, acompanha os themas tradicionaes na sua evolução poetica ou artistica através da Civilisação christã, e mostra como foram renovados na sympathia social. «Foi por via d'essas tradições, assimiladas ao culto ou interpretadas pelos dogmas, diz o eminente professor, que o Christianismo trouxe á sua disciplina affectiva essas grandes raças polytheicas» (pag. 397).

As *Lendas christãs*, como as *Origens poeticas do Christianismo*, são excerptos de um trabalho sobre a *Historia da Poesia do Christianismo*, que deverá ser como uma introducção á *Civilisação moderna da Europa* no vasto quadro da *Historia universal*.

4. As festas do Centenario de Camões

Duas vezes, no decurso da nossa existencia, temos visto percorrer todo o paiz, desde a capital ás povoações mais sertanejas, um estremecimento de vida como prenuncio de que o povo portuguez ia afinal levantar-se do seu profundo lethargo. Por duas vezes nos pareceu que a nação acordava do seu desolador indifferentismo. Foi a primeira, em 1880, quando se celebrou o tricente-

nario de Camões; o nome do immortal cantor dos *Lusiadas* teve o condão de erguer por alguns instantes o sentimento da nossa nacionalidade; o coração de todos os portuguezes bateu unisono de enthusiasmo ao recordar a data da morte d'aquelle poeta que eternisou as nossas passadas glorias. O dia 10 de junho de 1880 foi um verdadeiro dia de delirio. Mas em breve passou esse esplendido alento da vida nacional.

Dez annos depois, em 1890, quando o inglez nos affrontou com o seu brutal *Ultimatum*, assistimos pela segunda vez ao bello espectaculo de um povo, cioso das suas tradições e dos seus brios nacionaes, lançar um brado energico de protesto a favor da sua independencia ameaçada e da sua dignidade offendida. E n'esse momento de sublime indignação, a fórma mais sympathica que revestiu o protesto nacional, foi a faixa de crepe com que envolveram o monumento do grande epico.

E porque? Porque Camões é na verdade o symbolo querido da nossa nacionalidade.

Um livro sobre Camões sempre desperta interesse, porque o poeta e as suas obras nunca se acham sufficientemente estudadas, em consequencia da intima ligação que têm com o sentimento nacional.

Theophilo Braga, um dos mais infatigaveis obreiros da nossa reviviscencia intellectual e politica, revela uma particular predilecção pelo immortal auctor dos *Lusiadas*. Foi elle o principal fautor da celebração do tricentenario, semeando a ideia durante alguns annos e preparando a sua immediata realisação por meio de oito

conferencias e de innumeros artigos em publicações periodicas [1].

Anteriormente já dera a publico, além de um capi-

---

[1] Depois do exito incomparavel do Centenario de Camões, que fixa uma época nacional, a Sociedade de Geographia, ou o seu secretario perpetuo Luciano Cordeiro, chamou para si essa iniciativa pelo facto de ter prestado as suas salas ás reuniões prévias e convocado os jornalistas, que se constituiram em commissão, em 3 de abril de 1880.

Escreveu porém o dr. Horacio Ferrari, no *Alemquerense* (anno II, n.º 57, de 1889) mostrando como a Associação academica de Lisboa, em 1878 recebera uma proposta para a celebração do Centenario:

«Depois d'isto (os artigos sobre a hegemonia de Portugal, no *Jornal do Commercio*, de abril de 1878), guiados por um artigo do nosso eminente mestre e amigo Theophilo Braga, no *Positivismo*, e coherentemente com a ideia que faziamos da influencia hegemonica, propuzemos na *Associação academica de Lisboa*, que fosse celebrado o Centenario de Camões por os estudantes de todas as Escholas do paiz, e que tomasse aquella Associação a iniciativa d'esse grande movimento de regeneração nacional. Foi isto muito antes de se fallar na Associação dos Jornalistas, em tal celebração, e quando ainda ninguem entre nós pensava em commemorar a eloquente data de 1580. Theophilo Braga referia no *Positivismo* os trabalhos que na Allemanha se preparavam para recordar o tricentenario de Camões, e lastimava que em Portugal ninguem pensasse ainda em celebrar esse facto de tão transcendente significação. D'elle, pois, partiu a iniciativa, e da classe academica de Lisboa, o primeiro movimento, tão unanimemente secundado por toda a nação».

Eis outros testemunhos dos jornaes d'esses proximos dias:

«Consta-nos tambem que alguns membros do Centro republicano federal projectam offerecer um banquete ao seu benemerito corre-

tulo sobre o poeta no primeiro volume da *Historia do Theatro portuguez* (em 1870), os dous tomos da *Historia de Camões* (1873-75) e a edição critica das *Obras*

---

ligionario Theophilo Braga, pela *iniciativa e poderosa influencia que exerceu na grande festa nacional*». (*A Vanguarda,* n.º 6; 13 de junho de 1880).

*

«Un des plus illustres membres du groupe républicain fédéral le savant professeur Theophilo Braga, est celui qu'a eu la première idée, idée qu'il a tout de suite mise en activité avec son energie infatigable. A cette petite cellule, c'est juxtaposé la presse, à celle-ci toutes les classes, l'hotel de ville en tête. Donc, dire que le roi a concouru pour cela, c'est tomber dans une erreur avillisante pour un peuple qui veut se relever». (Hugo Leal, *A Vanguarda,* n.º 6).

*

— «Lá fóra trabalha-se em parte por influencia sua para que appareçam homenagens extranhas nas festas do Centenario de Camões.

«Theophilo Braga não tem descansado um momento na sua propaganda para o esplendor devido na commemoração da morte do grande epico. —

«Isto escrevemos nós ha seis mezes; os factos realisam as nossas previsões. Ao snr. Theophilo Braga se deve uma parte importantissima nas festas do Centenario. Honra ao distincto professor e activo propagandista». (*Diario de Portugal,* n.º 770; 12 de junho de 1880).

*

completas de Luiz de Camões, publicada pela *Actualidade* (1873-74). Em 1880, para celebrar o anno do tricentenario, publicou Theophilo Braga a *Bibliographia Camoneana* e innumeros estudos e artigos, entre os

---

«Começa a levantar-se na imprensa debate que promette ser vigoroso entre o jornalismo do governo e a imprensa lisbonense, a cuja iniciativa se deve a festa do Centenario. Por hoje só protestamos contra a escandalosa falsidade de se pretender attribuir a iniciativa d'esta commemoração ao jornalismo progressista. *A iniciativa do Centenario de Camões partiu* do sabio professor do Curso superior de lettras e illustre chefe do partido republicano em Portugal, o snr. dr. Theophilo Braga, que pelo seu talento e erudição é o primeiro cidadão portuguez». (*Commercio de Portugal*, n.º 294, de 19 de junho de 1880).

*

«Enfin, le *Centenaire de Camões* a marqué une étape de plus dans la grande voie du progrès.

«Honneur à l'initiateur de cette grande fête! Honneur à ceux qui s'y sont associés de plein cœur!

«Le nom de Theophilo Braga, professeur du Cours supérieur de lettres, et celui de la presse de Lisbonne resteront greffés à jamais dans le cœur de tous les portugais». (*Commercio de Portugal*, n.º 292; 17 de junho de 1880).

*

«O snr. Theophilo Braga, que n'esta propaganda tem um quinhão que muito o honra, abriu secção apropriada no *Commercio de Portugal*, onde faz chronica de todas as iniciativas que se levantam». (*Correspondencia de Coimbra*, n.º 31, IX anno; 20 de abril de 1880).

*

quaes sobresaíram os prologos ás suas edições criticas das Lyricas (*Parnaso*) e dos *Lusiadas*. Posteriormente continuou a occupar-se com vivo interesse de Camões; em 1884 no bello livro *Os Centenarios*, dedicou ao

---

«Ao incansavel cultor das douradas e fructiferas mésses da sciencia, ao primeiro trabalhador portuguez, Theophilo Braga, deviamos nós o primeiro logar da nossa folha de hoje.

«Foi elle quem inaugurou com a robustez herculea dos seus solidos conhecimentos o primeiro passo vacillante da *Actualidade* na senda agra da publicidade; foi elle que, com o seu elevado criterio scientifico, com o seu profundissimo peculio de saber, dictou a norma justiceira e recta que nós temos seguido no meio do estuar das mais encontradas paixões.

«É pois um dever de gratidão que cumprimos reconhecidos; mas é mais do que isso, é a expressão subida da nossa veneração pelo nome respeitado do sabio a quem hoje Portugal deve mais, o ser desaffrontado da negra mancha do olvido que votou á memoria do immortal cantor dos *Lusiadas*». (*A Actualidade*, n.º 130, VII anno; 10 de junho de 1880).

*

«É de justiça consignar aqui o facto incontestavel de pertencer a Theophilo Braga um grande quinhão da iniciativa, productora d'este grande movimento nacional — a celebração do Centenario de Camões. Cabe-lhe essa gloria». (*Diario Illustrado*, n.º 2:536; Supplemento).

*

Passados dous annos, escrevia-se no *Povo de Aveiro* (n.º 45, de 3 de dezembro de 1882):

«Em compensação o que são os homens da republica?

grande épico muitas paginas, e ainda em 1892 publicou uma nova obra a elle inteiramente consagrada. É o *Camões e o Sentimento nacional.*

«São Theophilo Braga promovendo as festas do tricentenario camoneano, que fez tremer de espanto e de susto os homens da corôa, e que fez echoar lá fóra o nome de Portugal, esquecido desde que a borrasca provocada pelos homens do passado afundou a ultima galera da nossa marinha triumphante, a ultima d'aquellas bandeiras que os heroes d'outras éras iam plantar nas penedias adustas da India e da Africa!»

*

E em 1889, commemorando o dia 10 de junho, publicava o *Seculo* na sua ephemeride:

«A ideia do tricentenario de Camões foi, durante tres annos, advogada pelo erudito professor, nosso amigo, dr. Theophilo Braga, já em conferencias, já em prelecções, no Curso superior de lettras, já na imprensa. A elle se deve o pensamento inicial d'esta gloriosa celebração, que tanto tinha de influir depois no movimento dos partidos avançados».

*

Ramalho Ortigão, nas *Cartas portuguezas,* dá conta da impressão que lhe produziram as Conferencias de Theophilo Braga:

«As conferencias e as leituras, organisadas pela Associação dos Escriptores, foram iniciadas ante-hontem, quinta-feira, dia santo, por Theophilo Braga, no salão do theatro da Trindade.

«O conferente fallou desde uma hora até ás tres da tarde, sendo recebido pelo publico com uma grande salva de applausos e terminando no meio de uma verdadeira ovação.

BIBLIOGRAPHIA CAMONIANA. — Edição primorosa, uma das mais bellas, que saíram dos prélos portuguezes por occasião da imponente solemnidade nacional, que se realisou em honra do immortal épico — Luiz de Camões.

«Explicando as relações de Luiz de Camões com a nacionalidade portugueza e demonstrando largamente como o livro dos *Lusiadas*, escripto no momento em que Portugal ia ser absorvido pelo dominio hespanhol, é como o titulo sagrado do naufragio que o piloto lança ao mar, lacrado n'uma garrafa, Theophilo Braga fez comprehender bem o sentido da festa que se prepara no intuito de salvaguardar as novas gerações da catastrophe que subverteu a independencia de seus avós fortificando o espirito novo pela adhesão de todas as vontades em torno da mais alta gloria da nação portugueza.

«O illustre professor foi eloquentissimo quando, ao investigar as causas que em 1580 determinaram a queda da nossa nacionalidade, elle estabeleceu que a dominação hespanhola não proviera da senilidade nem da decrepitude do povo, mas sim de um vicio extranho, mas profundo, introduzido no seu organismo. Esse cancro que devorou toda a energia da nacionalidade portugueza no ultimo quartel do seculo XVI foi o jesuita. Foi o jesuita, e Theophilo Braga evidenciou-o poderosamente — foi o jesuita quem, apoderando-se da alma portugueza pelo confissionario e pela eschola, sugou até á ultima gotta as fontes vivas da nossa dignidade e do nosso valor.

«Pelo confissionario o jesuita fez da hypocrisia e da traição a norma da vida, a lei da consciencia, a base da bemaventurança. Pelos seus systemas pedagogicos fundados no desenvolvimento exclusivo da memoria instigada pela pancadaria, o jesuita prostrou a intelligencia portugueza, como se prostra um cavallo fazendo-o galopar em torno de um picadeiro, e prostrou a dignidade, esmagando-a com o castigo corporal, ácerca do qual Theophilo Braga teve esta phrase incisiva e profunda: *Todo aquelle que bate n'uma criança assassina um homem.*

«O ensino da grammatica, da dialectica, da logica, da rhetorica

Este nome, recordado tres seculos depois que o potente organismo humano, que concebeu os *Lusiadas*, se decompunha ao mesmo tempo que a patria perdia a sua autonomia, foi como que o acordar de um povo para a

---

e das linguas, imposto pelo jesuita em todas as suas escholas, com exclusão de toda a noção scientifica, reduzia o espirito a um cansaço esteril e bestificador. Aprender palavras, formulas, argumentos, argucias, equilibrios e volteios de phrases, saltos, forças e deslocações de raciocinios, sem metter uma ideia, nem um principio, nem uma noção clara e positiva a justificar essa gymnastica do pensamento, é o mesmo que esgotar a força puxando a um remo no alto de um mastro.

«Theophilo Braga disse: «O ensino jesuitico fez cahir exanime a intelligencia portugueza á força de a fazer dar á manivela de um moinho vazio». Não se define com um traço mais vivo e mais justo a influencia nefasta da direcção ecclesiastica sobre as energias mentaes do povo portuguez.

«A annexação de Portugal á Hespanha foi o premio pago ao jesuita pela sua tarefa de aniquilação sobre a vitalidade do espirito publico, foi o seu primeiro passo para a obra immensa da obediencia universal, base de um só imperio, correspondente a uma só egreja, divisões unicas do mundo subjugado pelos dous unicos e legitimos representantes de Deus — o imperador e o papa.

«Camões, symbolo da intelligencia nacional como sendo pelo seu genio a mais alta expressão d'essa intelligencia, representa para o destino politico de Portugal o poder opposto áquelle que ha tres seculos o prostrou aos pés do invasor castelhano. Elle representa para este pequeno povo a unica força em que tem de fundar-se a sua lucta e a sua resistencia pela liberdade: a força da sua consciencia historica, a força das suas tradições, das suas ideias, das suas acquisições scientificas e do seu genio artistico.

«Theophilo Braga, pondo em um grande relevo scientifico a significação do centenario de Camões, mostrou ao mesmo tempo qual

vida historica e para os progressos do mundo moderno. A lembrança d'este nome despertou a consciencia da nacionalidade portugueza, e a nação, erguendo-se unanime, dispendeu uma energia, mostrou uma vitalidade com que verdadeiramente ninguem contava. Os mais indifferentes sentiram-se abalados. Parece que um choque galvanico pôz em vibração todas as moleculas do organismo social. Effectivamente o nome de Camões produziu esse effeito, porque os *Lusiadas* encerram em si o que um povo tem de maior e de mais intimo, a consciencia da sua nacionalidade. Mas não se julgue que foi o nome de Camões, ou a sua obra genial a causa da revivescencia; esta não se dá de um momento para outro, leva annos e annos a consummar-se; na vida dos povos não ha solução de continuidade, como a não ha nas evoluções da natureza, *Natura non facit saltus.* A festa do centenario foi um symptoma grandioso da revivescencia nacional; foi o revelador da intensidade e da força da trans-

---

a importancia das conferencias d'este genero, no momento presente da sociedade, quando as revoluções se não fazem já pelos cataclysmos cosmicos, nem pelas guerras dynasticas, nem pelos motins populares, mas sim, lenta e serenamente, pela evolução das ideias, pela sua assimilação no espirito publico, e pelo seu desenvolvimento subsequente em aspirações e em necessidades geraes. N'este sentido, disse elle que as conferencias eram a *missa civil* a que todo o cidadão devia levar a sua mulher e os seus filhos para o fim de os pôr em communicação com o desinteressado espirito de justiça e de verdade, que é o *in eo vivimus et sumus* da consciencia moderna».

(Cartas portuguezas, 8 de maio — *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, n.º 199, IV anno).

*

formação por que está passando a nossa nacionalidade. O primeiro e o segundo centenarios passaram desapercebidos, porque o paiz estava abysmado na degradação monarchica e theocratica; o povo não lia Camões porque não o comprehendia; entre 1670 e 1702 não se reimprimiram os *Lusiadas* e durante o seculo XVIII apenas se fizeram nove edições. No seculo actual já se contam mais de outenta, o que prova o levantamento moral da nação; a festa commemorativa do tricentenario foi a comprovação d'esta verdade e o symptoma mais evidente e positivo da rejuvenescencia de Portugal. O Brazil, esse povo irmão pelo sangue e pela lingua, essa nação americana que atravessa uma crise identica áquella que nós atravessamos, sentiu-se egualmente abalado e commovido ao pronunciar-se o nome de Camões e não se esqueceu de prestar ao grande épico as devidas homenagens no tricentesimo anniversario do seu fallecimento. O Brazil acompanhou Portugal n'esta esplendida e expansiva manifestação de enthusiasmo e de alegria, que tem a dupla significação de agradecimento pelo passado e de revivescencia no presente para a vida historica e para o progresso. Luiz de Camões ligava os dous povos pela tradição; agora liga-os tambem pela esperança.

O snr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, brazileiro distincto pela sua illustração e intelligencia, comprehendendo a alta significação do Centenario, quiz prestar um tributo pessoal á memoria do poeta, que soube archivar n'um livro immorredouro a consciencia do povo navegador e arrojado, que além do Oceano fundou uma nova nacionalidade; parecera-lhe que uma Biblio-

graphia de tudo que disse a respeito a Camões, que contivesse a vasta série de edições das suas obras, de traducções, de obras de arte consagradas ao poeta ou por elle inspiradas, seria um monumento de justiça levantado ao genio por occasião do seu tricentenario; para esse fim pôz á disposição do dr. Theophilo Braga todos os recursos necessarios, não só para que se realisasse este pensamento, mas para que se realisasse de um modo grandioso. Só em fins de janeiro de 1880 é que se resolveu a execução de trabalho tão difficil, e foi á custa de muitos esforços e de uma tenacidade inquebrantavel, tanto da parte do auctor, como do editor, que se conseguiu levar a effeito aquella ideia no curto espaço de quatro mezes e meio [1].

Felizmente o livro appareceu no dia do centenario, e foi uma das maiores homenagens prestadas ao épico sublime. A edição, luxuosa e cuidada, saíu dos prélos do snr. Christovão Rodrigues, e constou de 325 exemplares numerados e assignados pelo auctor e editor, sendo os 25 primeiros em papel de linho (Whatman) e os mais em papel velino branco (Montgolfier).

A obra comprehende *Introducção* e cinco capitulos. Na introducção expõe o dr. Theophilo Braga as causas que impõem aos portuguezes o dever moral de comme-

---

[1] No *Polybiblion*, revue bibliographique universelle, de fevereiro de 1881, escrevia M. Adolphe de Culenéer: «M. Braga estava bem preparado pelos seus estudos para nos dar com relação a Camões, o que n'estes ultimos tempos fizeram para Racine, Corneille e Molière, MM. Picot e Lacroix».

morar o centenario de Camões e explica a significação d'esta festa da nossa nacionalidade. No capitulo I occupa-se das *Edições dos Lusiadas, Rimas e Autos* que se fizeram desde 1572 até ao presente, acompanhando algumas de commentarios e observações importantes; as edições dos *Lusiadas* mencionadas n'este capitulo chegam a 90, sendo só do seculo actual 63, incluindo 6 em que viram a luz com as outras obras de Camões; no seculo passado houve 5 edições das obras completas e 4 dos *Lusiadas* em separado; é interessante o confronto. O capitulo II é consagrado aos *Commentarios, estudos criticos, obras litterarias e poeticas ácerca de Camões em Portugal,* dispostos pela ordem alphabetica dos nomes dos auctores, incluindo já alguns dos trabalhos feitos para o centenario. O capitulo III foi destinado para *As traducções dos Lusiadas e Rimas de Camões,* dispostas egualmente pelos nomes dos traductores. São mencionadas 63 traducções do poema completo, além de traducções de varios trechos dos *Lusiadas* e de sonetos, eglogas, canções, etc., sendo 15 em francez, 12 em castelhano, 8 em inglez, 7 em latim e em italiano, 6 em allemão, e 1 em polaco, russo, hungaro, sueco, dinamarquez, hebraico, hollandez e grego. *Monographias, criticas e obras litterarias estrangeiras ácerca de Camões* é o titulo do capitulo IV e comprehende perto de duzentos nomes de escriptores de todas as nações civilisadas. O capitulo V encerra a *Parte artistica, retratos, medalhas, estatuas, monumentos, operas, composições musicaes.* Segue a este capitulo um *Additamento* de trabalhos publicados durante a impressão do volume.

Como não podia deixar de ser, n'esta obra não são mencionados muitos trabalhos [1] sobre Camões e as suas obras, mas esta falta por fórma alguma póde diminuir o

---

[1] Falta, por exemplo, o nome de M.me Amable Tastu, que n'um volume de poesias traz sob o titulo de *La marinière* (de Luis Camoens) uma imitação das formosas voltas ao mote:

Irme quiero, madre,
Á aquella galera,
Con el marinero
Á ser marinera.

Aqui a deixamos transcripta:

Je veux me fier
A cette galère,
Et d'un marinier
Être marinière.

Il faut, ô ma mère!
Pour ne pas rester,
Que de te quitter
L'amour me requière!

Cet enfant altier
Me tient prisonnière,
Et d'un marinier
Me fait marinière.

Adieu donc la terre,
Pour ce pont flottant:
C'est là qu'il m'attend!...
Adieu donc, ma mère.

J'ai dû me plier
A sa vie entière:
Il est marinier
Je suis marinière.

Si dans sa colère
Gronde un vent jaloux,
Si l'onde en courroux
Franchit sa barrière,

Tu viendras prier
Sous la croix de pierre,
Pour le marinier
Et la marinière.

valor d'este monumento litterario [1]. Foram grandes as difficuldades com que o auctor teve de luctar para no curto espaço de quatro mezes escrever e publicar um trabalho d'esta ordem, principalmente tendo ao mesmo tempo entre mãos muitos outros trabalhos de não menor responsabilidade e importancia. São dignos de louvor os esforços empregados pelo dr. Theophilo Braga para levar a cabo a empreza, e a valiosissima coadjuvação do dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro para saír á luz esta glorificação do genio.

Camões e o Sentimento nacional. — N'este livro re-

---

[1] M. Culenéer termina assim o juizo critico sobre a *Bibliographia camoniana:* «a publicação da obra de M. Braga é um grande serviço prestado á sciencia, e nenhum auctor poderá de ora em diante occupar-se da historia litteraria de Portugal sem recorrer ao seu livro. Quanto á execução typographica, ella é tão bella e tão luxuosa que faria honra ás melhores officinas de França.

«Percorrendo esta lista immensa de publicações é que se conhece o valor do poeta que fórma o objecto d'ella. Não se faz um estudo tão constante e tão universal, senão das obras de um genio que seja a personificação viva de toda uma nação. Tambem é nobre exemplo o que a nação portugueza deu pela grande manifestação de 10 de junho ultimo. Estas festas constituiram uma digna resposta aos sarcasmos que certos auctores malevolos arrojavam sobre Portugal. Uma nação que tem ainda bastante força e intelligencia para reconhecer o merito dos seus grandes homens e mostrar-se ufana com os heroes que ella produziu, póde ter perdido o seu poderio de outr'ora, póde ter os seus momentos de frouxidão e de inercia, mas cabe-lhe um glorioso futuro. (*Polybiblion*, tom. xxx, pag. 150. — 1881).

uniu o distincto escriptor varios estudos, dispersos por conferencias, revistas e prologos de edições das obras do poeta, em grande parte publicados por occasião do centenario, mas agora devidamente revisados e postos ao corrente dos ultimos resultados criticos e da comprehensão geral a que se chegou do grande seculo xvi. Conforme promette o auctor no prologo do volume, a sua *Historia de Camões,* que faz parte do enorme corpo intitulado *Historia da Litteratura portugueza,* será mais tarde emendada por este livro.

As seguintes palavras do prologo definem bem a importancia social da obra de Camões para a nossa nacionalidade:

«O assumpto do *Camões e o Sentimento nacional* é um dos mais curiosos problemas da Sociologia, porque partindo do facto — como uns aggregados de povoações cantonaes chegaram á unificação de Patria pelo amor do seu territorio, a necessidade de mantêl-o em independencia obrigou-os a uma acção commum, a um ideal collectivo que fortifica o sentimento da Patria em Nacionalidade. No seculo xii, como notou Herculano, já o nome de *portuguez* destacava as povoações de cidades livres, que a realeza submetteu por contracto defensivo á subordinação monarchica; porém, uma Patria portugueza sómente apparece em toda a plenitude do sentimento no heroismo da victoria de Aljubarrota e na idealisação do *santo Condestavel.*

«A actividade maritima que levou os portuguezes a procurarem no Atlantico a liça para o esforço, e a apoiarem pelas descobertas maritimas a exiguidade do terri-

torio, fez com que essa Patria, pequena mas muito amada, se convertesse em uma fecunda Nacionalidade. Tal é a synthese das navegações portuguezas e da descoberta do caminho maritimo da India.

«Camões deu expressão a este sentimento que transformou uma Patria em Nacionalidade historica. O valor da sua epopêa está n'este poder de concepção e na sublimidade da expressão esthetica, que torna os *Lusiadas* uma creação typica da arte moderna».

D'esta intima ligação entre Camões e o sentimento da patria provém todo o interesse e toda a sympathia que provocam os estudos sobre a vida e as obras do mais preclaro representante da nossa nacionalidade. Por isso o centenario do cantor dos *Lusiadas* fez vibrar a alma nacional; por isso tambem, perante a affronta estrangeira, o impulso natural da multidão foi tornar o épico participe da dôr e do lucto nacionaes.

Theophilo Braga no *Camões e o Sentimento nacional,* collige as ultimas conclusões dos investigadores ácerca da vida do poeta e estuda a epopêa da Nacionalidade, a obra lyrica e o theatro camoniano á luz da historia e da critica, segundo os resultados mais recentes da applicação dos methodos scientificos aos phenomenos da sociologia. Entre outros pontos notaveis, ha n'este livro uma recensão de poesias camonianas, já iniciada por D. Carolina Michaëlis, e um schema de coordenação das varias edições do poema.

No final do livro reuniu o auctor alguns additamentos curiosos, como uma noticia sobre a sepultura de Camões, as circulares da commissão executiva da imprensa

para o centenario, e o discurso pronunciado na abertura do Congresso das Associações portuguezas [1].

Transcrevemos em seguida uma mensagem que os republicanos e Positivistas de S. Paulo (Brazil) dirigiram a Theophilo Braga depois da celebração do Tricentenario de Camões, a qual tem o valor de uma apreciação synthetica da sua obra. Esta mensagem é um documento valiosissimo para a historia das relações intellectuaes que existem entre os dous povos, que fallam a lingua portugueza; a celebração do tricentenario de Camões veiu apertar os laços de solidariedade entre Portugal e Brazil, pondo de accordo n'um mesmo pensamento todos os cerebros livres e novos das duas nacionalidades, todas as intelligencias a quem de direito pertence o poder espiritual das sociedades brazileira e portugueza; d'esta orientação commum deve resultar a regenera-

---

[1] No jornal de Lisboa *A Epoca*, n.º 3, de 1882, dando noticia da celebração d'este congresso, lê-se :

« Está reunida esta importantissima assembléa, que se póde dizer representa as forças vivas do paiz.

«Ideia luminosa de um dos vultos mais prestantes no periodo revolucionario que atravessamos — o snr. Theophilo Braga — essa ideia tornou-se filha adoptiva do grande facto que se chama centenario de Camões. Foi este o berço onde se desenvolveu a util proposta do erudito professor, e assim a vemos hoje realisada para satisfação de todos os que preferem estes novos campos de batalha, onde só se combate com a penna ou com a palavra.

« São cento e vinte as associações representadas no congresso, e n'ellas se contém os differentes ramos da vida: de soccorro mutuo, etc. »

ção dos dous povos, actualmente n'um estado desolador de decomposição e esphacelamento a que os levou a monarchia e a egreja catholica, alliadas, tanto na Europa como na America, para resistirem ao desenvolvimento espontaneo das sociedades modernas. A evolução, felizmente, é mais forte do que todas as peias e obstaculos que os dous inimigos do progresso possam levantar, e em breve os novos principios annullarão de vez toda a resistencia boçal d'essas instituições, desde muito condemnadas a desapparecer. O centenario de Camões veiu marcar a definitiva reorganisação das sociedades portugueza e brazileira pela disciplina das ideias sob o criterio seguro da philosophia positiva.

Segue a mensagem, que transcrevemos do n.º 26 da *Vanguarda.*

«Cidadão: — Estavamos acostumados a admirar a vossa individualidade tão accentuada nas obras em que a vossa intelligencia fecunda se tem revelado, creando-vos uma reputação de sabio na Europa e na America. A vossa individualidade tinha para nós o valor immenso de destacar-se brilhantemente no meio dos contemporaneos que representavam as sciencias e as lettras nas duas nações onde se falla lingua portugueza.

«Saudámos com enthusiasmo o vosso apparecimento em Coimbra como auctor da *Visão dos Tempos.* Acompanhámos a marcha ascendente do vosso espirito até os *Traços geraes de Philosophia positiva.*

«Cada livro, que vinha attestar um esforço do vosso cerebro potente, era considerado uma victoria do progresso alcançada sobre a obstinação dos fieis respeitadores dos antigos preconceitos da sciencia e da religião.

«Mestre — já valieis muito pela força da intelligencia, pela coragem do enunciar, pela firmeza das doutrinas.

«Poeta, historiador, philologo e philosopho — conseguistes concentrar a nossa attenção e estima. Essa estima e admiração cresceram ao tomardes posição na politica.

«A valentia com que fazeis a propaganda republicana, juntando á energia do pensamento politico a firmeza da convicção scientifica, veiu justificar que não nos enganáramos conservando-vos a respeitosa estima, que só merecem os homens publicos que definem por seus feitos uma evolução social.

«As *Soluções positivas,* levando o cauterio energico á velha sociedade portugueza, parecem preparadas para este povo, joven ainda, mas já tão contaminado pelo virus do despotismo. Tal é a precisão dos conceitos que, retirado o nome de Reino, muitos capitulos adaptam-se perfeitamente ao quadro negro dos nossos vicios e males sociaes.

«Mestre nas lettras, na philosophia e historia, apparecestes, para nós, mestre tambem na politica.

«Foi, pois, com verdadeiro interesse que acompanhamos d'aqui os vossos esforços na propaganda das festas do Centenario de Luiz de Camões.

«Esses esforços eram dignos de um homem de merito real e de vistas seguras sobre o futuro. Quem ha mostrado tão grande intuição no estudo do passado devia mesmo comprehender o alcance da celebração das glorias do grande épico.

«Esse trabalho de preparação do espirito publico para acceitar e realisar a magnifica ideia do Centenario do cantor que soube celebrisar as descobertas portuguezas, foi digno de vós, esteve na altura da vossa individualidade.

«Os Positivistas e os Republicanos, n'esta parte da America, comprehenderam a generosa iniciativa que partiu do vosso cerebro, e vêm hoje felicitar-vos pela acceitação que teve essa ideia, merecendo o apoio de outros notaveis talentos e o concurso que a Commissão executiva da imprensa prestou brilhantemente á realisação de tão patriotico commettimento.

«Ainda que estudando ao longe os nobres intuitos da propaganda para a celebração do Centenario de Camões, uma folha repu-

blicana d'esta cidade, *A Provincia de S. Paulo,* commemorando o grande acontecimento, disse a 10 de junho passado:

= «Os portuguezes procuram em torno do vulto de Camões a formula caracteristica da sua civilisação, as pronunciadas tendencias populares para a orientação da sua vitalidade n'este seculo, assim como o poema LUSIADAS é tido por a mais eloquente e energica affirmação de nacionalidade no seculo das descobertas ultramarinas.

«Para elles estas festas traduzem um pensamento altamente politico, que não escapa aos espiritos observadores que examinam as fontes limpidas do patriotismo, os cerebros d'onde dimanam as torrentes de luz que engrandecem a lembrança historica do patriota que expirou quando os invasores, segundo a phrase de um escriptor distincto, marchavam cautelosamente sobre Lisboa, occupando como exploradores os miseraveis, que não tendo sabido vencer, na Africa, batalhando, sabiam deixar-se vencer, na patria, vendendo-se......

«Para nós hoje, n'aquelle lençol-mortalha não se envolveu a energia de uma nacionalidade, como alguem já o disse; com ella desceu apenas ao tumulo o valimento moral da monarchia.

«Agora a recordação historica faz d'esse lençol a tunica dos martyres da democracia, a bandeira da paz junto da qual se erguerá uma outra nação, afagada pelo espirito moderno». =

«É a mesma interpretação da *Vanguarda* no seu numero de 13 de junho, assim expressa:

= «O dia 10 de junho de 1880 marca o principio d'uma nova éra de civilisação para o paiz. Foi uma esplendida affirmação da vitalidade d'este povo, um rejuvenescimento realisado pacificamente, dos seus direitos e da sua consciencia, foi uma affirmação profundamente democratica». =

«Como vêdes pelo relacionamento das ideias, esta carta, cidadão, não representa sómente uma prova de admiração á vossa individualidade, não é simplesmente uma homenagem dos republicanos brazileiros e portuguezes, aqui residentes, ao vosso civismo; exprime tambem uma grande verdade: — A influencia dos principios republicanos e da philosophia positiva sobre as relações dos dous povos, extinguindo antigos odios de nacionalidade e estreitando os novos la-

ços de amisade pelos fortes élos de — «emancipação dos espiritos com o livre exame, da entrada triumphal da rasão, da sciencia e da industria, que, juntamente com a liberdade e solidariedade dos povos, constituem os principaes elementos da civilisação moderna».

«Sendo certo que para esta obra muito tem concorrido esse grupo illustre de escriptores modernos, d'entre os quaes sois um dos mais populares n'estas regiões, dignae-vos de acceitar por elles e por vós as nossas felicitações pelo esplendido triumpho alcançado pelos escriptores portuguezes, na celebração das festas do Centenario.

«Acceitae, cidadão, os protestos da nossa admiração e respeito.

«S. Paulo (Brazil), em 1 de agosto de 1880.

Francisco Rangel Pestana, bacharel em direito e redactor da *Provincia de S. Paulo.*
Martinho Prado Junior, bacharel em direito.
Pedro Tavares, estudante de direito.
João Kopke, bacharel em direito e professor.
João Navarro de Andrade, da *Tribuna Liberal.*
Josephino Felicio dos Santos, estudante de direito.
Alvaro Botelho, estudante de direito.
Abilio A. S. Marques, livreiro editor.
Americo de Campos, bacharel e redactor da *Provincia de S. Paulo.*
J. J. G. da Cunha Lobato, guarda-livros.
Léo de Affonseca, negociante.
Dr. Arsenio de Sousa Marques, medico.
Dr. Ignacio de Mesquita, medico.
Theophilo Dias, academico.
Julio de Castilhos, academico e redactor do *Federalista.*
Joaquim Pereira da Costa, academico.
Homero Baptista, academico.
Angelo Gomes Pinheiro Machado, academico.
Antonio Mercado, estudante de direito.
Alcides Lima, estudante de direito.
A. Silva Jardim, jornalista e professor da Escóla Normal.
Dr. J. B. de Paula Sousa, medico.

Argimiro Galvão, estudante de direito.
João Baptista P. Guimarães, estudante de direito.
Luiz Gonzaga Pinto da Gama, advogado.
Raphael A. Paes de Barros, bacharel em direito.
Aristides de Araujo Maia, bacharel em lettras e estudante de direito.
João Francisco Matta Junior, estudante de direito.
José Maria Gonçalves Chagas, estudante de direito.
Theodoro Dias de Carvalho Junior, academico.
Valdomiro Guilherme Christiano, estudante de direito.
João Alberto de Salles, estudante e redactor do *Federalista*.
Matheus Marques de Moura Leite, bacharel em direito.
Affonso Celso Junior, quintanista de direito.
Dr. Luiz Pereira Barreto, medico e escriptor.
F. de Salles Oliveira Junior, engenheiro civil.
Dr. J. A. Guimarães Junior, medico.
Delfino M. de Siqueira, fazendeiro.
Antonio Gomes d'Azevedo Sampaio, pharmaceutico.
M. Ferraz de Campos Salles, advogado.
Francisco Glycerio, advogado.
Joaquim de Pontes, advogado.
Dr. Candido Barata, medico.
A. B. de Cerqueira Leite, empregado publico.
Bento Bayeux, guarda-livros.
Eloy Cerqueira, negociante.
Carlos Ferreira, redactor proprietario da *Gazeta de Campinas*.
Paulo Pimenta, commerciante.
Sampaio Ferraz, bacharel em direito.
Pedro A. Rangel Aranha, advogado.
Antonio Carlos de Salles, fazendeiro.
Amador Florence, professor.
Bento Quirino dos Santos, negociante.
Jorge Miranda, advogado.
F. Quirino dos Santos, escriptor e advogado.
F. P. Ramos de Azevedo, engenheiro architecto.

A. F. Paula Sousa, engenheiro civil.
Francisco J. Pereira Bueno.
Elias do Amaral Sousa, negociante.
Diogo de Moraes Salles, capitalista.
Alfredo Pinheiro, negociante.
Antonio Alves Pimenta, negociante.
Antonio Alves da Silva Faria, artista.
Bernardino de Campos, bacharel em direito e advogado.
Dr. Silva Pinto Junior, medico.
Bernardo Faria, negociante.
A. Muniz de Sousa, bacharel em direito e advogado.
Tristão da Silveira Campos, lavrador.
João Tiburcio Leitão Penteado, professor.
Francisco d'Assis Peixoto Gomide, bacharel em direito e advogado.
Antonio Augusto Bittencourt, bacharel em direito e advogado.
Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, medico.
Dr. Lycurgo de Castro Santos, medico.
Sebastião Hummel, professor publico.
Clementino de Sousa e Castro, advogado e juiz.
José Maria Lisboa, administrador da *Provincia de S. Paulo* e editor.»

Na carta a que em outro logar alludimos do dr. Sylvio Romero, apparece pela primeira vez uma vista synthetica sobre a obra de Theophilo Braga:

«Diga ao Braga que elle é um homem ás direitas. Vejo completo o seu monumento como *poeta*, o seu monumento como *historiador da Litteratura portugueza*. As *Miragens seculares*, os *Contos tradicionaes do Povo portuguez* e a *Historia do Romantismo* ultimaram estes tres monumentos. Deve elle acabar a *Historia universal*. Acabada esta metter hombros á *Historia geral de Portugal*. Acabada esta póde quebrar a penna, porque foi um homem».

Convidado o escriptor brazileiro pelo editor da *Historia do Romantismo em Portugal* para fazer um estudo critico sobre Theophilo Braga, respondia em 20 de setembro de 1882:

«Como v. s.ª bem comprehende, não se póde escrever ahi ao correr da penna sobre obra de tanto valor. É-me necessario relêr o 1.º volume, que li ha dous annos, e ainda mais, é por certo preciso relêr o Theophilo Braga nas seis cathegorias diversas de sua actividade mental: a *poesia*, as collecções de *tradições*, a *historia litteraria*, a *politica*, a *philosophia*, e finalmente a *Historia universal*. É um escriptor cuja evolução intellectual é complicada e larga, dando aberturas para avenidas varias do pensamento; portanto, elle não se analysa sem muito cuidado. Si tiver tempo farei um trabalho vasto e completo sobre elle. Si não, não. É um luctador que deve ser tratado muito ao sério e com elle a peleja deve ser collocada n'uma altura muito fóra do commum na litteratura dos dous paizes onde se falla o portuguez».

Tendo até aqui exposto no seu conjuncto os diversos trabalhos de Theophilo Braga, em que prepondera o espirito nacional, resumiremos o nosso juizo em uma simples phrase, colhida na espontaneidade da imprensa diaria ácerca da sua obra e que a define como uma apreciação caracteristica, é *eminentemente suggestiva* [1].

---

[1] *A Patria*, n.º 322. — 1891. — Com esta influencia suggestiva, relacionam-se os trabalhos preciosos: de Ernesto Monaci, o *Can-*

*

Chegamos ao fim da nossa tarefa, depois de estudarmos circumstanciadamente a obra de Theophilo Braga nas suas tres actividades — esthetica, scientifica e philosophica —, e, para concluirmos, podemos lembrar a phra-

---

cioneiro portuguez da Vaticana; de D. Carolina Michaëlis, a incomparavel edição critica das *Obras de Sá de Miranda;* de Tito de Noronha, a publicação dos *Autos* de Antonio Prestes; de Luciano Cordeiro as bellas descobertas sobre a auctora das *Cartas da Religiosa portugueza;* de D. José Pessanha, a edição critica da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro; de João Salgado, o resumo da Historia do Theatro portuguez; o *Cancioneiro de Evora,* por Hardung; estimula a publicação das *Memorias de Garrett* por Gomes de Amorim; provoca a investigação dos Cantos populares na Madeira, S. Jorge, Brazil, e outras partes, nos benemeritos colleccionadores Alvaro Rodrigues de Azevedo, Dr. João Teixeira Soares, Francisco de Arruda Furtado, Sylvio Romero, Consiglieri Pedroso, Thomaz Pires, etc. Da reacção contra a *Visão* e *Tempestades* resulta a ruidosa *Questão de Coimbra,* e uma nova orientação critica confessada por Graça Barreto e Joaquim de Vasconcellos na *Questão Faustiana.* Da publicação do *Parnaso portuguez moderno* resultaram as traducções dos poetas lyricos portuguezes no *Libro dell Amore* de Canini; das doutrinas de philosophia positiva a orientação mental de alguns espiritos superiores da nossa sociedade, e a preponderancia das ideias federalistas na politica. É tambem este aspecto *eminentemente suggestivo* da obra de Theophilo Braga, que tem provocado o odio cego que transpira em muitas criticas, na emulação de espiritos subalternos, que assim reagem contra uma manifesta supremacia.

*

se de Ramalho Ortigão ácerca do grande mestre: «Escreve de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu prazer supremo, o prazer de espalhar ideias».

Esse prazer é para Theophilo Braga simplesmente a clara comprehensão do dever proprio de todo o homem que pensa e que reconhece a necessidade da reorganisação do poder espiritual nas sociedades modernas.

BIBLIOGRAPHIA SYSTEMATICA DAS OBRAS

DE

THEOPHILO BRAGA

SECÇÃO I

Actividade artistica

Epopêa cyclica da Humanidade

1) **Visão dos Tempos.** — Antiguidade homerica — Harpa de Israel — Rosa mystica. Porto, 1864. Casa Moré — Editora. 1 vol. in-8.º de XXXII-185 pag.

Edição acompanhada de um retrato em cobre, do gravador J. P. de Sousa. — Ideia do livro: *Generalisação da Historia da Poesia* (pag. VII a XXXI).

O poemeto *Stella matutina,* d'esta collecção, foi anteriormente publicado in-8.º grande na typographia de Sebastião José Pereira, Porto, 1863. (Vid. n.º 87 do Catalogo). No anno de 1864 foi recitado no theatro de S. João, no Porto em 27 e 29 de agosto, e no de D. Maria II, em Lisboa em 3 de setembro, pela actriz Manuela Rey.

1-A) **Visão dos Tempos.** — Segunda edição (Contrafacção brazileira). Typographia Lisbonense. Rio de Janeiro, 1864. 1 vol. in-8.º grande de XXIII-127 pag.

Traz um juizo critico de Pinheiro Chagas, extrahido do *Annuario do Archivo Pittoresco*, de Lisboa, e reproduzido em muitos outros jornaes.

1-B) — Segunda edição correcta e augmentada. Porto, Livraria Internacional — Editora, 1869. 1 vol. in-8.º francez de XLVII-219 pag.

Esta *segunda edição* portugueza não traz retrato nem dedicatoria. Diz-se na Advertencia: «Vão tres novos poemas: *A Estrella dos Magos, O Fim de Satan* e o *Dithyrambo dos Mortos*. Na Historia da Poesia, onde se explica a theoria do livro, introduzimos bastantes ampliações, que mais confirmam os primeiros modos de vêr, etc.» Os poemetos apresentam muitas variantes em consequencia de retoques do auctor.

2) **Tempestades sonoras.** — Segunda série da *Visão dos Tempos*. Porto, Casa Moré — Editora, 1864. Typographia Commercial. 1 vol. in-8.º francez de XXX-200 pag.

A ode *O Pardalsinho de Lesbia*, traduzida de Catullo, fôra anteriormente publicada no *Instituto* de Coimbra. Um outro trecho lyrico do poemeto *Sémida* foi publicado na mesma revista com o titulo *A Volta*. O *Masthodonte* saíu anteriormente na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. O poemeto *O Rosario* foi publicado no jornal *O Tira-Teimas*.

3) **Ondina do Lago.** — Porto, Typographia Commercial, 1866. 1 vol. in-8.° francez de XXXVII-200 pag.

Traz um extenso estudo sobre *A Poesia da Historia nos Cyclos cavalheirescos.* Muitos Sonetos, que no poema representam o subjectivismo amoroso da época trobadoresca, formavam emquanto ineditos a collecção escripta em 1864 e 1865 intitulada *Bianco vestita.* (Vid. n.° 5-A).

4) **Torrentes.** — Ultimos versos. Porto, 1869. — Carneiro & Moraes — Editores. 1 vol. in-8.° francez de VIII-318 pag.

N'este volume já se acha indicada «*a disposição em que devem ser collocados todos os poemas que formam o plano geral da* Visão dos Tempos». Os poemas *A sombra do Propheta, Fim de Satan* e a *Infancia de Homero* foram traduzidos em verso castelhano por M. Curros Enriquez na sua collecção *La Lira lusitana, Poemas portuguezes originales de los mejores vates contemporaneos.* (El Provenir, año II, n.os 464, 465, 469, 470, 471, 474; — 1883).

N'este volume vem um drama em verso ácerca do arcade Garção, intitulado *Poeta por desgraça,* representado no Theatro academico, em Coimbra em 29 de abril de 1865, com o titulo *Resignação;* o papel do protagonista foi desempenhado por Eça de Queiroz. O poemeto *A Vertigem do Infinito* appareceu primeiramente na Revista contemporanea com o titulo *Ultima gargalhada de Mephistopheles,* do qual um fragmento intitulado *O piano de Elvira* saíu no jornal de versos *A Grinalda.*

5) **Miragens seculares.** — Lisboa, Nova Livraria In-

ternacional — Editora. (Porto, Imprensa Portugueza), 1884. 1 vol. in-8.º de XI-240 pag.

Em uma Nota no fim do volume explica-se como fica realisado o pensamento de uma Epopêa cyclica da Humanidade, e indica-se a ordem em que devem ser dispostos os poemas em uma edição integral. — Alguns dos poemetos d'este livro foram publicados em differentes épocas. Na *Era Nova* appareceram *Quando as pedras fallavam*, *Primus in orbe fecit Deus timor*, *Os Semeadores da peste*. No *Parnaso portuguez moderno* saíram *O sepulchro de Virgilio*, *Phrase de Miguel Angelo*, *O Prisioneiro*, *Napoleão moribundo*, *Parabola da semente* e a *Onda viva*. Na *Academia* de Madrid, dirigida por Tubino, saíu *O Riso de Cervantes*. Na *Renascença*, do Porto, *A Vinha do Senhor*. No Album Calderoniano, de Madrid, 1881, pag. 50, veiu *A Confissão de Calderon*. O *Poema de Camões* foi publicado por occasião do Centenario de Camões (Vid. n.º 86 do Catalogo) e n'este volume termina com a nova estrophe escripta, quando a poesia foi recitada no Porto:

> Cumpriu-se a voz da tradição! O vate
> Deu novo alento aos peitos lusitanos;
> Não foi preciso um seculo! o resgate
> Fez-se n'um dia, — ao fim de sessenta annos.

No anniversario da Eschola infantil dos Filhos do Povo distribuiu-se o Canto das crianças, do fim do *Banquete dos Livres*, impresso em cartão. No *Almanach republicano* para 1887, pag. 33, vem reproduzido o poema *A grande Muralha*.

No *Almanach republicano* de 1883, appareceu pela primeira vez a poesia *As pequenas Nacionalidades*, com o titulo *No caminho do Sepulchro*.

5-A) **Alma portugueza.** — Selecção de Poesias lyricas. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1893. 1 vol. in-8.º grande de VIII-202 pag. (Com retrato phototypico).

É uma edição de luxo de todas as poesias amorosas que andam inclusas na epopêa humana.

SECÇÃO II

Actividade scientifica

1. Fontes tradicionaes da Litteratura portugueza

6) **Historia da Poesia popular portugueza.** — Porto, Typographia Lusitana, 1867. 1 vol. in-8.º de VIII-222 pag.

Uma grande parte d'este livro foi publicada em artigos no *Jornal do Commercio,* de Lisboa, no periodo de collaboração de 1865 a 1866. Saíu com os dous volumes seguintes com o titulo na brochura — *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez.* Na *Revista Contemporanea* saíu em artigo a *Lenda popular da Hospitalidade.*

7) **Cancioneiro popular,** colligido da tradição oral. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867. 1 vol. in-8.º de VIII-223 pag.

É a primeira collecção de cantigas soltas colhidas da tradição oral portugueza. Acham-se algumas comparadas com as cantigas hespanholas, na obra de Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles.* Os Anexins poeticos da lavoura, pela primeira vez impressos destacando as suas fórmas metricas, foram tomados como elemento comparativo no estudo do dr. Jules Cornu, *Una Panerá de Revi fribordxey.*

8) **Romanceiro geral,** colligido da tradição. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867. 1 vol. in-8.º de VIII-216 pag.

N'este volume foram pela primeira vez colligidas todas as *variantes* dos Romances populares, com notas comparativas em quanto ás tradições do Occidente da Europa, e em relação com as origens consuetudinarias do Direito portuguez. Uma grande parte d'este Romanceiro foi transcripto pelo dr. Hardung, na edição do *Romanceiro portuguez* de Leipzic.

9) **Cantos populares do Archipelago açoriano.** Porto, Typographia da Livraria Nacional, 1869. 1 vol. in-8.º de XVI-478 pag.

Pela primeira vez foram colligidos n'este livro as Parlendas e Jogos infantis. A maior e melhor parte dos romances d'esta collecção appareceu reproduzida pelo dr. Victor Eugene Hardung, em 2 volumes da Collecção de Auctores portuguezes (n.os VII e VIII) da casa Brockhaus, em 1877, com o titulo *Romanceiro portuguez.* O conde Du Puymaigre, traduziu-os tambem nos *Vieux Chants Portugais*, com notas importantes. Morel Fatio, na *Romania,* tom. II, fasc. 1.º «fez justiça aos trabalhos de comparação e colleccionação sobre a Poesia popular do auctor...» (Bibl. crit.).

Na *Revista Lusitana* vem novos Additamentos aos Cantos açorianos.

10) **Cancioneiro popular gallego,** por D. José Peres Ballesteros. 3 vol. Madrid, 1886. (Na Biblioteca

de las Tradiciones populares españolas, tom. VIII, IX e XI. Madrid, 1865-6).

Traz uma larga introducção de Theophilo Braga *Sobre a Poesia popular da Galliza* (pag. VII-XLVII), relacionando os cantos das Muiñeiras com as Serranilhas dos Cancioneiros provençaes portuguezes.

11) **Cantos populares do Brazil,** colligidos pelo dr. Sylvio Roméro, acompanhados de *Introducção e Notas comparativas* por —. Lisboa, Nova Livraria Internacional — Editora. Porto, Typographia Teixeira, 1883. 2 vol. in-8.º de XXXII-286 e 240 pag.

No primeiro volume vem alguns Romances pela primeira vez publicados no *Parnaso portuguez moderno,* e a *Grande Decima da Obra da creação,* inedita. No segundo volume completam-se as Notas das collecções anteriores com romances populares ineditos ou dispersos em jornaes.

12) **Floresta de varios Romances com fórma litteraria,** do seculo XVI a XVIII. — Romanceiro historiado, contendo os Romances da historia portugueza, que andam nas Collecções hespanholas. Porto, Typographia da Livraria Nacional, 1868. 1 vol. de LIII-217 pag.

13) **Contos tradicionaes do Povo portuguez,** com um Estudo sobre a Novellistica geral e Notas comparativas. Porto, Livraria Universal de Magalhães

& Moniz — Editora, 1883. 2 vol. in-8.º de LI-232; e 30-243 pag.

Este livro esteve annunciado desde 1871 com o titulo: *Lendas, Tradições e Contos portuguezes do seculo XII a XIX*. No segundo volume o estudo sobre a *Litteratura dos Contos populares em Portugal*, appareceu em um primeiro esboço na *Rivista di Letteratura popolare*, de F. Sabatini, e com ampliações importantes na *Evolução* de Coimbra, de Alexandre da Conceição. Aqui apparece pela primeira vez um resumo completo dos *Contos de proveito e Exemplo* de Trancoso. Pertence a este trabalho o romance de *Gaia*, de João Vaz (Vid. n.º 59) não incorporado.

14) **Contos populares do Brazil**, colligidos pelo dr. Sylvio Roméro, com um *Estudo preliminar e Notas comparativas*, por Theophilo Braga. Lisboa, Nova Livraria Internacional — Editora. Porto, Typographia Teixeira, 1885. 1 vol. in-8.º de XXXVI-235 pag.

O §. III da introducção d'este livro appareceu pela primeira vez no *Positivismo*, vol. II, pag. 22, com o titulo *Tradições das Raças selvagens do Brazil*. A terceira secção do texto tradicional appareceu em 1879 na mesma revista, suscitando a traducção franceza publicada no Rio de Janeiro.

Paremiologia dos Escriptores portuguezes. (Memoria para ser apresentada á Academia das Sciencias). Com um *Estudo sobre a formação poetica dos Refraneiros*. (Inedito).

15) **O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições.** Livraria Ferreira — Editora. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1885. 1.º vol. in-8.º de VIII-416 pag.; o 2.º de 546 pag.

A parte que se refere aos *Jogos populares e infantis,* appareceu no seu primeiro esboço na revista *Era Nova,* pag. 343, em 1881, suscitando trabalhos ulteriores. Pitré, Machado y Alvares e Rodrigues Marin, referem-se a este esboço nos seus estudos comparativos. No *Folk-Lore andaluz* tambem appareceu o esboço de um estudo comparativo da similaridade dos jogos entre Portugal e a Andalusia. — Foram incorporados n'este trabalho os seguintes Ensaios: *Ritos funerarios* (da Encyclopedia republicana); *Superstições populares portuguezas* (na Volta do Mundo); *Sobre o Trangolo-Mango* (na Volta do Mundo); *Pequeno estudo sobre o Conto da Carochinha* (na Revista de Estudos Livres); *Os Livros populares portuguezes* (na Era Nova); *Adivinhas populares e infantis* (Era Nova); *Jogos populares* (ibid.); *Historia de Portugal na voz do Povo* (ibid. e na Actualidade); *Sobre as Superstições populares* (no Positivismo).

2. Historia da Litteratura portugueza

16) **Historia da Litteratura portugueza — Introducção.** Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1870. 1 vol. in-8.º de VIII-355 pag.

N'esta obra foi incluido o opusculo intitulado *Historia da Poesia moderna em Portugal* (Vid. n.º 76) es-

cripto como introducção geral á *Grinalda* de Nogueira Lima. As ideias anthropologicas e ethnologicas d'este livro foram successivamente comprovadas em outros trabalhos.

17) **Epopêas da Raça Mosarabe** (Historia da Poesia portugueza — Eschola Nacional). Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1871. 1 vol. in-8.° de VII-378 pag.

É uma refundição do primeiro trabalho sobre a *Historia da Poesia popular portugueza*. Pertence este livro rigorosamente ás Fontes tradicionaes da Litteratura portugueza, onde deve ser incorporado.

18) **Trovadores Galecio-portuguezes** (Historia da Poesia portugueza — Eschola provençal). Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1871. 1 vol. in-8.° de VII-347 pag.

Este livro foi fundamentalmente reescripto com novos elementos litterarios na Introducção ao *Cancioneiro da Vaticana* (Vid. n.° 45). — Novos resultados se acham tambem no *Curso de Litteratura portugueza* (Vid. n.° 33) em consequencia da descoberta do Cancioneiro Colocci-Brancuti.

19) **Historia das Novellas portuguezas de Cavalleria**: *Formação do Amadis de Gaula*. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1873. 1 vol. in-8.° de VI-300 pag.

D'esta obra saíu um resumo publicado na *Rivista di Filologia Romanza* (Vid. n.° 80). A obra constava de

mais dous volumes: II — *Tavola Redonda e Palmeirins;* III — *Pastoraes e Allegorias.* Irão incorporados na edição definitiva.

20) **Poetas palacianos** (Historia da Poesia portugueza — Eschola hespanhola). — Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1871. 1 vol. in-8.º de VI-435 pag.

21) **Bernardim Ribeiro e os Bucolistas** (Eschola hispano-italica). — Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1872. 1 vol. de VIII-316 pag.

22) **Historia dos Quinhentistas** (Eschola italiana — I, Seculo XVI) *Vida de Sá de Miranda e sua Eschola.* — Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1871. 1 vol. de VIII-328 pag.

N'este volume appareceu pela primeira vez a Oração de Francisco de Sá, achada pelo auctor no Catalogo dos Mss. port. do Museu Britannico, d'onde se promptificou a mandal-a copiar o snr. Jacintho Ignacio de Brito Rebello. Como este cavalheiro offereceu uma copia a Innocencio Francisco da Silva, que a publicou um mez antes no *Diccionario Bibliographico,* d'aqui resultou ser accusado o auctor de tomar a sua propria descoberta da obra supracitada. (Vid. *Dicc. Univ.,* artigo SÁ DE MIRANDA).

23) **Historia de Camões** (Eschola italiana — II). Parte I: **Vida de Luiz de Camões.** — Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1873. 1 vol. de VIII-443 pag.

24) **Historia de Camões** (Eschola italiana — II). — Parte II: **Eschola de Camões.** — Livro I: *Os Poetas lyricos.* Livro II: *Os Poetas epicos.* Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1874. 1 vol. in-8.° de VI-592 pag.

25) **Bibliographia camoniana.** — Lisboa, Imprensa de Christovão A. Rodrigues, MDCCCLXXX. 1 vol. in-4.° de 256 pag. Edição numerada: de 1 a 25, papel de linho (*Whatman*); de 26 a 325, velino branco (*Montgolfier*). A expensas do dr. Carvalho Monteiro.

A Introducção da Bibliographia camoniana appareceu no primeiro numero do segundo volume do *Positivismo* em 1879, chamando a attenção publica para essa commemoração historica. Fez-se uma edição em separado, e está incorporada no livro *Os Centenarios como Synthese affectiva das sociedades modernas* (Vid. n.° 72).

26) **Camões e o Sentimento nacional.** — Porto, Lugan & Genelioux — Editores, 1891. 1 vol. in-8.° de VII-324 pag.

Este volume é formado por differentes estudos que appareceram á frente das obras de Camões e em varias revistas. Capitulo I: (Edição dos *Lusiadas* de 1880, vid. n.° 51) com desenvolvimentos. Capitulo II: (Parte do n.° anterior, e da edição dos *Lusiadas* da Cidade do Porto, vid. n.° 53) um artigo do Circulo Camoniano, (vol. I, pag. 301) outro da Bibliographia critica (pag. 257) e ainda ampliado com novos factos. O capitulo III contém a introducção ao *Parnaso de Camões,* de 1880 (Vid. n.° 49) e um artigo do Circulo Camoniano: *Camões e a*

Poesia popular portugueza na India, bem como o folheto sobre *Um Soneto de Camões glosado por Filippe II* (Vid. n.° 57). Artigos do Positivismo, da Revista Lusitana e do Circulo Camoniano (Vid. n.os 55 e 56).

27) **Historia do Theatro portuguez** (Seculo XVI) — **Vida de Gil Vicente, e sua Eschola.** Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1870. 1 vol. in-8.° de VIII-326 pag.

A parte relativa á biographia de Gil Vicente está atrazada, e completa-se com as descobertas historicas consignadas nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* (Vid. n.° 34). Sobre Origens populares do Theatro portuguez acha-se do auctor um artigo na *Revista Lusitana*, n.° 1, do Porto, 1887.

28) **Historia do Theatro portuguez** (Seculo XVII) — **A Comedia classica e as Tragicomedias.** Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1870. 1 vol. in-8.° de VIII-364 pag.

29) **Historia do Theatro portuguez** (Seculo XVIII) — **A baixa Comedia e a Opera.** Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1871. 1 vol. in-8.° de VIII-400 pag.

30) **Historia do Theatro portuguez** (Seculo XIX) — **Garrett e os Dramas romanticos.** Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1871. 1 vol. in-8.° de VIII-296 pag.

Um resumo geral d'esta obra foi feito pelo alumno do Curso superior de Lettras João Salgado, professor de

Instrucção complementar em Setubal, publicado na Bibliotheca Corazzi.

Historia dos Seiscentistas (1 vol. inedito).

Historia da Arcadia de Lisboa (2 vol. ineditos).

É natural que estes tres volumes sejam publicados no formato in-8.º, antes de serem incorporados na edição definitiva das Obras do auctor, e em especial da *Historia da Litteratura portugueza.*

31) **Bocage, sua Vida e Época litteraria.** — Porto, Imprensa Portugueza — Editora, MDCCCLXXVII. 1 vol. in-8.º pequeno de 307 pag.

Foi escripto para servir de Introducção á edição das Obras completas de Bocage (Vid. n.º 59). A parte relativa á *Conjuração dos Pintos,* e o estudo sobre o auctor da *Voz da Rasão,* em que o nome do *Lidio* é equiparado a *L'Hedois* com que se assignava Bocage, completa-se na obra *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* onde se reuniram os estudos separados do *Plutarcho portuguez* e da *Actualidade,* do Porto.

Este livro é um excerpto da obra intitulada *Historia da Nova Arcadia,* um volume que faz parte da Historia da Litteratura (ainda inedito), e trata em especial de José Agostinho de Macedo.

32) **Historia do Romantismo em Portugal.** — Ideia geral do Romantismo — *Garrett, Herculano* e

Castilho. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880. 1 vol. in-8.° portuguez, de 519 pag.

Este livro chegou a ter duas folhas impressas na Imprensa Portugueza, do Porto, em 1873. A introducção foi formada de tres lições do Curso superior de Lettras. A parte referente a Castilho appareceu em um primeiro esboço nos *Estudos da Edade-média* (Vid. n.° 43). O ponto de vista critico ácerca de Herculano, foi apresentado ainda em vida d'este escriptor, na *Bibliographia critica*, pag. 193 (1873).

33) **As modernas Ideias na Litteratura portugueza.** — Porto, Lugan & Genelioux — Editores, 1892. 2 vol. in-8.° — 1.°, 450 pag.; 2.°, 516.

Contém Estudos publicados no *Positivismo*, vol. II, pag. 140, na *Era Nova*, pag. 289 e Manifesto do Partido republicano de 1890, na *Bibliographia critica*, na *Revista de Estudos livres* e *Revista de Portugal;* o resto são trabalhos ineditos.

34) **Questões de Litteratura e Arte portugueza.** — Lisboa. Editor A. J. P. Lopes. 1881. 1 vol. in-8.° grande de 408 pag.

O primeiro estudo d'esta collecção foi publicado no jornal *A Instrucção*, do Porto, tendo sido proferido em uma Conferencia publica n'essa sociedade. — Os estudos sobre o *Velho lyrismo portuguez* sairam na *Bibliographia critica*, *Actualidade* e *Parnaso portuguez moderno*, sendo fundamentalmente desenvolvidos. A influencia bretã na Litteratura portugueza foi o primeiro estudo feito sobre o Cancioneiro Colocci-Brancuti. *Sobre a Origem portugueza do Amadis de Gaula* appareceu parte na

Revista de Filologia Romanza, (Vid.) outra no *Positivismo,* vol. I, pag. 145; sobre a *Canção do Amadis de Gaula,* já o caracter provençal d'ella tinha sido definido nos *Trovadores galecio-portuguezes* (Vid. n.º 18) antes de Monaci ter noticiado o seu achado na *Rassegne settimanale,* e de D. Carolina Michaëlis escrever no *Zeitscherifte für romanische Philologie,* tom. IV, pag. 347 a 351 (8 de maio de 1880), com o titulo *Etuas neues zur Amadis-Frage.* O artigo *Primordios da Historia de Portugal,* appareceu na Bibliographia critica. A Eschola hespanhola em Portugal saiu pela primeira vez na *Era Nova.*

35) **Theoria da Historia da Litteratura portugueza.** — Dissertação para o Concurso da 3.ª cadeira (Litteraturas modernas da Europa e especialmente a Litteratura portugueza) do Curso superior de Lettras. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1872. 1 vol. in-8.º de 102 pag.

35-A) — Segunda edição: **Sobre a Litteratura portugueza.** (No tomo I do *Thesouro da Lingua portugueza,* por Frei Domingos Vieira, servindo de Introducção). 1873.

36) **Theoria da Historia da Litteratura portugueza.** (Terceira edição, totalmente refundida). Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1881. 1 vol. in-8.º francez de VIII-206 pag.

Fundamentalmente reescripta, e em rigor é um novo livro.

37) **Historia da Universidade de Coimbra.** — Impressa por ordem da Academia das Sciencias. Lisboa, Typographia da Acad., 1891. 1.º vol. in-8.º grande de xvi-600 pag.

Appareceram anteriormente alguns excerptos com o titulo de: **Historia da Pedagogia em Portugal** na *Revista de Estudos livres*, vol. II e III. Annunciado no Prospecto da *Hist. da Litt.* de 1871, sob o titulo geral *Litteratura official e Pedagogia.*

N'este volume vem a *Livraria de D. Duarte* (Vid. Introducção á *Historia da Litteratura portugueza*) completamente reestudada e com novos achados.

38) — O 2.º vol. comprehende desde 1555 em diante. É acompanhado de um importante Corpo de documentos ineditos, que constituirá um 3.º ou 4.º vol.

39) **Manual da Historia da Litteratura portugueza,** desde as suas Origens até ao presente. — Obra approvada pela Junta Consultiva de Instrucção publica para os Cursos do 3.º anno de Portuguez dos Lyceus, por despacho de 28 de abril de 1875. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz — Editores, 1875. 1 vol. in-8.º francez de VII-475 pag.

N'este livro corrigem-se muitos pontos dos diversos volumes da Historia da Litteratura portugueza.

40) **Curso de Historia da Litteratura portugueza.** — Adaptado ás aulas de Instrucção secundaria.

Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1885. — Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira. 1 vol. in-8.° grande de 411 pag.

É uma refundição fundamental do *Manual* (n.° 39) com novas informações litterarias, e um espirito critico-philosophico, resultante de uma melhor comprehensão da Edade-média e da solidariedade da Civilisação occidental. Annulla o *Manual*.

41) **Antologia portugueza.** — Trechos selectos coordenados sob a classificação dos generos litterarios, e precedidos de uma *Poetica historica da Lingua portugueza.* Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz — Editores, 1876. 1 vol. in-8.° francez de xxvii-350 pag.

Vêm n'este volume algumas composições ineditas de Sá de Miranda, extrahidas do Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco, da Bibliotheca nacional, incorporadas depois na monumental edição de D. Carolina Michaëlis; e uma outra de Bernardim Ribeiro. Chegou a ser adoptado em alguns Lyceus.

42) **Parnaso portuguez moderno,** precedido de um *Estudo da Poesia moderna portugueza.* — Lisboa, Francisco Arthur da Silva — Editor, 1877. 1 vol. in-8.° portuguez, de lxiv-320 pag.

Apparecem n'este livro elementos aproveitados nos Cantos populares do Brazil, por Sylvio Romero; uma parte da introducção foi desenvolvida largamente com o

titulo *Velho lyrismo portuguez*, nas Questões de Litteratura e Arte portugueza (Vid. n.º 34). Pela primeira vez o elemento gallego foi aproximado da sua unidade ethnica (Vid. n.º 10). Por via d'este livro foram traduzidas para italiano algumas poesias lyricas portuguezas por Marco Antonio Canini, no seu *Libro del Amore*.

43) * **Estudos da Edade-média. — Philosophia da Litteratura.** Porto, Livraria Internacional, 1870. 1 vol. in-8.º francez de VII-332 pag.

O estudo relativo ás Cartas da Religiosa portugueza foi fundamentalmente reescripto sobre novos dados historicos na *Era Nova* (pag. 103). *A Poesia da Navegação portugueza*, anteriormente publicada na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*, foi reescripta fundamentalmente na *Historia de Camões* (Vid. n.º 23). O estudo sobre *Romantismo em Portugal* foi desenvolvido e comprovado largamente na *Historia do Romantismo* (Vid. n.º 32).

44) **Quadro das Litteraturas romanicas**, pelo dr. Gustavo Gröber: a parte relativa á *Historia da Litteratura portugueza* (48 pag.).

Ms. entregue a D. Carolina Michaëlis para ser traduzido em allemão ou transformado em collaboração segundo a indole da encyclopedia.

3. Edições criticas

45) **Cancioneiro portuguez da Vaticana.** — Edição critica, restituida sobre o texto diplomatico de Halle, acompanhada de um Glossario, e de uma Introducção sobre os — *Trovadores e Cancioneiros portuguezes.* Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCLXXVIII. 1 vol. in-4.º de CXII-236 pag.

Algumas Canções foram anteriormente publicadas no *Manual da Historia de Litteratura portugueza* e na *Antologia portugueza* (Vid. n.os 39 e 41). Desenvolve a obra *Os Trovadores galecio-portuguezes* (Vid. n.º 18).

46) **Cronica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente** dos Conegos regrantes: da hordem do aurelio doctor scto Augustinho: en a cidade de Lisboa. Porto, Imprensa Portugueza, 1873. In-4.º de 25 folhas innumeradas. (Tiragem em papel de linho e em pergaminho).

47) **Obras de Christovam Falcão,** contendo: A ecloga de *Crisfal,* a *Carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas,* com um Estudo sobre a sua Vida, Poesias e Época. — Edição critica, reproduzida da Edição de Colonia de 1559, com a Segunda parte apocrypha de 1721. Porto, Imprensa Portugueza —

Editora, 1871. 1 vol. in-8.° grande de 24 pag. de introducção, e 40 de texto a duas columnas.

O prologo foi desenvolvido na obra *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas* (Vid. n.° 21).

48) **Obras completas de Luiz de Camões.** — Edição critica, com as mais notaveis Variantes. Tomo I: *Parnaso de Luiz de Camões:* Vol. 1.° Sonetos. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1873. 1 vol. in-8.°, de VIII-221 pag. — Vol. 2.°: Canções, Sextinas e Odes. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1874. 1 vol. in-8.° de VIII-192 pag. — Vol. 3.°: Elegias. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1874. 1 vol. in-8.° de VIII-121, e Eclogas, 3 a 46 pag. (nova paginação). — Vol. 4.° (Continuação das Eclogas), Ibidem. 1 vol. in-8.° de 47 a 211 pag. = Tomo II: *Cancioneiro de todas as Redondilhas e Autos:* Vol. 5.°: Redondilhas. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1874. 1 vol. de VIII-245 pag. — Vol. 6.°: Autos e Cartas. Ibidem., 1874. 1 vol. in-8.° de 228 pag. = Tomo III. Vol. 7.°: *Os Lusiadas.* Ibidem, 1874, in-8.° de VIII-447 pag. (Ha uma tiragem especial d'este volume com letras iniciaes historiadas, cabeças e colophões em todos os Cantos).

49) **Parnaso de Luiz de Camões.** — Edição das Poesias lyricas consagrada á commemoração do Centenario de Camões. Com uma Introducção sobre

a recensão do texto lyrico. Porto, Imprensa Internacional, 1880. Vol. I: Os Sonetos. In-8.° de XL-192 pag. — Vol. II: Canções, Sextinas, Odes e Outavas. Ibidem, 176 pag. — Vol. III: Elegias e Eclogas. Ibidem, 212 pag. (Edição de bibliographos, tiragem 45 exemplares; edição para colleccionadores, 25 exemplares).

Tem composições ineditas de Camões, de um Ms. da Academia das Sciencias. O prologo completa a *Bibliographia camoniana* (Vid. n.° 25); foi reproduzido com largos desenvolvimentos no livro *Camões e o Sentimento nacional* (Vid. n.° 26).

50) **Os Lusiadas** — Epopêa de Luiz de Camões. — Edição popular, conforme a 2.ª de 1572, com um *Prospecto chronologico da vida do Poeta,* e um retrato. Porto, Imprensa Portugueza, MDCCCLXIX. 1 vol. in-32 de XXIV-449 pag.

51) **Os Lusiadas** de Luiz de Camões. — Edição consagrada ao terceiro Centenario do poeta. Porto, Imprensa Portugueza, MDCCCLXXX. 1 vol. in-8.° grande de LX-451 pag. (Traz uma biographia de Camões com novos achados depois dos estudos de 1873).

52) **Os Lusiadas**, por Luiz de Camões. — Edição revista e prefaciada por Theophilo Braga e illustrada com os retratos de Camões e Gama. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1882. Tomo I, in-16 de XX-155 pag. — Tomo II (com a biogra-

phia de Vasco da Gama, por Teixeira Bastos) de IV-140 pag.

53) **Os Lusiadas** (tiragem de 57 exemplares) 1889.

Lusiadas (Vid. n.º 48, tiragem especial).

54) **Excerptos de um Cancioneiro quinhentista.** — Trovas que se fizeram nas Terças em tempo de El-rei Dom Manoel, com uma Introducção do dr. Theophilo Braga. — Publicados por Antonio Francisco Barata. Evora, Typographia Minerva, 1883. In-8.º pequeno, de 16 pag. de introducção não numeradas, e 46 pag. de texto.

55) **A primeira Poesia impressa de Luiz de Camões,** no livro do Doctor Garcia d'Orta intitulado *Coloquios dos Simples e Drogas,* com um Estudo pelo dr. Theophilo Braga. Anno 363 (1887) do nascimento de Luiz de Camões, auctor dos *Lusiadas.* Lisboa. Folheto de 22 pag. in-4.º

56) **A terceira Poesia impressa em vida de Camões:** *A Elegia a D. Leonis Pereira.* Folheto. Acompanha uma reproducção phototypica. Lisboa, 1892. (Saíu primeiramente no *Circulo camoniano,* vol. II, pag. 109).

57) **Um Soneto de Camões glosado por Philippe II.**

Lisboa, Imprensa Nacional, 1889. Folheto, in-8.° de 30 pag.

Foi reescripto com novos elementos e incorporado no volume *Camões e o Sentimento nacional* (Vid. n.° 26).

58) **Gaia, romance por João Vaz.** — Publicado segundo a edição de 1630, e acompanhado de um *Estudo sobre a transformação do romance popular* no romance com fórma erudita nos fins do seculo XVI. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1868. In-8.° grande de VIII-40 pag.

59) **Obras completas de Bocage.** — Vol. I: *Sonetos.* Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1875. In-8.° pequeno, de VIII-386 pag. — Vol. II: *Canções, Elegias, Idyllios, Cantatas, Epistolas e Satyras.* Idem, ibid., 512 pag. — Vol. III: *Redondilhas* (Anacreonticas), *Cançonetas, Glosas, Fabulas, Epigrammas.* Idem, ibid., 317 pag. — Vol. IV: *Elogios dramaticos, Dramas allegoricos, Fragmentos.* Idem, ibid., 195 pag. — Vol. V: *Versões lyricas, Episodios traduzidos, Fastos* (Metamorphoses). Idem, ibid., de 272 pag. — Vol. VI: *Poemas didacticos traduzidos.* Idem, ibid., de 467 pag. — Vol. VII: *Dramas traduzidos.* 1876. Idem, ibid., de 304 pag.

Pertence a esta edição o volume *Bocage, sua vida e época litteraria,* incorporado na *Historia da Litteratura portugueza* (Vid. n.° 31).

60) **Outomnaes.** — *Versos* por Alexandre da Conceição. Porto, Imprensa Portugueza, 1892. De pagina v a xv, vem uma introducção sobre Alexandre da Conceição.

61) **Raios de extincta luz.** — Poesias ineditas de Anthero de Quental, com um *Escorso biographico.* Lisboa, Typographia da Academia. M. Gomes — Editor, 1892. 1 vol. in-8.º de XLVIII-258 pag.

61-A) **Campo de Flôres.** — Poesias lyricas completas de João de Deus. — Edição authentica e definitiva. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893. 1 vol. in-8.º de perto de 700 pag.

Edição promettida nas *Modernas Ideias na Litteratura portugueza,* vol. II, pag. 49.

SECÇÃO III

Actividade philosophica

Sociologia, Politica e Historia

62) **Systema de Sociologia.** — Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1884. 1 vol. in-8.° maximo, de xvi-528 pag.

Uma parte dos Preliminares são desenvolvidos dos *Traços geraes de Philosophia positiva*. O primeiro capitulo appareceu pela primeira vez no *Positivismo* (vol. II, pag. 405, e vol. III, pag. 22 e 165). O segundo capitulo desenvolve a *Mesologia das Civilisações* (*Era Nova*, pag. 481). O terceiro capitulo, dos *Traços geraes*, desenvolvendo a theoria da População; e a *Theoria dos Grandes Homens*, que serviu de introducção ao *Plutarcho portuguez*, e appareceu com ampliações na *Encyclopedia republicana*, até á sua redacção e incorporação definitiva. No terceiro capitulo entrou a *Organisação da Sociedade romana* (*Positivismo*, tom. I, pag. 160) com modificações capitaes, e a *Marcha da politica europêa* em relação ao destino da Civilisação occidental (*Positivismo*, tom. IV, pag. 3, 81, 253). No quarto capitulo entrou a *Constituição da Esthetica positiva* (*Positivismo*, vol. I, pag. 409), a *Systematisação da Moral* e *Moral na Sciencia e na Industria* (*Ibid.*, vol. II, pag. 100 e [illegible]3) e parte da *Disciplina mental*, vol. I, pag. 1. [illegible] quinto capitulo desenvolve a *Classificação dos Conhecimentos humanos*, pri-

meiramente apresentada nos *Traços geraes de Philosophia positiva,* com retoques essenciaes e novos schemas.

Esta obra é a Introducção de um *Systema geral de Sociologia* (em elaboração).

N. B. — Os preliminares da *Sociologia* foram traduzidos em italiano, por Tebaldo Falcone, publicados na *Rivista scientifica* de Morselli (1886) e transcriptos na *Revue socialiste,* n.º 18, 3.º anno.

63) **Historia Universal.** — Esboço de Sociologia descriptiva. Lisboa, Nova Livraria Internacional — Editora, 1879. 1 vol. in-8.º grande, de 284 pag. (Parte I: *Noção positiva da Historia — Civilisações fundadas sobre o empirismo das Artes industriaes:* Egypto, Chaldêa, Babylonia e Assyria).

Na Advertencia do Editor, no fim d'este volume, lê-se: «O livro que hoje publicamos, encerra o estudo para as lições professadas na regencia interina da Cadeira de Historia universal e patria (1878-1879) no Curso superior de Lettras; e como documento do seu trabalho o dr. Theophilo Braga entendeu devel-o publicar como independente do plano, cuja realisação depende em grande parte do accidente das assignaturas».

64) **Historia Universal.** —Lisboa, Nova Livraria Internacional — Editora, 1882. 1 vol. in-8.º grande, de 320 pag. (Parte II: *As Civilisações cosmopolitas propagadoras das Civilisações isoladas:*

Hegemonia das Raças semiticas — Phenicios — Hebreus — Arabes).

Tanto esta como a obra antecedente formarão parte do *Systema geral de Sociologia,* na secção intitulada: *Statica social.*

65) **Origens poeticas do Christianismo** (Sciencia das Religiões). — Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz — Editores, 1880. 1 vol. in-8.º de VIII-296 pag.

Esta obra continua-se no livro das *Lendas christãs* (Vid. n.º 66). — Appareceu pela primeira vez annunciada em 1864 no prologo da *Visão dos Tempos,* pag. VIII, com o titulo geral de *Historia da Poesia do Christianismo;* e outra vez em 1869, na 2.ª edição, pag. XLIII. Tanto as *Origens* como *As Lendas christãs* formam a primeira e a segunda parte d'esse livro, cuja primitiva elaboração serviu de estimulo ao auctor para os seus estudos sobre a Edade-média.

66) **As Lendas christãs.** — Casa editora Lugan & Genelioux. Porto, 1892. 1 vol. in-8.º de XII-400 pag.

O primeiro capitulo appareceu no tomo IV do *Positivismo,* pag. 431. — O capitulo sobre *Virgilio na Edade-média* é a refundição do que primeiro appareceu nos *Estudos da Edade-média;* o capitulo sobre *O Doutor Fausto* e a *Lenda de Dom João* appareceram pela primeira vez no *Positivismo,* tom. II e IV. As lendas do *Santo Graal* e do *Judeu Errante* foram fundamentalmente reescriptas, aproveitando poucos dos elementos contidos nos citados *Estudos da Edade-média,* que ficaram totalmente annullados.

67) **Poesia do Direito.** — Porto, Casa da Viuva Moré — Editora, 1865. 1 vol. in-8.º de XVI-184 pag.

A parte que se refere ás *Origens poeticas do Direito portuguez* foi reescripta com novos factos na *Historia do Direito portuguez.* D'esta obra extrairam o dr. Oliveira Valle e dr. Caetano de Andrade duas theses para o seu acto de conclusões magnas na Universidade. — Ha um pequeno excerpto publicado no *Archivo Pittoresco.*

68) **Traços geraes de Philosophia positiva,** comprovados pelas descobertas scientificas modernas. — Lisboa, Nova Livraria Internacional — Editora, 1877. 1 vol. in-8.º grande de 240 pag.

A parte d'esta obra que não entrou transformada no *Systema de Sociologia,* é restricta á Psychologia, e será incorporada com novos resultados na *Esthetica positiva* (obra que pertence á *Dynamica social,* segunda parte do *Systema geral de Sociologia*).

Na *Advertencia do Editor,* no fim do primeiro volume da *Historia universal,* se lê: «*Os Traços geraes de Philosophia positiva,* formados das lições na cadeira de Philosophia no Curso superior de Lettras (1874-1878), ...»

69) **Historia do Direito portuguez.** — Os Foraes. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868. 1 vol. in-8.º grande de XV-157 pag.

No capitulo III d'este livro foi desenvolvida a parte que se intitula *Origens poeticas do Direito portuguez.* na obra *Poesia do Direito* (Vid. n.º 67).

70) **Soluções positivas da Politica portugueza:** Parte I: *Da aspiração revolucionaria e sua disci-*

plina em opinião democratica. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1879. In-32, de 94 pag. — Parte II: *Do Systema constitucional como transigencia provisoria entre o Absolutismo e a Revolução.* Ibid. 1879, de 132 pag. — Parte III: *Do advento evolutivo das Ideias democraticas.* Ibid. 1879, de 386 pag. (Tambem uma tiragem com o titulo *Historia das Ideias republicanas em Portugal,* com um prologo especial).

71) **Dissolução do Systema monarchico-representativo.** — Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1881. 1 vol. in-16 de IV-204 pag.

Reproducção systematica de artigos do *Rebate, Vanguarda* e *Seculo,* jornaes da democracia portugueza.

72) **Os Centenarios, como Synthese affectiva nas Sociedades modernas.** — Porto, Typographia Teixeira, 1884. 1 vol. in-32 de x-234 pag. (N.º 1 da Bibliotheca moderna Luso-Brazileira, de Matheus Perez).

O primeiro estudo serviu de prologo á *Bibliographia camoniana,* porém aqui ampliado com a Biographia de Camões (Vid. n.º 52) e uma apreciação do Congresso das Associações portuguezas. — O segundo estudo appareceu na *Era Nova* (pag. 337) aqui ampliado com a parte referente á sua influencia politica (artigo do *Seculo*). A terceira parte appareceu no *Positivismo* (vol. I, pag. 325). O quarto estudo, sobre Diderot, appareceu na *Revista de Estudos Livres* (vol. I, pag. 529). O quinto estudo, sobre o Marquez de Pombal, appareceu parte no *Positivismo* (tom. IV, pag. 62) e parte no *Seculo.*

*

SECÇÃO IV

Varia: **Juvenilia — Opusculos — Separata — Collaboração jornalistica**

(Pequenos Escriptos)

73) **Folhas Verdes.** — Ponta Delgada, MDCCCLIX. 1 vol. in-8.º grande de xx-258 pag. (O prologo é de Francisco Maria Supico, sobre a historia litteraria da Ilha de S. Miguel).

73-A) **Folhas Verdes.** — Versos dos quinze annos. 2.ª edição correcta e augmentada. Porto, Livraria de Anselmo de Moraes, 1869. 1 vol. in-8.º de VIII-290 pag.

N'esta edição foi supprimido o Prologo de F. M. Supico, e accrescentou-se o poemeto em quatro cantos *Graves Nadas* (continuação do *Hyssope* de Diniz) e uma farça da eschola nacional, segundo a tradição de Gil Vicente, *O Lobo da Madragôa.* No fim do volume vem em Appenso, a transcripção dos Juizos da Imprensa sobre as Obras de Theophilo Braga.

74) **Contos phantasticos.** — Lisboa, Typographia Universal, 1865. 1 vol. in-8.º de XI-217 pag.

Os contos *Azas brancas* e *O Véo,* saíram na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil;* os restantes foram publicados no *Jornal do Commercio,* á excepção dos dous ultimos, que pela primeira vez appareceram

n'este livro. Em 1886 foram casualmente reproduzidos em folhetins da *Folha Nova*, do Porto. Existe um conto avulso na *Renascença*, do Porto, reproduzido depois na *Selecta Infantil*, de Joaquim de Araujo, e outro *A Rosa de Saron*, em uma pequena Revista academica de Lisboa.

75) **Grammatica portugueza elementar**, fundada sobre o methodo historico-comparativo. Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira, 1876. 1 vol. in-8.° de XI-151 pag.

Admittida no Lyceu de Santarem, e no Brazil no Collegio de Pedro II.

76) **Historia da Poesia moderna em Portugal.** — Carta a Nogueira Lima sobre a *Grinalda*. Porto, Typographia da Livraria Nacional, 1869. Opusculo in-8.° grande de 20 pag.

Foi incorporado este Estudo na *Introducção á Historia da Litteratura portugueza*. Animou Nogueira Lima a completar o seu vasto repositorio de Poesia moderna, dedicando por isso ao auctor o quinto volume. N'esta collecção da *Grinalda* publicou o *Piano de Elvira* (incorporado nas *Torrentes*), a *Noite escura da alma*, de S. João da Cruz, e duas pequenas versões de Runeberg (Vid. n.° 5-A).

77) **As Theocracias litterarias.** — Relance sobre o estado actual da Litteratura portugueza. Lisboa, Typographia Universal, 1865. Opusculo in-8.° grande de 14 pag.

Pertence á celebre questão da *Eschola de Coimbra*, que se denominou mais tarde *Dissidentes litterarios*.

Fôra escripto para folhetim do *Jornal do Commercio*, onde o não quizeram publicar, deixando o auctor de fazer parte da collaboração. A esta época da collaboração do *Jornal do Commercio* pertencem os artigos sobre Poesia popular portugueza (Vid. n.º 6) e os Contos phantasticos (Vid. n.º 74).

78) **Excavações bibliographicas.** — Seculo XVI: As Poesias e Prosas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Porto, Typographia do *Diario Mercantil*, 1868. In-8.º pequeno de 15 pag.

Foi incorporado depois na *Historia de Camões*, quando se estudou a personalidade de Soropita. É da maior raridade; simples tiragem de um artigo sobre a edição de Soropita, publicado no *Diario Mercantil*, do Porto.

79) **O Cancioneiro portuguez da Vaticana e suas relações com os Cancioneiros dos seculos XIII e XIV.** (Separata do *Zeitschrifte fur romanische Philologie*, de Bresláo), 1877. In-8.º de 29 pag.

Foi incorporado com importantes modificações na introducção á edição critica do *Cancioneiro portuguez da Vaticana* (Vid. n.º 45).

80) **Sobre a origem portugueza do Amadis de Gaula.** (Separata da *Rivista di Filologia romanza*. Vol. I, fasc. 3). Imola, 1873. In-8.º grande de 11 pag.

Incorporado nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* (Vid. n.º 34). Por este artigo é que Du Puymaigre apreciou a questão do Amadis, retomada por Braunesfel.

81) **Cartas curiosas do Abbade Antonio da Costa.** (Separata do *Boletim de Bibliographia portugueza*, n.os 6 e 8). Coimbra, 1879. In-8.º grande de 24 pag.

Incorporado nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza* (Vid. n.º 34).

82) **Revista critica de Litteratura moderna.** — *A Delphina do Mal*, por Thomaz Ribeiro. Porto, Imprensa Popular, 1868. In-8.º grande de 32 pag.

A esta collecção pertence um segundo folheto escripto por Oliveira Martins sobre *Theophilo Braga e o Romanceiro portuguez*.

83) **Os Criticos da Historia da Litteratura portugueza.** — Exame das affirmações dos snrs. Oliveira Martins, Anthero de Quental e Pinheiro Chagas. Porto, Imprensa Portugueza — Editora, 1872. In-8.º pequeno de 48 pag.

Provocou dous violentissimos folhetins de Anthero de Quental, no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto.

84) **Retrato e Biographia de Camões**, escripta especialmente por ... e offerecida gratis pela Casa Minerva. Lisboa, 10 de junho de 1880. (Uma tira dobrando em in-32, com 6 pag. de texto).

Incorporada na Biographia da edição dos *Lusiadas* (Vid. n.º 52) e dos *Centenarios* (Vid. n.º 72).

85) **Camões, a Typographia e as Sciencias no seculo XVI.** — Conferencia feita pelo ... na sala da Associação typographica lisbonense, no mez de julho de 1880, por occasião e para festejar o tricentenario de Luiz de Camões. Impresso em Lisboa e offerecido á Associação typographica lisbonense, no dia do seu anniversario. 1892. In-8.° grande, gothico, 8 pag. não numeradas.

Appareceu pela primeira vez em 1880 no Relatorio annual da Associação typographica.

86) **O Poema de Camões.** — Poesia consagrada ao Centenario do Poeta, para ser recitada na Matinée dos actores no Theatro normal. Lisboa, Imprensa de Sousa Neves, 1880. In-8.° de 8 pag. (Duas tiragens com differente cercadura de pagina).

Incorporada nas *Miragens Seculares* (Vid. n.° 5) com mais uma estrophe final com que foi recitada no Porto em 1880 pela actriz Falco.

87) **Stella Matutina,** poema biblico. — Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1863. In-8.° grande de 14 pag.

Incorporado na *Visão dos Tempos* (Vid. n.° 1). Tem algumas variantes, epigraphe e uma nota. Teve uma tiragem de 200 exemplares, para offertas.

88) **Voltaire.** — Conferencia publica para celebrar o primeiro centenario de Voltaire. No Gremio Operario de Lisboa, em 30 de maio de 1878. Porto,

Imprensa Commercial, 1878. In-8.º grande de 26 pag.

Incorporada nos *Centenarios* (Vid. n.º 72).

89) **O Centenario da descoberta da America.** — Lisboa, na Typographia da Academia real das Sciencias, 1892. In-4.º de 20 pag.

Para servir de introducção geral á série de Memorias apresentadas pela Commissão executiva do Centenario de Colombo, por d[illegible]inação da Academia das Sciencias.

90) **Michelet.** — Conferencia historico-litteraria. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1877. In-32 de 31 pag.

Incorporada no livro *As modernas Ideias na Litteratura portugueza*. Foi celebrada esta conferencia para concorrer com uma subscripção portugueza para o tumulo de Michelet (Vid. n.º 33).

91) **Espirito do Direito civil moderno.** — Direito subsidiario, Propriedade, Contractos. Porto, Livraria Internacional, 1870. In-8.º grande de 40 pag.

These de concurso para uma substituição na Faculdade de Direito, da Universidade, em 1871. Mereceu a attenção do dr. Vicente Ferrer Netto [illegible] que em carta particular enunciava a seu sobrin[illegible]dr. Seiça, que a Faculdade de Direito devia admittir o auctor ao magisterio.

92) **Caracteristicas dos Actos commerciaes.** — Dissertação para o concurso das cadeiras de Com-

mercio e Economia politica, na Academia Polytechnica do Porto. Porto, Typographia Lusitana, 1868. In-8.° grande de 46 pag.

Foi rejeitado o auctor n'esse concurso; comtudo, este trabalho era citado na aula de Direito Commercial, no 4.° anno da Faculdade de Direito.

93) **Theses sobre os diversos ramos de Direito,** as quaes na Universidade de Coimbra em 1868 defenderá, etc. — In-8.° grande de 22 pag. (Na Imprensa da Universidade).

Foram as primeiras theses que se publicaram em portuguez no regimen universitario.

94) **Chateaubriand.** — Obras primas: *Atala — Renato — Aventuras do derradeiro Abencerrage.* Coimbra, Imprensa Litteraria, 1867. 1 vol. in-8.° de VIII-248 pag.

95) **Balzac.** — *A Duqueza de Langeais — A missa do atheu — Uma paixão no deserto.* Porto, na Typographia de Manoel José Pereira, 1869. 1 vol. in-8.° de XXXII pag.: Introducção ás Obras de Balzac. Texto 263 pag. (NB. Na capa da brochura annunciava-se a traducção do *Primo Pons*).

A *Introducção geral á Comedia humana* foi desenvolvida e incorporada na obra *As modernas Ideias na Litteratura portugueza.*

96) **Fabulas de Lafontaine,** illustradas por Gustave Doré. — Texto portuguez de Bocage, Filinto Elysio, Curvo Semedo, Costa e Silva, Malhão e Couto Guerreiro, e pelos mais notaveis poetas contemporaneos de Portugal e Brazil. Obra acompanhada de estudos criticos pelos snrs. Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. Lisboa, David Corazzi, 1886. 2 vol. in-fol.

Pertencem-lhe n'esta obra o estudo intitulado *Processo artistico de Lafontaine,* pag. XXVII a XXXI, e a traducção da Fabula XX do livro I: *O homem e a sua imagem,* (pag. 71) feita pela fórma homeometrica, homeorythmica e homoestrophica.

97) **Plutarcho portuguez.**

A introducção geral, *Theoria dos grandes Homens,* appareceu mais desenvolvida na *Encyclopedia republicana,* e com maiores ampliações no capitulo II do *Systema de Sociologia,* §. III (Vid. n.º 62).

Na 1.ª série: as biographias de *Camões* (fasciculo III); *Padre Antonio Vieira* (fasciculo VI); *Marquez de Pombal* (fasciculo VII); *Bocage* (fasciculo X).

Na 2.ª série: as biographias de *Gomes Freire de Andrade* (fasciculo VIII); *Almeida Garrett* (fasciculo XI).

98) No livro sobre Pombal, escripto por differentes litteratos, vem: **O marquez de Pombal e a restauração da Litteratura portugueza.** (De pag. 211 a 231).

Reimpresso com uma segunda parte sobre a fundação da Academia das Sciencias, com o titulo: *O seculo XVIII em Portugal,* na *Revista de Portugal.*

99) **Bibliographia critica de historia e litteratura** (1873-1875). — Porto, Imprensa Litterario-Commercial, 1875. 1 vol. in-8.º grande de 390 pag.

N'esta revista pertencem-lhe os artigos:

— *Chronica da fundação do mósteyro de Sam Vicente dos Conegos regrantes,* 1873 (a pag. 240).

— *Considerations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes,* 1872 (a pag. 148).

— *Discours de reception de Mr. Littré,* 1872 (a pag. 274).

— *Retrato de la Lozana andaluza,* do padre Francisco Delicado, 1875 (a pag. 97).

— *As Saudades da Terra,* do dr. Gaspar Fructuoso, 1873 (a pag. 215).

— *Helena,* fragmento de um romance inedito de Garrett, edição de 1871 (a pag. 226).

— *Don Juan Ruiz de Alarcon y Mendoza,* por Guerra y Orbe, 1871 (a pag. 309).

— *Opusculos,* de Alexandre Herculano, 1873 (pag. 193).

— *Camões e os Lusiadas,* por Francisco Evaristo Leoni, 1872 (a pag. 65).

— *Os Lusiadas,* ensaio sobre Camões e a sua obra, por Oliveira Martins, 1872 (Ibid.).

— *Camões e os Lusiadas,* por Joaquim Nabuco, 1872 (Ibid.).

— *Musicas e canções populares,* colligidas por Neves e Mello, 1872 (a pag. 204).

— *Romancero del Cid,* colligido por D. Carolina Michaëlis, 1871 (a pag. 337).

— *Canti antichi portoghesi, tratti dal Codice Vaticana,* por E. Monaci, 1873 (a pag. 244-318).

— *Noticia dos manuscriptos da Livraria da exc.ma casa de Sam Lourenço,* 1871 (a pag. 224).

— *La literatura portuguesa en el siglo XIX,* por Romero Ortiz, 1870 (a pag. 33).

— *Beiträge zur Textkritik der Lusiadas der Camões,* 1872 (a pag. 257).

— *Cancionero de Lope de Stuniga,* 1873 (a pag. 321).

— *Cervantes y el Quijote,* por Tubino, 1872 (a pag. 230).

— *Historia y juicio critico de la Escuela poetica sevellana,* 1871 (a pag. 17).

100) **O Positivismo,** revista de philosophia dirigida por ... e Julio de Mattos. 1878-1879. Primeiro volume. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz — Editores, 1879. 1 vol. in-8.º grande de 484 pag.

Pertencem-lhe os artigos:

Disciplina mental (pag. 1); *Gram Vasco,* determinação da sua personalidade historica (pag. 50); *Bases positivas das doutrinas socialistas* (pag. 84); *A impressão artistica* (pag. 110); *Organisação da sociedade romana* (pag. 160); *Formação da lenda do Fausto* (pag. 213); *Mentalidade positiva* (pag. 245); *Origem dos Ciganos* (pag. 269); *Voltaire,* conferencia publica (pag. 325); *A Edade-média segundo a Philosophia positiva* (pag. 369); *Constituição da Esthetica positiva* (pag. 409). — Bibliographia: *Amadis von Gallien,* von Ludwig Braunsfels (pag. 145); *Las Nacionalidades,* por Pi y Margall (pag. 300); *Historia da Civilisação iberica,* por Oliveira Martins (pag. 385).

— (1879-1880). Segundo volume. Ibidem, 1880. In-8.º de 523 pag.

Artigos: *O centenario de Camões em 1880* (pag. 1); *Tradições das raças selvagens do Brazil* (pag. 22);

Moral na sciencia e na industria (pag. 100); *Systematisação da Moral* (pag. 203); *As faculdades poeticas* (pag. 253); *Gil Vicente, ourives e poeta* (pag. 348); *Sociologia*, esboço deductivo (pag. 405). — Bibliographia: *Historia de Portugal*, por Oliveira Martins (pag. 140); *As festas do centenario de Camões* (pag. 167, 245, 317); *O centenario de Camões no Brazil* (pag. 513).

O Positivismo. (1880-1881). Terceiro volume. Ibidem, 1881. In-8.° grande de 449 pag.

Artigos: *Sociologia* (conclusão, a pag. 22 e 165): *Gil Vicente ourives e poeta* (pag. 127); *O centenario de Calderon* (pag. 207); *Politica positiva* (pag. 291); *Superstições populares portuguezas* (pag. 391). — Bibliographia: *Portugal contemporaneo*, por Oliveira Martins (pag. 345).

— (1882). Quarto volume. Ibidem, 1882. Typographia Elzeviriana. 1 vol. in-8.° grande de 504 pag.

Artigos: *Marcha da politica europêa em relação aos destinos da Civilisação occidental* (pag. 3, 81, 253); *O centenario do marquez de Pombal* (pag. 62); *A lenda de D. João* (pag. 333); *Formação das Lendas christãs* (pag. 431). No ultimo numero d'esta revista lê-se: «Trabalhos numerosos e absorventes de um dos directores de *O Positivismo*, o snr. Julio de Mattos, ultimamente nomeado medico adjunto do Hospital de alienados do Conde de Ferreira, forçando este senhor a retirar-se da direcção d'esta revista, determinam a suspensão d'ella».

101) **Revista de Portugal.** (1889). Porto.

Vol. I — N.os 2 e 3: *A Epopêa da Humanidade.*
N.º 6: *O seculo XVIII em Portugal* (Vid. n.º 98, onde vem a primeira parte d'este estudo).
Vol. IV — N.º 20: *Novos dados sobre a vida de Bernardim Ribeiro.*
N.º 21: *João de Deus.*

102) **Circulo camoniano.** (1889-90).

N.º 2: *Camões e a poesia popular na India portugueza.*
N.º 3: *Camões e a gruta de Macau.*
N.º 4: *O nome de Luiz de Camões.*
N.º 8: *Homenagem a Camões por um Poeta judeu.*
N.º 9: *O visconde de Juromenha.*
N.º 10: *O maravilhoso nos Lusiadas.*

— (1891 — ?):

Fasc. I: *Camillo e Camões.*
Fasc. V: *Camões e a historia da provincia de Santa Cruz.*

103) **A Era Nova** — Revista do movimento contemporaneo, dirigida por... e Teixeira Bastos. Proprietarios: Silva Lisboa e Joaquim dos Reis. (1880-1881). Lisboa, 1881. (Typographia Sousa Neves, e depois Ferreira). 1 vol. in-8.º grande de IV-572 pag.

Artigos: *Os livros populares portuguezes* (pag. 3 e 49); *Da tradição poetica provençal na litteratura portugueza* (pag. 97); *A historia de Portugal na voz do povo* (pag. 148); *As Cartas da Religiosa portugueza* (pag. 193); *As adivinhas populares* (pag. 241 e

433); *Henriques Nogueira* (pag. 289); *Monumentos da litteratura portugueza* (pag. 330, 414 e 467); *O centenario de Calderon* (pag. 437); *Os jogos populares infantis* (pag. 343); *Littré* (pag. 385); *Mesologia das Civilisações* (pag. 481). — Poesias: *A linguagem dos mythos* (pag. 51); *Os semeadores da peste* (pag. 566). — Variedades: *A Civilisação arabe em Portugal* (pag. 88); *O romance popular de Virgilio* (pag. 89); *O descante como origem da musica moderna* (pag. 91); *A canção do Amadis de Gaula* (pag. 184); *Uma salva do seculo XV* (pag. 187). — Bibliographia: *Sonetos*, por Anthero de Quental, e *Filigranas*, por Freitas e Costa (pag. 334); *Lyra intima*, por Joaquim de Araujo (pag. 569).

104) **Revista contemporanea de Portugal e Brazil** (no vol. v):

O masthodonte — Ultima gargalhada de Mephistopheles — A lenda popular da hospitalidade — Mystica da arte — Notas biographicas sobre José Gomes Monteiro — As azas brancas — O Véo.

105) **Revista de Estudos Livres.** — Directores litterarios em Portugal, dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. No Brazil, drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero (1883 a 1884). Lisboa, Nova Livraria Internacional — Editora, 1884. 1 vol. in-8.° grande de 580 pag.

Artigos: *Elementos da Nacionalidade portugueza* (pag. 4, 6, 13, 49, 97, 145, 193, 241, 289, 337, 433, 481). — Bibliographia: *Sciencia pre-historica* (pag. 138); *Lucros e perdas* (pag. 333); *Principios de Economia politica*, de Rodrigues de Freitas (pag. 428); *Programma da Revista* (pag. 1); *Diderot* (pag. 529).

Revista de Estudos Livres. (1884 a 1885). Ibidem.

Artigos: *Historia da Pedagogia em Portugal* (pag. 1, 105, 158, 217, 232, 469, 521); *Pequeno estudo sobre o Conto da Carochinha* (pag. 165); *Almeida Garrett* (pag. 365). — Bibliographia: *Farfarras*, de Theophilo Dias (pag. 153); *D. João I e a alliança ingleza* (pag. 258); *Bosquejos ethnologicos* (pag. 355); *O Cancioneiro da Ajuda* (pag. 607).

— (1885 a 1886). Ibidem.

Artigos: *O Padre Antonio Vieira* (pag. 1); *Sobre a Poesia popular da Galliza* (pag. 80 e 114); *Gomes Freire de Andrade* (pag. 241); *Historia da Pedagogia* (pag. 321, 425, 529); *Ensaio sobre a moderna concepção do Direito* (pag. 419).

— (1887):

N.º 1: *A Grecia e a sua missão historica.*

Revista Lusitana, archivo de estudos philologicos e ethnologicos, relativos a Portugal. 1887.

N.º 1: *Fórmas populares do Theatro portuguez — O conde de Luz Bella.*

N.º 2: *Additamento aos Cantos populares dos Açores.*

Carlos Ribeiro. — Revista scientifica, 1889-91.

Vol. I, n.º 1: *O mytho de Istar em uma lenda extremenha e asturiana.* No vol. II, n.º 5: *O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Istar na tradição occidental.*

106) **Na Academia**, de Madrid, de 29 de abril de 1877: *Typo do Romance popular hespanhol*

antigo. Ibidem: *Sanches, precursor do Positivismo.* Vol. II: *O riso de Cervantes,* ibidem.

107) **Na Philosophie positive,** revue dirigée par E. Littré et G. Wyrouboff (VIIIe année, n.° 1, Juillet-Août, 1875): *Constitution de l'Esthetique positive* (pag. 34 a 51).

Mr. Littré accrescentou a seguinte nota:

« Mr. Théophile Braga, qui occupe un rang élevé dans l'enseignement de la littérature de son pays, est un homme jeune encore, dont la reputation s'étend au delà des limites du Portugal ».

108) **Na Zeitschrifte fur romanische Philologie,** de Bresláo (Vid. n.° 50 retrò), fasc. II, 1877.

109) **Na Rivista di Letteratura popolare,** diretta da Francesco Sabatini. Vol. I, fasc. II: *Litteratura dos Contos populares portuguezes* (pag. 116 a 136). Roma, 1877.

110) **Na Rivista di Filologia romanza,** diretta da Ernesto Monaci. Vol. I, fasc. III (Vid. n.° 80 retrò). Roma, 1875. *Sobre a Origem portugueza do Amadiz de Gaula.*

111) **No Atheneum,** de Londres, n.° 2:638, de 18 de maio de 1878. Sobre a traducção dos *Lusiadas* em inglez por Aubertin. Ibidem, diversos artigos bibliographicos.

112) Na **Illustracion iberica**, de Barcelona (anno II, 1884, n.os 95, 96, 97), artigo sobre a invasão arabe (traducção dos *Elementos da Nacionalidade portugueza*). Parte d'este estudo appareceu tambem traduzido na *Voz de la Catalunha*.

113) Na **Biblioteca de las Tradiciones populares españolas**, tomo VII, vem a pag. VII-XLV um estudo *Sobre a poesia popular da Galliza*, servindo de prologo ao *Cancioneiro popular gallego*, de D. José Perez Ballesteros, tomo I. Madrid, 1885.

114) No **Instituto**, de Coimbra: artigos sobre a *Poesia romana amorosa*; sobre a *Poesia heroi-comica*. — Poesias: *A volta*; *O pardalsinho de Lesbia*.

115) Na **Encyclopedia republicana**: artigo sobre *Ritos funerarios*; *Os grandes homens*; *Nota das Conferencias sobre Camões*.

116) Na **Renascença**, de Joaquim de Araujo: Biographia de *João de Deus*; sobre *Os romances realistas*, de Eça de Queiroz; sobre as *Novellas do Minho*, de José Augusto Vieira. — Poesia: *A vinha do Senhor* e a *Fabula moderna*; *No cerco do Porto*.

117) Na **Á Volta do Mundo**: Sobre as *Superstições populares portuguezas*, pag. 41, 47, 72, 91,

106, 124, 139, 154, 170, 185, 210, 226, 242, 256, 290, 321, 338, 369, 385, do vol. II.

Incorporadas no vol. *O povo portuguez* (Vid. n.° 14).

118) **Na Galeria republicana**: Sobre *Henriques Nogueira; A Revolução de 1820.*

119) No **Occidente**: Biographias de *Calderon de la Barca; Emilio Littré* (acompanhadas de retratos).

120) VARIA:

Andaluzia. Numero unico. — Uma prosa.
Album de Casamichiola. — Texto em prosa.
Porto-Andaluzia. — Estrophe.
Lisboa-Porto. — Poesia: *Fraternidade.*
Album Calderoniano. — Poesia.

Conferencias publicas:

1. *Programma do partido republicano portuguez,* 12 de janeiro de 1891. (Folha solta).
2. Sobre *Os grandes homens,* 1872 (na Federação academica).
3. *Da anarchia dos espiritos* (no Atheneu, em 1875).
4. Sobre *Michelet* (na Associação dos Empregados do Commercio, 1878).
5. Sobre *Voltaire* (no Club Operario de Alfama, 1878).
6. Sobre a *Vida de Camões* (Idem, 4 conferencias por occasião do Centenario em 1880).
7. Sobre a *Formação da Litteratura portugueza* (na Sociedade de Instrucção do Porto, 1880).

8. Sobre a *Communa de Paris.*
9. Sobre a *Politica scientifica.*
10. *Disciplina mental pela Sciencia* (no Club União, 1877).
11. Sobre o *Marquez de Pombal.*
12. Sobre a *Tomada da Bastilha.*
13. Sobre *Henriques Nogueira* (no Club Henriques Nogueira).
14. Sobre a *Missão da Philosophia no seculo XIX* (no salão da Trindade).
15. Sobre *As bases fundamentaes da Pedagogia moderna* (na Camara Municipal).
16 a 20. Sobre *Os Jesuitas* (No Club Henriques Nogueira).
21. Sobre o *Anniversario da proclamação da Republica no Brazil.*
22. *Desenvolvimento das Litteraturas romanicas* (na Academia das Sciencias).

Serie chronologica das Obras de Theophilo Braga

1859 — *Folhas Verdes*. Ponta Delgada.
1862 — Collaboração no *Instituto* de Coimbra.
1863 — *Stella Matutina*. Porto.
1864 — *Visão dos Tempos*. Porto.
» — *Tempestades sonoras*. Porto.
1865 — *Poesia do Direito*. Porto.
» — *Contos phantasticos*. Lisboa.
» — *Theocracias litterarias*. Lisboa.
1866 — *Ondina do Lago*. Porto.
1867 — *Historia da Poesia popular portugueza*. Porto.
» — *Cancioneiro popular*. Coimbra.
» — *Romanceiro geral*. Coimbra.
» — *Gaia*, romance de João Vaz. Coimbra.
1868 — *Historia do Direito portuguez*. Coimbra.
» — *Obras primas de Chateaubriand*. Coimbra.
» — *Caracteristicas dos Actos commerciaes*. Porto.
» — *Revista critica de litteratura moderna*. Porto.
» — *Theses escolhidas de Direito*. Coimbra.

1869 — *Torrentes*. Porto.
» — *Cantos populares do Archipelago açoriano*. Porto.
» — *Floresta de varios Romances*. Porto.
» — *Historia da Poesia moderna em Portugal*. Porto.
» — *Obras primas de Balzac*. Porto.
» — *Visão dos Tempos* (2.ª edição). Porto.
» — *Folhas verdes* (2.ª edição). Porto.
» — *Excavações bibliographicas*. Porto.
1870 — *Historia da Litteratura portugueza* (Introducção). Porto.
» — *Historia do Theatro portuguez* (vol. I e II). Porto.
» — *Estudos da Edade-média*. Porto.
» — *Espirito do Direito civil moderno*. Porto.
1871 — *Historia do Theatro portuguez* (vol. III e IV). Porto.
» — *Epopêas da raça mosarabe*. Porto.
» — *Trovadores galecio-portuguezes*. Porto.
» — *Poetas palacianos*. Porto.
» — *Historia dos Quinhentistas*. Porto.
» — *Obras de Christovam Falcão*. Porto.
1872 — *Bernardim Ribeiro e os bucolistas*. Porto.
» — *Theoria da Historia da Litteratura portugueza*. Porto.
» — *Os Lusiadas* (edição popular). Porto.
» — *Os criticos da Historia da Litteratura*. Porto.
» — *Bibliographia critica* (collaboração). Porto.
1873 — *Historia de Camões* (Parte I). Porto.
» — *Sobre a Litteratura portugueza* (no *Thesouro da lingua portugueza*).

1873 — *Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente*. Porto.
» — *Sobre a origem portugueza do Amadiz de Gaula*. Imola.
» — *Historia das Novellas portuguezas de cavalleria: Formação do Amadiz de Gaula*. Porto.
» — *Obras completas de Luiz de Camões* (vol. I).
» — *Bibliographia critica* (collaboração). Porto.
1874 — *Historia de Camões* (Parte II). Porto.
» — *Obras completas de Camões* (vol. II a VII). Porto.
1875 — *Manual da Historia da Litteratura portugueza*. Porto.
» — *Obras completas de Bocage*. Porto.
» — *Philosophie positive* (collaboração). Paris.
1876 — *Antologia portugueza*. Porto.
» — *Obras completas de Bocage* (o vol. VII). Porto.
» — *Grammatica portugueza elementar*. Porto.
1877 — *Bocage, sua vida e época*. Porto.
» — *Parnaso portuguez moderno*. Lisboa.
» — *Traços geraes de Philosophia positiva*. Lisboa.
» — *O Cancioneiro portuguez da Vaticana*. Bresláo.
» — *Michelet* (conferencia). Lisboa.
» — *Academia* (collaboração). Madrid.
» — *Rivista di Letteratura popolare* (collaboração). Roma.
1878 — *Cancioneiro portuguez da Vaticana*. Lisboa.
» — *Voltaire* (conferencia). Porto.
» — *O Positivismo* (tomo I). Porto.
1879 — *Historia universal* (vol. I). Lisboa.

1879 — *Soluções positivas da Politica portugueza.* Lisboa.
» — *Cartas curiosas do abbade Costa.* Coimbra.
» — *O Positivismo* (tomo II). Porto.
1880 — *Historia do Romantismo.* Lisboa.
» — *Parnaso de Luiz de Camões.* Porto.
» — *Os Lusiadas* (edição para o Centenario). Porto.
» — *Origens poeticas do Christianismo.* Porto.
» — *Bibliographia camoniana.* Lisboa.
» — *Retrato e biographia de Camões.* Lisboa.
» — *O poema de Camões.* Lisboa.
» — *O Positivismo* (tomo III). Porto.
1881 — *Questões de Litteratura e Arte portugueza.* Lisboa.
» — *Theoria da Historia da Litteratura portugueza* (3.ª edição). Porto.
» — *Dissolução do systema monarchico-representativo.* Lisboa.
» — *A Era Nova* (vol. unico). Lisboa.
1882 — *Os Lusiadas.* Lisboa.
» — *Historia universal* (vol. II). Porto.
» — *O Positivismo* (tomo IV). Porto.
1883 — *Cantos populares do Brazil.* Porto.
» — *Contos tradicionaes do povo portuguez.* Porto.
» — *Excerptos de um Cancioneiro quinhentista.* Evora.
» — *Revista de Estudos Livres* (tomo I). Porto.
1884 — *Miragens seculares.* Porto.
» — *Systema de Sociologia.* Lisboa.
» — *Os Centenarios.* Porto.

1884 — *Revista de Estudos Livres* (tomo II). Porto.
» — *Illustracion iberica* (collaboração). Barcelona.
1885 — *Contos populares do Brazil.* Porto.
» — *O Povo portuguez nos seus Costumes*, etc. Coimbra.
» — *Curso de Historia da Litteratura portugueza.* Porto.
» — *Revista de Estudos Livres* (tomo III). Porto.
» — *Cancioneiro popular gallego* (prologo). Madrid.
1886 — *Fabulas de Lafontaine* (fab. XX e prologo).
1887 — *A primeira poesia impressa de Luiz de Camões.* Lisboa.
1888 — *Os Lusiadas, Epopêa da civilisação moderna* (na edição do Porto).
1889 — *Um soneto de Camões glosado por Filippe II.* Lisboa.
1890 — *A epopêa da humanidade* (na *Revista de Portugal*).
» — *O seculo XVIII em Portugal* (Ibidem).
» — *Camões e a poesia popular na India portugueza* (no *Circulo camoniano*).
» — *O visconde de Juromenha* (Ibidem).
» — *O maravilhoso na epopêa dos Lusiadas* (Ibidem).
1891 — *Manifesto e programma do Partido republicano.* Lisboa.
» — *Historia da Universidade de Coimbra* (tomo I). Lisboa.
» — *Camões e o Sentimento nacional.* Porto.

1892 — *As modernas Ideias na Litteratura portugueza.* Porto.

» — *As Lendas christãs.* Porto.

» — *Raios de extincta luz,* poesias ineditas de Anthero de Quental, com um escorso biographico. Lisboa.

» — Prologo no opusculo *Exposição popular do Positivismo.* Lisboa.

» — *A Synthese cartesiana* (prologo ao livro de Abel Andrade *Sobre a influencia do Cartesianismo*). Coimbra.

» — Prologo ao livro posthumo de Alexandre da Conceição — *Outomnaes.* Porto.

» — *Camões, a typographia e as sciencias no seculo XVI.* Conferencia por occasião do Centenario. Lisboa.

» — *O Centenario da descoberta da America.* Lisboa.

1893 — *Alma portugueza.* Porto.

Bibliographia dos escriptos relativos ás Obras de Theophilo Braga

1. Retratos e caricaturas. — 2. Biographias. — 3. Opusculos criticos — — Juizos da imprensa periodica portugueza — Juizos da imprensa hespanhola, franceza, italiana, ingleza, allemã e americana. — 4. Homenagens. — 5. Traducções.

1. Retratos

1. **Retrato** em cobre, por J. P. de Sousa. Na 1.ª edição da *Visão dos Tempos.*
2. **Outro** em madeira. Na biographia escripta por J. D. Ramalho Ortigão, na *Renascença.*
3. **Outro.** Na *Academia,* de Madrid, tomo v, pag. 157 e 159.
4. **Phototypia.** Na biographia por J. A. Reis Damaso. — Outra de Biel, na *Alma portugueza.*
5. **Gravura** em madeira, por Pastor. Muito reproduzida nos jornaes. Ha uma outra, que é o segundo typo reproduzido nos jornaes.

6. **Caricaturas** de Riché, nos *Homens de hoje;* de Bordallo Pinheiro, no *Antonio Maria;* de Julião Machado, na *Comedia de Lisboa.*
7. **Gravura** em madeira, no *El País,* n.º 978, anno IV, 1890. Madrid.

2. Biographias

8. **Retratos y Semblanzas,** por Modesto Fernandez. Madrid, 1872. (*Perfil biographico,* de pag. 23 a 34).
9. **Theophilo Braga,** por Viriato (D. Benigno Martinez) no *Imparcial* de Madrid. (Traduzida na *Persuasão,* de Ponta Delgada, n.º 679, anno XIV, 1875. Idem, no *Jornal de Coimbra,* anno II, n.º 179).
10. **Theophilo Braga,** por J. D. Ramalho Ortigão, na *Renascença,* do Porto, n.º 5. Reproduzida na Bibliotheca republicana democratica, n.º IX, in-16, 1879. Com uma Nota desenvolvendo topicos biographicos, pelo editor. Idem, na *Persuasão,* n.ºs 932 e 933. 1879. Idem, na *Folha de Hoje,* n.º 190. 1882. Porto.
11. **Theophilo Braga** (1.º numero dos *Homens de hoje,* Lisboa, 1880).

É a anterior biographia, ampliada com outros estudos de Ramalho Ortigão sobre Theophilo, taes como *Manifesto eleitoral* de 1878, na candidatura do circulo 94; trechos das *Farpas,* tomo VIII, de 1877; Cartas portuguezas: *As correntes litterarias,* na *Gazeta de Noticias,* do Rio de Janeiro, 1878.

12. **D. Joaquin Teófilo Braga** — Apuntos biograficos, por E. A. Raposo. Na *Nova Europa,* n.º 6, anno I, 1880.
13. Perfis litterarios. — III **Theophilo Braga,** por Christovão Ayres, no *Diario de Noticias,* n.º 5:124. 1880.
14. **Theophilo Braga** (com retrato) por Cypriano Jardim. No *Diario de Portugal,* n.º 675, anno IV. Idem, na *Actualidade,* n.º 37, anno VII. Porto, 1880.
15. **Theophilo Braga,** por Teixeira Bastos (com photographia) no *Contemporaneo,* n.º 104, anno VII, 1881. Idem, na *Galeria republicana,* n.º 13, anno I, 1882. Idem, na *Homenagem:* 1843-1883, de Pernambuco, 1883. Ha outras reproducções.
16. **Theophilo Braga.** Na *Gazeta de S. Paulo,* n.º 72, anno I, 1881.
17. **Os homens de letras em Portugal.** Na *Nação Portugueza,* n.º 48, anno II. Rio de Janeiro, 1881.
18. Portugal Contemporaneo — **Teófilo Braga,** por D. Rafael M. de Labra. Na *Tribuna,* de Madrid, n.º 39, año I, 1882.
19. Perfis contemporaneos — I **Theophilo Braga,** por Christo Anil. No *Universo Illustrado,* tomo I, 2.ª série, pag. 122 a 124. 1883.
20. **Theophilo Braga** (com retrato). No jornal *A Rasão,* n.º 1, anno I, por H. A. Salgado. Porto, 1883.
21. **Theophilo Braga,** por Lacerda e Mello. Na *Aurora do Cavado,* n.º 837, anno XVII, 1884.

22. **Theophilo Braga** (com retrato), por M. R. No *Serpense,* n.º 4, anno I, 1884.
23. **Theophilo Braga,** por Tebaldo Falcone. No jornal de Milão *Il Pungalo della Domenica,* n.º 38, anno II, 1884.
24. **Theophilo Braga,** por Heliodoro Salgado. Na *Discussão,* n.º 181, anno I. Porto, 1884.
25. **Theophilo Braga.** Na *Nação Portugueza,* n.º 60, anno III. Rio de Janeiro, 1884.
26. **Theophilo Braga.** No *Povo,* do Funchal, n.º 80, anno II, 1884.
27. **Theophilo Braga** — Esboço biographico por Rubem Tavares. Na *Gazeta do Commercio,* n.º 92, anno I. (Victoria, provincia do Espirito Santo. Brazil).
28. **Théophile Braga** — *Esquisse biographique,* de Reis Damaso; trad. par Albert Savine, no *Le Monde de l'Esprit,* annuaire international, livrais. III, pag. 40, 1885.
29. **Theophilo Braga,** por Alves Corrêa. No *Almanach do Seculo,* para 1886, pag. 103 e 104.
30. **Joaquim Theophilo Braga.** No almanach *Victoria da Republica,* para 1887, pag. 81.
31. **Theophilo Braga** (com retrato). No *Almanach illustrado,* para 1887, pag. 59, por Jayme Coutinho.
32. **Theophilo Braga** (com retrato). Na *Sentinella da Fronteira,* n.º 486, anno VII, 1887.
33. **Theophilo Braga,** esboceto biographico, por J. A. Reis Damaso. Porto. 1 folheto in-8.º com uma

phototypia e um fac-simile. (É o 2.° da collecção *Portuguezes e brazileiros. Galeria biographica illustrada*).

34. **Theophilo Braga, retrato e algumas palavras.** Na *Aurora de Evora*, n.° 2, 1889.
35. **Perfiles de republicanos portugueses illustres: Teófilo Braga**, por Adolfo Vasquez Gomes. No jornal *El Telegrama*, da Coruña, n.° 4:563, anno XVI, 1889.
36. **Portugal Contemporaneo**, por D. Rafael Maria de Labra. Madrid. 1 vol. Biographia de Theophilo Braga, a pag. 208 a 218. 1889.
37. Publicistas portuguezes: — **Teófilo Braga**, por D. José Carracido, lente de chimica na Universidade de Madrid. No *Imparcial*, de 1 de fevereiro de 1890. Traduzida na *Actualidade*, do Porto, n.° 31, anno XVII.
38. **Theophilo Braga** (com retrato), por M. L. Nos *Echos da Avenida*, n.° 25, anno II, 1890.
39. **Homens e letras** — *Galeria de Poetas contemporaneos*, por Candido de Figueiredo. Lisboa, 1881. Traduzida a biographia de Theophilo Braga no *El Baluarte*, de Sevilha, n.° 21, anno XIV, 1890.
40. **Theophilo Braga**, por Ladisláo Batalha. No *O Recreio*, n.° 1, da série XIII. Lisboa, 1892.
41. **Dizionario biografico degli scritori contemporanei**, da Gubernatis, vb. BRAGA.
42. Vapereau, *Dictionnaire des contemporains*, vb. BRAGA.

43. **Teófilo Braga**, por M. Curros Enriquez, no jornal *El País*, n.º 978, año IV. Madrid, 1890.
44. Diccionario bibliographico de Innocencio, *Suppl.* por Brito Aranha.
45. **Theophilo Braga e a sua Obra**, por Teixeira Bastos. Porto, 1893. 1 vol. (Reunião systematica de todos os seus artigos criticos ácerca d'este escriptor).

3. **Opusculos criticos — Juizos da imprensa periodica (portugueza, hespanhola, franceza, ingleza, italiana, allemã e americana).**

46. **Visão dos Tempos**, artigo de Anthero de Quental no *Seculo XIX*, de Penafiel, n.º 11, de 1864. Correspondencia de 3 de abril. Transcripto na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil.*
47. — Artigo de Belfort Duarte, no *Correio Paulistano*, de 1864. (Vid. *Folhas Verdes*, 2.ª edição, pag. 231 a 237).
48. **Visão dos Tempos** e **Tempestades sonoras**, artigo de Pinheiro Chagas na *Gazeta de Portugal* e no *Annuario do Archivo Pittoresco;* reproduzido nos *Ensaios criticos.* (Vid. *Folhas Verdes*, 2.ª edição, pag. 224 e 242 a 248).
49. — por Camillo Castello Branco, nos *Esboços de apreciações litterarias.* Sahiu tambem no *Jornal do Commercio.* (Vid. *Folhas Verdes*, 2.ª edição, pag. 237 a 241).

50. **Tempestades sonoras**, artigo de Leonel de Sampaio (Vicente de Faria) no *Commercio do Porto.* (Vid. *Folhas Verdes,* 2.ª edição, pag. 248 a 252).
51. — de Camillo Castello Branco, nos *Esboços de apreciações.* (Vid. *Folhas Verdes,* 2.ª edição, pag. 252-6).
52. — Carta impressa de Castilho. (Ibidem, pag. 256).
53. *Perfis criticos,* por Graça Barreto. Lisboa, 1869. 1 folheto.
54. **Ondina do Lago**, artigo do dr. Luiz Jardim, no *Diario Mercantil,* do Porto. (Vid. *Folhas Verdes,* 2.ª edição, pag. 260 a 265).
55. **Torrentes** — Sobre a *Ultima gargalhada de Mephistopheles,* artigo de Olympio de Freitas (dr. Xavier da Cunha) na *Gazeta de Portugal.* (Vid. *Folhas Verdes,* pag. 260 a 265).
56. **Miragens seculares**, artigo de Moniz Barreto, na *Revista de Estudos Livres,* pag. 200 a 205, tomo II, 1885.
57. — *Ein moderner portuguiesicher Dicter,* artigo no *Budweiser Bote,* n.º 19, anno III.
58. — Noticia na *Revue independante, politique et artistique,* n.º 6. Paris.
59. Sobre toda a obra poetica: *As Epopêas da humanidade na poesia portugueza contemporanea:* **Visão dos Tempos**, por Teixeira Bastos, na *Revista de Estudos Livres,* tomo III, pag. 494 a 517. 1886.
60. — Ácerca do estudo **A Epopêa da humanidade** (na

Revista de Portugal, vol. I), artigo de Hedwig Wiegger, no *Modern Dichtung,* abril de 1890, pag. 269.

61. — *Le Monde poétique,* revue de poésie universelle, IIe année, n.° 2. Paris, 1885. *Les Poètes portugais contemporains,* pag. 75 a 80.

62. — *Os poetas da eschola nova,* por Oliveira Martins, na *Revista occidental,* tomo II, pag. 156 e 157. 1875.

63. — *Le mouvement poétique en Portugal,* por Maxime Formont, na *Revue mensuelle du Monde latin,* tomo XXI, pag. 41 a 44.

64. — *Livro de Critica: Arte e litteratura portugueza de hoje,* 1868-1869, por Luciano Cordeiro. 1 vol. (Vid. juizo a pag. 229).

65. — Artigo do dr. Caetano de Andrade, no *O Povo Açoriano,* n.° 4, anno I, 1886: Considerações sobre a poesia *Lux perpetua,* até áquelle tempo inedita.

66. **Folhas verdes,** artigo de F. M. Supico sobre a primeira actividade poetica do auctor. (Na 2.ª edição, pag. 215 a 222).

67. **Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,** opusculo de J. P. Oliveira Martins: *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro,* etc. Porto, 1869. In-8.°, 48 pag. (É o n.° 2 da *Revista critica de litteratura moderna*).

68. — Artigo do dr. Luiz Jardim, no *Diario Mercantil* do Porto. (Na 2.ª edição das *Folhas verdes,* pag. 271 a 290).

69. **Contos tradicionaes do povo portuguez**, artigo de Teixeira Bastos, na *Discussão*, n.º 119.
70. — Artigo de Francesco Sabatini, na *Roma Antologia*, n.º 37, série III, anno V, 1884.
71. **Contos e Canções populares do Brazil**, artigo de Léo Quesnel, na *Revue bleu*, tomo XXXVIII, pag. 809, 1886. Traduzido na *Actualidade*, n.º 20, anno XIV, por F. Sá Chaves.
72. — Outro, de Teixeira Bastos, no *Diario de Noticias*, n.º 6:405.
73. — Outro, de G. Pitré, no *Archivio per le Tradizioni popolare*, vol. IV, pag. 307.
74. — Outro, por Ernesto Pires, na *Locomotiva*, n.º 93, de Aveiro, 1883.
75. — Outro, de José de Sousa, na *Verdade*, de Thomar, n.º 262, anno V, 1885.
76. — *Uma esperteza*, insinuações do dr. Sylvio Romero. Rio de Janeiro.
77. **O Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições**, artigo de Paul Sebillet, na *Revue des Traditions populaires*, IIe année, pag. 42, 1887.
78. — Outro de Candido de Figueiredo, no *Correio Portuguez*, n.º 33. Outros no *Jornal da Manhã*, n.º 331, anno XIV, 1885. *Commercio de Portugal*, n.º 2:293. *Jornal das Colonias*, n.º 508, anno X.
79. **Introducção á Historia da Litteratura portugueza**: *Considerações sobre a philosophia da his-*

toria da litteratura portugueza, por Anthero de Quental. Porto, 1872. Opusculo.

Appareceu primeiramente em folhetins do *Primeiro de Janeiro.*

80. —*La raza mosarabe y la Literatura portuguesa.* Carta al sñr. D. Teófilo Braga, autor de la *Historia da Litteratura portugueza,* por D. José Amador de los Rios, 30 de octubre de 1872. Na *Revista de la Universidad de Madrid,* 2.ª época, tomo I, n.º 1, pag. 14 a 39.
81. —*La crítica literaria en Portugal: Historia da Litteratura portugueza.* Estudo de D. José Amador de los Rios. Na *Revista de España,* V año, tomo XXVII, 1872. De pag. 157 a 178.
82. —*Os Lusiadas,* ensaio sobre Camões e a sua obra, por J. P. Oliveira Martins. Porto, 1872. 1 vol.

N'este livro, a pag. 170, vem a nota sobre as doutrinas ethnologicas da introducção á *Historia da Litteratura portugueza.*

83. —Foi reforçada por uma local no *Primeiro de Janeiro,* de 26 de janeiro de 1872, por Anthero de Quental; deu origem ao folheto *Os Criticos da Historia da Litteratura portugueza.*
84. —*Elenco dos primeiros nove volumes da Historia da litteratura portugueza,* por F. A. Coelho. Porto, Imprensa Portugueza, 1872.
85. **Introducção á Historia da Litteratura portugueza — Theoria da Historia da Litteratura portu-**

gueza. Artigo critico por F. A. Coelho, na *Bibliographia critica de historia e litteratura.* Porto, 1875. De pag. 129 a 148.

86. — Artigo critico de Silva Pinto.

87. — *As raças historicas na peninsula iberica e a sua influencia no Direito portuguez,* por Julio de Vilhena. Coimbra, 1873. Fol. in-8.º

    Combate a theoria do germanismo da Historia do direito portuguez.

88. — *As raças historicas da Peninsula iberica,* por F. A. Barata, doutor em philosophia. Coimbra, 1872. Folheto.

    Refuta as doutrinas anthropologicas das *Epopêas mosarabes.*

89. — *As raças historicas na Peninsula iberica,* artigo de F. A. Coelho, em replica ao antecedente. Na *Bibliographia critica,* pag. 211 a 215. 1875.

90. **Epopêas da raça mosarabe,** artigo de Joaquim José Marques, no *Jornal do Commercio,* n.º 5:360. Lisboa, 1871. (Saíu anonymo).

91. **Trovadores galecio-portuguezes,** artigo de Silva Pinto.

92. — *Theophilo Braga e os antigos romanceiros de trovadores.* — Provarás para se juntarem ao processo (anonymo). É de F. A. Varnhagem. Vienna, 1872.

93. — Introducção do Marquez de Valmar ás *Cantigas de Affonso o Sabio.*

94. **Poetas palacianos**, artigo de Silva Pinto.

95. — Retoques aos *Poetas palacianos*, nas notas á edição das *Saudades da terra*, de Gaspar Fructuoso, pelo dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo.

96. **Bernardim Ribeiro**, *poète portugais, d'après une recente biographie*, par Maxime Formont. Na *Revue mensuelle du Monde latin*, tomo XXIII, 1891, de pag. 50 a 59.

97. — *A proposito da Historia da Litteratura portugueza*. Carta ao auctor por F. A. Coelho. Porto, Imprensa Portugueza, 1872. Folheto in-8.°

Não chegou a ser posto á venda. Trata do livro *Bernardim Ribeiro*.

N'este folheto annunciava-se:

«*A natureza da influencia exercida pela Renascença foi identica em todas as litteraturas romanicas? Exame da Historia da Litteratura portugueza, de Theophilo Braga, com um lance de olhos sobre outros escriptos ácerca da litteratura portugueza, recentemente publicados*».

98. — *Bernardim Ribeiro e os bucolistas*, artigo de Silva Pinto. Outro no seu livro *Á hora da lucta*, pag. 91. 1872.

99. — *As noites de insomnia — D. Sebastião — Bernardim Ribeiro e o snr. Theophilo Braga*. Carta a Camillo Castello Branco por Pinheiro Chagas. Na *Tribuna*, n.° 9, de pag. 3 a 5.

100. **Vida de Sá de Miranda**. Nota de Camillo Castel-

lo Branco no livro *A Corja,* accusando de plagios feitos a José Gomes Monteiro.

No *Diccionario popular de historia,* outra accusação de plagio de um documento publicado por Innocencio Francisco da Silva.

101. **Camões e o Sentimento nacional,** artigo de Teixeira Bastos na *Revista dos Lyceus,* n.º 9, anno I, de pag. 424. Porto, 1892.

102. — Outro, na *Revista de Portugal,* vol. III (anonymo).

103. **Bibliographia camoneana,** artigo de Adolphe de Culeneer, no *Polybiblion,* de 1881, tomo XXX, pag. 150. Traduzido na *Vanguarda,* anno I, n.º 44.

104. — Artigos de D. Carolina Michaëlis, no *Zeitschrifte* do dr. Gröber.

105. — Outro, por Teixeira Bastos, na *Era Nova,* revista do movimento contemporaneo, 1880. Lisboa. De pag. 93 a 96.

106. **Historia do Theatro portuguez,** artigo bibliographico na *Verdade,* do Porto, n.º 26. 1871.

107. — Outro, no *Jornal do Commercio,* n.º 5:221. Lisboa, 1871.

108. — Outro, no *Partido Constituinte,* n.º 66. Lisboa. (Por Oliveira Pires).

109. — Artigos de Brito Rebello no *Occidente,* contra a identificação de Gil Vicente ourives com o poeta.

110. **Bocage, sua Vida e época litteraria,** artigo de

Ramalho Ortigão, nas *Farpas,* de janeiro-fevereiro de 1877, pag. 73.

111. — Outro, de Consiglieri Pedroso, na *Actualidade,* do Porto, n.º 107.

112. **Historia do Romantismo em Portugal,** artigo do dr. Karl von Reinhardstoettner, no seu livro *Aufsätze und Abbandlungen vernehulich zur litteraturgeschichte.* Berlim, 1877. N.º 9, de pag. 290 a 299.

113. — Outro, por Teixeira Bastos, no *Commercio de Portugal,* n.ºˢ 236 e 237; 304, 306 e 310; e 341 e 344.

114. — Outro na *Aurora do Cavado,* n.º 657, anno XIII, pelo dr. Rodrigo Velloso.

115. — Retoques por J. Martins de Carvalho, no *Conimbricense,* n.º 3:434, anno XXXIII. 1880.

116. **Theoria da Historia da Litteratura portugueza,** artigo de Gaston Paris, na *Revue critique d'histoire et de littérature,* VIᵉ année, n.º 47, pag. 331. Paris.

117. — *Desenvolvimento da Litteratura portugueza,* these para o concurso da 3.ª cadeira do Curso superior de Lettras, por M. Pinheiro Chagas. Lisboa, 1872.

Refuta a *Theoria da Historia da litteratura.*

118. — Outro, por Teixeira Bastos, na *Era Nova,* pag. 377 a 384.

119. **Estudos da Edade-média,** artigo de Oliveira Martins, no *Jornal do Commercio.* 1870.

120. **Questões de Litteratura e arte portugueza,** artigo por Teixeira Bastos, na *Era Nova,* pag. 480.

121. **Curso de Historia da Litteratura portugueza,** artigo de A. M. Elliott, na revista americana *American Journal of Philology;* traduzido no *Seculo,* n.º 1:984, anno VII, de 25 de junho de 1887. Na *Sentinella da Fronteira,* n.º 486, anno VII.

122. — Outro, por Léo Quesnel, na *Revue politique et littéraire,* n.º 19, XVIᵉ année, de 8 de maio de 1886. Traduzido no *Seculo,* n.º 1:678, anno VI.

123. — Analyse do artigo de Léo Quesnel, na *Discussão,* n.º 791, do Porto, 1886.

124. — Outro, na revista *La Nuova Scienza,* diretta da Enrico Caporali, anno III, fasc. III (julho a setembro), pag. 370 a 373.

125. — Outro, por José de Sousa, no *Jornal do Commercio,* de 19 de março, n.º 9:691, anno XXXIII. Lisboa. (É um resumo).

126. — Outro, na *Aurora do Cavado,* n.º 945, anno XIV. Barcellos.

127. — Outro, na *Rivista di Filosofia Scientifica,* diretta da E. Morselli. Vol. V, série 2.ª, pag. 698 e 699. 1886.

128. — Outro, de Reis Damaso, na *Folha Nova,* do Porto, n.º 48, anno VI, 1886.

129. — Outro, de Sá Chaves, no *Correio da Noite,* n.º 1:711, anno VI.

130. — Outro, de Teixeira Bastos, no *Diario de Noticias*

e *Correspondencia de Portugal,* n.º 731, de Lisboa. Traduzido em hespanhol no jornal *La España,* n.º 23, año v, 1886.

131. **Manual de Historia da Litteratura portugueza,** artigo na *Revista Occidental,* de Lisboa, 1875. (Por Oliveira Martins).

132. **Historia da Universidade de Coimbra,** vol I. Artigo de Candido de Figueiredo, no *O Portuguez,* n.º 1:304. 1892.

133. — Outro, de Lino d'Assumpção, no *Dia,* de 26 de janeiro de 1892.

134. — Outro, de Pinheiro Chagas, no *Paiz,* n.º 3:596, do Rio de Janeiro, 1892.

135. — Outro de Gubernatis, na revista italiana *Natura ed Arte,* n.º 6, pag. 490. 15 de fevereiro, 1892. Milão.

136. — *Ideias geraes sobre a evolução da Pedagogia em Portugal,* por Teixeira Bastos, de pag. 7 a 21. Coimbra, 1892.

137. — Artigo, no *Conimbricense,* n.º 4:753 (46.º anno), por Martins de Carvalho.

138. **Poesia do Direito,** artigo de J. J. Rodrigues de Freitas, no *Jornal do Commercio,* n.º 3:511. 1864.

139. **Origens poeticas do Christianismo,** artigo por Alexandre da Conceição, na *Correspondencia da Figueira,* n.º 449, anno v. Colligido no seu livro *Carteira de um Positivista.*

140. — Outro, por Angelo de Gubernatis, na *Rivista Europêa,* vol. xxv, série II, pag. 169 a 170. 1881.

141. — Outro, de Reis Damaso, na *Vanguarda,* n.° 28, anno I, 1880.
142. — Outro, por Teixeira Bastos, na *Era Nova,* pag. 189 a 192.
143. **Historia universal,** estudo por Teixeira Bastos na *Actualidade,* do Porto, n.° 127 e seguintes (anno V); e n.° 115 e seguintes (anno VI); e n.° 142 e seguintes (anno IX).
144. — Outro, de Francisco de Paula Oliveira, no *Diario de Portugal,* n.os 458 a 462, anno III, 1879.
145. — Outro, de João Monteiro, na *Tribuna do Povo,* n.° 11, anno I. Lisboa.
146. — Outro, de José Pereira de Sampaio (Bruno), no *Museu Illustrado,* vol. I, pag. 283. Porto, 1878.
147. — Outro, do dr. Lopes Praça, na *Renascença,* do Porto, vol. I.
148. — Outro, de Carlos de Mello, no *Jornal do Commercio,* n.° 7:647 e 7:648, anno XXVI, 1879.
149. — Outro, no *Diario Popular,* n.° 4:418.
150. — Outro, na *Aurora do Cavado,* n.° 752, do dr. Rodrigo Velloso.
151. — Outro, no *Cruzeiro,* do Rio de Janeiro, n.° 97, anno I.
152. — *A proposito de uma recente publicação,* por Ladisláo Batalha. No *Jornal de Loanda,* n.° 35, anno I.
153. **Systema de Sociologia,** estudo critico de Teixeira Bastos, na *Revista de Estudos Livres,* tomo II, pag. 358 a 364.

154. — *Referencia á solução federalista,* por Carlos de Mello; na *Revista de Estudos Livres,* vol. IV, pag. 52.

155. **Soluções positivas da Politica portugueza,** artigos do dr. Julio de Mattos no *Positivismo,* tomo I, pag. 470; no tomo II, pag. 156 e seguintes; e no tomo III, pag. 356 a 370.

156. — Outro, por Alexandre da Conceição, no jornal *A Correspondencia de Coimbra,* n.º 66, anno VI.

157. — Outro, de Teixeira Bastos, na *Emancipação,* n.os 33 e 50. Thomar.

158. — Outro, de José Leão, no jornal *A Republica,* n.º 26, anno II, 1878. Rio de Janeiro.

159. **Traços geraes de Philosophia positiva,** estudo do dr. Corrêa Barata, com o titulo *O positivismo e a sciencia actual,* na revista *O Seculo,* 2.ª série, pag. 97 a 110 e 129 a 142. Coimbra.

160. — *La philosophie positive en Portugal,* artigo de Littré, na revista *La Philosophie positive.*

161. — *Um livro de Philosophia,* artigo de Teixeira Bastos, no *Jornal do Commercio,* n.º 7:224, anno XXV, 1877.

162. **Contos phantasticos:** Vid. *A Geração moderna,* por Bruno (José Pereira de Sampaio); *Os novellistas,* pag. 101; e apreciação geral dos seus trabalhos, pag. 102 a 105. Porto.

163. — *Odio de inglez,* commentarios ao conto de Theophilo Braga *A adega de Funch,* por Gomes Leal. Na *Tribuna,* n.os 8, 9 e 10. Lisboa.

164. **Obras de Christovam Falcão**, artigo do dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, na *Nação,* n.º 7:093.
165. — Outro, de F. A. Coelho, na *Bibliographia critica de historia e litteratura,* pag. 38 a 41, e pag. 319. 1875.
166. **Antologia portugueza**, artigo critico pelo dr. Wilhelm Storck, no *Zeitschrifte fur romanische Litteratur,* tomo I, pag. 453 a 461.
167. **Parnaso portuguez moderno**, artigo de Consiglieri Pedroso, na *Actualidade,* do Porto, n.º 151, anno IV.
168. — Outro, de Revilla, na *Academia,* de Madrid, vol. II.
169. **Balzac em Portugal**, reflexões sobre a critica portugueza, por Silva Pinto. Lisboa, 1874.
170. **Era Nova**, revista do movimento contemporaneo. Lisboa, 1880. Artigo bibliographico de Reis Damaso, no *Commercio de Portugal,* n.os 374 e 375.
171. Na *Bibliographia da Imprensa da Universidade,* por A. M. Seabra de Albuquerque. Coimbra, 1887; a pag. 56, indicações bibliographicas.
172. — *Bibliographia das obras de Theophilo Braga,* no *Diccionario bibliographico* de Innocencio, continuado por Brito Aranha.
173. *O Concurso no Curso superior de Lettras.* — Curiosidades — A questão juridica das admissões. Lisboa, 1872.

174. —*Theophilo Braga,* por F. J. d'Oliveira. Na *Correspondencia de Portugal,* n.º 250 (1882).

175. —*O Concurso do Curso superior de Lettras,* por Silva Pinto. Artigo no *Correio do Sul,* n.º 30 (1872).

176. —*Ao Governo,* artigo contra a votação, por B. Senna Freitas. *Correio do Sul,* n.ºs 30 e 31. — *Uma resposta,* ibidem, por Silva Pinto.

177. — *Curso Superior de Lettras.* Declaração dos alumnos contra a accusação de professar doutrinas revolucionarias. *Diario de Noticias,* de 26 de novembro de 1878.

178. — *El Curso Superior de Letras de Lisboa,* por el profesor D. F. Giner, no *Boletin de la Institucion de libre Enseñanza,* n.ºs 58 e 59 (año III) 1878. — O mesmo, por Giner de los Rios, no jornal de Madrid *La Democracia,* de 17 de junho de 1879.

179. *O snr. Theophilo Braga e um dos criticos da Historia da Litteratura portugueza,* por Oliveira Martins. Na *Revolução de Setembro;* transcripto no *Primeiro de Janeiro,* de 1872.

180. — *Theophilo Braga e a Critica* (Aos snrs. Anthero de Quental e Camillo Castello Branco), por Silva Pinto. Lisboa, 1872.

181. *A critica e Theophilo Braga.* — Carta de Silva Pinto ao *Jornal do Commercio,* n.º 5:629 (1872).

182. *Duas palavras a proposito do folheto do snr. Theophilo Braga, mas não em resposta ao snr.*

Theophilo Braga nem ao seu folheto, por Anthero de Quental. No *Primeiro de Janeiro,* n.os 168 e 169 (1872).

183. *Les Littératures méridionales depuis dix ans,* par le Comte de Puymaigre. Paris, 1879.

184. *Il Libero delle Prose,* por D. Milelli. No capitulo *Lusitania.* 1 vol. 1890.

185. M.me Rattazzi, *Portugal à vol d'oiseau.*

Trata dos escriptores da Eschola de Coimbra e caracterisa o trabalho de Theophilo Braga.

186. *As Farpas modernas.* — Chronica mensal, por Gerio Vaz. Porto, 1880. N.os 1 e 2.

Falla da influencia intellectual de Theophilo e replica a Camillo Castello Branco sobre as insolencias que lhe provocou o livro *Portugal à vol d'oiseau.*

187. *Mi mission en Portugal,* por Fernandez de los Rios.

Descreve o movimento de dissidencia litteraria da Eschola de Coimbra.

188. — Idem, de Gaston Paris, na *Romania,* n.º 6 (1873).

189. *Centenario de Camões,* artigo no *Alemquerense,* por Horacio Ferrari, n.º 57, anno III, 1889.

190. *O Congresso das Associações portuguezas,* por Victor Ribeiro. Na *Verdade,* de Thomar, n.os 169 e 171 (1883).

191. — Outro, nas *Farpas,* IV série, n.º 1, pag. 46.

192. — *Relatorio da Associação dos Jornalistas e Escriptores portuguezes*, de 31 de dezembro de 1881.

193. Admissão a socio effectivo da Academia, artigo na *Voz do Povo*, de Cantanhede, n.º 4, anno I.

194. *Carta* de Adolpho Coelho á revista *Instrucção* do Porto, sobre a prioridade do estudo da traducção portugueza do Arcipreste de Hita, consignada na nota do *Cancioneiro da Vaticana*.

195. *Republicanos portuguezes: Theophilo Braga*, de Reis Damaso. *La Justicia*, de Madrid, 10 de março de 1893.

196. *Theophilo Braga*, nota biographica no *Instituto*, de Coimbra, vol. XXXVII, pag. 641, por F. P. (Dr. Fonseca Pinto).

4.º Homenagens

197. *24 de Fevereiro: 1843-1883.* — Homenagem ao preclaro escriptor moderno Theophilo Braga, pelo seu quadragesimo anniversario. — Differentes artigos e poesias. Pernambuco. In-fol.

198. *O Imparcial de Coimbra*, n.º 168 (anno II) 1884. Numero commemorativo do *Plebiscito litterario*. Entre os segundos mais votados como estylistas: EÇA DE QUEIROZ — RAMALHO ORTIGÃO — THEOPHILO BRAGA.

199. *Mensagem dos Republicanos e Positivistas de S. Paulo.* — A proposito da Commemoração do

Tricentenario de Camões. De 1 de agosto de 1880. Na *Vanguarda*, n.º 26, anno I. Lisboa.

200. *Mensagem dos Estudantes de Ponta Delgada.*
201. *Mensagem* dos Estudantes do Lyceu de Evora.
202. *A maior dôr humana.* — Corôa de saudades offerecida por João de Deus a Theophilo Braga e sua esposa, para a sepultura de seus filhos. 1 vol. Porto, Imprensa Portugueza, 1887.
203. Artigo de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, no *Reporter*, sobre *A maior dôr humana.*

Obras dedicadas:

A Grinalda, vol. V, por Nogueira Lima.
Rumores vulcanicos, por Teixeira Bastos.
Cantos, por Barros Seixas.
Viagem planetaria, pelo dr. Patrocinio.
Estudo sobre a Alma, por Lino de Macedo.
Traducção allemã de Camões, pelo dr. Wilhelm Storck. O tomo III.
A reforma da Instrucção, por Julio de Mattos.
A influencia do Cartesianismo, por Abel Andrade.

5. Traducções

Em hespanhol:

A sombra do Propheta, por Curros Enriquez.
Fim de Satan, idem.
Infancia de Homero, idem.
A Civilisação Arabe na Hespanha, na *Revista Iberica.*

Biographia de Camões, na *Tribuna.* Artigos politicos, no *Liberal,* etc.

Em italiano:

Introducção á Sociologia, por Tebaldo Falcone, na *Rivista Scientifica.*

Versos, no *Libro dell Amore,* de Marco Antonio Canini.

Em francez:

Constitution de l'Esthetique positive, na *Revue de Philosophie positive.*

Em inglez:

Sobre a traducção ingleza dos *Lusiadas* por Aubertin, no *Atheneum.*

Em allemão:

Passo horas a mirar tua janella (trad. pelo dr. Wilhelm Storck).

Phrase de Miguel Angelo (idem).

INDICE